ROMANCES

de

PAULO DE KOCK.

LIVRETE N.° 133.

Tradução de Nery.

BIGODE.

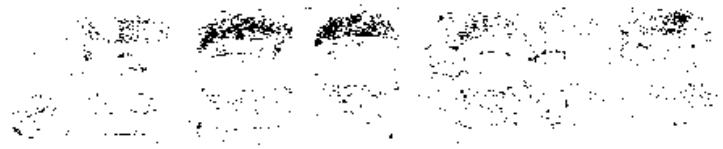
TOMO PRIMEIRO

Lisboa.

TYPOGRAPHIA NERVANA,

Rua da Prata N.º 17.

1843.



BICODE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Hum tubo de fogão, e huma casaca para trez.

Ha em Pariz huma rua, bastantemente comprida, muito e sempre enlameada, e immunda, chamada a rua da *Calandra*, situada no corpo da cidade: todos devem conhece-la, e muito mais aquelles, que precisão ir pedir justiça na casa onde se administra proxima, ahi situada... de que Deos livre a todos.

Esta rua, assim chamada da Calandra, dizem huns que adquirira

tal nome, por causa d'huma taboleta, em que se via pintado hum tordo, cotovia, ou gorgulho; e outros emfim huma Calandra, ou machina de apisoar pannos, mesmo segundo *Sauval*, antigo escriptor de Chronicas. Pouco deve importar-vos, e a mim tambem, aquella ethymologia: assim mesmo, ao passar por ahi, não enfada saber d'aquella antigualha.

N'huma casa velha d'ésta rua, tão velha, como quasi todas as outras d'alli, atravessando hum corredor térreo, tão aceiado, como a rua, e, de mais a mais, escorregadio, chega-se a huma escada, cujos degráos certamente não forão lavados depois da nossa primeira revolução... a qual, ao subir, não dá o auxilio de que alguem se vá encostando ao corrimão de madeira, pois está sempre humido, e por conseguinte proprio para cujar as mãos. He justamente nesta escada, que introduzimos o leitor; trepemos ousadamente até ao quarto andar; paremos a

huma porta, assignalada por huma infinidade de riscos e *bonecagem*, feita com giz e carvão; puchemos por huma cousa, que dá seus ares de perna de coelho, com a qual, mediante o cordel, a que está atada, poderemos levantar o trinquo: eis nos dentro d'hum quarto, habitado por trez estudantes.

—" Pois logo trez n'hum quarto?„ certamente haverá quem faça reparo; não se admirem; em Pariz he cousa mui vulgar; alem de que, vale mais possuir a terça parte de hum quarto, doque não ter onde se resguarde a cabeça, o que succede a bastantes filhos familias, e rapazes bem educados e instruidos, mas apaixonados da extravagancia; a pobres artistas arruinados; a trabalhadores, que não teem em que se empreguem; a raparigas, que vem do campo á cidade para procurar hum commodo; *e ainda a muitas* outras pessoas, sem metter na conta os vagamundeadores, porque para esses dormir ao relento he o seu estado habitual.

Este quarto pois, occupado por trez pessoas, hera grande e sombrio; porque os locatarios, não tendo cortinas para resguardar a janella, substituirão ésta falta, enegrecendo os vidros com huma esfregação de rolha de cortiça queimada, o que fazia roubar muito á claridade. As paredes ainda affiançavão ter sido guarnecidas de papeis, pelos boccados, que restavão, mas que diariamente ião diminuindo, pois fornecião papel para muitos misteres aos trez moradores. A hum canto do quarto estava hum velho e carunchoso leito, carregando com hum immenso xergão, sobre o qual havia hum colxão tão magrinho, que mais parecia colxa: hum cobertor de lã, bastante esboracado, cobria aquelle engano, bem como o supposto travesseiro, constante de varios rolos de papel.

Algum tanto distante havia huma cama de lona, com o xergão e diminuto colxão, como a outra: o resto da mobilia condizia; ou, para fallar

mais apropriadamente, bem se podia dizer que não a havia, alem de huma banca de pinho, duas cadeiras, não completas, pois huma só tinha trez pés, e n'outro canto huma cousa, que ainda demonstrava ter sido mala, e huma caixa vazia, e sem tampa.

Sobre a chaminé, que parecia ainda virgem de lume, alli acceso, estava hum boccado de espelho, encostado, de companhia com huns mólhos de méxas, e huma botija de graxa, a qual demonstrava servir igualmente de castiçal: havia alli mais hum frasquinho *d'agua-mel*, para *lustrar* o cabello, huma faca, trez garfos de ferro, huma celha, hum pente, sabonete côr de rosa, e hum busto em gesso, representando Napoleão.

Enfim, pouco distante da chaminé, via se hum tubo de ferro, sahindo do soalho, e penetrando pelo tecto, sem que no quarto houvesse vestigio de fogão.

Depois do esboço, que havemos

feito d'hum quadro tão miseravel, talvez o leitor julgue ser aqui o asilo da tristeza, dos cuidados, e sentidas lagrimas.... porem não labore muito tempo nesse erro: nunca o mais sumptuoso palacio ouvio retinir tão fortes risadas, nem ditos mais alegres!.. Havia dias, em que neste quarto se cantava desde pela manhã até á noite, e muitas vezes, neste folgasão gracejo, se continuava a mesma hilaridade de noite até pela manhã: se não hera a habitação da fartura e seus prazeres, pelo menos, a alegria e nenhuns cuidados ahi moravão; e emfim, para o leitor melhor poder ajuisar destes espiritos bemaventurados, saiba que herão trez estudantes.

N'aquelle momento estavão todos trez em casa: hum delles, sentado a huma banca, escrevendo, he mancebo d'alta estatura, trigueiro, descorado, rosto oval, a testa alta, e cabellos em bella harmonia; as linhas de seu rosto são correctas, e nas feições mostra bellesa e cara-

cier; porem os musculos desta physiognomia estão muitas vezes em jogo por sequencia da exaltação, que domina em sua joven cabeça: chama-se George Rembrun; tem vinte annos, he natural da Bourgonha, devendo o ser a paes, não muito fortunosos, que o mandárão a Pariz, para estudar o foro; mas, em logar disso, entretem o seu tempo a compor dramas e vaudevilles.

O segundo locatario deste quarto vêde-o ainda deitado na cama, que primeiro resenhámos: está com hum livro na mão, e parece que estuda. He hum rapaz, ao qual se pode dar o nome de bonito, não obstante o louro do cabello discrepar algum tanto para ruivo: tem os olhos d' hum azul celeste, faces rosadas, e huma bocca pequena e rohicunda: emfim com hum composto de feições infantis, que muito agrada logo á primeira vista; porem tal vistes huma vez este rosto, tal o vereis sempre: he huma physiognomia inalte-

ravel, que nunca varia; ou antes, hum rosto, que não tem physiognomia.

Este mancebo chamava-se Thimoteo Glindoré; só tem dezoito annos, e he provinciano; seus paes não são escassos de meios de fortuna, mas o progenitor de Thimoteo he hum antigo cultivador, homem pacato, incapaz de soffrer, nem de alargar a redea a seu filho para fazer loucuras em Pariz. Com mil e duzentos francos, que lhe estabeleceu de pensão annual, está persuadido de que o mancebo póde mui bem viver e estudar: exactamente no fim de cada trimestre lhe manda pagar o seguinte; mas, se o joven Thimoteo se lembra de lhe mandar pedir alguma cousa mais, como supplemento, o papá Glindoré nunca responde a similhantes exigencias.

O mancebo, que escreve, está vestido bem ligeiramente, não obstante ser no mez de Março: traja humas pantalonas pretas, e huma

camisola ou blouse de panno, ja com bastante uso: o, que está deitado, tem da mesma forma huma blouse, que lhe serve de camisa.

Emfim o terceiro locatario passeia no quarto, parando de espaço a espaço, para se mirar no pedaço de espelho: he rapaz de vinte e cinco annos, estatura mediocre, algum tanto grosso, mas com huma expressão de rosto alegre, e que parece dizer *sem cuidados*; e, em todas as suas maneiras tem aquelle ar de satisfação de si mesmo, que, para muita gente, he prova de merecimento.

Não hera, pois, hum rapaz, que se podesse dizer bonito, nem tão pouco feio; mesmo porque a expressão agradavel do rosto previnia em seu favor: hera trigueiro, mas com bellas côres; seus olhos pequeninos e côr de giz de alfayate herão cheios de vivacidade; o nariz nada pequeno, bocca bastante rasgada, deixando ver huns dentinhos de carneiro, tudo isto hera bem proprio para tornar feia huma cara bonita;

porem tudo isto reunido nada tinha de desagradavel no rosto de Constant-Fidèle Bouchenot, que passeiava então pelo quarto, com huma veste quasi parecida a *mandrião*, ou *roklou* de mulher, calças de gauga á cossaca e collete de setin preto, feito no ultimo gosto.

Constant-Fidèle Bouchenot hera natural de Pariz; e seu pae, honradissimo confeiteiro na rua des Lombards, quizera industriar seu filho na mesma profissão, mas bem depressa se reconheceu que o pequeno Fidèle só tractava de comer o conteudo nas *bocetas*: portanto o confeiteiro mudou de projecto, e resolveu fazer de seu filho hum letrado. O bom do homem fizera reparo em que o rapazinho sahira tão fallador, como guloso, e desta precoce loquacidade tirou hum bom agouro: ja lhe parecia ver naquella creança hum orador digno de se illustrar na tribuna, e esta ideia inteiramente o decidio.

Porem se o pequeno Bouchenot

hera amigo de tagarellar, ao contrario detestava o estudo, assim como qualquer trabalho: deste modo, não estudando, deu má conta das lições. O tempo correu, o velho confeiteiro, em resultado d'huma grave doença, morreu; sua esposa havia ja muito que não existia, e portanto eis o nosso Fidèle no estado de orphão, senhor d'huns poucos de mil escudos, e das bocetas da loja, recheiadas de doce. Em breve tempo deu cabo dos fundos, logo vendeu a mobilia e mais utensilios; e, depois de nada mais ter, lembrou-lhe applicar-se de novo ao estudo da advocacia: porem na cabeça de Bouchenot qualquer projecto rasoavel hera bem difficil de ter seguimento; e depois disso, neste, como hera preciso trabalhar, perdeu-lhe o gosto. As mulheres, a mesa, o jogo herão os seus idolos; o Ceo o havia dotado desse caracter feliz, que nada o contrista, nada o abala, e que não sé inquieta com o presente e ainda menos com o futuro.

Ora, com hum caracter similhante, não disconvenho de que he bem facil ir findar a carreira n'hum hospital.

Para acabar este retracto, dir-vos-hemos que Bouchenot he muitissimo presumido, chegando muitas vezes a ser até insolente, não obstante a corajem e valentia não serem o seu forte; mas, apesar disso, fallava a todo o instante dos duellos, que tinha sustentado; dos quaes bem sabião como havião sido as pessoas suas conhecidas, tractando, como ellas merecião, similhantes fanfarronadas; tanto, que huma das causas, que lhe fez perder de todo o gosto para essa diminuta applicação aos estudos, fôra porque os seus condiscipulos, conhecendo-lhe o genio fanfarrão, querião saber do, que elle hera capaz.

Leitor, agora conheceis, e estaes ao facto de quem são os trez locatarios do quarto, tão pobre, quão desastradamente mobilado, onde vos introduzimos; agora resta-vos

saber como elles empregão o tempo n'huma bella manhã do mez de Março, n'hum local, onde não ha lume, não obstante o thermometro marcar dous gráos abaixo de zero.

—" Ora Bouchenot, acabarás por huma vez com esse interminavel passeio de cá para lá no quarto?!...,, diz-lhe o companheiro, que escreve, com hum gesto impaciente.

—Não tem duvida... ora com que vens, meu George... sempre hes bello moço!... porque estás atarantado, fazendo isso, a que chamas *hum* drama... *entremesada*, ou não sei que... exiges que todos estejão com a bocca ferrolhada, e que nem hum mosquito faça *zum* pelo quarto!.. Porem isso não tem cura; estou no meu direito, e tanto que preciso fazer movimento, mui util á minha saude!... Esta philosophia andadora aquece me... neste desastramento, em que estamos.... ah!

maldito visinho lá debaixo... velho caxorro!... o careca não accende o fogão, e portanto nenhum proveito tiramos do canudo, que nos passa pelo quarto!.. Nada, isto assim não tem *carreio*... eu passo a queixar me ao senhorio.

— Porem nós não podemos obrigar o visinho a accender o fogão,, diz Thimotheo, puxando até á ponta do nariz o velho cobertor de lã, e nelle enroscando-se.

— Não podemos?... oh! homem incredulo!... que quer dizer não podemos, quando he hum argumento? Ao alugarmos este quarto, entrou *sub condictione*; e muito nos ponderou o senhorio a conveniencia de ser atravessado verticalmente pelo tubo do fogão do visinho cá debaixo. Ora, eu logo á primeira observei que hera cousa feia, e com effeito faz parecer a nossa habitação hum cubiculo de porteiro; porem, quando ouvi dizer-me — " Este canudo do fogão dará tanto calor ao vosso quarto, como se o mesmo fo-

gão ahi estivesse; e nenhuma necessidade tendes no inverno de gastar lenha; „ então a cousa muito menos desagradavel me pareceu, e disse comigo: — "he huma economia de tempo e de numerario... e a respeito de economias, meus amigos, bem sabeis que he esse o meu forte. „

George nenhuma resposta deu mais, duque encolher os hombros, continuando a escrever; e o grande Thimoteo deu hum ai como resentido do contrario, que ouvia, dando ao mesmo tempo duas voltas na cama para melhor se embrulhar na roupa: Bouchenot foi no entanto parar na frente do bocado de espelho, e mirando-se, e surrindo-se com hum modo muito satisfeito da sua pessoa, continuou depois:

— "N'huma palavra, foi pelo motivo de que o tubo atravessava o quarto, que finalmente me resolvi a alugá-lo para vós e eu assistirmos; porque vós, meus caros amigos, me tinheis delegado os plenos poderes;

e resolvemos, desde então, *fazer caixa commum* do, que tinhamos...

— Do que tinhamos?.. ora eis ahi hum dito bem engraçado!„ exclama Thimoteo, fazendo huma horrivel contorsão com a bocca: "esse, que tinhamos, hera só o meu... e quer dizer que eu *apresentei e juntei* a pensão, que meu pae manda aqui entregar-me exactamente em cada trez mezes, com as vossas esperanças, as quaes a nada se reduzem... a nada mesmo... fumo!

— A' ordem!.. silencio, Thimoteo... tu não tens a palavra; e mui bem deves saber que não se interrompe hum advogado, quando está orando. Eu prossigo: aluguei pois ésta casa, depois de serias e maduras reflexões, por causa do tubo do fogão, o qual, sendo accezo pelo visinho, e que provarei hera a isso obrigado *sub condictione* observada pelo proprietario, resultava que nos reverteria boa parte do calor: não sendo assim, de certo que eu nunca

me lembraria de dar cento e vinte francos por hum quarto andar constante d'huma só casa, e de mais a mais em que rua?... na rua da Calandra!... Verdade he que temos huma dispensa...

— E olha que nos serve de muito!„ torna Thimoteo, deitando por hum instante o nariz fora da roupa, e logo tornando a enroscar se: "ainda lá não guardamos se não duas garrafas rachadas.

— Ora pois nada de desesperar... paciencia em todos, e ainda mesmo eu o maior e mais complicado dos casos. Quem sabe do futuro? quem sabe se nos mandaráõ por ahi alguma porção de garrafas .. Ja até nolas deverião ter mandado... por exemplo vossos paes... mas são huns sovinas... huns fonas, e ultimamente huns miseraveis! Quem diabo julgará que tendo alojados comigo hum Bourgonhez, e outro da Champanha, nesta casa somente se bebe agua!? isto he inacreditavel!... Tambem, meus amigos, quem tem paes assim

lá irá para onde o pague...., assim não os quero ter. „

George esfregou a testa, e cantarolando murmurejou, como quem buscava na ideia formalisar verso: — "*Colhei o myrto e a rosa... Não receies empobrecer o campo.... o campo*

— Enfim, tornando ao objecto em questão „ diz Bouchenot, que foi abrir a chamada mala, virando e revirando de dentro para fora dous, ou trez pares de ceroulas de banho, com seus rasgões, e n'outras partes o panno ja a desfazer-se; e assim hums goletes de uso immemorial desprovidos de botões, com as casas escarçadas, e mesmo rotos: "entrando, como disse, novamente na questão, provarei, soccorrido pela mais acertada hermeneutica juridica, em como pela falta commettida do visinho, em não accender lume no fogão, privando nos assim d'hum calor, a que tinhamos direito, cá por baixo, estamos no caso, sem que possa negar-se nos esse direito, de

exigir do senhorio hum abatimento no aluguel... e talvez mesmo quem sabe até onde poderá chegar a indamnisação?.. talvez não pagar nem hum sou...

— Desse ultimo direito parece-me que largamente temos usado... „ diz George surrindo; e logo continúa com a resmungação cantante, mas sem que a ideia lhe augmentasse o poder do verso, pois ainda hera o mesmo: = Sem receio de empobrecer o campo, colhei o myrto... a rosa... a rosa... o myrto.... myrto... =

— Nada! por mais voltas, que lhe dè, por mais que procure, a nossa vestiaria nada apresenta com geito de produzir, vendido, cousa de que resulte, pelo menos, almoço! „ diz Bouchenot, continuando a remecher a *trapajem*, que está na mala: " de toda ésta farraparia, o, que ainda me parece cousa geitosa, são éstas ceroulas, *ou calçotas de banho... pois* que precisão temos disto?... chega mesmo a ser luxo... e depois estão

aqui tomando inutilmente logar. Sim, disto podemos desfazer-nos. Porem... c'os diabos! tenho as cabeças dos dedos, que parecem de pedra!„

E Bouchenot corre ao tubo do fogão, palpa-o, e exclama:

— "Qual calor, nem meio calor! se ha dous dias que o maldito não accende lume! Está entendido, o careca do velho Jacquillot manga com a gente!.. pois vou-me a elle, e tem de ver-me de candeias ás *avessas*.„

E nisto corre á porta, a entre abre, porem, quando ia a sahir, pára, *murmurando*:

— "Oh! minha sanha, modera-te!... parece-me que vem ahi pela escada focinhos fameos... ouço-lhe o galrar, e não quero que me vejão assim amantilhado... Estes meus dous senhores não fazem a menor ceremonia, appoderão-se das blouses, e cá o pobre tem de contentar-se com o restante!.. Naturalmente ha de ser a rapariguinha, que mora

ahi no quarto fronteiro ha poucos dias: oh! vocês sabem, a nossa visinha he boa fazenda, e não me parece roída da traça.

— Sim, na verdade que he bonita (diz George) tem assim huma cara azougada e picante.... Colhei o myrto... a rosa .. a rosa...

— Isso ainda não he dizer tudo: a rapariga he admiravel!... he magnifica! (diz Thimoteo, voltando-se na cama). Eu ainda não a vi bem á minha vontade, e só hum dia lhe poude pescar a ponta do nariz, ao entrar para casa... porem isso me bastou, e faço ideia bem aproximada do resto.

— Ah! pois tu adivinhas o todo das bellezas fêmeas pelas pontas dos narizes!?... Se todas as mulheres pensassem, como tu, eu, partido em meudos boccados, não chegava para todas, que me havião de querer... Ainda assim não ha rasão... vejo-me até aqui á guella!

— Mas que demonio terá ella!„ torna Thimoteo: "em vão tenho

tentado vê-la á porta, ou no patamar... espreito, e quando a presinto abrir, abro tambem a nossa, para a cortejar, e ver se *pauteio* o conhecimento; porem qual!... assim que ponho os pés de fóra, humba!.. fecha-se logo: ora isto tanta mais admiração me causa, que não a supponho... sim não julgo que tenha huma cara de fugir da gente.

— Ah! ah! ah! meu pobre Thimoteo!.. ah! ah! ora elle sempre he bem calouro!?.

— Em que te motivei eu esse riso, Bouchenot?

— Sim... que rasão t'o disperta? (acrescenta George, esfregando a testa...) *colhei o myrto ... a rosa....* Dize-me porque dás taes risadas...

— He porque adivinho qual he a rasão de a visinha fechar sempre bruscamente a sua porta, quando julga lhe poderá apparecer qualquer de nós, ou que sente abrir a porta. Porem, c'os demonios!... eis ahi huma primavera bem caxorra...

bons legumes ha de deixar crescer!

— Porem dize-nos, Bouchenot, qual he então o motivo porque fecha a porta tão depressa, quando nos presente?

— A historia he succintissima: ha oito dias, estava eu só em casa, hera de manhã, e vós dois tinheis sahido: bom tempo *hera*, *ainda havia* uniformes para todos... *sic transit gloria*...

— Mas acaba com isso, maldito e *eterno* palrador.

— Como dizia, estava só em casa, e como a nossa engommadeira ainda não tinha vindo, e eu esperava por ella, para vestir camisa lavada, estava mesmo sem a ouja, e, ao levantar-me, amantilhei-me com o cobertor, que tracei aos *lados*, e subjuguei na cintura com hum lenço. Andava á minha vontade daquella forma, não desconvindo porem que tinha assim parecenças *com hum hedrino*, mas estava no meu direito, e gosando d'elle, passeando pelo

quarto, dizia comigo: — Ora, cada hum, em sua casinha, pode andar trajado á *beduina*, se isso for da sua vontade.

"Tambem he preciso não me esqueça dizer-vos que nesse dia, o visinho Jacquillot tinha accendido bom lume no seu fogão, e havia aqui huma temperatura africana .. calor... oh! estava o quarto de encantar! N'huma palavra, em quanto o grão de calorico me ia callando pelos nervos, entretendo-me ao mesmo tempo com huma rolha queimada a renovar o cortinado da janella .. pois sou cioso de que os mesmos gatos me possão devassar a casa, eis que ouço batter á porta. Vós dois respondestes que não estavaeis cá? pois assim fiz eu... nem palavra: fecho-me com o jogo, presumindo que será algum çapateiro, alfayate, restaurador, ou qualquer dos nossos fornecedores... não que eu aborreça essa gente, antes pelo contrario seja muito da minha paixão, quando trazem; mas quasi lhes tomei odio,

desde que vem aqui só para pedir dinheiro. Estava, pois, enroscado no coberter, e eis que de novo tornão a batter na porta, e ao mesmo tempo sinto huma vóz feminina dizer de fóra: —" Meu visinho... perdoae a liberdade... se tendes lume, obsequiae-me com humas brasinhas.,,

— Ora, vir á nossa casa pedir brasas, quasi quasi bem podia passar por hum epygramma; porem como hera mulher, não tomei o caso em trambolho, e corri a abrir a porta.

— Então hera a deliciosa visinha!,, pergunta Thimoteo.

— Sim hera ella toda escripta e encarrada... bonita rapariguinha... vestida não com grandezas, porem assim d'hum trajo modesto: não hera huma viscondeça; mas trazia hum lenço vermelho na cabeça posto com hum desdem, que Deos nos acuda! Assim que abri, mostrou-se a modo de surprehendida do meu uniforme, porem he de crer julgasse o

cobertor, em que estava embrulhado, algum chambre de nova moda: —Tomae o trabalho de entrar, minha visinha (lhe disse) e ella entrou, segurando em huma das mãos a pá de ferro, em que vinha pedir as brasas.

— Ah! ella trazia a *pásinha*!... oh! que mulher!... „ diz Thimoteo, estirando as pernas na cama.

— Sim trazia; então em que as havia de levar, se as tivessemos? Entrou pois a nimpha, e lançando hum golpe de vista em derredor do quarto, ficando, segundo julgo, tocada de respeito ao aspecto da nobre simplicidade da nossa mobilia; reparei que franzia os beiços e fazia boquinha; porem, olhando para a chaminé, exclamou:

— Segundo parece, não tendes lume...

— He verdade (lhe respondo) ainda ha pouco se apagou; porem não ficaes, sem o levar, pois tenho meio certo de o conseguir, accendendo

huma luz, contanto que me deis fusil e méxas.

— Se eu tivesse já lá em casa o fuzil, não vinha importunar-vos „ responde ella; " porem acabo de mudar-me para aqui, e ainda não mandei trazer tudo, que me pertence. „ " Estive para lhe replicar: " certamente precisaes d'huma carroça para mandar vir o fuzil?„ Porem seria atirar com chumbo de mais; e como a rapariguita he tão boa, só tratei de me tornar serviçal. — " Esperae (lhe digo) vereis como em hum instante arranjo lume... tomo isso á minha conta; „ e logo corri ao tubo do fogão, que estava em brasa, e com a ponta d'huma faca lhe fiz hum boraco, por onde introduzi hum papel.

— Lindo expediente! he por isso que ha dias, sempre que o visinho o accende, não se pode aqui parar com fumo!

— Tu não sabes o que dizes, meu Thimoteo: se o boraco até ja está tapado!.. logo o ataquei com hum

trapo. Emfim o papel fumava, porem não pegava em chama: em vão bracejava, andando em de redor do tubo, quando de repente, e tambem não sei como tal aconteceu... o lenço, que me subjugava o cobertor á cintura, desata se, cahe todo aquelle scenario e vestuario, e este vosso amigo acha-se defronte da moçoila no simples trajo da natureza... isto he, como o nosso pae Adão antes do peccado.

—Ai! que indecencia!„ exclama Thimoteo.

—Melhor he que te calles, meu *patorebat*: indecencia!.. e Adão não andou assim muito tempo antes de trazer o enchota moscas das folhas de figueira?!.. Porem vamos ao fim do conto. A visinha soltou hum grito, ou antes eu sei?... parece-me que foi huma gargalhada, exclamando:—"oh! isto he de mais.„—e logo, voltando me as costas, partio de carreira. Eu fui immediatamente enfiar huma camisola, e pôr os suspensorios... nem sabia o que fa-

zia. Ora eis aqui todo o acontecido com a visinha: agora bem se pode julgar que ella suppõe talvez que andamos em casa sempre com trajo tão singelo, como o das estatuas das Tuilherias, e por isso fecha a porta, logo que presente qualquer de *nós*.

— Pois he isso, he isso... pagão os honestos pelos obscenos!,, diz Thimoteo.

— O' meu caro senhor Thimoteo Glindoré, he preciso medir as expressões... ter mais commedimento nessa lingua! Ah! ah!.. pobre pateta Thimoteo!... consola-te, meu caro, não julgo que a visinha seja do genero das Lucrecias: aposto que, entrando em casa, rio a bandeiras despregadas?!... Mas esperem... parece-me que ouvi tossir na escada o visinho Jacquillot.,,

Bouchenot abre a porta, sahe ao patamar, desce o lanço da escada, e debruçando-se no corrimão, diz:

—" Respeitavel senhor Jacquillot,

porque motivo, ha dias, não accendeis lume no vosso fogão?„

Hum bom velho, com a cabeça enterrada n'hum barrete d'algodão, e dispondo-se a descer, para ir comprar o seu pãosinho e a sua meia onça de caffé, ao ouvir-se interpelar, virou-se, olhando Bouchenot, com hum modo surprehendido.

— " Fallo comvosco, respeitavel senhor Jacquillot (lhe torna o estudante, com huma inflexão graciosa) porque motivo não tendes accendido lume no fogão?

— Oh! meu senhor, he porque ja de tempos a ésta parte me faz muita fumaceira em casa, o que bastante me incommodava.

— Com que então fazia fumo, e vos incommodava!?... sempre he huma dos diabos! porem mais vale ter fumo em casa, doque estar exposto á humidade. Precisaes ter muito cuidado, senhor Jacquillot, o frio pode ser-vos prejudicial... ouço vos tossir mais, desde que não accendeis lume no fogão... ja os

meus dous companheiros fizerão a mesma observação.

— Vejo que sois, assim como elles, boa pessoa, mas posso bem passar sem o lume do fogão: accendo o n'hum gabinetesinho apartado, onde estou mais resguardado.

— Ora eis ahi huma cousa, de que devemos ficar vos muito obrigados! (exclama Bouchenot, mudando de tom). Com que então accendeis lume n'hum quarto apartado?.. ora não está má!... Pois, meu senhor, no fogão, no fogão he que sois obrigado a accende-lo: tendes percebido? no fogão he que nós queremos o lume, e não lá onde vos lembrastes!

— O que! pois eu tenho quem me dê leis!?... (responde o velho, arrebitando o nariz com hum modo irritado) chegaria á miseria de não poder fazer o que me parecesse em minha casa?

— Oh! não vae a esquentar, meu bravo: no entanto, deveis entender que, a respeito do lume, não tendes

a menor authoridade: sois obrigado a accende-lo no fogão, para que os visinhos de cima participem do calorico, pois assim entrou por clausula em o nosso arrendamento; e, se o fizerdes n'outra parte, desde ja vos privino de que tanta bulha faremos, que não podereis pregar olho: e ainda mais, desceremos, e viremos çujar-vos o capacho, a fora de untar-vos a fechadura com alguma cousa, de que não gosteis.

— *Pois* façáo... *façáo isso*, senhores esturdios, que eu me queixarei ao commissario.

— O commissario não he narcotico para que possaes dormir, quando nós estivermos lá por cima ás patadas, e atirando com as commodas, secretarias, e bahus ao sobrado... Meu velhote, he tomar hum conselho d'amigo, e de bom visinho: *accendei lume no fogão.*

— Não levão de mim a melhor: vou queixar-me ao senhorio!

— Lume no fogão, visinho: lume no fogão.

— E, se elle não me attender, vou á Camara..., emfim, a toda a justiça!.

— Para nós tudo isso he nada: lume no fogão, visinho; lume no fogão!

— Agora acabo de crer que sois dessa raça maldicta de revolucionarios...

— Lume no fogão!...

— Jacobinos... clubistas... pedreirões...

— Ah! ah! ah! como está bravo o pobre velhote!... lume, lume no fogão!

— Mas deixem estar que hão de ser espionados... e logo que succeda a primeira Bernarda estaes com os ossos entre grades.

— Ah! ah! lume!... lume no fogão, meu bom velhote!„

O velho visinho acabou de descer a escada, todo trémulo de cólera, e Bouchenot tornou á subir o lanço, que transpozéra, rindo-se do furor impotente do pobre velho.

— "Não parece que fosse essa a

maneira de obrigar o homem a accender o fogão ,, diz George, folheando o seu manuscripto.

— Isto nelle he costume: com todos galra e destampa (observa Thimoteo) ja por culpa delle a mulher da fruta cá de baixo nada nos quer fiar.

— He que eu sou assim formado... a ninguem permito que me tracte por *demais*, ou me falte ao respeito... Ah! com seiscentos!... se ha por ahi algum miseravel, que se atreva a levantar me os olhos... huma, duas! comigo tem n'hum instante o seu negocio aviado.

— Ora vamos, Bouchenot, dispensa nos as taes *huma e duas!*... para qualquer de nós de que servem essas rhodamontadas?

— Pois está bem... accommodome.... porem nenhum desgraçado me rosse nem ao menos pelo fato!... porque emfim a cada hum o seu logar, meus senhores... e mesmo tambem a minha classe...

— Ai, que ésta he de gargalha-

da!... a sua classe?!... Não tem duvida que he fidalgona, e faz-nos almoçar huma betarraba sem pão!„ diz Thimoteo.

— E eu tenho culpa de que não tenhamos dinheiro?... de não termos nem hum sou?

— Sim, sim, a culpa toda he tua, pois logo que temos alguns, em quanto os não dispendes, não descanças.... Ainda antes de hontem tinhamos cem sous... ei-lo que sahe a dar á paluilha, e volta para casa com hum frasquinho de *agua de mel*... como se hum boccado de queijo não fosse melhor acquisição, attendendo á nossa miseria!

— O' Thimoteo!... meu caro... *tu certamente não estás em todo o teu bom juiso!*... por ventura devemos despensar de nos apresentarmos com o aceio e esmero, que nos deve distinguir?..

— Olha que o tal aceio ha de fazer-nos muito distinctos!... ainda vamos a horas, quando mais não temos, doque huma casaca para nós

trez! Ai! Sancto Deos!... se meu pae soubesse de tal!...

— Essas lamentações vem fóra de proposito, pois qualquer de nós, quando sahe, ainda he em estado de appareeer... ninguem leva mais, doque huma casaca envergada; e, quando hum de nós he encontrado na rua, ninguem adivinha se os dous ficárão em casa pela falta de vestuario.

— Colhei o myrto... a rosa... a rosa...

— Oh! por amor de Deos, meu George, acaba por huma vez de colher o myrto e a rosa!... isso he massada! ha mais d'huma hora que estás a tocar em vento, sem acabar nem encarrilhar com a maldicta da copla!... hoje, meu rico, estás com a emboccadura desgraçada... a musa nada quer comtigo.

— Pois enganas-te, e tanto, que ahi vae a quadra feita! (exclama George, com hum modo contente) ouvi: he o trobadour, que se dirige á huns noivos:

Colhei os myrthos, e rosas,
Sem a campina arrasar,
Tem venturas mais ditosas
Quem as sabe partilhar.

— Em! que me dizem d'este fechante?... não lhe parecem que a quadra está boa?

— Antes eu queria agora hum boccado de empadão nos dentes!... „ diz Thimoteo em tom lastimoso.

— Sim, sim; está graciosa..... tão ramuda, como o tal myrto, e fresca como a rosa „ responde Bouchenot.

— Dizei que está admiravel... a ventura he a só cousa, que se augmenta, repartindo-a: percebeste vós dous o profundo d'hum tal pensamento?

— A mim parece-me que ja ouvi o mesmo *ora pro nobis* em cinco ou seis vaudevilles, e n'outras tantas operas comicas.

— Ora isso he sonho!... a ideia he minha... muito minha, e della me desvaneço, pois he encantadora!

—Tanto melhor: vê se podes vender-la ahi, quanto mais não seja, por déz escudos, para darmos hum dia de regalão a estes estomagos.

—Gastar quarenta e cinco sous n'hum vidro d'agua de mel, quando estamos n'huma posição tão apertada!... „ replica Thimoteo, passados alguns instantes.

—Thimoteo... com isso muito me affliges... olha que hes bem facil em te esquecer dos salutares e preciosos conselhos do teu amigo Bouchenot. Tenho-te dito centos de vezes que nesta vida he preciso andar a gente burnido e apurado, para agradar ás mulheres, pois está provado serem ellas o caminho mais certo para se conseguir tudo, e chegar a tudo. Que diabo querias tu que eu fizesse com o tal boccado de queijo, meu gulotão, que a toda a hora só fallas em comer? pentearia, alisaria, e lustraria as *sancimonianissimas* guedelhas com o tal queijo?.. eis ahi porque me lembrei de comprar o vidro d'agua espirituosa,

e deixei o queijo, ou melhor cousa, para quando houvesse recursos: e ja d'aqui te digo que, logo que tenhamos dinheiro, não ha de ser só a gua de mel, porem essencias... mais caro he, porem deita o homem de si hum cheiro, que nem hum turibulo... agora he o que usão todos.

— Bom, bom!... essencias!... olhem para o que elle está ja requerendo! Nessas e outras taes frioleiras he que me gastas a pensão: recebo o trimestre, e no fim de quinze dias ja não temos hum centimo... e o fato e roupa a vender-se!... George anda ha mais de que tempos a fazer dramas, que nunca se representão; e tu... tu com impostu*ras de affazeres* interessantes, conquistas soberbas... porem tudo nada entre dous pratos; e ainda mesmo que isso venha a produzir alguma cousa, d'aqui até lá cada vez mais se aperta a nossa posição... elle he o que se vê.... roupa.... trastes.... tudo se tem ido vendendo... pois a

cama!... Oh! meu Deos, isto he peior doque huma tarimma de soldado!

— Então queixas-te de que não tens a cama bastante alta?

— Sim, alta he... porque todas as noites, quando vens para casa, trazes *surripiada* huma pavêa de palha ao visinho colxoeiro, que mora ahi defronte; eis porque a tal enxerga está tão impanturrada; porem com tudo isso não está mais fofa. Pois o colxão... oh! isso he a geringonça mais enganosa, que dar-se pode!.. mas tambem como pode ser d'outra forma? elle hera magrinho, e alli o senhor tirou-lhe metade do miolo para fazer o outro....

— Não reflectes, miseravel, que eu precisava d'hum colxão para mim?.. não te lembras de que antes disso tinha vendido o meu para vos sustentar os dous!....

— Dize antes que foi para as teas costumadas banboxatas. Ai!.. similhante cama escangalha os ossos d'hum pobre christão!

— Mas, Thimoteo... deves advertir que essas camas *fofas* e *macias* não são boas para a saude.

— E os lençóes... tambem farão *mal á saude?*

— Quando se dorme tabualmente em qualquer guarda, por ventura dá-se pela falta dos lençóes, pateta?

— Cadeiras só temos duas, e ainda huma dellas de mais a mais *coxambeta.*

— Tambem por isso mesmo offerece bellissima commodidade para quem quer bambalear se: emfim as duas camas, depois de cobertas, dão assim suas parecenças de dous *divans.*

— Nem commoda... nem secretária...

— Aquella malla... aquella caixa bem suprem, e temos de sobejo, visto nada termos para lhe metter: é, depois disso, os Lacedemonios não conhecião todos esses commodos.

— Nem se quer hum *lavabo!...*

— A isso he que eu chamo hum movel indecente.

— Emfim, dentro em pouco, nem mesmo teremos com que cobrir as carnes.

— A nobre e modesta simplicidade nos trajos he o annuncio da de virtude e morigeração.

— Ha de ir contente a tal virtude e honestidade, caminhando em mangas de camisa e descalça, em riscos de cahir nas mãos da justiça por suspeita!... Emfim, para nada escapar, até ultimamente foste empenhar o meu *redingote*... e não tardou em fazer lhe companhia a casaca de George, para jantarmos.

— E quem não faria outro tanto, meu alma parada? nesse dia estavas com tal fome, que me parece comerias o armazem d'hum alfayate de fato feito.

— Ultimamente só nos resta a tua casaca, que veste cada hum de nós por sua vez, e a mim, que sou mais alto, doque tu, parece que me foje do corpo.

— Pois affianço-te que te veste, como huma luva: e, depois disso, agora a moda das casacas he serem curtas.

— Dize, dize para ahi o, que te parecer; eu não posso deixar de repetir que a nossa posição he desgraçadissima!... Ora não me dirão como hei de eu continuar os meus estudos, sem ter casaca!... Ah!... se meu pae tal soubesse...

— *Thimoteo, essas lamentações* canção me a alma (diz Bouchenot, revestindo-se d'hum ar penetrado) se a situação precaria dos vossos dous amigos, em logar de commover, endurece o vosso coração, apartae-vos de nós... tendes todo o direito de o fazer... disso, que ahi ha na casa, levae a parte, que vos pertence... até mesmo, pois conheço assás a candidez do coração de George... e mesmo podereis levar do melhor, que houver... porem não nos affijaes com essas continuadas choradeiras.

— Pois he isso!... agora, depois

de nada ter, he que heide ir me!.. quando não resta huma sou do trimestre da *minha mesada*, recebida apenas ha quinze dias... agora he que me pondes fora da porta!

— Nesse caso calla te, maldicto rosnador.... Ainda bem que conheceste a impossibilidade de separarnos... e está bem visto, agora não tem logar: isto he sociedade, que ha de girar sempre com a mesma firma. Somos *Orestes e Pylades, Castor e Pollux... emfim os filhos d'Aymon*... sempre, sempre unidos para as perdas, assim como para os lucros. E tambem, examinando-se a cousa com madureza, que nos falta para ser felices?... lembra-te daquella cantiga de Beranger = N' hum solão, entre hum telhado, quão bem se está aos vinte annos! =

— O, que eu aposto, he que Beranger não estava em qualquer desses sumptuosos aposentos, por não dizer nessas habitações miseraveis, quando fez a tal cantiga. Ora, tambem he preciso não confundirmos

as cousas: eu não me lastimo tanto, relativo á casa... se tivesse que comer, chegar a pela manhã, ter para esse dia, e á noite deitar-me com a certeza do mesmo para o seguinte... nada diria... porem ceiar huma betarraba... almoçar huma betarraba... he frugal de mais.

— Pois, meu Thimoteo, podes ficar certo de que he alimento, que faz muito bem ao peito: esses homens, que teem vaccas, quando querem que ellas lhes deem maior porção de leite e melhor, não lhes dão outra cousa.

— Porem eu não sou vacca, Bouchenot... O, que pretendo, he ter que almoçar... e, huma vez que hes tão engenhoso, vê se nos arranjas o almoço: basta que seja para nós dous; quanto a George, não he preciso, pois, quando está escrevinhando os seus dramas, e na practica das Musas, parece não ter vontade de comer.

— Porque não intentas tambem

escrever hum drama, Thimoteo? Apollo não he ingrato, elle sustenta seus filhos... Porem a questão culminante he tu quereres almoçar; e na verdade não deixo de conhecer que tens rasão, pois eu mesmo agora não deixaria de, com boa vontade, mastigar alguma cousa. Vejamos... vou remecher no buffete, para ver se encontro cousa, que troque a dinheiro, e com elle satisfazer-te, meu comilhão.„

O buffete hera a tal caixa velha e sem tampa; Bouchenot ajoelha ante ella, e, passado hum momento, exclama:

—" Então que he isto?!! está aquelle choramingas de Thimoteo a gritar que tem fome.. que nada ha em casa... e vae, no fim de contas, venho achar viveres em abundancia!...

— O que! pois ahi ha cousa, que se coma?

— Se ha!... aqui encontro, no fundo da arca, mais d'huma duzia de batatas...

— Estão cosidas?

— Qual! estão cruas... e até mesmo, pelo nenhum caso, que vocês teem feito dellas, estão gretadas; porem não tem duvida, não deixão por isso de ser hum bom recurso: o diabo he o fogão do visinho não estar acceso, porque as poderiamos assar, roçando-as pelo canudo: ah! maldicto Jacquillot, que nos torna inuteis os viveres!

— Batatas cruas!... (murmura Thimoteo) isto acaba, tornando-nos selvagens!... E os travesseiros, feitos de papel... que meiguice para a cabeça! Ah! se Henrique Jumieres não estivesse ausente de Pariz... bem capaz hera elle de nos dar hum bom almoço! he tão bom rapaz!... tão obsequiador!...

— Isso he que não tem duvida... obsequiador até alli! bem tem provado ser nosso verdadeiro amigo, emprestando-nos dinheiro por vezes.

— O qual nunca lhe pagámos...

— Oh! c'os demonios do infer-

no! se lh'o tivessemos pago, onde ficava ahi o merecimento da acção?.. porem anda por fora, e isso bastante nos transtorna... Diabo desta mania de viajar, quando ha meios para estar em casa, comendo socegadamente!

— E então ignoras que Henrique se dedicou ao *negocio... que foi ás* provincias, commissionado por huma casa de commercio?

— Desse modo renunciou por huma vez á carreira das letras?... ,, observa George.

— Sim, inteiramente se deu ao commercio.

— *He cousa singular!...* mas por que motivo?...

— Segundo parece, o amar muito influio em tal resolucção. Henrique he demasiadamente amoroso, namorou-se d'huma menina, *cujo pae* he hum antigo commerciante rico, o qual certamente não quereria para genro hum poeta pobre.

— E quem sabe mesmo se hum pobre poeta!?...

— Oh! George, esse dito he pouco humano.

— He porque estou persuadido de que Henrique não se despedia das Musas, se, como eu, se julgasse com huma verdadeira vocação!

— Aqui agora a questão não he a respeito das Musas; o que eu quero he almoçar!...„ exclama Thimoteo, dando hum pulo na cama.

— Callem-se!.. callem-se!„ lhes observa Bouchenot, indo espreitar á janella.

— O que he?... algum padeiro... algum homem com pasteis de bacalhau?

— Não, não! he hum ferro velho, que vae passando .. só elle he quem pode hoje fornecer-nos o almoço.

— Mas que diabo lhe queres vender? .. aqui nada ha ja.

— Homem, deixa-me... n'huma casa sempre ha cousas innuteis... bem podes fiar-te em mim.„

E Bouchenot, abrindo a janella, chama o ferro velho, e depois, apressando-se a cobrir os travessei-

ros de papel com os cobertores, recommenda a Thimoteo que não faça movimento, para não sentir-se o rumorejar da palha.

O ferro velho sobe a escada, Bouchenot vae abrir lhe a porta, e vem para dentro cantarolando.

— "Foi para ésta casa, que me chamárão?„ pergunta o industrioso commerciante, introduzindo a cabeça pela porta.

— Foi d'aqui, sim, bom homem... Oh! primeiro que tudo, limpae-me bem esses pés no capaxo: a rua está porquissima, e não queremos çujo o sobrado.

— Porém qu'he do capaxo? he cousa, que não sinto debaixo dos pés: onde he então que os heide limpar?

— Não está lá fora o capaxo!?.. „ exclama Bouchenot, indo á porta, como para verificar a falta, e fingindo hum modo admirado: " he verdade!... tal capaxo não vejo!... Maldicta escada, onde tudo se nos rouba! Ahi tendes, meus amigos...

e ainda me fallareis em comprar moveis novos?.. pois bem, da minha parte não subscrevo, pois logo ficavamos sem elles! aqui tudo desapparece!... em quanto morarmos em similhante casa, he perder-lhe o feitio.„

O ferro velho foi entrando, examinando a casa toda, e sem largar huma trôxa de traquinadas.

— "Onde estão essas cousas, de que pretendeis desfazer-vos?„ pergunta elle a Bouchenot.

— Esperae, meu bravo, que eu ja vo-las apresento.„

E Bouchenot vae outra vez derrear se na malla, tendo o cuidado de tomar tal posição, que o ferro velho não podesse ver o, que está dentro. Depois d'hum bom espaço fingir que procura, mexendo e remexendo na mesma couse, tira cinco pares de calças de banho, e as apresenta ao comprador, dizendo:

—" Em?... agora vêde me lá isso!...„

O ferro velho pega no, que Bou-

chenot lhe apresenta, e, olhando apenas para as gabadas calçotas, as deixa cahir no chão, dizendo: — " Então foi para isto, que me chamárão?

— Que quer dizer foi para isto? muito me admira o desprezo, com que olhaes para huma cousa de valor; muito mais, sendo de tão reconhecida utilidade: cursae hum pouco a eschola de *natação*, e vereis o consumo, que lá se faz disto!

— Porem, meu senhor, nestes quatro mezes ninguem vae nadar: d'aqui até lá, que diabo heide fazer dos trastinhos?

— Não teuhaes mêdo de que lhes dê a traça ..

— Torno a dizer... se he somente isto...

— Esperae, esperae... Oh! temos fartura de cousas! „

Bouchenot torna a andar em derredor do quarto, olhando para todos os cantos, e, ao passar ao pé da cama de Thimoteo, diz a este:

—" Ah! *priguiçoso!.. estás regalando* essas carnes na cama!.. aposto que nenhuma vontade tens de desencravar-te do colxão de pennas! Ah! Sybarita, assim he que se cria sebo e gordura!„

Thimotheo não lhe dá resposta, e voltando se para a banda da parede, quieto fica, para não fazer arramalhar a palha; ao mesmo tempo que Bouchenot, tendo gyrado algumas seis vezes em derredor do quarto, onde só encontrou alguns chinellos velhos, esses mesmos juntou, vindo apresenta-los ao adelo ambulante, o qual exclama:

—" Pú! diabo! isso não vale nem dous sous!

— Na verdade que sois bem máo de contentar... Se quizesseis comprar hum *bahu*.. sabeis que estão agora muito em uso?

— Que vem então a ser isso? he algum calção velho?

— Não, he huma arca dessas antigas.... lá está ella... he de bella madeira... vendemo la baratinha,

porque nos toma aqui muito campo... depois disso a gente está tão apertada...

— Meu senhor, eu cá não compro arcas... ella para que está boa he para o lume! se não tendes outra cousa, então vou-me...

— Esperae... esperae: diabo!... tanta pressa tendes!„

Bouchenot entra de novo em pesquisas pelo quarto, e lançando huma vista d'olhos para a cama grande, chega-se de vagar, estende o braço, e sem curvar muito o corpo, ao mesmo tempo que finge com huma das mãos compor, ou puchar o cobertor, com a outra poude alcançar hum par de botins, que está de baixo: estavão ainda quasi novos, e pertencião a Thimoteo. Bouchenot diz comsigo: — "Na verdade que tenho pena... porem como só a elle servem... nenhuma falta fazem a mim nem George... com o producto almoçaremos; e, quando elle quizer sahir, empresto lhe os meus.„ Fazendo ésta reflexão, vem ter com o

ferro velho, e apresenta-lhe o par de botins, sem lhe dizer palavra.

— "Isto agora he outro cantar, eis aqui alguma cousa com geito! (observa o industrioso commerciante de farraparia) ainda estão no caso de poderem servir.

— Eu sempre queria ver se a cousa vos desagradava!.. he obra feita pelo mesmo, que a faz para o Paço... apurada no ultimo extremo; não forão calçados huma duzia de vezes.„ lhe diz Bouchenot, em vóz baixa.

— He pena que o pé seja tão pequeno...

— Isso he graça!.. o pé está na conta... he hum pé de bitola geral... porem fallae mais baixo... porque estes botins são daquelle meu amigo, que está dormindo; elle tem-lhe amor.... nunca se resolveria a vende-los, apesar de nunca mais poder calça-los, pois o medico lhe determinou andar sempre de çapatos.... Ora eu, temendo que elle contravenha á ordem do esculapio,

tómo sobre mim a responsabilidade da venda... faço isto para seu bem.

— Agora.... resta saber quanto quereis por isto?

— Entende-se, todos os artigos juntos?.. botins, calças de banho... e....

— He lá tantos artigos! parece-me que não passão de dous... cinco ceroulas, e os botins.

— Sio!.. de vagar... vóz mais baixa... E então este molho de çapatos? ainda que usaditos ..

— Ora!... isso he huma chinelada velha... que para nada me serve...

— Pois bem, ahi vae mais hum collete, que posso dispensar (e o foi buscar á malla) em? que tal? he de superiorissimo merinó... não tem botões, mas podem-se lhe pôr d'outra cousa.

— O trastinho he de recommendação... não duvido que fosse collete nos seus tempos, e quanto á fazenda está reduzida a huma *çaraça*: emfim quanto pedis?

— Eu sei, meu bravo... parece-me que huns quinze francos não será pedir muito.

— Quinze francos!... „ exclama o ferro velho, atirando ao chão com as ceroulas, " ora isso he querer mangar com hum pobre homem, como eu!... dando-vos cem sous, pago e repago.

— Oh! cem sous he o mesmo que levar tudo de graça!... Ora vamos, meu bravo... sim de certo que sois hum bravo.. certamente ja servistes?.. pelo vosso modo, bem se conhece... bem se vê... esse ar marcial...

— Servi n'huma casa... e depois fui boleeiro seis annos.

— Oh! c'os demonios!.. não hera esse o serviço, a que me referia; porem não faz ao caso; o que eu não quero he tomar-vos o tempo: vamos, a cousa fica em déz francos, e acabemos com isto por huma vez... levaes a pechinxa?

— Tudo isto... não os vale... as ceeroulas estão ja muito afinadas.

— Sempre assim forão: he porque o panno hera finissimo.... Ora vêde as melhor.

— Mas de pé... deixaes me sentar?

— Pois não, meu bravo... estae á vontade.„

O ferro velho, pegando em todos aquelles *balhestros*, chegou-se para a só cadeira, que podia ver, a qual desgraçadamente hera a, que lhe faltava hum pé; não sendo pessoa, que soubesse equilibrar se, por saber da falta, necessariamente ia ao chão: foi isto mesmo que succedeu ao ferro velho, que, sentar-se, cahir, e ficar estirado no chão por cima da trapagem, foi tudo a mesma cousa.

— Ai! meu Deos!... „ exclama Bouchenot, indo levantar o ferro velho: "ora vejão, foi justamente na cadeira do tapesseiro, que mandou antes da duzia nova, que lhe encommendámos... tem hum pé desgrudado...

— Qual desgrudado!.. tem hum

pé de meuos: porem nada foi... não tem duvida.

— Tomae alguma cousa.... sempre he bom.... por causa do susto...

— Qual susto!... fico-vos muito obrigado.

— Isto he sem ceremonia: hum copo de vinho... ou de aguardente....

— E nós temos algum vinho, ou alguma aguardente?„ grita Thimoteo, erguendo hum pouco a cabeça do travesseiro; porem Bouchenot fulmina sobre elle huns olhos furibundos, e diz em vóz baixa ao ferro velho: — "Não extranheis o, que ouvistes; o meu amigo he somnambulo... Mas vamos cá ao nosso negocio: déz francos, e está concluido.

— Nada mais de seis... seis torno a repetir.

— Pois agora tambem não ha rasão... mais huns vinte sous.... em?.. acabemos com isto: são pa-

ra a mulher, que nos faz os recados.

— Porem se a trapagem não vale isso...

— Ora... vale... vale... está concluido o negocio; vamos, podeis levar a pechinxa: despachae-vos que nós temos que sahir ésta manhã para as eleições. „

O ferro velho pega nos cinco pares de ceroulas, nos botins, e até mesmo junta os chinelos, que antes dissera para nada prestarem; depois, tirando da algibeira huma bolsa de couro, foi pausadamente contando sette francos na mão de Bouchenot, o qual sentio correr lhe pelo interior como huma enchente de gosto, ao contacto do dinheiro: apressa se a impor o ferro velho, e depois de sobre elle fechar a porta, entra a gritar:

—" Victoria! victoria! Nada mais de cuidados, nem de lamentações n' esta casa! estamos endinheirados! „ e ao mesmo tempo pulava, e fazia piruetas pelo quarto.

George, que não descontinuára de escrever, em quanto o ferro velho alli estivéra, e que nem mesmo erguêra os olhos para observar o, que esse mercadejava, agora, não podendo resistir áquelle alarme gostoso, largou a penna, dizendo:

—" Pois he verdade, Bouchenot?.. vendeste alguma cousa?

—Quanto foi?... quanto temos? (pergunta Thimoteo, sentando-se na cama) chega para o almoço?

— Huma contasinha muito redonda.... muito *papafina* para a nossa situação: sette francos... em? vocês veem-os de lá?

—Sette francos! ,, repetem os dous mancebos estudantes com hum ar satisfeito.

—Que foi pois que lhe vendeste para produzir tal somma? ,, pergunta George.

—Ora que sería! essa trapagem das calças, ou ceroulas, que ahi ti-

nhamos de banho... huma sacia de chinellada velha, e hum collete, que hera meu... aquelle *pae avou* de merinó... pois, assim mesmo, aposto que talvez ainda muitas mulheres darião a batata para possuir hum boccado como reliquia!

— Na verdade que vendeste tudo muito bem (diz Thimoteo) agora, que estamos nas circumstancias de poder almoçar, vou levantar-me.

— Homem, não te ergas ainda... porque diabo não continúas o regalão de estar na cama? „ exclama Bouchenot, receiando que o seu companheiro dê pela falta dos bottins: "está hum frio de levar couro e cabello... podes ahi almoçar... eu vou mandar aqui ja tudo quanto necessitaes... não te ergas, Thimoteo... olha que he conselho d'amigo. „

E, em quanto fazia ao amigo ésta recommendação, Bouchenot não perdia tempo: em hum momento despíra as calças de ganga, corrêra

a buscar humas de panno preto, que estavão penduradas n'huma corda, envergou-as, pôz os suspensorios, e lestamente foi arranjando o cabello.

— " Pois tu levas as minhas calças pretas? ,, diz Thimoteo.

— *E que tem isso?... não te ficão* ahi as, que despi!... alem de que, hoje pertence-me sahir... depressa, depressa... afivelemos a gravata preta... façamos adeante hum *manheco* com as pontas, para tapar o logar da camisa... depois o collete bem abotoadinho até acima... Oh! estimavel moda! tu hes a providencia dos rapazes... de certo que não torna cá melhor moda... não he preciso ter camisa, nem *trapaça*; pois da minha parte desde ja protesto que serei eterno seguidor do economico trajo. Agora o cabello... está visto, a respeito de pommada, não *ha de que!* forte desleixamento de casa!.. pois deixem estar que eu trarei huma pucarinha della.

— Se vaes gastar o dinheiro em

pommada, e m'a trazes para casa, protesto que t'a farei comer „ lhe diz Thimoteo.

— Emfim por ésta vá... remediar-nos-hemos com a agua de mel... em? olhem se não a tenho comprado?... Agora a casaca...

— Que! a casaca!... pois tu vêstes a casaca? sahes?... „ exclama George.

— Pois então! está bem visto!.. heide ir em mangas de camisa?

— Porem não attendes, Bouchenot, que tenho precisão de ir ao theatro, fallar ao director?... meu amigo, isto he de positiva necessidade... para lhe mostrar que fiz no meu drama as correcções, que me apontou... bem vês...

— Custa me bem, meu George.., porem hoje de nenhum modo posso ceder a casaca ... tenho precisão tambem... a maior precisão de sahir: ajustei ir fallar com trez pessoas, por causa de objectos de interesse, alem de cinco negocios d'amor, que de dia para dia ando a

differir... a isso he impossivel faltar: amanhã irás fallar ao teu director do theatro.

— Amanhã? amanhã não! (grita Thimoteo) amanhã pertence-me sahir; George sahio hontem; amanhã por força heide ir á aula.

— Ora, meu Bouchenotsinho... deixa-me sahir hoje... „ diz o joven author, correndo ao amigo, que ja do fundo da mala havia tirado huma casaca preta, ainda em muito bom estado." Olha, vaes amanhã a esses negocios... a essas conquistas amorosas, que podem esperar: alem disso, tudo o que pretendes he sahir, ninguem por ti espera, e tão pouco tens lá de tractar com as cinco moças... he hum gracejo. O meu negocio he assás attendivel... he como a nossa unica ancora de salvação: acceite a peça, e representada, logo nadaremos em prazeres.

— Tudo isso he assim... tudo isso he bem dito... porem ja agora não quero perder o trabalho... não quero ter estado preparando-me de

balde. Ha huma immensidade de pessoas, que hoje me esperão... e, depois disso, tenho precisão de respirar huma athomosphera e hum ar livre... aqui faço me como a cera bella... ando com a côr de ictericia, e estou como as plantas, que espigão sem engrossar... Irrorio!.. não quero perder a minha louçania: deixa me vestir a casaca.

— Não!... de certo que não t'a deixo... sou eu, que a heide vestir, pois tenho verdadeira precisão de sahir...

— Tu, George!?... ora, ora!... vaes ver quem a veste.

— Bouchenot, larga a casaca...

— Larga tu... deixa... olha que a rasgas!...

— Tambem agora he o que falta!... os dous, puchando cada hum para seu lado, em breve dão conta della!,, exclama Thimoteo, saltando fóra da cama, e mettendo-se entre ambos, para evitar á casaca a sorte das *vêzes*, apanhadas por dous lobos.

George poz-se em fila, dizendo: — "Bouchenot... eu certamente merecia de ti mais alguma attenção e condescendencia!... porem não importa... vou ver huma scena.

— Pois isso sê o, que has de fazer: vê, revê, risca, torna a riscar, e até mesmo borra, para não seres author de *borra*; isto são preceitos de mestre: cem vezes vista e revista a producção litteraria, ainda talvez não se-lhe cortem as *pataratas*... Tchimoteo, meu amiguinho, torna a ir abafar-te... olha se apanhas algum deflaxo... quanto a mim, vou dar á canella... fazer as cabeças doudas a quinhentas mulheres.

— Espera ahi, Bouchenot, espera ahi... nada de tolices! antes de sahires, passa para cá o dinheiro.

— Oh! que tens rasão... nem de tal ja me lembrava... ei-lo aqui... ahi vão os cobres. Meus senhores, deixo-vos dous francos, e guardo os cinco, pois não tenho mais em meu des.

— Deixa-no-los antes; e leva os

dous... olha que não gósto do tal arranjinho...

— Fiquem descançados, meus filhos... como o dinheiro, que levo, não he em trocos, a *pecinha* virá intacta para casa... oh! isso até o juro pela minha cabeça: se não fosse inteira, capaz seria de despender alguma parte; porem, indo assim acompanhado d'huma peça grande, tem a gente até dó de a trocar, e por tanto nenhuma tentação he satisfeita... Se levasse na algibeira hum Napoleão em ouro, hera capaz de morrer esquartejado antes doque troca-lo.

— Pois bem... bem... veremos se te pórtas com juizo: olha, tu bem vês que levas na algibeira o dinheiro, de que havemos comer amanhã.... depois.... e.... que por emquanto nada mais temos, nem sabemos de onde nos ha de vir.

— Outra vez ainda vos digo, meus filhos, que bem podeis ficar descançados.... vou certo e certissimo de que hão de convidar-me para jan-

tar: quanto ao almoço, tenho certo conhecimento, que irei procurar... mas, se não o encontrar, comprarei n'algum *bollinholeiro* hum pãosinho doce com manteiga, e irei come-lo no Palais-Royal... no jardim... ha muito tempo que desejo almoçar alli... Oh! e para vós? que quereis para o almoço?... mando-vos huma franga de recheio... presunto de fiambre... costelletas?...

— Nada de *cassoadas* com a pobreza: *manda-nos pão*, vinho, e humas costelletas de porco frescas, e *pepininhos de conserva*...

— Amiguinhos, vocês querem tirar o ventre da miseria!... olhem como se querem regalar ésta manhã!

— Está na tua mão comeres de companhia.

— Não, quero antes ir em busca do tal meu conhecimento, e sahir ja que não tarde. Adeos, meus filhos e queridos amigos... fazei folgança.... Dêmos ainda huma vista d'olhos ao espelho... bem... isto vae

na ordem... e, quanto ao uniforme, não ha que dizer... He impossivel que o dia de hoje não dê de si alguma cousa: ja não venho para cá sem ter inspirado, pelo menos, meia duzia de paixões! Oh! as luvas?... ah! cá as tenho na algibeira: a esquerda ainda está muito boa!.. quanto á da mão direita, nunca se calça... tambem he boa moda. Adeos, adeos.„

Os dous amigos retribuem-lhe a expressão da despedida, e Bouchenot, *ja indo fóra da porta*, torna a entrar, dizendo lhes: —" A proposito... aqui ha dias encontrei o nosso *patifaçudo* Eugenio... e offereceu dar-me hum bello cão de caça... e então de que tamanho! parece destes da Terra nova... Vamos a saber, trago-o para casa?.. em?

—Ora, Bouchenot, faze favor de não trazeres para cá o cão! (accode Thiroteo). Ora que idéa!... querer hum cão!... isto, quando nem huns tristes ossos temos para lhe dar a roer!

— Pois bem, seja como entenderdes... todavia, pena he, pois hum cão he boa e fiel companhia, e eu ja tencionava ensina-lo a ir buscar o *perdido*... Mas vou-me, porque tenho o tempo contado... tenho hoje esperanças... oh! esperanças, que nenhuma admiração será se trago para casa hum sacco, cheio de escudos!... Porem, meus amigos, que isto não embote as providencias... acreditae no, que digo, escrevei a vossos paes... a esses barbaros e brutos, que a nada se movem... talvez que sejão sensiveis ao pórte da carta. Até á noite, meus amigos... contae comigo... *não entro em casa*, sem vir carregado com hum *empadão* do pasteleiro Lesage... Hum empadão, alem de succolento, accommoda muito bem huma casa... á noite vereis novamente a amisade, e a nossa casaca...

— Deos queira não vás tu dar cabo della!...

— Nada de similhantes receios...

vaè no cabide, e direitinha virá, como foi.„ E desta vez Bouchenot sahe, puxa a porta sobre si, e desce a escada com hum modo tão satisfeito, como se tivéra feito fortuna.

CAPITULO II.

Huma peça de cinco francos bem gasta.

Bouchenot dá-se pressa em sahir do centro da cidade, caminhando de cabeça levantada, o nariz como farejando, e de perna estendida e garbosa formando os passos. Com os pés apenas toca as pedras, que vae escolhendo, e no gesto exprime huma satisfação, que chega quasi a impudencia; apossa-se do meio dos passeios, e parece lhe que todos devem arredar-se, para elle ir pelo melhor do caminho: e tudo isto, porque vae trajado d'hum modo decente, e com a algibeira acalorada da peça de cinco francos, da qual a cada instante, cuidadoso, verifica a existencia.

Talvez que muitos desses mance-

bos elegantes, esmerados no trajo, e sempre com as algibeiras bem recheiadas de peças de ouro, estejão neste momento muito menos satisfeitos, doque Bouchenot; a adversidade tambem apresenta o seu claro e escuro, e a privação d'huma cousa dá-lhe a nossos olhos hum valor, cem mil vezes maior: a peça de cinco francos hera aos olhos do estudante tão valiosa, como se fôra hum bilhete de quinhentos mil.

Bouchenot vae-se encaminhando para o bairro do Palais-Royal, dizendo comsigo: —" Ora sempre será cousa curiosa ver hum rapaz bonito, swelto, e aceiado, como eu, almoçar o magrissimo pãosinho doce com manteiga!... Não... não... graças ao Ceo que abundancia temos de casas conhecidas... e, quando o máo fado fechasse todas as portas, cá vae na algibeira a peçinha dos cinco francos... mas ó diabo, que eu dei a minha palavra de não troca-la... salvo para levar o

empadão aos dous comilões. Está dito, não a tróco; vou direitinho a casa de madama Dubillon... Oh! respeitavel senhora... huma das minhas primeiras conquistas!... ainda boa mulher!.. verdade he que não lhe tenho feito grande *africa*, mesmo pregando lh'as das boas, quando figurava ternura, amor, e sentimentalismo... porem, oh! mulher divina!... vós nunca me recusastes a costelleta da amisade, nem o chocolate do amor! hoje pertenço-vos de manhã... vou papar vos o almoço! Ha bem certamente quatro mezes que lá não vou... a minha visita ha de causar-lhe grande gosto, e portar me hei como de costume, dizendo-lhe vezes sobre vezes que está cada vez mais linda. Qual he a *matronassa*, que, aos quarenta e cinco de idade, não fica cheia de desvanecimento, ouvindo taes gabos?.. e ainda que digão que não acreditão... que tal, que sim, que não, &c. bistoria! com facilidade ficão persuadidas. Com que amor, com que

ataques de ternura apertarei contra este peito aquelle peito d'algodão!.. a mulher chora, e destila-me na guella o bom vinhinho velho de Bordeaux. A cousa não pode estar melhor arranjada; mas ainda he muito cedo; madama Dubillon ergue-se tarde, e, depois disso, he preciso dar-lhe tempo para encapellár o chinó, a dentadura postiça, pintar, rubicundar aquellas faces, nacarar os labios, e lustrar as unhas: se fosse interrompe-la, indispunha-se: nada, he preciso não perder aquelle almoço, e vamos *borboletear*, que tenho tempo. Oh! eis-aqui huma pastellaria: tudo está muito apurado!... vidraças! armações!... grande prazer me causa ao estomago a vista de similhantes lojas.„

Bouchenot pára deante da loja do pastelleiro, ficando em admiração para as aves assadas, empadões, *podins*, pasteis, e mais galanterias, com que se mimoseão e confortão estomagos, em apresentação por den-

tro da vidraça; porem como elle ficara sobre o passeio, que hera alto e estreito, impedindo assim o transito, hum moço, carregado com hum canastrão de drogas, deu-lhe hum encontrão, de que resultou saltar o chapeo de Bouchenot, e rollar até meio da rua.

—"Não vedes por onde ides?!„ grita o mancebo, correndo a apanhar o chapeo.

— E para que estaes parado, tomando o passeio!... mas agora reparo, o homem estava tomando o cheiro aos assados!

— Os diabos te carreguem..... patifão!„ e logo acrescenta comsigo: "não lhe dei dous pontapés, porque vim assim vestido.. e tambem na engalfilhação poderia rasgar me a casaca, pela qual sou responsavel para com os meus dous amigos. Bouchenot findou o mudo soliloquio, limpando o chapeo com hum lenço, que não desdobrou; depois continuou o seu caminho, dizendo comsigo:

— "Estes patifões!.. mas destes bregeirotes que partido ha de tirar hum homem de bem?!.. Sim, sim, irei sempre pelo passeio.., não cedo o caminho, nem ao diabo, que ahi venha!.. Está hum lamaçal na rua que he atascar se a gente... e depois disso nenhuma precisão tenho de enlamear me.,,

Em quanto assim ia reflexionando, huma senhora vinha da banda de cima, duas outras pessoas párão, conversando, e a passagem apenas dá logar para huma. Bouchenot não se arreda da parede, e a madama, que não he bonita, nem rapariga, vê-se obrigada a descer para o lado da rua, o que faz, murmurando:

— "Sempre ha homens bem mal creados! a cara deste vilão fica-me na lembrança, para em toda a parte que o encontrar!..

— Ai como he galantona!... ca-mapheu!.. e que lhe fearei na lembrança... (diz elle comsigo) creio, creio, pois tenho huma dessas phi-

siognomias, que não se encontrão mui vulgarmente. Sou mal creado, por não querer atascar-me em lama... atasque-se ella, canhamasso! no entanto se fôra mais moça, e com cara de geito, ceder-lhe hia o passeio.. porem nisto se pode ver quanto nós somos bons... em tudo, que fazemos, ha sempre hum pensamento interesseiro, dirigindo as acções! Aquella cara de macaca assim como vae arrenegada comigo, não se lembra por certo de que o meu almoço depende do aceio, em que apparecer: se eu me apresentasse em casa de madama Dubillon todo porco, todo çujo, não me tractava bem; a minha deusa tem a fraqueza de ser apaixonada d'hum homem apuradinho, burnidinho, e esmerado.. e por isso ha muito que não lhe faço huma visita... Hoje a cousa vem com melhor figura; trago as calças de Thimoteo, as quaes, ainda que algum tanto compridas, estão no caso da moda, que he traze las de rabos pela lama, e pisando-as com

os tacões dos botins; tambem me apertão algum tanto, porem esse defeito me he favoravel, concorrendo para dar mais sahida ás *ancas*. Ora, a respeito de collete, nesse então nada ha a dizer, he a cousa, que trago, que fosse feita para mim. „

E Bouchenot, que depois de assim dissertar comsigo, continuava sempre a caminhar pelo passeio, de repente parou, dizendo:

—"Oh! c'os diabos dos diabos!.. lá vem adeante hum crédor... e então este que he endemoninhado!.. a este, sim; a este cedo eu de boa vontade o caminho limpo: não o quero encontrar cára á cara. „

Com effeito Bouchenot retrograda, e logo, acotovelando a quem encontra deante, dá-se pressa em saltar para o meio da rua; e querendo, sobre as pontas dos pés, transpor ao lado opposto, escolhendo as pedras enxutas, a sua ligeireza não o servio a tempo, huma citadine corria da esquerda, hum cabriolet da di-

reita, e, desorientado pela bulha, temendo igualmente ver-se agarrado pelo crédor, precipita-se vivamente, atravessando, porem o faz com tanta imprevidencia, que mette o pé n'hum charco, e enlameia-se até ao collete.

— "Assim os diabos me carreguem!... parece que éstas cousas só para mim estão guardadas!... se lastima Bouchenot, olhando se exasperado: "tenho lama até á ponta do nariz!... pois hum bottin!... está inteiramente atacado! Emfim, n'hum caso destes não ha que hesitar... que remedio senão trocar a chapa dos cinco francos! ainda por fortuna succedeu me isto ao pé da loja d'hum engraxador!,,

E passado hum instante já Bouchenot se achava sentado deante do artista engraxador, estendendo o pé á escova reparadora, e gosando hum certo prazer em ouvir-se intitular meu patrão... meu amo: ésta musica he bem agradavel aos ouvidos de quem nunca teve creados.

O nosso homem se faz engraxar, bem como limpar e escovar completamente, e acabado o trabalho atira assim, como por demais, sobre o balcãosinho do industrioso com a peça de cem sous, dando alem do estabellecido, largamente para beber ao sen creado d'hum momento. De ordinario as pessoas menos abastadas, são as mais generosas: he verdade que isso tambem, pela maior parte das vezes, he para encobrir a sua pobreza.

Bouchenot vae de novo pavonear-se nos passeios, dizendo comsigo: — Agora tomarei mais sentido onde ponho os pés; que tambem nem sempre se vê hum homem obrigado a correr; não se encontra hum crédor a cada passo: he verdade que tenho bastantes... mas certamente não se ajustarião em sahir-me ésta manhã ao encontro. Do que eu nada ja vou gostando he do fortissimo ataque de vontade de comer!... Eis-me na praça dos commerciantes... que horas serão?... quasi onze?...

Bem, posso ir encaminhando me para a rua dos Martyres, onde mora a respeitavel senhora Dubillon. Quem me reparar para os bolsos, louvado Deos! fará boa ideia das minha finanças: o troco dos cinco francos atacou-me as algibeiras!... só em cobre levo trinta sous.. he o mesmo.. boa chocalhada fazem.., isto acredita. Mas que cheiro he este, que me vem ao nariz!... parece me ar embalsamado... nem que estivesse dentro d'hum serralho!... Ah! agora reconheço a cousa: he hum vendedor de pastilhas cheirosas. Se eu levasse deste cheiro em mim até casa da senhora Dubillon... e então ella que o seu fraco são espiritos, essencias e almiscarados!.. a mulher, se ao pé della me chego, assim *rescendendo*, he capaz de me obsequiar ao almoço com alguma perua recheada...,,

Bouchenot foi-se chegando para hum homem vestido d'huma samarra azul; ou especie de tunica, e que, em logar de chapeo, trazia na

cabeça huma cousa bem parecida á turbante, tendo diante de si huma pequena mesa, sobre a qual estavão patentes varios *mocécos* negros de diversas formas, que o vendedor asseguravа aos compradores virem directamente da Arabia. O nosso fidèle Bouchenot hera essencialmente *entrometediço*; bem conhecia o seo Pariz para acreditar na origem das pastilhas e mais perfumes, como o figurado turco lhe dava; mas aquelle aroma subira-lhe á cabeça: parecia-lhe que estava sentado n'hum divan, almoçando á turca, rodeiado de escravos, e saboreando o sorvete e excellente *móka*; e ao mesme tempo que se deleitava em olhar para os saquinhos cheios de hervas e sementes odoriferas, para as pastilhas e frasquinhos d'essencias, tinha ambas as mãos nos bolsos, e fazia retinir huns contra os outros, os trocos em cobre, que recebêra. O resultado desta contemplação, foi tentar-se a comprar huma caixinha de perfumes, que o tal malandrino, ves-

tido á turca, mas ruminando muito bem o italiano, lhe asseguro valer vinte e cinco francos em Constantinopla, porem aqui lh'a vendia por vinte e cinco sous, visto ser de contrabando.

— " E fiz eu muito bem..., diz Bouchenot comsigo, largando do taboleiro arabico, e guardando n'huma das algibeiras do collete a caixinha dos perfumes; " fiz muito bem, comprando-a: *por huma vez não se me pode levar a mal querer tomar o meu regalão á turca!* E eu então que dou a *peaca* por estes aromas! Vá hum homem bem trajado... mesmo riquissimo... se não vae enfrascado em espiritos, he como os trastes, que não são de polimento; pelo contrario leve a sua casaca, ja de serviço aturado, a calcinha engenhada, ou mostrando a figura do ordimento, o seu chapeo condizendo com o mais... isto he, lustrado a agoa, ou ruçadito, com suas faltas de pello, e mesmo cortadellas... huma vez que, por quem passa,

mostre que leva o lenço molhado n' alguma essencia, almiscar, ou agua de colonia... infunde assim certo respeito: ha de haver muito quem diga — aquelle he fidalgo... ou mesmo quem sabe se ainda maior personagem, que passeia incognito. — Mas deitemos contas aos dinheiritos: sette sous pela engraxação e escovadella... vinte e cinco ao turco faz trinta e dous... tenho ainda trez francos e oito sous. Oh! porem n? estes de certo não toco... he como hum deposito sagrado... e mesmo tambem nenhuma precisão tenho disso, pois vou almoçar e jantar de *barla*.

Bouchenot tinha chegado até aos boulevards, sorvendo com delicia o aroma, que lhe sahia da algibeira do collete, a que o calor do corpo dava mais intensidade; eis que hum rapazinho de quatorze a quinze annos, ja tendo estampado no rosto o cunho de *israelita*, se lhe chega, apresentando-lhe hum mólho de bengalas.

—"Meu senhor..., comprae-me huma destas... olhae que não he cara.... huma bengalinha.... bonita.... da moda.... vamos!, estreae-me...,,

Bouchenot pára, lança huma vista d'olhos sobre as begalas, ao mesmo tempo que responde:

—"Não quero.... não quero.... ainda que muito goste de me abordoar..... e ás vezes não deixa de ser util... porem agora não quero...,,

Assim despedindo o rapaz, dá a andar, mas o pequeno commerciante de páosinhos logo o alcança, de novo perseguindo-o, para que lhe compre hum.

—Ora vede, meu senhor... reparae como he linda ésta cana da India! he das modernas: vamos, no preço não havemos de desarranjarnos...

—Ja te disse que não queria... se comprasse huma, não hera dessas que traz por ahi todo o *bicho careta*....

— Pois aqui estão d'outras... melhores ninguem as traz!,, e logo lhe apresenta outro mólho: Bouchenot pára outra vez, e o rapaz entra a elogiar a sua fazenda com huma volubilidade incrivel.

— Ora aqui tendes huma que he bem bonita, meu senhor... ésta não engana... he huma *nótta* verdadeira... conhece-se bem pelo vergan... desafio a quem seja capaz de quebra-la!

— Oh! cana da India!... nótta verdadeira..., nessa não acredito eu: mas seja, ou não seja, deixa-me, que não t'a compro, e perdes o tempo.

— He que o senhor desconfia de não ser huma cana verdadeira?... pois bem podeis experimenta-la... eu respondo por ella,, dizendo assim, o rapazinho lhe mette nas mãos huma das bengalas, acrescentando:

— " Podeis mostra la a quem entenda,, fazei-a vergár,.. sem mêdo... sem mêdo, que não quebra:

sua fazenda que he... e então está bem propria, em tamanho, para a vossa estatura!„

Bouchenot encosta-se na bengala, a faz vergar, e a chamada verdadeira rótta se parte em duas.

— "Ora ahi está!... isto sempre eu julguei que aconteceria!... logo conheci ser huma cana da India, cortada no bosque de Bolonha.

— Ai! senhor meu.... para que foi carregar assim com todo o pezo do corpo?... bem podieis ver que não hera de ferro: agora, ja que a quebrastes, dae me trez francos.

— Que te dê trez francos?.. certamente estás doudo!

— Partistes a bengala, e sois obrigado a paga-la.

— Meus senhores!„ diz Bouchenot para algumas pessoas, que logo se agrupárão, curiosas de ver o desfecho desta scena: " meus senhores, este rapazinho he nada menos do que hum velhaco acabado... Eu não queria taes bengalas... foi elle, que a força me introduzio huma na

mão...! e eu sempre a dizer-lhe que não, que não queria...„

O pequeno israelita, logo que vê juntar-se gente, começa a gritar:

—"He falso! elle he que disse: = Quero huma bengala, que não seja dessas, que todos por ahi trazem = eu dei-lhe aquella que he do preço de cinco francos... elle pegou-lhe, entrou a experimenta-la, a carregar sobre ella com o corpo, em pezo, como se quizesse fazer hum boraco pelo boulevard abaixo...

—He até onde pode chegar o descaramento de similhante velhaco!„ redargue Bouchenot, como advogando a sua causa perante aquelle jury improvisado. "Este diabo vinha atraz de mim com a perseguição = comprae-me huma bengala = eu respondia lhe que não queria; e elle continuava sempre na mesma moliana = ora compre! compre... he huma verdadeira canna da India!... experimente-a... encoste-se... pode encostar-se, que não que-

hra! = eu peguei na, que elle me deu, e querendo ver se vergava... ora, isto não foi com sentido de lh'a comprar, mas por condescendencia... foi então que me estalou nas mãos... isto prova não ser cana da India, e que o rapaz he velhaco e embusteiro...

— Quebra a bengala, e não a quer pagar? „ grita o rapaz, fazendo diligencia para chorar: " não está má ésta! Huma bengala de seis francos!.. Ai! que ha de ser da minha vida?!.. pobresinho de mim que não ganho seis sous por dia... e quando tenho algum lucrosinho he para sustentar meu pae, que está entrévado, e meus trez irmãos, dos quaes o mais velho ainda não tem desoito mezes!.. hi!.. hi!.. hi!..

— Vejão como elle mente!.. Primeiro hera huma bengala de trez francos... depois de cinco, e agora ja de seis... se a questão vae por deante capaz he elle de dizer que hera huma cana da India de doze francos!

— E dizeis a verdade... certamente que hera huma cana de doze francos... porem humia vez que pedi só trez... bem vedes se eu sou rasoavel... se me aproveito de estar quebrada... hi!.. hi!.. hi!..

— Vamos!... vamos!... pagae a bengala ao pobre rapaz!... „ gritão varias dos espectadores chegando-se para Bouchenot que procurava escapulir-se: "huma vez que l'ha quebrastes, nada mais justo, doque pagar-lh'a

— Quem quebra os copos, paga-os! „ acrescenta hum moço de loja de bebidas.

— Estes meus senhores todos *peliquitetes*..., diz huma velha, não querendo perder occasião de dar a sua sentença " todos apuradinhos e *racendendo* a *espritos*, não haja medo que elles favoreção a pobreza!.. nem capazes são de dar huma lagrima ao *infortuno* da desgraça!

— Sim, sim; he justo! „ diz hum obreiro com hum bonet á grega, que certamente não sabe como forão as

primeiras rasões, e empurrando todos para chegar-se aos litigantes: "de que se trata aqui? Viva o povo! a liberdade! ... vamos a saber quem deve levar a tosa!... „

Bouchenot vê bem que não o deixarão retirar sem que pague ao velhaquito choramingueiro; ja ouvira opinar ser preciso levarem-os ao corpo de guarda; e o estudante que morre de fome, não quer expor-se a passar o seu dia andando da guarda para casa do commissario, e desta para a do juiz de paz: decide-se pois á melhor resolução, que he pagar; mette a mão na algibeira, tira trez francos, e, ao da-los ao rapaz, diz lhe:

„ —"Ahi tens, meu velhaco choroso.... olha que, ainda tão pequeno, ja sabes bem a lição! farás breve o teu caminho... porem quero pagar-te, para que isto acabe por huma vez!... „

„O rapazinho judeu guardou o dinheiro; e Bouchenot, rompendo

pelo povaréo, que se juntára, dá-se pressa em chegar á rua dos Martyres, levando na mão os dous pedaços da bengala, que acaba de pagar tão caro, e murmurando por entre os dentes:

— " Milheiros de milheiros de bengalas e de canas da India!... a minha vontade hera fazer em pó bem pó todos estes rapazinhos *futriqueiros*. Emfim devo fazer de conta que foi huma telha, que me cahio sobre a cabeça... no entanto, bem examinado o caso, da minha parte não houve a menor culpa... e quando, para remedear, battesse com a cabeça por essas pedras, e me arrepellasse... porem nada, tão tolo não sou eu; vão-se os anneis e fiquem os dedos: ésta desgraça não sirva de obstaculo a que eu procure almoçar bem. ,,

Bouchenot dobra o passo, e em breve chega á rua dos Martyres; porem, ao entrar na porta da casa de madama Dubillon, repara em varios moveis, que bem provão ser

mudança d'algum inquilino: a este aspecto não deixa de sentir algum receio de que seja esta mudança da pessoa, que vem procurar, e corre ao porteiro, dizendo: — " Vou subir para casa da senhora Dubillon... esta mudança não he della?

— De quem?

— Perguntei se hera a senhora Dubillon que se mudava.

— Mas a quem procurães? para qual andar quereis subir?

— Querem ver que o diabo do porteiro he surdo!.. ,, diz comsigo Bouchenot; e penetrando com meio corpo no cubiculo, diz-lhe gritando: — " Pergunto se he a inquilina do terceiro andar, que se muda!... a senhora Dubillon!

— Ah! não! he hum empregado lá do quarto andar.

— Ainda foi bom que elle a final me entendesse! (diz elle, subindo o primeiro lanço) forte bestiaga!... e tem isto de porteiro?!.. porem o homem estava comendo a assorda, e tinha as ideias entupidas: o facto

he que tambem eu agora comia, quando mais não fosse, hum bom prato da sobredita.... irrorio! que fome!.. subamos.„

Chegando ao segundo andar, Bouchenot acha o seguimento impedido por huma commoda, que dous moços conduzem; e não dando a estreiteza da escada logar para se ir de lado, vê-se o pobre Bouchenot precisado a descer, o que elle faz, murmurando:

—"Ora vejão o diabo da commoda, que toma todo o espaço da largura da escada! maldita mania de fazerem as escadas tão estreitas como siringas!... vê-se hem que he casa velhá; e disso posso concluir que, ou os nossos paes usavão de moveis muito pequenos, ou fazião as mudanças pelas janellas.„

Veio parar pois ao patamar debaixo, esperando não ser obrigado a descer mais, porem o patamar ainda não hera sobejo para a commoda, e hum dos moços lhe grita:

— Arredae-vos, senhor .... bem vedes que não podeis estar ahi: precisamos de todo o logar para poder dar a volta...

— He verdade... sim... vejo que preciso ainda descer mais... e depois os homens ja vem ajoujados, e posso levar algum encontrão: ainda que he *quisilia* descer. Ora pois cá vos faço logar.... vocês vem estafados com a tal arca de Noé... e parece pesada...

— Se o senhor quizesse refrescar-nos por dentro com huma pinga vinha em boa occasião...,,

Bouchenot faz que não ouve, e sobe logo, ao apresentarem lhe o caminho livre; galga quatro a quatro os degráos, mas, chegando ao meio da escada do terceiro andar, sente que lhe gritão daquelle patamar: —"Arreda lá debaixo!,, Ergue os olhos, e vê hum immenso bofete destes, que, nos tempos antigos, poderião bem acommodar no interior huma familia, o qual outros moços transportavão.

—Ora ésta! ahi temos hum bufete, que parece tanque para trinta pipas d'azeite!„ diz elle, recuando nos degráos, e receioso de ver cahir lhe em cima aquella machina. " He ao que pode chegar a lembrança tola de quem fez, e de quem usou hum buffete monstro, como este! Ora descer ainda outra vez... se eu podesse cozer me com a parede aqui neste canto...

—Tomae lá cuidado quem vem debaixo!

—Tomem-o vocês! eu não estou para andar a subir e descer: d'este modo nunca chegarei aonde quero. „

O buffete vem descendo, mas ainda que Bouchenot esteja muito cosido com a parede, assim mesmo encontra-lhe o chapeo, e lh'o espalma, como se fôra huma bolaxa.

—" Isto he fado máo, que hoje me persegue o chapéo!„ exclama Bouchenot; e logo modificando a vóz, quasi como se fallára comsigo:

"e então logo trouxe o melhor!... he o de George.... Emfim se me convidarem para ir a algum baile ja tenho chapeo de pasta, e portanto mais *fashionable*. Até que a final cheguei á porta da minha sensivel... ainda me custa a crer!... examinemos e arranjemos primeiro o uniforme. „

Bonchenot puxa a gravata, faz o mesmo ao collete, estira os suspensorios, põe o chapéo debaixo do braço, e toca a campainha: huma velha creada não tarda em abrir-lhe a porta.

— Oh! bons dias, Magdalena.... então ha cá mudanças pela escada? sempre he hum tal incommodo, para quem vem saber da vossa saude... Peço-vos deis parte á senhora de que venho vê-la.

— Meu senhor, isso he o que não está na minha mão poder fazer; porque minha ama ha trez dias que partio para Pontoise, onde passará algumas semanas, vigiando o tractamento d'huma sobrinha, que

está doente, e que mandou chamá-la.

— Para Pontoise!... pois ella foi para Pontoise?!! (exclama Bouchenot, com hum modo consternado.) Valha me Deos!... hoje tudo para mim se guarda! Porem sempre he bem *estrambotica* lembrança ir no inverno a Pontoise!

— Então não advertis que foi por causa d'huma das sobrinhas, que está doente?..

— Sim, bem ouvi... porem achava mais acertado que a tal sobrinha viesse curar-se para Pariz... Pontoise!... ora vejão... d'aqui lá são sette leguas!

— Mas estou bem certa de que a senhora não pode demorar-se alli até mais do meiado do mez que vem.

— Está bem... está bem... tenho muito gosto com isso.

— Se o senhor quizer escrever-lhe, eu me incumbo de lhe remeter a carta.

— Oh! nada... nada; não he preciso: eu vim... vim para vê-la... e

até pela franca amisade, que lhe devo, tinha na ideia *pedir-lhe o almoço.*

— Pois a senhora não falha aqui no mez que vem: vossa creada, meu senhor. „

A velha, assim cumprimentando-o, fecha a porta, e Bouchenot desce tristemente a escada, dizendo:

—"Ah! com os diabos dos diabos!.. e a velha furia, que nem ao menos me offereceu hum copo d' agua!.. He verdade que, em tantas vezes, nunca a mimoseei com alguma *lambuzadella* da algibeira... emfim não a fiz á mão... E o diabo da maldita vontade de comer cada vez mais a perseguir-me!.. Caxorro do porteiro que não me desenganou: bem escusado hera ter subido!...

— "*Porque não me dissestes antes* de eu subir, que a senhora Dubillon tinha partido para Pontoise? „ grita Bouchenot, com hum ar agastado, introduzindo a cabeça no quarto do porteiro.

— De que?.. em?..

— Ah! sois surdo?.. Porque não me dissestes logo que a senhora Dubillon estava em Pontoise?... não evitava eu o incommodo de subir ao terceiro andar?

— O, que me perguntastes, foi se a mudança hera dessa senhora; e eu respondi que não: se mais explicações quizesseis, eu as daria, pois não sou surdo...

— Sim... não hes surdo.... animalão!.. (murmura Bouchenot, retirando-se) se fôra casa, em que eu governasse, antes queria ter hum cão á minha porta, doque hum bestiaga similhante; mas em Pariz todos os monos, todos os mostrengos servem para porteiros, e logo que os senhorios dão aquelle cargo a algum alfayate, ou remendão de tacões, parece-lhes que tem preenchido o logar de guarda da porta. Mas diabo, diabo... isto assim ja não corre bem... eu não posso substituir o almoço por passeios!.. He verdade que ainda tenho na algibeira oito

sous... mas que diabo hei de fazer com elles? não me chegão para meio biffe. Maldita bengala, que tanto me desarranjou as finanças! Vejão.... gastei o dinheiro, e que proveito tirei? levo os dous pedaços! Se ao menos fosse cana d'assucar poderia chupa-la, e emfim... Porem oh! que boa lembrança tive de repente!.. A encantadora Elvina, a figurante da Opera... temos antiga intimidade... e não poucas vezes lhe paguei deliciosos almoços!... bom tempo hera esse!... então chupava eu melhor, doque cana doce... herão os bolinhos da loja do meu progenitor... sancta alma.... repousa em paz!... Que ella fez me infidelidades atrocissimas... porem isso ja lá vae.... passou... adeante. Vou a casa della aproveitar a boa vontade, com que me offerecia tomar do seu caffé: boa, boa occasião he hoje de ir obsequia-la. Móra no alto da rua de Saint George.... não he longe d'aqui. Creio que o diabo tambem não lhe metteria em cabeça ir para Pon-

toise. Qual!... huma figurante da Opera não vae a Pontoise... para a Russia ainda concedo: porem mademoiselle Elvina tem fraco talento, para que a tirem de onde está.„

Bouchenot atravessa a rua Navarino para chegar á Calçada d'Antin, e, não obstante ter o estomago a pedir-lhe contas, assim mesmo para deante d'alguns predios, que alli se estão edificando: admirando o gosto da moderna construcção, exclama:

—"Oh! encantadoras e deliciosas habitações!... Como eu gósto destas arcadas... destas janellas á gothica... destes esquartelados das paredes!... parece me que estou no tempo de FRANCISCO I.º... Neste gosto he que eu mandaria edificar hum palacio para viver ahi retirado dos negocios e mais affazeres do mundo... D'aqui até lá tempo vae... no entanto procuremos ver como ha de ser isto d'almoço.„

Assim reflexionando, chega á rua

de Saint-George: *não se demora* em apresentar-se á porta da casa, onde mora a sua figurante, e corre pela frente do cubiculo da porteira, dizendo: — " Mademoiselle Elvina! „

Mas a porteira vem logo atraz delle, gritando: —" Escusaes subir, meu senhor... escusaes subir: a mademoiselle, que procuraes, não está em casa.

— Então sahio?.. pois isto ainda não he meio dia!.. Vamos, isso he gracejo... he impossivel que Elvina se levantasse tão cedo.

— Digo-vos e repito-vos, senhor, *que não podeis subir.*

— E eu respondo-vos que subirei, e que me receberáõ *muito bem*: certamente julgaes que sou algum crédor?... sei como se tomão precauções para evitar que esses meus senhores apoquentem a pobre gente, e então ha sempre a palavra dada de que não se está em casa... Quanto a tal respeito, ficae descançada... eu sou crédor, mas he do

coração... sou hum dos intimos: percebeis?

— Em taes circumstancias não ha intimos, nem crédores do coração, a favor dos quaes se revoguem as ordens e ensinuações, que tenho... Oh! mas ahi vem a creada grave de mademoiselle... — Mademoiselle Paulouska, aqui está este senhor, querendo á força subir para fallar á vossa ama!

— Sou eu, minha caxorrita Paulouska,, diz Bouchenot, chegando-se á creada.

—" Ah! sois vós, monsieur Fidèle!,, exclama a creada.

Na carreira das suas aventuras galantes, o filho do confeiteiro nunca se dava a conhecer pelo nome de Bouchenot; achava este appellido de seu pae muito plebeu: com o de Fidèle he que hera conhecido por mademoiselle Elvina.

—" Olha cá, minha cara amiguinha, dize-me, ó portento das raparigas, servindo outras, aquella ordem não se entende comigo... em?

— Entende-se, entende-se... com vosco mui principalmente,, responde a creada; e depois, aproximando se-lhe ao ouvido, lhe diz, sorrindo, com hum ar maligno: —" Minha ama está agora com o seu protector... ora, bem vêdes que, se em tal occasião fosse hum rapaz, como vós, fazer lhe visita... o seu protector desconfiava, e não continuaria mais a protege-la.

— Bem percebo... sim... com effeito... mas parece que tudo assim me vae hoje!

— Sancto Deos! ai! que cheiroso espirito trazeis comvosco, senhor Fidèle! he algum vidro de essencia, que trazieis para minha ama?... nesse caso, podeis deixa-lo, que eu depois lh'o entregarei.

— Não, não he isso... emfim, eu virei n'outra occasião.

— Então *adeosinho*, senhor Fidèle... minha ama de certo que ha de sentir bastante não vos poder fallar.

— Pois bem podes crer que não o

sentirá mais, doque eu... isso te affirmo!„

E o nosso Fidèle sahe d'aqui, apostrophando comsigo:—" O diabo carregue com quantos protectores ha neste mundo!... O dia vae seme tornando funebre... o estomago a pedir, a pedir... em todos os modos he preciso satisfaze-lo. Vamos, não ha remedio... comprarei hum pãosinho... mesmo hum grande, e irei come-lo em liberdade ao Palais-Royal, como o dizia, antes de sahir, aos meus dous amigos, pensando chasquear... Não ha remedio... éstas são d'aquellas, que vem perdidas da baralha!... he verdade que todo eu estou enfrascado em espiritos... mas antes quizera que me chegasse ao nariz o cheiro d'hum prato de cucumelos.„

Bouchenot encaminha-se para a rua Feydeau, onde sabe que ha hum padeiro fino, que tem empadas, pasteis, &c.; porque actualmente até nestas lojas se encontra quasi o mesmo que nas pastellarias, com o ad-

junto de vinhos, crémes, e liquores: não tardará que ahi se encontre de tudo, exceptuando o pão.

Bouchenot entra na loja, que ja estava atulhada de freguezes; pois o tempo tinha decorrido, não levando pouco a scena com o vendedor das bengalas, e ja passava da huma hora; justamente hera então que os elegantes e não poucas senhoritas vão de passeio comer pasteis, bolos, e outras guloseimas ás lojas em voga: o que pareceria ridiculo a qualquer provinciano, em Pariz não o he, huma vez escudado pela moda.

Bouchenot tinha endireitado o chapeo o melhor, que poude, sem com tudo conseguir que a copa deixasse de se mostrar n'algumas covas resentida do ataque; e carregou-o bem na cabeça, mesmo quasi tapando as orelhas, de modo, que parecia inglez. Ao ver não poucas mulheres elegantes comendo pasteis, mr. Fidèle não quiz passar por esfaimado; entrou a examinar

os diversos objectos de tentação gulosa, murmurando em modo, que podesse ser ouvido: — " Isto he muito pesado para o estomago antes de jantar... Oh! d'aquelles tambem não... achei-lhes hum gosto rançoso... destes comi eu hontem... são doces de mais. „

Emfim, depois de resenhar outros muitos bolinholos, apontou para hum pão de aveia (raia) o maior, que alli vio, dizendo comsigo: — " Ora quero provar deste bolo... a cara he tentadora! „ e logo em voz alta, fallando com a mulher: " por emquanto quero primeiro levar isto a hum cães, que deixei lá fora atrelados. A quanto devo?

— Tambem he muito bom para torrar (responde a mulher, que está ao balcão) custa quatro sous. „

Bouchenot paga, e sahe apressadamente com o seu pão de raia, que logo parte em duas metades; não para alli o comer... oh! com bem vontade o fizera, mas resigna-se a faze-lo onde esteja inteiramen-

te exulado; porem assim mais facilmente pode acommodar cada parte nos bolsos da casaca.

—"Agora consultemos: vou ao Palais-Royal, ou aos Campos Elysios comer o pãosinho!„ diz comsigo, achando-se de novo na praça da Bolsa.

—"O melhor (continúa elle) he ir comendo ja, em quanto passeio em de redor d'este monumento... *elevado ao commercio, onde tantas* pessoas vão arruinar se, e arruinar os outros... Hoje todo eu sou pensamentos grandes... he porque o almoço não me embota as ideias... Quem me vir aqui pensará que sou algum especulador... agiota... Se eu fosse, *para maior imposição, dar* o meu lanço n'algum leilão... nada arriscava... mas provavelmente não me entregarião o, que rematasse... Nada, nunca mais jogarei na Bolsa... he cousa, que mancha os homens de bem... he immoral! agora tractemos tão sómente de onde he que devo ir jantar gratis.„

Assim entretido a pensar, ou fallar comsigo, não se descuidára, e ja tinha dado conta de metade do pão, quando vio que, poucos passos distante, havia huma loja de salsixeiro.

—" Ora eu sempre sou bem creançola (diz) em estar comendo pão, sem conducto, isto, quando ainda tenho na algibeira quatro sous... agora para que heide eu estar aferrolhando o, que resta da peça de cinco francos?.. pois então vamos a gasta-los.,,

E logo, entrando na loja do salsixeiro, grita, como se fôra comprar huma perna de porco:—" Deem me ahi... sim, basta-me quatro sous de presunto... mas que seja do melhor! ,,

Em quanto o servem, o mancebo dirige se a outra rapariga da loja: —" Mademoiselle (diz-lhe) podereis fazer-me o favor d'hum copo de agua?.. acabo de beber absintho, e tenho a guella escaldada... hum tal calor no estomago...

— De boa vontade, meu senhor. „

E a rapariga lhe vae buscar agua, a qual elle bebe, achando-lhe hum gosto tão delicioso, nem que fôra vinho de Champanha; depois, pegando no presunto, que lhe havião embrulhado n'hum papel, deu os quatro sous, que tinha de resto, e ja se dispunha a acabar o almoço na loja do salxixeiro, quando vio passar pela rua huma rapariga, cuja cára, bastantemente cheia de carne, côres avermelhadas, hum modo lesto, e certas saliencias bem demonstradas, singularmente lhe tocárão a vista.

De repente, guardando o presunto n'huma das algibeiras da casaca, e o resto do pão na outra, Bouchenot sahe da loja, e corre apóz a rapariga, da qual se julga inteiramente rendido.

CAPITULO III.

Huma rapariga, e hum cão grande.

A deidade, cujos encantos obrigárão o esfaimado estudante a differir o almoço para hum momento depois, hera, como ja o leitor sabe, huma rapariga; trajava hum vestido de chita, não ostentosa, mas de côr escura, e affogado de modo, que fechava hermeticamente, o que n'hum baile, theatro, ou outro qualquer espectaculo certas senhoras procurão fazer bem patente, para que os homens lhe não ignorem a existencia d'aquellas preciosidades: e humas por demais, outras por demenos, mostrão bem quanto tudo, que he excesso, degenera em deffeito. Hum aventalsinho de riscado encarnado e preto,

hum lenço de seda, enrolado ao pescoço, e huma touca sem folhos, rendas, nem flores, hera o adorno, que servia de supplemento áquella, cuja vista fôra bastante para perturbar a oração de Bouchenot; porem elle certamente pensava que huma *rapariga gentil e bem feita* (esta hera talvez gorda de mais) he preferivel, ainda que de vestido de caita, á mulher feia e desastrada, trajando esmeradamente, e coberta de diamantes: a maioria, quanto a nós, será da mesma opinião.

A rapariga não ia só, mas acompanhada por hum corpolento cão de pello, rabo, e orelhas compridas, dessa casta mestiça, que toma logar entre a nomenclatura canina, acima dos cães d'agua e abaixo dos rafeiros, e que os amadores levão á caça, para nada fazerem mais, doque enlamear-se.

Bouchenot em breve a alcança; e vae por algum tempo quasi a par, dizendo comsigo:

—" Que talhe encantador!... ma-

cas bem deitadas para fora... e eu gósto d'hum corpo assim, pois logo se vê que he de lavar e durar. O pé polpudo, e arqueando-se com graça... a perna... oh! a perna dá seus geitos de madeiros cheios, porem gósto dellas assim. Não me fallem em pés de cabra, nem tão pouco em pernas d'arame, ou que, pelo menos, pareção baquetas... he sempre incerto que na raiz sejão melhores. Pelo scenario e vestuario... modo d'andar... deve ser costureira, plumaceira, ou destas, que fazem franjas... emfim, seja o que for, tem o colorido d'huma *peonia*, e bem se vê ter carnes tão compactas, como huma bolota. O *canzarrão*, que traz comsigo, ja se vê pertencer-lhe, pois o chama, e volta-se, para observar se a acompanha. Será o animalejo magnifico pretexto para a *pauteação*... nada, a conquista não se deve perder, porque faz honra: huma destas faz *cahir* a *caixa* a todas as madamas Dubillons, muito mais, quando éstas se-

nhoras se lembrão de ir para Pontoise, e não pode hum homem, como eu, ir almoçar, ou jantar em sua companhia.„

Bonchenot chega-se mais, e diz em vóz alta: —" Soberbo cão! bello bicho!... preciosa estampa!... bem poucos tenho visto assim!„ porem a rapariga não volta a cabeça, e continúa a andar, sempre escolhendo as pedras. O cão mostra se mais sensivel aos cumprimentos, que lhe dirigem, pois se chega a Bouchenot, ladeando, farejando e mexendo com o penacho: o mancebo recebe as festas, e lh'as retribue, tendo o cuidado em não diminuir de passo, para ir sempre ao lado de quem o enfeitiça.

—" Que rosto tão encantador!... que faces... são duas rosas do Japão... que bem feita!..„ murmura de novo Bouchenot: mas, trabalho baldado, pois o cumprimento fica sem resposta, como se nem fôra envido.

—" Querem vêr que a moça jul-

ga estar eu ainda fallando do seu cão!? (diz elle para si) Se acaso não conquisto a rapariga, pelo menos o cão ja está muito meu amigo; tudo he dar-me cabeçadas nas pernas, e arruma cada encontrão capaz de me fazer cahir!...

— Venha aqui, Bigode!.., venha aqui!,, diz ella voltando-se e apercebendo-se de que o cão não vae ao pé de si.

Bigode obedece por hum instante á vóz da sua domna, porem logo volta a dar cabeçadas, e a chegar-se por Bouchenet.

— "Senhor Bigode, pareceis-me hum animal bem amigo de ligar amisades (diz o mancebo) muito agradeço a, que me testimunhaes.... porem deveis, primeiro que tudo, obedecer a vossa domna... Ah! quem tivera huma assim!.. eu, nesse caso, hera hum caxorrinho, que andaria sempre agarrado a ella!,,

A rapariga nem pestaneja, somente repete: — "Venha aqui Bigode! ora atreva a safar-se!...

— Ah! nós não queremos ír... não queremos responder...„ diz comsigo Bouchenot: "ou ella he d' estas que ja não se vão pelas *lérias dos terriveis*, ou então alguma ainda atoleimada, a quem mettêrão na cabeça que *fuja á pauteação dos rapazes de Pariz*: mais me inclino pela segunda parte.... Vamos; he preciso atirar-lhe com todo o chumbo.

—Tomae cuidado, mademoiselle... olhae que perdeis alguma cousa!„ exclama Bouchenot, precipitando se sobre os passos da rapariga, a qual, voltando-se com hum modo tocado, pára e balbucía:

— Valha-me Deos! então o que perco eu?

— Estaes proxima a perdê-la.... não tarda a cahir...

— Mas o que he?.. o que me vae cahir?

— Naturalmente huma das ligas, se não está bem atada... em Pariz perdem-se n'hum abrir e fechar d' olhos.„

A rapariga tem a bonhomia de ir com as mãos palpar os joelhos, para assegurar-se de que não tem a liga em perigo de cahir; mas logo vendo que Bouchenot está a rir, fazendo se *muito vermelha*, e com os olhos *incendidos*, *lhe diz:*

— He preciso que seja muito tola para cahir nesta! foi para escarnecer de mim que tal me dissestes?

— Ai não! foi tão *somente* para saber se atáveis as meias por baixo ou por acima do joelho: agora ja estou certo de que he por cima e fico satisfeito, pois assim não martyrisaes as barrigas das pernas.

— Bem me tinhão a mim *dito* que em Paciz, os homens procuravão a todo o instante dizer tolices ás raparigas.... eu até nem deveria ter-vos respondido.

— Chamaes tolices!... por eu dizer que tendes huma perna bonita... não a vi mas julgo do todo pelo tornozelo... Que olhos!... que dentes!.. que todo!.. ah!... Valha

me Deos!... se eu fosse tão feliz que tivesse por amante hum objecto tão encantador... eu sei?... não a sustentava se não de manjar branco, aves e biscoutos!

— Ora meu senhor basta de férias... fazei favor de não me insultar... tomae cuidado!

— O que, mademoiselle, tomaes por insulto o querer-vos eu sustentar a manjar branco e aves?!... ou por vos dizer que sois adoravel?... nada d'isto deve offender-vos.

— Tudo isso... tudo isso são tolices *tolas*, e nada ganhaes com ellas; e, se continuardes na perseguição, tenho o meu cão... meu padrinho foi quem m'o deu, e he capaz de me deffender... nem sempre he tão manço.

— Creio que elle tem melhor coração, doque vós... Ora reparae como elle me prefere... este cão adivinha o muito amor, que vos tenho, e por isso me dá tantas provas de estima...

— Aqui, Bigode!... venha aqui já!...

— Não tem duvida que he muito obediente! segundo parece, não ha muito tempo que vosso padrinho vos presenteou com elle.

— Isso tambem não he da vossa conta...

— Ai! como sois arrenegada!... Quem pensará que esse todo... esse composto de tanto merecimento... huma figura de nympha acouta huma alma de pedreneira!... A menina he costureira?

— Não, meu senhor, não sou costureira.

— Nesta minha supposição nada ha, que possa offender-vos: a costureira he huns poucos de gráos acima da grisette; fica entre a modista: tomae cuidado, que a rua está escorregadia.... e.... porem o melhor he dardes-me o braço.

— Dispenso, meu senhor... não precisamos cá de braços alheios: se os quizer, lá os tenho na minha casa!... e torno a repetir-vos que

me deixeis ir meu caminho... segui lá o vosso.

— Mademoiselle, eu creio que não vos pégo nos pés... creio que daes as passadas á vontade!?...

— Porem vindes seguindo mé... e sempre *zum... zum, zum...* isso aborrece me: muito me recommendárão que a ninguem fallasse na rua.

— E que mal temeis vos succeda, trazendo por guarda hum cão tão feroz, e que parece querer metter-se-me na algibeira?

— Aqui, Bigode!... aqui!... aqui ja!

— O cão parece extrangeiro, e que não entende francez; pareceu-lhe que o mandaveis a mim com algum recado: vosso padrinho não vo-lo mandou pequenino.„

A rapariga franze os beiços com hum modo zangado, e faz quanto póde para conservar ao pé de si o animal; porem Bigode, depois de a acompanhar alguns passos, volta para o lado de Bouchenot. O man-

cebo, que não se dá por vencido, não obstante o ar colerico, com que são accolhidas as suas galanterias, continúa a caminhar na mesma linha, lançando á rapariga certas olhadellas, as quaes ella retribue com o, que se costuma dizer cára de réo.

—"Aposto que ja sei quem sois? (replica o estudante, passado hum instante) por esse modo nobre de andar... por essas maneiras graciosas... eu logo o devia ter adivinhado: sois serzideira, ou vendeis palitos phosphoricos...,,

Ella de novo franzio os beiços, e dobrou o passo.

—"Ou fazeis espartilhos... tambem poderá ser que tireis nodoas a chailes, e... porem, seja qual for o estado, que exerçaes, o caso he que sois encantadora: quanto me contemplaria ditoso, se me permitisseis cultivar o conhecimento, que principiamos agora!

A rapariga dá a andar ainda mais depressa, e Bouchenot quasi que

se vê obrigado a correr, para não ficar em atrazo: assim mesmo, elle não se desanima, e continúa:

—"A menina vae muito apressada!... Ora veja se escorrega... sentiria que alguma cousa lhe acontecesse... Bem quizera ter o gosto de offerecer... sim, alguma cousa... huma philipina... huma limonada... as casas de bebidas não se estabelecerão para os mouros, que estão lá na Turquia... por mui feliz me contaria, se por acaso não tivesseis *ainda almoçado*... pode succeder ter sahido cedo... huma costelleta.... humas ostras... não he cousa, que deva recusar-se.

— Ora, meu senhor, parece-me que ja basta de perseguição... se continuaes, ver-me-hei obrigada a *assomar-vos* o cão.

— Ah! ah!... minha bella morenasinha.... então zangamos nos?... fazei o que vos parecer, que nada me indisporá: porem desde ja vos

previno de que o cão do vosso padrinho não me causa medo... Aqui! feróz Bigode... em? ja vedes que somos amigos, e que elle não me larga.„

Dizendo isto, foi com a mão á algibeira, onde ja encontrou o pedaço de presunto fóra do papel; e, comprehendendo então o motivo da rápida amisade do senhor Bigode, e o partido, que poderia tirar desta circumstancia, deu huma grande risada, continuando: — " Bem vedes que he sem o chamar, que o vosso cão vem agarrar-se-me ás pernas; porem, huma vez que tamanha amisade do brutinho para comigo vos désagrada, assim como eu ter vindo a fallar-vos, vou caminhar pelo outro lado: não quero, apesar da minha civilidade e educação, incorrer no desagrado das madamas: tenho a honra de vos cumprimentar, mádemoiselle.

— Ora ainda quiz Deos!...„ murmura a raparíga, encaminhando-se para o lado de Santa-Justa-

che; em quanto Bouchenot retrograda para o Palais Royal, bem certo de que o cão não o largará.

Com effeito, Bigode continúa sempre atraz do seu amigo do presunto, em cuja algibeira, de quando em quando, mette o focinho. A rapariga, tendo dado alguns passos, e dando pela falta do cão, volta-se, e vê que segue o mancebo; chama ó, porem Bigode não está disposto a deixar quem leva na algibeira a sua tentação, o que a obriga a correr sobre Bouchenot, gritando:

—" Venha aqui, Bigode!... venha aqui, maldicto! Ora não está má a teima do animal!... O' senhor, enxotae m'o para cá!,,

Bouchenot pára, e volta se, dizendo: — " Que pretendeis, mademoiselle?.. creio que me chamastes, e aqui me tendes para o que mandardes... apesar que esse modo zangado... mas assim mesmo não estaes somenos que hum ramalhete de violetas. Vamos, estaes resolvi-

da a acceitar o almoço, que vos propuz?

—Ora, senhor, não he a vós, que eu chamo, porem o meu cão, o qual me levaes para assim eu me consumir.

—Eu! pois eu levo-o agarrado?!.. mademoiselle, certamente julgaes que eu sou algum... os meus meios de seducção nunca forão empregados em cães... Vêde, faço quanto posso para o arredar... Vá-se embora, Bigode... vá com a sua linda e encantadora domna... ande, caxorro, vá com ella, que he tão boa!...,,

Bigode olha para hum e outra com hum ar indeciso; prefere a domna, acompanhando a a alguns passos, mas logo volta para vir farejar a algibeira, que o tenta: Bouchenot, sentindo que o cão o acompanha, dá a andar sem voltar-se.

Passados alguns minutos, novamente a vóz da rapariga se faz ouvir.

—"Parae, senhor! parae!... e

èsta!... não me leva o cão!?...„

Bouchenot de novo pára, e, olhando-a risonho, diz-lhe: —" O, que eu percebo, he que vós quereis seguir-me; e então podeis ficar certa de que não imitarei o máo exemplo de vos zangardes: pelo contrario, fico bem ufano e satisfeito em vêr me acompanhado d'huma carinha tão bonita... ai! que de invejas irão por ahi!

— Não he para seguir-vos, mas obrigada desse diabo de animal... Se não fôra ter sido meu padrinho quem m'o deu, muito me recommendando que o estimasse, ja o deixava ir *lá para onde elle quizesse*... pouco me importava perdelo!...

— He verdade que o senhor Bigode quasi vos desconhece... e dizem que o cão he o emblema da fidelidade... aqui se vê ser isso huma impostura... Entre os homens, entre nos he que se encontrão esses modelos de constancia... ora experimentae, mademoiselle; isto he,

se ainda não experimentastes....

— Eu não quero experiencias.... quèro ir aonde tenho de ir.

— Pois bem, dae-me licença para acompanhar-vos, e vereis como Bigode não vos larga mais.

— *Isso* não!... isso não: eu queria agora *rabos-levas!*... Ora que bonito seria encontrarem-me com hum homem!

— Pois, minha riquinha, os homens forão feitos para acompanharem as mulheres.. pelo que vejo, não daes licença para a mistura-da?... Ah! mademoiselle, vós nunca lestes o tractado do amor conjugal!

— Ora por huma vez, senhor, acabemos com essas *grunhidices!*... venha para cá o meu cão... ja... quando não, zango me.... Não ha maior toleima, doque estar obrigando-me a andar para traz, e para deante..

— Oh! máo!.. se vamos a soltar dessas palavras, ja a cousa não vae boa!... Toleima!... Ora, mademoi-

selle, sempre que atirastes com hu-ma bem dura!... na verdade pozes-tes me a cára a huma banda!... quasi, quasi me vae parecendo que vendeis graxa.

— Eu não posso estar a perder tempo, andando atraz de vós... em casa ralhão-me... e, se perco o Bigode, então ainda muito peior sera... Hi!.. hi!.. quero o meu cão!.. hi!.. hi!...

— Ahi temos o costumado desfeixo de todas. Minha querida menina, bem vêdes que eu não emprégo feitiços para elle me acompanhar.

— Porem esse cheiro, a que *trezandes*, de espirito, de pommada, ou de não sei que... talvez seja por isso, que elle não se desagarra de vós.

— He verdade, mademoiselle, que eu trago comigo huma caixinha de pastilhas cheirosas, que num furco, meu amigo, me mandou em linha recta de Constantinopla aqui, porem duvido que o espi-

rituoso dellas atraiha o vosso cão... muito mais porque não julgo seja Bigode hum cão mouro. Eu tambem ja estou aborrecido de tantos *itens*, e por isso, se quereis, vou espanca-lo... dar lhe hum pontapé de modo, que vá a chiar, com o penacho derreado, e talvez que este remedio surta bom effeito.

— Não, não... lá batter-lhe, isso não... Agora me lembro ter na algibeira huma cordinha, vou atar-lh'a ao pescoço, e assim não tem elle mais remedio se não ir comigo: ha mais tempo o devia ter feito.

— Levae-o assim, que até ides no grande tom: hoje muitas senhoras andão acompanhadas do fraldiqueiro por esse modo; mas tomae cuidado, não o affogueis: vosso padrinho não havia gostar, sabendo que o cão morrêra enforcado. Mas com esse todo... esses olhos de matar... esse peito de empurrar a gente... essa perna, que annuncía hum pernão.. com tantos encantos ser tão

esquivona... A menina certamente tem algum namorado, e por isso receia communicar-se... em! agora acertei.„

Ella nenhuma resposta lhe dá; vae atando ao pescoço de Bigode hum cordão de algodão, e logo depois o arrastra comsigo: talvez que o bom do cão não *goste muito d'aquelle march march*, porem a domna, satisfeita de conseguir o seu fim, continua correndo, para assim o apartar d'aquelle, por quem demonstrára tamanha predilecção.

Bouchenot ainda com os olhos a seguio por algum tempo, até que, perdendo-a de vista, diz comsigo: — "Continuarei atraz della?... que he boa moça não tem duvida, mas parece-me hum tanto atoleimada. Deixemo-la, quando não, entrava outra vez na *lagrimijação*. He o que falta por ésta cidade... mulheres ha a cada canto, e nem todas são tão feroces. No entanto eu ia mettendo-me n'huma dos diabos!.. ora vejão, se ella fôra dessas de ac-

ceitar o almoço, como demonio havia eu de arranjar a vidinha?!... Mas tambem apertei tanto, porque logo conheci não perigava o meu melindre financeiro. Agora procuremos hum passeio solitario para acabar o meu almoço, e depois revistaremos na ideia o local adequado, aonde heide jr jantar, objecto, sem comparação, de muito maior interesse, que andar a correr atraz della.

Bouchenot torna a caminhar, mas ainda bem não teria andado huns trezentos passos, que sente grande encatrão nas pernas; olha... he o homem do Bigode, que, tendo sem duvida quebrado o cordão, a que ia prezo, vera, correndo, novamente situar se de guarda á algibeira, em que sentia o presunto.

CAPITULO IV.

Os palitos, e as correntes de segurança para relogios.

—"Ora com effeito! impossivel será que haja hum animal mais feimoso! „ diz Bouchenot, gaguejando: "quanto a mim, muita força fez pelo cordão, que tambem fraco hera, até quebra-lo... e tudo porque? pela maldicta guloseima do presunto! Em? gostas de presunto, Bigode?.. Tambem me fazes julgar que tua dona não te dá muito de comer, pois que por cousa tão pouca fazes taes vilezas. Mas, huma vez que o cão tornou a procurar me, tambem a rapariga não deve estar muito longe... Porem não a vejo... e emfim, coitadinha, não quero ficar-lhe com o seu cão... façamos por en-

contra-la. Ah! Bigode, se eu tomo conhecimento com ella .. se... se... &c. e tal... certamente he a ti que deverei tão boa fortuna.„

Bouchenot torna para traz, porem não encontra a domna do cão; toma pela rua, por onde a vio esconder se, dobra o passo, olha para todos os lados, e dirige se ao cão, dizendo lhe: —" Onde está a tua domna?„

Como resposta, o senhor Bigode levanta as mãos, e, pousando lh'as na cintura, mette o focinho na algibeira.

Passada meia hora de pesquisas inuteis, Bouchenot diz comsigo: —" Não tenho de que accusar-me... fiz quanto poude para ver se a encontrava... queria entregar-lhe o seu Bigode, pois certamente grande pena terá em ficar sem elle. Chama-se a isto huma adopção á *forciòre*: animal inconstante, desde agora ficas me pertencendo, até encontrares huma algibeira melhor fornecida... Se tu pertencesses a algum

rico, apaixonado de cães, ja eu a-manhã tinha o gosto de ler em todos os papeis publicos hum annuncio, promettendo grandes alviçaras a quem te fosse entregar... eis ahi mesmo hum genero d'industria, em que até agora não pensei; mas duvido muito que tua domna te faça procurar por annuncios, não obstante seres dádiva de seu padrinho: ora, tambem se eu chego a encontrar a linda afilhada, sou bastante civilisado para não te entregar *gratis*. No entanto não quero percas o trabalho, que tens tido em seguir-me, e vou partilhar comtigo ésta goluseima, que te seduzio... Ora, ainda que a isca desappareça d'algibeira, estou certo de que se conservará por muito tempo o cheiro, para me fazer duravel a tua companhia, e não fugires de mim, como fez a tua domna.,,

O mancebo interna se n'huma rua, coberta de arvoredo, e ahi tira da algibeira o pedaço de presunto, ja bem machucado pelas focinhadas

e encontrões do curioso Bigode, repartindo com elle algumas lasquinhas, bem como alguns pedaços de pão, que para logo desapparecem com incrivel rapidez. Da sua parte, he aqui, neste logar mais ermo, que Bouchenot finalisa o seu almoço, fingindo ter ahi parado como passeiando: acabado o almoço, torna a caminhar, seguido do seu novo companheiro, ao qual diz:

—" Vamos, Bigode, vinde á *latère* do vosso novo amo, como correio de secretaria... e, se fizerdes algum movimento, que eu reconheça ser para abalar e deixar me, olhae que tenho na outra algibeira, onde não mettestes o focinho, os dous pedaços da bengala, dos quaes bem saberei servir-me para corrigir-vos; pois de todo não perdi a esperança de vos entregar a quem de direito pertenceis. Ora... que lembrança! as cousas deste mundo quasi todas caminhão por sendas inesperadas... quem sabe se este cão he encarregado pelo meu amigo destino para

me conduzir á ventura... para gosar d'huma sorte feliz... e até mesmo a huma situação honrosa! Tudo he como hum ricochete na vida: quantos acontecimentos ponderosos tem tido principios tão futeis, do que a teima deste cão! Ah! Bigode, Bigode... se a ti algum dia fôr mister d'huma posição feliz, podes ficar certo, meu amigo, de que nunca serás esquecido.

— O senhor quer palitos? ora comprae-me este maço, que vo-lo dou baratinho.

Hera huma rapariguinha, que caminhava ao lado de Bouchenot, e levava toda a sua mercancia n'hum cabaz: elle repellio-a, dizendo:

— Não tenho precisão de palitos, pequena, e em mim seria luxo.

— Ora estreae-me, senhor... hum sou cada maço...

— Ainda mesmo que fôra por hum centimo não te estreava: e tira te para longe de mim, pois a minha companhia he perigosa.

— Ai! pelo contrario, senhor.... estreae-me, que espero ter bom dia de venda.

— Ja t'o disse, não quero... não compro, deixa-me.„ E Bouchenot repellia sempre o cabaz, que a pequena teimava em apresentar lhe. Bigode, testimunha desta manobra, suppondo que talvez no cabaz dos palitos houvesse cousa, com que festejasse os dentes, atira-se a elle, os palitos espalhão-se, e, emquanto a pequena tracta de os apanhar, o cão agarra no cabaz, e parte correndo com elle nos dentes.

Bouchenot não póde deixar de rir, vendo o cão a correr, levando o cabaz; ajuda a pequena a apanhar os palitos, e diz-lhe:

— " Vês que não he bom estar a teimar com a gente... incitaste-me o cão, e elle ahi vae.... bem se conhece que não gosta de palitos.

— Mas... chamae-o para me dár o cabaz.

— Aquelle cão he hum animal

teimoso, como o diabo; ainda que o chame he capaz de não voltar a traz. Bigode!.. Bigode!.. Vês como elle não faz caso .. Ora deixa estar; o teu cabazinho poderia valer por ahi dous sous.... quando eu tornar a passar por aqui... olha, logo mesmo, dar-te-hei trinta: agora não tenho dinheiro trocado.„

Assim consolando a rapariga, na falta do prompto dinheiro, vae seguindo o seu caminho, bem persuadido de que desta vez ficou livre do cão; porem enganou-se em tal ideia, pois, ao virar d'huma esquina, sentio huma cabeçada do amigo Bigode, que ja marchava a par, sempre com a cesta entre os dentes.

Eis hum animal bem exquisito!.. (diz Bouchenot). Hes o furta cabazes: certamente o padrinho da tua domna deu-te na creação bem máos exemplos... o diabo do cão fará que me julguem hum desses cegos, que trazem o canito com a cesta para receber a caridade dos fieis: não

importa, Bigode, trata de arranjar a tua vida, que eu te prometo mandar tirar-te em vulto como se fez ao cão de Montargis. Oh! eis-me defronte da casa de mr. Lombard, o bom do procurador, que me ajudou a vender o, que me deixou meu pae. O caxorro está bem, e por muitas vezes, quando o encontro, sempre me diz que vá jantar com elle... mas tambem, sempre que o procuro nunca o encontro... Não, agora certamente que o apanho, pois vejo que entra para casa.„

Bouchenot apressa-se a ir ter com o homem, que vira, e que parece ter huns cincenta annos, com huma figura ordinaria, resto comprido e escarnado; nariz de papagaio, e huns olhinhos, que ainda mesmo por detraz dos oculos fixos, parecem de vidro.

—„Ora bons dias, papá Lombard, então como vae essa saude?„ diz Bouchenot, batendo lhe no hombro: o sugeito olha-o com hum modo equivoco, e depois fazendo sem-

blante de gostar do encontro, responde:

—„Olhem quem aqui vem.... o amigo Bouchenot!.. Quanto estimo vêr-vos... como vae isso, meu amigo? Ainda ésta manhã pensei em vós, e disse comigo: — Que será feito deste Bouchenot?... ja bem tempo ha que não apparece.... —

—Póra, que parece burla! Tenho aqui vindo vezes sem conto, senhor Lombard, e sempre me dizem que não estaes em casa!

— He isso: ando sempre por fóra... sempre tenho dependencias a tractar... E vós?

— Eu? eu desgraçadamente nada tenho que fazer... Bem podieis vós ter-me empregado n'alguma cousa... até mesmo, se vos recordardes, vereis que estaes em falta para comigo a esse respeito, pois me prometestes que diligenciarieis...

— De certo, de certo... hei de diligenciar arrumar-vos... tenho nisso muito gosto... depois, faço o com segurança, pois sei a pessoa, por quem

me empenho... tendes talento... actividade, e...

— Oh! em actividade ninguem me desbanca!.. bem deveis recordar-vos do pouco tempo, em que dei conta de tudo, quanto meu pae me deixou.

— Ora.... estudastes o direito..., deveis saber advogar... oh! ainda não entrastes no cathalogo dos letrados?

— E que importa isso, senhor Lombard? ha por ahi tantos, que não advogão...

— Não tendes ainda hum nome conhecido, e d'ahi provem a desgraça.

— Qual! talvez que sendo conhecido ainda fôra mais desgraçado.

— Meu amigo, lá sabeis as linhas, com que vos cozeis... Contae comigo, vou fazer toda a força de véla para vos empregar.... mas apparecei.... apparecei... vinde hum dia d'estes jantar comigo. Até mais ver, meu caro Bouchenot... adeos.

— Mas, olhae cá, papá Lombard, acode Bouchenot, pendurando-se ao braço do bom homem, que parece desejoso de entrar para sua casa: "hoje faz me conta... sim para que havemos de differir isso para outro dia?... alem de que, eu vinha de proposito para ter o gosto de jantar na *vossa companhia*: escusaes de fazer ceremonias comigo; ou emfim será como quizerdes: eu com tudo me acommodo.,,

O sugeito não responde; bem mostra desejar tirar-se daquelle aperto, em quanto o nariz parece ainda mais recurvar-se, e quasi entrar-lhe pela bocca; mas, de repente, reparando em Bigode, exclama:

— "*Ora eis ahi hum cão formidavel!...* e está engraçado com a cesta nos dentes... pertence-vos?

— Sim.... meu, por em quanto me foi confiado... Porem como vos ia dizendo, papá Lombard... a respeito do jantar, eu...

— Mas porque diabo traz elle esse cabaz?..

— Foi huma subtileza de sua invenção; porque, alli como o vedes, he hum cão de muito juizo... Quereis vós comprar-m'o?

— Eu!.. nem gósto de similhantes animaes!..

— Então está o arranjinho tractado, papá Lombard: janto comvosco...

— Sim, meu amigo, com a melhor vontade: hum destes dias; d'aqui a quatro, ou cinco...

— Peior! hum destes dias não!.. hoje... hoje... pois vim decidido a isso.

— Hoje, meu amigo? oh!... desculpae-me!.. Agora reconheço que não vos tinha percebido: hoje não posso ter esse gosto.... he inteiramente impossivel, pois vou jantar fóra...

— Como ides jantar fóra, se vindes para casa?

— Venho... venho, mas he vestir-me d'outro modo... e hei de faze-lo

depressa, pois não quero que esperem por mim... Até mais ver, meu caro Bouchenot... até d'aqui.... d' aqui a quatro ou cinco dias... ,,

O senhor Lombard entra finalmente para sua casa, tendo na despedida saccudido fortemente a mão de Bouchenot, o qual tambem d' aqui se aparta, dizendo comsigo:

— "Ainda mais homa esperança illudida... Ah! caxorro.. velho avarento e mesquinho! e saccodindo-me a mão, como se fosse a hum pereiro, como prova d'estima, quando nenhuma tem por mim! Patifão!.. tanto concorreste para a minha ruina, comprando me, como a hum enfarcado, o, que meu pae me deixou, e presentemente, sanguexuga maldita, que ja não sentes sangue para me chuxar, recusas me hum jantar! aquelles convites... aquelles entre quatro e cinco dias herão para se ver livre de mim. Ah! como são os homens!.. feliz de quem os conhece, sem delles depender!.. eis porque eu opino serem as mulheres

alguma cousa melhores, pois ao menos se hum homem gasta com ellas o, que tem, achou nisso gosto. Anda, Bigode... acompanha-me.... deixemos esse egoista.... bastante pena tenho de que não lhe tirasses alguma cousa... ao menos hum boccado de carne a cada barriga de perna .. mas até isso creio que elle não tem; dirijamos os nossos passos para huma casa mais hospitaleira, se com effeito tal existe para receber aquelles, que não levão hum sou na algibeira!... pois, em geral, he sempre a pessoas, sem precisão, a quem se offerece alguma cousa! Estou certo de que, se eu trouxesse os bolsos atacados de Napoleões, e dinheiro em ouro, achava a cada canto huma casa, que francamente me offereceria de jantar!... Mas, valha-me Deos! como engendro tão bellos pensamentos!... como a adversidade faz marchar o espirito em progresso! Nada, eu deveria atirar-me a escrever *maximas*. „

Bouchenot torna a caminhar, po-

rem não de passo tão ligeiro, nem com as maneiras tão airosas e cheias da vivacidade, com qne sahio de ao pé dos seus dous amigos: com effeito ha rasão para isso. O dia leva duas partes concluidas da sua carreira, e não tem sido feliz para o mancebo, que pela manhã via tudo em côres brilhantes, quando tinha ainda cinco francos na algibeira, e as mais bellas esperanças em perspectiva; depois tambem o apetite de novo se fazia sentir... o estomago talvez não tinha então ja lembrança do pão e da amostra do presunto: e tambem a digestão faz-se rapida, quando se anda, como Bouchenot desde pela manhã. Haja embora hum caracter folgasão, hum espirito philosopho, os golpes da sorte sempre incitão o humor; as injustiças, com que esmagão o coração; e a vista d'huma alluvião de pessoas indifferentes aos nossos males, ou prestes a recusar-nos qualquer serviço, não he certamente propria para adoçar nos a pena. Em geral

a solidão, o campo, eis o mais conveniente nesses momentos, em que a sorte parece regosijar-se em nos aterrar; e então não deixa de ter seu valor, poder qualquer, que está nesse caso, carregar a sobrancelha e tornar-se carrancudo em liberdade, sem a apoquentação dos importunos, incapazes de fazer alguma cousa em seu favor, virem perguntar-lhe: — "Que tendes?.. que vos succedeu? que vos penalisa? —

— "Vamos... affugentemos éstas ideias tristes, que pretendem assaltar me! (diz Bouchenot, passados alguns instantes). Eu não tenho hum sou!.. Ora!.. grande admiração!... não he ésta a primeira vez que em tal posição me encontro... della me tirarei, ou não... que me importão futuros? o essencial he achar onde jante. Madama Dubillon, a celeste Elvina, e esse velhaco do velho Lombard tudo me falhou; mas ainda resta a familia Monflacon. O' respeitavel e patriarchal familia Monflacon... agora he tão somente em

vós que se firmão as minhas ultimas esperanças..., bravos moradores do Marais, muito vos venero e respeito: concedo que não estaes costumados a comer perúas recheiadas, pratos de cocumelos, frangãos, podins, pasteis, massas, tortas, &c. porem a vossa panella quotidiana, ou ainda mesmo as vossas lentilhas, saber-me-hão bem, sendo ainda cem vezes mais seductoras. He verdade que os Monflacons são excessivamente tolos, he, por assim dizer, huma familia de matutos: o domno da casa he hum maricas, sempre debaixo dos cabeções da mulher; ésta nada faz, nada determina, que não tenha por motivo agradar ao filhinho... e então que *mostranguinho* he elle, meu Deos!... ainda agora terá seis annos, e ja he cabeçudo e teimoso como hum jumento, feio como hum demonio, e levadinho da pelle do sobredito: ja me escarrava nas calças, encostava-se-me á casaca, limpando as moncadas, que sempre trazia pen-

dentes, e por mais d'huma vez me festejou as canellas com os *páos* e *malhas* de ferro. Hoje porem a cousa muda de figura... O' terrivel dependencia, que tantos cachaços fazes dobrar!... hoje heide acha-lo bonito, amavel, vivo, engraçadissimo, e até jogarei com elle o chinquilho... tudo!... tudo, meu rico menino, para que vossos paes me convidem para jantar. Dirijamos-nos pois até á rua dos Francs Bourgeois; he hum tanto lonje... porem tenho boas pernas... Em rigor, tambem poderia ir montado no senhor Bigode... mas em Pariz, que de qualquer cousa se faz espanto, se me vissem sobre o rocinante canino, todos os gaiatos me corrião á pedra: contentemos-nos de o levar por escudeiro.„

Bouchenot dobra o passo; a esperançosa perspectiva do jantar restituio áquelle todo, pouco antes, com rasão, desanimado, essa vivacidade, que tinha perdido. Caminhava contentissimo em haver-se

lembrado da familia Monflacon, em cuja casa tinha sempre sido mui bem recebido, e jantado não poucas vezes; porque, não tendo ainda dado cabo da loja, que seu pae lhe deixára, levava grandes papeliços de bolos ao morgadinho.

Ao passar pelos boulevards, que davão caminho para o Marais, Bouchenot vio se obrigado a parar ainda mais huma vez, por causa d'hum rapazinho, já taludo, e com seu casquete na cabeça, o qual lhe grita:

— " Meu senhor, *comprae-me* huma destas bonitas cadêas... nada mais proprio para segurar o relogio... Olhae como he bella... estes foscos... este lustroso do dourado... em? baratinha, baratinha: trez francos e déz sous!...

— Deixa-me continuar socegado meu caminho... não venhas cá apoquentar-me com as tuas cadêas!.. ,, exclama Bouchenot, empurrando o rapaz e mais a mercadoria, que lhe mette á cara. " Está visto que todos

os futriqueiros de Paris se ajustárão para hoje me perseguir!... ainda não estou esquecido da bella canna da india d'esta manhã!... ah! ella abrio a serie dos meus infortunios!

— Então o senhor não me compra ésta cadèasinha?... Olhae como he forte,.. não, huma destas não deixa levar o relogio por mãos gatunas!

— Eu não tenho relogio.... e por tanto não temo que m'o roubem.

— Pois serve para prenderdes a luneta.

— Vejo bem; não preciso disso, nem de oculos.

— Pois então para luxo... por cima do collete... he a moda actualmente...

— Sim, como tantos que por ahi andão com huma cadeia de papagaio, parecendo-lhes que assim melhor impõem de alguem que veio d' algures... Emfim, rapaz, deixa-me

por huma vez, quando não olha que incito o meu cão contra ti! ...

Porem o rapaz teimava sempre, certo de que muitas vezes com éstas importunações se consegue vender; Bouchenot ja ia lançar mão de meios mais expressivos para livrar-se do vendedor importuno, quando Bigode, que vagueava d'hum lado para outro, sempre circulando o seu novo domno, vem de repente n'huma guinada, larga a cesta, que até alli trouxera sempre nos dentes, e atira-se ao futriqueiro, dando-lhe huma grande cabeçada no mólho das cadêas de segurança.

Bouchenot dá huma grande risada, e o rapaz amedrontado parte a fugir, chamando nomes injuriosos ao cão, e a seu domno.

—" Bravo, Bigode! bravo, meu valente companheiro! (diz Bouchenot, novamente proseguindo o seu caminho) tens bellissimo geito para me livrar promptamente de importunos!... Agora te reconheço a habilidade!.. não soffres que me obs-

truão o caminho... Muito bem, cada vez mais me contentas: com hum cão assim nenhum mêdo teria de atravessar de dia e de noite a matta de Bondy!„

Bigode parece que entende os elogios, que lhe dirigem, pois mui contente vae correndo adeante, e logo vem com o focinho no ar e agitando a cauda pular lhe ao pé, para novamente correr na sua frente.

— "O que principalmente me dá gosto (diz o mancebo, olhando para o cão) he que, nesta nova refrega, largaste o cesto dos palitos: mui bem fizeste, Bigode, porque me parecias hum cão de cégo; e, ainda que esses animaes, assim adestrados, sejão mui estimaveis, acompanhando-me daquella forma, ficava isso muito mal ao meu caracter. Porem agora reparo.... he singular!... perdendo a cesta, apanhou outra cousa... o que quer que he muito lhe brilha em de reder do pescoço!...

Bigode.... aqui!... aquí depressa!„

O cão pára, e Bouchenot reconhece então que o valoroso mastin tem ao pescoço huma das cadêas de segurança, que o rapaz tinha na mão: no encontro, que déra contra o rapaz, certamente o cão mettêra a cabeça pelo meio d'huma das cadêas, que das outras se deslisára, em quanto, para fugir-lhe, o futriqueiro não tinha dado pela falta.

—"Ora eis ahi o que vale muito mais, doque o cabaz! (diz Bouchenot, rindo) pois tambem não correrei atraz delle para lhe restituir a corrente... Bigode lealmente a ganhou; e depois disso porque rasão o diabo do rapaz veio perseguir me, impedindo-me de ir ao meu destino?... a culpa he delle, pois bem o avisei. Vamos, Bigode: agora levas huma colleira soberba.... agora he que vaes decentissimo para te apresentares á familia Moufflacon.„

Bouchenot torna a caminhar, e o cão *trota* ao pé delle, com a bella cadêa de segurança.

CAPITULO V.

A familia Monflacon. — A companhia de Saltimbancos.

O SENHOR Monflacon tinha cincoenta annos; casára ja maduro com huma senhora ainda do primeiro estado, mas que ia ja perigando em ficar para tia. Deste concorcio hum só filho resultára, e foi ganda depois de passarem seis annos de negocio conjugal: ja então idade da esposa fazia tremer pelo seguimento da prole; mas foi então que veio á luz hum herdeiro. Em taes idades, julgados os filhos como o milagre de Sara, vem a ser olhado pelos paes com huma fraqueza desmedida, não sabendo como idolatrar a vergonlea, que a natureza

tardiamente lhes concedeu. Eis o pae e a mãi, como em adoração para este filho da esperança, o qual, bemdito Deos, hera feiosinho em demasia, porem elles o achavão lindissimo, como o filho de Venus. Ora, tudo isto he bem natural, ao mesmo tempo que desculpavel: aos olhos dos paes nenhum filho parece feio, nem disforme, pois o vêem mais com os do coração. Porem no pequenito, de que tractamos, não se dava somente a fealdade phisica; a moral ja se apresentava bem digna de correcção; e seus paes, mesmo porque lhe tinhão muito amor, por isso mesmo deverião tractar de o tornar melhor; mas ao contrario vião no senhor Estanisláo Monflacon germinar as qualidades que, em maior idade, tomando força e desenvolvimento, bem podião fazer d' elle hum ente criminoso... tudo lhe desculpavão, e até deduzião que, á vista de taes demonstrações, não deixaria de ser hum prodigio! Em tal supposição evidentemente se vê

que o amor paternal sahia dos limites.

Bouchenot chegou pois á rua dos Francs Bourgeois ja quasi proximo da noite; porem não obstante morar no Marais, a familia Monflacon jantava sempre mui tarde; porque o menino Estanisláo tinha por costume almoçar duas e trez vezes, alongando as, quanto lhe parecia, e ainda seguindo-se andar sempre comendo bolos, ou outra qualquer cousa, que a ideia lhe fantasiava, e cujo desejo hera immediatamente cumprido: seguia se pois chegar á hora regular do jantar, sem ter vontade de comer, e por essa causa tão attendivel, o pae e a mãi retardavão a hora da mesa até que o pequenito tivesse apetite.

Bouchenot subio a escada, seguido de Bigode, cuja colleira brilha e lança hum vislumbre, que faz mal aos olhos.

He o proprio Monflacon quem vem abrir a porta ao mancebo: ao vê-lo, exclama jubiloso:

— "E então! he o amigo Bouchenot!

— Eu mesmo, meu caro senhor Monflacon.

— Ha hum seculo que não nos vemos!

— Verdade he que tem decorrido bastante tempo.... mas em Pariz, bem sabeis que ha sempre tanto, em que a gente se entretenha.... Vamos, como' passa ésta senhora?

— Entrae, e podereis perguntar-lh'o.

— E o vosso estimavel *paquerrusinho*... vosso filho, em?

— Tambem o achareis com ella... entretendo-se... ides admirar-vos de quanto está crescido.... robusto.... está hum homem!"

Bouchenot entra n'huma sala pequena, onde a senhora Monflacon, ja perto de *cincoenta*, e que nos seus primeiros tempos nunca foi bonita, mas sempre com ar, e até natureza de tóla, estava sentada no canapé, levando a condescendencia

maternal ao ponto de continuamente apanhar do chão hum baralho de cartas, que o senhor seu filho se regosijava a espalhar, logo que a mamã as apanhava... O engraçado Estanisláo estava então de *gatinhas*, ainda com a bocca e faces bisuntadas de marmelada, roendo n'huma torrada, cujos restos se vião espalhados em de redor.

— "He o nosso amigo Bouchenot, que ha tanto tempo não apparece!...,, diz *Monflacon*, abrindo a porta da sala, em que está sua esposa.

Bouchenot cumprimenta a dona da casa com esse gesto agarrador, macanqueiro, humilde... em summa como quem quer jantar á costa alheia; depois, como versado na practica da adulação e do *turibulismo*, voltando-se para o pequeno Estanisláo, exclama:

— Pois he este o pequenito?!... Grande Deos, que linda creança!.. que engraçadissimo rapasinho!.. E então como elle está crescido!...

parece impossivel... hera assim.... ora vejão está hum rapagão... e então que força demonstra! He o que tenho visto!..

— Achaes que está crescido... robusto... forçoso?!.. „ diz a senhora Monflacon, deixando cahir o queixo, pois deste modo formava o surriso maternal, quando lhe gabavão o filhinho.

— Só poderia bem explicar-me... não sei a idade, que tem, mas, quem o vê, julga-lo-ha com déz annos...

— Pois ainda ha de fazer seis e meio d'aqui a trez mezes menos hum dia (diz Monflacon, empapoçando as faces). O que não soffre contradicção he que está hum rapaz alentado... He isto, meu caro Bouchenot: vós jantareis em nossa companhia.... espero que não recusareis fazer penitencia com a gente...

— Ora meu amigo, não.... não he preciso... vim somente ver-vos...

até pensando que a tal hora ja terieis jantado.

—Nós, quasi sempre, jantamos tarde, e hoje então, o meu Estanisláo andou por ahi a comer pão com marmelada, e por isso se demorou o jantar, esperando que elle tivesse digerido.

— Pois bem! jantarei comvosco... porem não admitto que por minha causa se façáo extraordinarios alem do costume... Porem não pode esquecer-me o vosso filho: he galantissimo!

— Olha lá, ó minha querida amiga, recommendá á creada que nos apresente para a sobremesa alguma guloseima... „

Fôra o novo cumprimento, que Bouchenot acaba de dirigir ao merecimento do pequeno, que fazia recommendor aquelle prato de mais á sobremesa; conhecendo a maneira que devia empregar para o jantar ser de mais aparato, Bouchenot ia desfazer-se em novos gabos ás perfeições do menino Estanisláo, quando

aquelle repentinamente se levanta, dando hum grande grito.

Hera Bigode, que, tendo-se demorado por alguns instantes na casa da entrada, agora chega á sala, correndo, e situando-se subitamente a deante de Bouchenot.

O pae e a mãi fizerão-se brancos, olhárão logo para o filhinho, procurando conhecer o motivo d'aquelle grito, cheio de susto; mas o pequeno apontou-lhe para o cão, resmungando:

—"Olha o cão!... olha o *cam zão!*...

—Tendes hum cão!, diz madama Mandacon, com hum gesto indeciso.

—"He vosso este animal?, pergunta ao mesmo tempo o papá, examinando o modo, com que o filhinho vê o mastim.

Porem antes que Bouchenot possa responder, ja o pequeno se havia chegado para Bigode, e, batendo-lhe com a mão no lombo, dizia:—"He bonito... *ololé*... queria

assim hum canito para brincar... para andar a cavallo... queria... „

O senhor e a senhora Monflacon readquirirão o seu modo amavel, tendo que o cão agradava a seu filho.

—"Sim, he hum cão, que eu tenho ha pouco tempo (respunde a final Bouchenot) derão m'o.... he muito manço, huma vez que não o inciteṃ; e tem a qualidade de se atirar a quem vier pegar-se comigo.

—He bello cão! „ diz a mamã, vendo seu filho brincar familiarmente com Bigode; "e tem hunia cabeça bonita!...

—He talvez desses da Terra Nova? „ observa Monflacon, tambem afagando Bigode.

—Não... não pertence a raça tão illustre... porem he dos atravessados... e depois tem bellas qualidades... traz na bocca... creio que foi bem ensinado

—Pozestes lhe hunia colleira rica!... Diabo! he grandeza... he lu-

xo de mais... huma cadeia de ouro!

— Ora, bem sabeis que não o he: metal dourado.

— He o mesmo... he bonita, e á primeira vista engana bem... A que nome accode o vosso cão?

— Bigode.

— Venha aqui, Bigode... pois digo que he hum animal, digno de lhe terem amisade! man...ço!... „

Bouchenot, vendo que o jantar vae ficando em esquecimento, tracta de fazer mudar o assumpto da conversação, exclamando:

—" Não me farto de admirar vosso filho! que olhos tão lindos... e que malicia ja apresentão! he o retrato da mãi, apesar de que as feições são todas do pae!

— Sim, eu creio que muito se parecerá com os dous „ diz a senhora Monflacon, deixando ainda mais huma vez descahir o queixo.

— Olha lá, amiguinha, bem podes tractar a respeito do jantar (diz-lhe o marido) bem vês que vão

sendo horas: bem podes dizer á creada que nos faça hum pratinho de coscorões..... Bouchenot deve gostar, e o nosso filho he doudo por elles.

— Eu! comigo ninguem deve usar de ceremonias, pois gósto de tudo: em tal caso peço-vos attendaes a que he hum jantar na companhia d'hum amigo... franqueza... Ah! pequenino Estanislau, não tarda que faças loucas todas as raparigas!... prophetiso-te que has de arrastrar quantas vires!„

A senhora Monflacon sahio da sala para ir dar ordens á sua creada. Bouchenot foi sentar-se ao pé do fogão, dizendo em mente: —"A cousa vae bem! o destino finalmente me conduzio a papar hum bom jantar: este agora não falha. Bigode agradou ao morgadinho, e por conseguinte está na palma: se assim não fôra, duvido que jantasse aqui.„

O senhor Monflacon, vendo seu filho entretido a brincar com o cão,

veio sentar-se ao pé de Bouchenot, e, batendo-lhe amigavelmente nos joelhos, diz-lhe:

— Meu amigo, sabeis que mais, ja trago ésta cabeça cheia de grandes projectos, a respeito dos estudos, que hei de dar a meu filho... ja ando a *basilar* no seu futuro.

— Então ja nós lá vamos!?...

— Sim, quero fazer de Estanisláo hum grande homem!.. hum adorno da sociedade...

— Na verdade... se isso está tão somente na vossa mão...

— Meu filho apresenta-se ja com todas as qualidades para vir a ser hum homem de grande nomeada!

— Oh! até ahi estou eu... quem vê aquelle todo... o caso he ser observador, e logo o conhece.

— O rapaz tem naquella cabeça todas as *bossas* (protuberancias) que segundo o systhema de Gall, annuncião juizo, facilidade de comprehensão, discernimento, sagacidade...

— C'os demonios! acima d'huma cabeça assim, nada he possivel haver!

— *Pois he como vo-lo digo, meu caro:* mandei palpar-lh'a por hum phrenologista, bastante versado naquella sciencia... o homem ficou em pasmaceira á vista daquelles *galleirões*, que encontrou!

— Ora muito me contaes!..., se bem que ao mesmo tempo tudo isso o vosso rapazinho ja promete.

— Entre as outras *alcorcovas*, todas grandes, e bem pronunciadas, achou ser *maior que todas a*, que mostra e indica huma desmedida intelligencia... Emfim, o sabio fechou o elogio observador com o remate — Esta creança *tem huma cabeça* formada de montanhas. —

Hum grito agudissimo, dado pelo pequeno Estanisláo, interrompeu tão interessante conversação.

—" Faria o pequeno algum novo *galleirão*?„ diz comsigo Bouchenot, voltando-se: porem o grito do ra-

pazinho hera proveniente d'outra cousa.

Em quanto seu pae conversava com Bouchenot, o menino Monflacon tendo tomado mais confiança com o cão, não cessára de incita-lo; e Bigode, que parecia mui paciente com as creanças, ia aturando, sem resmungar, as festas, ja hum tanto brutas, do rapazinho; Estanisláo porem quiz apoderar se da cadêa brilhante, que lhe via ao pescoço, e o senhor Bigode não quiz soffrer o esbulhassem da sua propriedade: primeiramente, com hum rugido surdo, arribitando a pelle superior do focinho, e mostrando-lhe os dentes, como que o advertio não consentir lhe tirasse aquelle objecto; mas, em logar de ter respeito áquellas expressivas demonstrações, o pequenito Monflacon agarrou-se á cadêa, e entrou a puxar por ella com a força, que tinha: o cão saltou sobre elle, e com huma das mãos, com tão boa vontade lhe puxou pelo posterior

das calçotas, que ahi lh'as rasgou, fazendo na carne huma arranhadura.

Aos gritos de seu filho, Monflacon ergueu-se logo, e sua esposa veio correndo amedrontada saber o que teria acontecido ao menino.

—"*Que tens, meu filho!...*„ diz Monflacon, chegando se a elle; porem o pequeno só responde em gritos, como d'hum possesso, mostrando aos paes as calças rasgadas, e battendo com a mão na parte, onde raspára a unha do cão.

—"Foi talvez que se deixou cahir, e então rasgou a *calcinha...*„ diz logo Bouchenot, ja temendo que este incidente torne a scena desagradavel.

—"Não! não!... foi o cão!.. o maldicto cão!.. mordeu-me! aqui... aqui atraz! Hi! hi! hi!„ responde o pequeno, chorando cada vez em maior berreiro.

—"Ai, Deos Sancto!... pois sería possivel!!... (diz a mamã,

pegando-lhe ao cóllo) foi o maldicto cão... foi elle que te mordeu, meu rico brinquinho?... Não ha maior attentado!... não ha maior pouca vergonha! O meu pobre filhinho!... olhem como as carninhas lhe vão a inchar!...„

Mr. Monflacon abaixa-se para observar a parte ferida, e carregando as sobrancelhas, volta-se para Bouchenot, dizendo:

— " Ora, meu senhor, he até onde pode chegar a offensa, feita á pessoa de meu filho! Como vós atrevestes á entrar em minha casa, acompanhado d'hum animal, que não respeita a innocencia?

— Ora valha-vos Deos, meu querido senhor Monflacon „ responde Bouchenot: " estaes ahi fazendo d' hum agrêlo hum cavalleiro!... o pequenito certamente apertou, ou beliscou o cão... este deu-lhe... e por isso.... mas bem se vê que he nada mesmo... O cão, em não mexendo com'elle, nada ha mais manso. „

Boas rasões serião éstas de Bouchenot para outros paes menos parvos; porem estes não lhas attenderão, entregues, como estavão, á dor de ver chorar o filho.

— "He preciso mandar buscar algum emplastro... papas de linhaça, ou emfim cousa para accudir de prompto!... (observa a senhora Monflacon) emfim, remedio, que o allivie... Ai o meu rico filhinho!... Não... agora ninguem me falle em jantar!

— Nem a mim tão pouco!" diz Monflacon, franzindo os beiços como demonstração d'intelligencia "quando meu filho geme, chora, e soluça d'aquelle feitio.... quando aquellas lagrimas estão a alagar-me a alma, como se fôra com agua a ferver em cachão, eu seria hum tigre... ainda mais que hum lobo *cerval*, se pensasse em jantar!... vou mandar chamar o boticario.

— Porem, meu amigo, para que he similhante escarceo? ora, com prudencia... vêde, examinae bem;

vosso filho nada, nada mesmo tem ferido! „ replica Bouchenot, querendo ver se reparava a má ideia, em que tinhão o cão." Vamos, Bigode, aqui hum pulo!.. vamos, saltae defronte do nosso lindo Estanisláosinho!... „

E por humas poucas de vezes, Bouchenot levantou a mão, accenando-lhe á altura, de que lhe encommendava o pulo, querendo, com alguma cambalhota, ou salto gymnastico do senhor Bigode, fazer com que o pequeno cessasse de chorar, e então aquelle incidente sería bem depressa esquecido. Infelizmente o cão percebeu mal os gestos de seu domno; ainda quente da zanga, que tivéra, atordoado pela gritaria e queixumes, que ouve; talvez figurando-se lhe que Bouchenot o excita a deffende-lo, atira-se á senhora Monflacon, e vae situar as duas mãos sobre o local, que as amas não se pejão de mostrar em publico, porem que a mãi do pequeno Estanisláo tapava com bastante cui-

dado, porque nada tinha a mostrar.

Ao sentir o peso das mãos caninas, a senhora Monflacon solta gritos horriveis, e mostra se prestes a desmaiar; o filho acompanha-a, berrando como hum vitello; e o marido corre ao fogão, arma-se da tenaz, e com ella entra a dar pancadas no cão, exclamando:

—"Que atrevimento! que profanação!... que indecencia e obscenidade!.. Agarrae esse cão, senhor!.. agarrae-o, para que não repita o insulto, mesmo á vista das barbas offendidas!... Pòr aquellas *patinhas* de cão onde ninguem se atreveo a tocar com hum dedo!...

—Não lhe deis!... não lhe deis, que pode então ser peior!

—Que patifaria!.. hum animal palpar o ceio d'huma esposa castissima!...

—Qual palpar, meu amigo... até estou persuadido de que nenhuma pressão fez em carne...,,

No entanto, como o offendido

esposo continuava, fazendo sentir no lombo de Bigode a dureza da tenaz, o cão, fugindo ao seu perseguidor, salta acima d'huma cadeira de braços, e d'alli sobre hum aparador, o qual vae logo ao chão, com hum aparelho de chá, que, por ostentação, ahi estava sempre, servindo unicamente huma vez no anno. Bigode, espantado, corre d'huma para outra banda, e, n'huma destas carreiras, agarra com os dentes hum *bonecão*, dado na véspera ao pequeno Estánisláo, ao qual o menino só tinha tirado hum braço, e quebrado o nariz.

— "Ai! o meu *porrichinel!*... „ grita o rapazinho, esbravejado e roxo de cólera, batendo pontapés na mãi, e fazendo caretas horriveis "quero o meu *porrichinel!*

— Vem, meu filho... vem comigo, que amanhã mando comprar trez bonecos para o meu filhinho brincar... (diz a mamã). Agora, se este senhor se demora nesta casa mais hum instante com o seu cão,

esa propria desde ja declaro que me vou embora desta casa. „

Assim dizendo, ella sahe d'alli, conduzindo seu filho: quanto ao bom do marido, foi novamente ao fogão, e, armando-se de mais com a pá das brasas, vem magestosamente situar-se defronte de Bouchenot, e diz-lhe:

—" Ouvistes o, que minha esposa acaba de dizer?... espero portanto, senhor, que não a obrigareis a fugir do seu domicilio. Quem tem hum cão tão insolente.... hum cão tão devasso, não se apresenta com elle em casa de pessoas, que tem filhos! Desejo-vos huma noite feliz, meu senhor.

— Ora Deos vos dê o, de que tendes tanta falta, senhor.... mas sempre vos digo que, todas as pessoas, que tiverem hum filho, como o vosso, muito feio, muito endiabrado, e com tão má educação, devem viver sós, ou então indisporem-se com todos os seus conhecimentos.

Viva, boa tarde... boa noite... passar bem!„

E Bouchenot sahe d'esta casa, deixando o senhor Monflacon pasmado, e sem poder redarguir-lhe para desaffrontar o insulto, que na despedida lhe fez ao filho.

—"C'os demonios dos demonios! vamo-nos d'aqui... estava eu guardado para andar hum dia inteiro a ver onde jantaria, e por fim nada de novo! (exclama Bouchenot, ao chegar á rua) desta vez foi por culpa do maldito cão.... Mas haverá por ventura marido e mulher mais singulares?!.. e o caso he que não me lembra a que porta vá batter; he noite, ja passa de sette horas... não me dirão aonde eu hei de ir jantar? agora quem deixou de o fazer, não sendo alguns, que tenhão a algibeira como eu *esticada*... Valha-te hum dardo, Bigode!... porem mesmo assim não posso deixar de me rir, quando me lembra a scena, em que ha pouco representei... o cão atracado ao, que não hera possivel en-

contrar.... a isso, a que Monflacon chama o seio da sua esposa!.. Ah! ah!... se eu fôra pintor, e tivesse, como *Biard*, o talento de apresentar ao natural as scenas comicas... essa habilidade, tão rara, na pintura, qual he de fazer rir, não cessando de ser verdadeiro... certamente dava-me ao trabalho de apresentar hum quadro com a familia Monflacon.... Porem eu não sei pintar, não sei musica.... emfim mais verdadeiramente fallando, nada, ou quasi nada sei!... e quando arróto de estudante he como hum epigramma, que a mim proprio dirijo, pois nada estudei. Agora he que eu vou reconhecendo não ser facil fazer fortuna, quando falta a instrucção.... que isso mesmo assim não he em demasia exacto.... quantos por ahi ha camellos, estupidos, mal rabiscando o seu nome, ou assignando de cruz, e com hum poderio de dinheiro! Ah! meu pobre pae! que tanto trabalhastes honradamente debaixo da canga dos bolinholos para

me deixar de que viver... porque razão não fostes comigo mais severo! Porque em logar de julgar-me com disposições para vir a ser letrado... engano manifesto!.. quando eu dizia quantas tolices me lembravão, não me déstes boa tósa, com seu appendice de pão e agua por huns poucos de dias, para assim me obrigar a vir a ser o, que devia? Porque tolerastes os meus costumes desregrados... o vadiismo... a gulodice? habitos funestos, que não tardão em vir a ser huma segunda natureza, e que não he possivel ja cohibir, quando se passa da adolescencia!.. He porque me tinheis muita amisade!... essa fraqueza provinha de me vêr com os mesmos olhos, que Monflacon vê o pequeno Estanisláo, que he mui provavel venha a ser boa peça... tal, como eu! salva a differença de que eu sempre fui, e sou bonito, e elle he e ha de sempre ser feio como hum bode. Porem lá onde estaes, meu pobre pae, não julgueis que isto he acusar-vos, são

apenas humas pequenas reflexões do, que sou, e do, que podéra ser: pois eu tambem digo que a bondade dos paes nunca authorisa o máo procedimento nos filhos... e antes estes deverião redobrar de exforços, para se tornarem dignos desse amor, que lhes testimunhão!.. Mas ó caxorros de filhos, assim chegaes á idade da rasão, tão somente sabendo gastar o dinheiro, que nunca podereis adquirir, contrahindo dividas, e... e... calemo-nos... e ainda em cima chamando aos paes grosseiros... „

O mancebo continuava, caminhando, e como tomára de *novo o caminho* dos boulevards, achava-se então proximo á rua das Freiras do Calvario. Bigode trotava fielmente, sempre agarrado á algibeira, que ainda lhe cheirava a presunto, apesar de trazer nos dentes o que quer que hera desde a sahida de casa de Monflacon.

Bouchenot volta-se, e então he que repara trazer o cão nos dentes este novo tropheo: hera o polichinel do pequeno Estanisláo.

— " Oh! pois ainda d'esta vez carregaste com alguma cousa?!.. ,, diz o mancebo, acariciando o animal, que levanta a cabeça, querendo como apresentar ufano ao seu novo domno o, que trouxe nos dentes. " Decididamente, meu caro amigo, tu tens a tal *bossa*, corcova, ou, como lhe chama quem sabe dar-lhe o verdadeiro nome — a protuberuncia do roubo. — salvo serem esses, a quem pertenceste, que te lançárão designadamente na carreira do crime... Quizera bem saber quem forão... pois não julgo como tua domna, essa rapariga, com a qual te encontrei, bem persuadido de estares com ella ha pouco tempo. Mas o tal padrinho certamente he algum chefe de quadrilha, segundo o ensino, que deu a este cão .. Lembrava me ir agora incitar e travar me de rasões com algum pastelleiro, para no entanto sahires d'alli com alguma cousa mais interessante ao estomago, doque as cadêas de cobre, cabazes e bonecos... porem não, até agora

tenho sido honrado... e ainda que na algibeira não tenha hum sou... que he maior virtude, doque se fôra rico... portanto, estimavel companheiro cão, se continuaes dessa forma, previno-vos de que tenho na outra algibeira huma cana da India partida em duas, de que mui bem saberei servir-me, para tirar-vos os máos costumes... e mais levo a para casa na intenção de fazer com ella hum fogo de contentamento ésta noite... talvez para passar por ceia. Porem que espectaculo se me apresenta pela banda de lá dos boulevards?... são palhaços... alguma companhia de funambulos... vamos ver.... he hum divertimento, que nada custa, e demais, no ajuntamento não tenho mêdo de que me roubem.„

Bouchenot atravessa o boulevard, e mistura-se com o povaréo, junto na frente d'huma grande barraca de lona, na qual está patente hum retabulo, que se enrola e desenrola n'hum cabo de vassoura. Este qua-

dro representa o *Novo Mundo*, onde se vê huma quantidade prodigiosa de personagens, animaes, arvores e flores; porem éstas herão maiores doque as arvores, assim como os animaes ainda mais gigantescos, doque os homens; e estes tinhão a cabeça coberta de cabellos tão brancos, como a neve, e que lhes descião aos calcanhares.

Hum homem, subido a huma especie de estrado, á entrada da barraca, explicava o quadro, battendo-lhe em cima com huma vara comprida: vestia hum casacão, ja bastante usado, do qual até mesmo não se podia apostar pela côr primitiva, hum chapeo redondo, ja dando os ultimos alentos, e até quasi sem abas; e huns bigodes immenços, que pegavão com outras que taes suissas.

Em quanto elle fallava ao publico, dous homens, hum vestido de palhaço, e o outro de marquez *caricato*, se exercião n'huma dança, de que elles inventavão as figu-

ras, permittindo-se mil attitudes bem offensivas á decencia: emfim a hum canto do tablado estava huma mulher, trajando do *amasona*, com hum turbante na cabeça, tocando rebeca, a cuja musica dançavão as duas personagens.

A chusma dava pouca attenção ao *ciceroni*, entretendo-se antes em olhar para os taes dançadores, e applaudindo, com grandes risadas, cada figura, ou posição erótica: todavia o explicador do quadro não descontinuava de o explicar, e batendo com a vara, dizia:

—"Meus senhores e senhoras, este he o novo Mundo, que temos a honra de apresentar-vos, com os seus habitantes, animaes, que alli nascem, tudo trazido por hum celebre viajante Suisso, que foi apóz os desgraçados passos de Lapeyrouse, o qual vós todos conhecestes tanto, como eu. Os entes humanos, que vêdes neste quadro, são *Albinos*; teem os cabellos brancos, expessos, e compridos.., podereis exa-

mina-los com todo o vagar, pegar-lhes, e até levar mesmo algumas guedelhos para mostrar a vossas mulheres e a vossos filhos. Aqui vêdes os albinos combaterem e subplantarem animaes, quatro vezes maiores e mais fortes, doque elles: lá no mundo novo os homens são dotados d'huma força prodigiosa, porem não costumão brigar huns com os outros; são dotados d'hum natural brando e bom, justos, e izemptos da inveja. As mulheres são submissas, obedientes, e feis... ninguem seria desta ultima asserção... pois que por isso se lhe deu o nome áquelle paiz de mundo novo. Entrae pois, meus senhores e senhoras, vinde admirar tão curioso espectaculo; vinde tomar conhecimento com hum mundo, tão diverso do, em que viveis; vinde ver a gente de lá, que apenas sabem agora dizer — *Tenha a companhia boas noites* — porem ja o pronunciáo tão bem, como qualquer *lapurdio* de Sevres, ou de Saint-Cloud: este

espectaculo poupa-vos fazer huma viajem de novecentas leguas; e cada hum, entrando em sua casa, não deixará de ter gosto em contar á familia — Acabo de ver o mundo novo — *E, sobre tudo, meus senhores* e senhoras, tenho mais a honra de previnir-vos de que o espectaculo desta noite se findará com hum grande combate de armas brancas, sendo mantenedora, mademoiselle *Malatorchi*, huma das primeiras jogadoras de espadão, alfanje, e florete... o maior assombro, que tem visto a França: ella se offerece a sustentar todo e qualquer combate, que se lhe propozer; portanto vós outros, senhores, que entendeis, e sois practicos da arte de esgrima, senhores militares e mais curiosos, que pretendão batter-se e provar fortuna com tão celebre esgrimista, podem entrar de graça... Os mais *comprrrrem* bilhetes, que o espectaculo vae começar.„

A celebre Malatorchi hera a, que estava vestida d'amasona, e de turbante, que vimos tocando rebeca: largando o instrumento, assim que o ciceroni concluio a arenga annunciante, logo avançou para a frente do tablado, e dirigio se ao publico, com huma inflexão gritadora, dando toda a força á sua voz rouquenha:

—"Sim, meus senhores, sou eu a mesma, que me offereço para jogar o florete, o espadão, ou mesmo qualquer arma, que dispare, com todos os, que me quizerem fazer essa honra. Depois de ter levado a palma nos paizes extrangeiros, brigando com os homens, havidos por mais célebres, quero tambem apresentar na França hum quadro dos meus talentos. Os curiosos... os amadores podem apresentar-se .. a sua entrada he gratis... Ouvis?... quero dizer que nada pagarão. ,,

A *virago* fez trez continencias militares, e desceu do tablado; e o palhaço, acompanhado do marquez,

fazerão o mesmo, depois de mostrarem outra cousa, alem do rosto, á companhia: então o ciceroni tocou a trombeta, e huma parte do povo, que estava agrupado, se precipitou na barraca.

Bouchenot ficou onde estava; acabava de lhe girar na ideia hum pensamento, na verdade, guapo: hera o de presenceiar o espectaculo, sem nada pagar, annunciando-se como hum esgrimista.

—" Bem calculado (diz elle comsigo) a occasião não deixa de vir de molde para qualquer mostrar o seu talento. Ora, eu sei pegar no florete, pôr-me em guarda, atacar, e... aposto que, n'algum bote, alcançarei tocar na mantenedora!... C'os demonios! permitamos a ésta ideia faminta hum divertimento assim innocente, e tão modico, pois he gratis: até isso me distrahirá, e por algum tempo fará calar a fome. Quizera aqui os meus dous amigos, que estão sempre a *cassour* de eu ser valente, dizendo que não sou

capaz de me batter... se agora dou algum bote na primeira *briguista* de França, oh! então fico prompto para não virar o focinho, seja a quem for, e com o meu credito baseado. Vamos, corramos á gloria!„

Bouchenot endireita o pescoço, carrega o chapeo a huma banda, puxa a gravata, e se apresenta á entrada do espectaculo: perguntão-lhe pelo bilhete, e elle responde com hum modo assoberbado: — " Curioso, amador de esgrima.„

Franqueão-lhe a entrada, porem o homem das suissas grandes vem busca-lo pela mão, e o conduz para o fundo da barraca, logar separado do publico por huma barreira, ao mesmo tempo annunciando em alta vóz.

— " Acaba de apresentar-se no circo hum curioso, mui versado no jogo das armas, que pretende experimentar a sua muita habilidade e experiencia com a célebre Malatorchi. Eis-aqui pois, meus senhores e senhoras, que o espectaculo

vae tornar-se muitissimo interessante!.. As pessoas, que lá por de traz estão em pé, bem podem tomar senhas de dous sous para ver o combate.

— Eu não disse que hera esse *nec plus ultra* de esgrima.... ,, murmura Bouchenot, ja não mui contente de tão ostentosamente ser annunciado ao publico, e de se achar entre os *Albinos* do novo mundo: porem não hera tempo de recuar; o annuncio estava feito, todos os olhos se fitavão nelle, e madeinoiselle Malatorchi o media com hum ar maligno, que parecia annunciarlhe quão de boa vontade lhe mostraria para o que hera.

Bigode acompanhou Bouchenot para dentro do espectaculo, e atrevidamente se chegou para os indigenas do novo mundo. Os Albinos compunhão-se d'hum homem, mulher, e huma rapariguinha, vestidos de selvagens, com as cabeças cobertas por encabelladuras postiças, feitas de estopa. A do homem hera

enorme; e encarapinhada, como se fôra d'hum negro; mas a da mulher cahia-lhe em grandes feveras até á cintura. Esta familia d'Albinos estava sentada n'hum banco, entretendo se a comer batatas cosidas, sem erguer os olhos sobre os espectadores: a mulher tinha o nariz comido, talvez do gelo, o que não fazia tentar ir viver naquelle paiz; a pequena tinha huma grande papeira, e o homem resmungava por entre os dentes:

— "Grandissimos b... nem ao menos lhe deitárão humas pedras de sal, quando as coserão... e pretendem sustentar-nos!... olhem a porcaria do comer! Pois que procurem outros Albinos: eu cá antes quero continuar á vender senhas.

— Este cão pertence-vos, senhor?„ pergunta a Bouchenôt o homem das suissas, que parece ser o director do espectaculo.

— Sim, he hum dos, que de ordinario me acompanha.

— Muito bem... não espantem o

ção do senhor curioso formidavel de esgrima... façáo lhe logar...

Porem Bigode não esperou pela permissão, e situára-se entre o palhaço, e o marquez, que pareciáo admira-lo. Bouchenot olhou para huma banda e outra, desejando bem escapulir se; porem madenoiselle Malatorchi não cessava de o encarar, em quanto dava exercicio ás pernas, levantando-as, e revirando os calcanhares, como fazem as dançarinas, ensaiando-se entre os bastidores, antes de entrar em scena. Passados alguns minutos, Bouchenot, lançando os olhos sobre Bigode, appercebeu que ja não tinha a cadèa ao pescoço, nem tão pouco o bonèco entre os dentes.

— "C'os diabos! (diz comsigo o mancebo) com que rapidez e habilidade aqui se fazem éstas cousas! Bigode não deu por isso, pois não gritou. Ja estou bem arrependido de ter entrado como curioso... não obstante a tal Malatorchi lançar-me suas olhadellas terriveis, e exercitar-

se em saltos, para mostrar-me a calça. Emfim a torneira metteu-se á pipa... agora ja não posso recuar: annunciarão-me ao publico, e bem capazes são estes malandrinos de me darem alguma tósa, se eu não quizer jogar as armas.

— Ora meus senhores e senhoras, contemplae os habitantes do novo mundo no acto de comerem .. podeis chegar vos sem susto, pois nenhum mal vos faráõ... ,,

A este annuncio do director, a familia, toucada de estopa, ainda com maior avidez se atirou ás batatas.

— "Olhem! olhem... elles comem, como a gente!?.. ,, diz hum gaiato a outro homem, que ficava ao pé: "que diabo temos que ver de novo?

— Ora essa!... então não se vê que são Albinos!

— A comerem batatas, como todos comem... com a bocca!... isto he que he ser Albinos? vou fallar-lhes. ,,

O tal gaiato debruça-se na barreira de separação, gritando-lhes:

—"He bom?.. em? sabe bem?.. que tal? he capaz para encher o bandulhinho?„

O chefe da familia Albina ergue vagarosamente a cabeça, e fazendo gesto de, como se fallára com grande difficuldade, responde pelo nariz: — *Tenha a companhia boas noites.* —

A mulher faz a mesma pantomima, respondendo com a mesma phrase; seguindo se a pequena que tambem diz outro tanto, resfolgando pelo atacado do nariz, talvez pela precisão de assoar se ha mais d'hum mez.

—"Então! elles *dizem todos o mesmo*„ exclama o gaiato.

— Pois he tudo, quanto estes indigenas do novo mundo tem até agora podido aprender de Francez (*responde o director*) e ainda assim bastante lhes ha custado chegarem a pronunciar aquellas palavras. Vede-os... examinae-os, meus senho-

res e senhoras: apesar de que seja macho e femea, como he a outra gente, assim mesmo facil he reconhecer a differença.... Oh! grande differença da sua para a nossa conformação!

— Quem tal diria?!... nem elle, nem ella fazem hum homem, como eu!„ grita o palhaço, fazendo huma cabriola.

— E não teem ésta minha agilidade!...„ acrescenta o marquez, arrastrando-se de gatinhas.

Em quanto estes dous entretinhão os espectadores sempre em pasmaceira para a familia selvagem, a Malatorchi fora situar se ao pé de Bouchenot, encarando-o com hum gesto de amisade; e vendo que elle não lhe falla, diz lhe emfim:

— "Caro amigo, havemos de brigar em modo, que nada resulte.... em? a que armas?

— As, que quizerdes„ responde Bouchenot, enterrando a barba na gravata.

— Ai! que modo tão feroz, meu amigo!.. porem he o mesmo... nem por isso deixareis de pagar huma pinga... em?

— Oh! Deos meu!... onde vim metter me!„ diz comsigo Bouchenet, examinando por onde possa fugir daqui; porem ao mesmo tempo o publico faz grande rumor, dando extraordinarias risadas, o que lhe faz voltar os olhos para o lado, onde estão os habitantes do novo mundo.

Bigode, a quem tão facilmente tinhão esbulhado da sua cadêa, e do boneco, andára por algum tempo lestamente d'huma para outra banda no circo; porem fixando-se a final proximo aos Albinos, farejando com attenção a comprida cabelleira da mulher, que estava manducando as batatas; e, fosse pelo cheiro da estopa, que tomou por agradavel, ou por outro qual-quer motivo, o senhor Bigode alçou a perna, e com o liquido, de que a todo o passo dispõe a entidade canina, en-

sopeu as melanias da indigena do novo mundo.

Esta acção dispertou a hilaridade do publico; que, ainda a maior ponto subio, quando a mulher, sentindo a cabeça alagada, entrou a gritar em francez claro e intelligivel:

—"Ah! maldicto cão... bregeiro animal!... eis aqui o, que succede, pôr deixarem entrar cães no logar, reservado para os actores... não tem duvida que me pôz n'hum bello feitio!...

—Oh! oh! (exclama o gaiato) então a gente do novo mundo ja sabe fallar francez!?... isto são Albinos da *Courtille*.... ja sabe dizer mais doque—Tenha a companhia boas noites! —

—O diabo carregue com o cão!„ diz o director, passando junto a Bouchenot, e depois entra em altos gritos a fallar aos espectadores:

—Meus senhores e senhoras, vae começar-se o famoso combate d'esgrima... Para elle he que se pedem todas as attenções dos entendedo-

res. A formidavel esgrimista Malatorchi, e o famoso amador, que me pedio não fizesse publico seu nome... pois quer guardar o incognito... porem que vós mui bem apreciareis, vista a sua grande destreza, vão começar, jogando o florete, mas com bolas nas pontas, mostrando, em differentes e não vistos botes, a delicadeza de tal jogo... Toque a musica!„

O palhaço pegou na rebeca, e o marquez embocou a trombeta, do que se seguio hum tal *charivari*, que, junto á algaraviada com que o ciceroni acabava de arengar, fez de todo esquecer a aventura do cão com a mulher do novo mundo.

Todavia a Malatorchi, depois de ter feito hum accionado com o braço, e erguer a perna, foi buscar dois floretes de *botanas*, com os quaes veio fazer huma cortezia ao publico.

—"Costumaes despir a casaca?„ pergunta o director a Bouchenot, o

qual responde: —Não, sempre brigo vestido.

—" Mas para os movimentos não deixa de peiar... e portanto achava mais proprio que tirasseis a casaca...

—Ja disse huma vez que não a despia.

— Seja como quizerdes: n'esse caso vamos a começar.,,

Bouchenot não está contente, nem á sua vontade, porem de nenhuma forma pode recuar. A Malatorchi lhe apresenta os floretes; elle examina se estão bem empunhados, e fica com hum; porem, antes de se pôr em guarda, a celebre esgrimista passa e torna a passar, cruzando o tablado na frente do publico, fazendo piruetas e contorsões com os calcanhares; e, ao passar por ao pé de Bouchenot, encara-o com hum modo carregado, esperando que lhe responda da mesma forma. Bouchenot, que bem quizera quanto mais depressa findar aquelle cuidado, enterra a barba na

gravata, murmurando: — "quando quizerdes acabar dos saltos... cá vos espero!...,,

Emfim o director dá o signal para o começo do combate; os dous se põem em guarda, e a musica faz ouvir a *ouverture* de Braz e Babet.

Mademoiselle Malatorchi, acreditando ter realmente por adversario hum contendor consumado no jogo das armas, e portanto receiosa se demorou, por grande espaço, na posição de guarda, como para estudar e reconhecer os botes do competidor. Da sua parte, Bouchenot, que igualmente está receioso não poder competir com a celebre esgrimidora, não se atreve a atacá-la, e limita-se a segurar o florete, encostado ao da contraria.

— Então elles não farão mais do que isto?! (observa hum jornaleiro) muito melhores brigas tenho visto nas *Folies Dramatiques*.... diziam-se-nos que haveria botes e estocadas particulares, de habilidade, e não

vistas... e por fim nada de novo!... abobora, he o que eu digo!

— Ora espera, meu Colas (lhe observa outro, que parecia companheiro) huma vez que são estocadas particulares, como queres vêlas?... „

Todavia, a Malatorchi não tardou em reconhecer que o seu adversario he fraco esgrimista, e alem disso está intimidado; e então ataca-o, aperta-o vigorosamente. Boucheuot não sabe onde está, e a cada momento sente o florete contrario na barriga, pernas e peito. O director está encantado; o publico applaude com palmadas, e a celebre esgrimista solta gritos de triumpho, cada vez que lhe acerta hum bote. Bigode, que não combate, mostra-se impaciente, faz soar surdos rugidos, e teria certamente saltado sobre a amazona, se o director não o contivera.

Bouchenot bem deseja poder achar meio de findar com o jogo; e todavia, exasperado pelas pontua-

das recebidas, tenta hum ultimo esforço: esquecendo-se da delicadeza do florete, serve-se desta arma, como se fôra chuço ou lança, e enristra com elle para huma banda e outra, sem fazer jogo; de modo que a amazona, desorientada pela precipitação das pontuadas, esquece-se por hum instante de as parar; de repente se lhe ouve hum grito, atira com o florete para longe, e levando a mão a hum dos olhos, faz huma exclamação, bem propria da relé, dizendo:

— "O' filho da.... caxorro... que me vasou hum olho! „

O director dá-se pressa em fazer callar a musica, e annuncião ao publico ter findado o combate; então os espectadores sahem da barraca, os habitantes do novo mundo tirão as cabelleiras de estopa, o vestuario de selvagens, e tornão a vestir os miseraveis trajos, que lhes são proprios.

Bouchenot quiz tambem seguir o

publico, mas o director lhe obstou, agarrando o bruscamente por hum braço, e dizendo-lhe, com phrases bem pouco polidas:

— Ah! sô amigo! então não he mais que sahir dessa maneira?!.., Nem ao menos daes attenção ao estado, em que posestes mademoiselle Malatorchi?... „

A amazona tinha com effeito hum olho muito vermelho e inchado prodigiosamente.

—"Se me dá mais em cheio, vasa-m'o, e a estas horas estava céga!„ diz ella, chegando se a Bouchenot, para mostrar lhe a sua boa obra. "Vamos lá, caro amigo... olhae que tendes hum tal modo de jogar o florete...

— Sinto bastante de vos ter chegado ao olho,... porem isso nada será: *chapinhae-o* com aguardente e agua,... em trez ou quatro dias tem *passado*. „

E ao mesmo tempo deligenciava Bouchenot ganhar a sahida, porem o palhaço, e o marquez lhe obstarão, e o director exclama:

—" Pelo que vejo, tomaes a coisa por brincadeira!?... Não sahis d'aqui, sem pagar a cada hum de nós o seu *copazio*, assim como huma garrafa de aguardente para se fazer o remedio ao olho da nossa mademoiselle Malatorchi!

— Eu nada pago!... entrei aqui para jogar as armas... cumpri o, que se exigia... agora vou-me.

— Se assim fôra, nada havia melhor! Entra o senhor aqui de *borla*... fére a ponto de tirar hum ólho á personagem mais cathegorica da companhia... e por fim havia de sahir, sem nada pagar! Suppondes que somos alguns patetas? Vamos, he pagar... pagar de boa vontade, quando não, os soccos vão chover.

— Ja disse que nada pagava... nada!... mesmo porque não trago dinheiro comigo...

— He mentira! he mentira! dizeis isso para escapar...

— Qual escapar nem meio escapar!.. digo-o, porque... em summa

deixem-me, que nada tenho lá com as vossas cousas. „

E Bouchenot pretende sahir, empurrando o palhaço e o marquez, porem o director o agarra pela gola da casaca, ficando logo com hum boccado na mão. A similhante vista, o mancebo, exasperado, dá murros para hum e outro lado; porem de certo que muito mal lhe resultaria deste combate, se o fiel Bigode não tomasse o partido do mais fraco. O cão atira-se ao director, morde-o com vontade; larga-o, e vae fazer o mesmo aos seus dous empregados, e depois puxa seu domno pela aba da casaca, ainda cheirosa a presunto. Bouchenot, assim auxiliado, consegue soltar-se dos braços dos trez adversarios, e, rompendo hum dos lados da barraca, acha-se finalmente em liberdade, acompanhado do valente Bigode.

Mas em que estado, e porque preço comprou Bouchenot a sahida! A casaca está inteiramente perdida: huma das abas perdeu-se no

forte da refrega... por deante está em hastilhas... ficou só com meia gola, e até nas costas tem grandes rasgões!...

CAPITULO VI.

Huma rua deserta.

Acabamos de ver o nosso interessante Bouchenot, ajudado pelos exforços do fiel Bigode, livrar-se dos saltimbancos, sahir precipitadamente da barraca. Por grande espaço continúa andando, sem parar, nem atrever-se a olhar para traz: sempre lhe parece que o palhaço, o marquez, director, e até a Malatorchi o vem seguindo; e só, no fim de muito andar, he que se resolve a fazer alto, e olhar para o lado, de onde vem.

—"Ah! patifões!.. velhacos!...,, exclama elle, examinando o esfarrapado do seu trajo;" veja em que estado sahi daquella espelunca!.. e

muito feliz ainda em poder sahir com o vulto sem rotura. Nada, o sentido d'aquelles cavalheiros hera moerem-me á pancadaria!. Porem he muito bem feito, para não ir lá metter-me. Ora que diabo de lembrança!.. ir jogar as armas com os gymnasticos!.. Isto foi a fome, que me perturbou a cabeça... queria distrahir-me... e não tem duvida que tomei boa distracção! Ahi está... ahi está a minha pobre casaca... que antes devo dizer a nossa pobre casaca, pois o hera igualmente dos meus dous amigos.. ella ahi está só com metade da gola, huma banda de menos... huma aba inteirinha, que lá ficou pelas custas, e ainda o restante, todo rasgado! Ai! que dirão George e Thimoteo? e elles teem rasão para me apostropharem, pois o que vestirão quando quizerem sahir? Sou hum atontado... hum miseravel .. em summa hum tolo! Mostrem-me ahi outro homem assim *afarroupilhado?!*... estou feito hum *Roberto Macario!*

O diabo me leve, se a minha vontade não hera pegar em Bigode, e atirar-me com elle ao canal!?... Porem, melhor pensando, o movimento só hera proveitoso, tendo a certeza de achar no fundo da agua huma outra casaca, para levar aos meus amigos.„

Bouchenot está na realidade, e tem rasão para estar exasperado: pela primeira vez em sua vida, he agora a occasião, em que nenhuma vontade tem de rir do, que acaba de lhe succeder. No caminho, que segue, aparta-se dos boulevards, e interna se nas ruas desertas, que dão sobre o canal; porem o seu susto he tal, que, se ouve passos atraz de si, logo apressa os seus; e assim que alguem deve passar por ao pé delle, atravessa a rua, pois quer evitar que o vejão em estado tão lastimoso.

Depois de ter passado huma das pontes do canal, continúa ainda por algum tempo a caminhar; porem a hora da noite está ja bem avança-

da; o bairro, que percorre, não he ainda desses, illuminados a gaz: acha se n'huma rua inteiramente deserta, onde não ha lojas, e até bem raras casas; d'hum lado, e do outro, apenas vê muros... e ja ha muito tempo que ninguem encontra.

— "Onde diabo vim eu dar comigo!?... (diz *Bouchenot*, parando outra vez) o caso he que não sei onde estou... não conheço o bairro, nem tão pouco a rua... Certamente devo achar-me proximo a alguma barreira, pois éstas muralhas supponho serem as, que rodeião Pariz.... Mas pensemos: onde he pois que eu vou? isto não são horas de ir passeiar ao campo... Devo pois, e he melhor voltar á nossa casa... na rua da Calandra... e na verdade... tenho que andar!... linda caminhada d'aqui até lá! Contarei aos meus dous amigos tudo que me succedeu, e... não tenho mêdo de que elles me açoutem.... porem, coitadinhos!... ora vejão.... hum estudante para ir

á academia.... hum *escriptor* para levar os seus dramas ao empresario do theatro, e qualquer delles em mangas de camisa!... Ah! meus pobres amigos!... E eu, que tinha prometido levar lhes huma empada de Lesage.... a éstas horas ainda esperão por ella para ceiarem! E tornar para casa em tão *miseravel* estado.... ah! ah!... He verdade que levo as pastilhas espirituosas, e queima las-hemos, para melhor adormecer! Valha-me Deos!... valha-me Deos!... e não ia eu ainda metter este caso a bulha, quando deveria esbofetear-me... arrancar os cabellos... batter com ésta má cabeça ahi por essas paredes!... Mas emfim o que está feito ja nenhum remedio se lhe pode dar! antes de novamente seguir meu caminho, descancemos hum pouco, pois realmente que estou bem fatigado... aquelle jogo do florete... depois o combate a *socco*... o estomago só com pequena *parva*... tudo isto me reduzio á maior debilidade!„

Bouchenot olha em de redor de si, e, apercebendo hum columnelo proximo á parede, sobre elle vae sentar-se, dizendo: "não he para me demorar muito tempo... se passar qualquer patrulha, vendo-me com o uniforme tão esfarrapado, poderá julgar que sou algum malfeitor.„

Depois de descançar alguns minutos, Bouchenot, como acordando das penosas reflexões, que tem estado a fazer, dá pela falta do cão.

—"Agora abandonar-me hia?!... (diz o mancebo, erguendo-se) o que!... pois, ao reconhecer-me inteiramente desgraçado, o animal me abandonou!... E dizem que o cão he o amigo do homem!... será por me ver de casaca esfarrapada que o senhor Bigode não quiz mais acompanhar me?... porem a algibeira restante ainda lhe poderia fazer lembrar que ahi estevo o presunto!.. Não, não posso crer que o meu companheiro me deixasse assim..., e então porque, ou para que? Para

seguir outra pessoa não, pois nenhuma tem passado... Tomar tanto interesse por mim... basta que me deffendeu, quando me achei envolvido debaixo dos *soccasios* dos trez, para agora... mas tambem ainda não ha muitos minutos, que elle trotava ao pé de mim. He cousa singular!... mas quem sabe se a rapariga, com quem o encontrei, hábitará neste bairro? se bem que o sitio não tenta para loja de qualquer genero, por ser de fraca passagem: nada... aqui andou cousa extraordinaria, que obrigou o cão a apartar-se de mim! Vamos, não mais pensemos no companheiro de improviso; huma vez que se foi, entrarei em casa sem elle... o melhor do caso está ainda em eu acertar com o caminho. „

Porem, no momento, em que Bouchenot vae a erguer-se para continuar o caminho, que suppõe o levará a casa, o cão torna a apparecer, vindo a elle, correndo, saltando, e esfregando-se-lhe pelas pernas; depois

dá alguns passos para deante, parando, e olhando para elle, como convidando seu domno a segui-lo.

— Oh! ainda voltaste, Bigode?!.. ja te accusava de ingrato, meu bravo companheiro... ja pensava que a nossa amisade de algumas horas estava finda... Mas que demonio tem este cão?... andando, parando... volta a cabeça para mim... dir-se-hia que pretende ser meu guia, conduzindo-me a alguma parte... Onde queres levar-me, Bigode?„

O cão pára, olha para Bouchenot, depois continúa, andando na sua frente aos saltos, e agitando a cauda em signal de regosijo.

— "Ora! que arrisco eu em o seguir? (diz comsigo o mancebo) que posso temer?.. nada tenho que me roubem, e mesmo a que foi casaca, no estado deploravel, em que se apresenta, ninguem a quer. E depois disso, desde que encontrei este cão, logo me formilhou huma ideia... assim como hum *palpite*.... Bigode vae levar-me aonde mora a

sua domna, e eu não desgostarei de tornar a vê-la... he boa moça.... he verdade que tem certos boccados carnudos de mais.... e ... Mas, em parte, ella he a culpada do, que me tem succedido hoje.... della he que veio este cão, e as minhas desgraças: entregar-lhe-hei o seu bigode, contando-lhe tudo, quanto fez, depois que a deixou; isso a fará rir, e mulher, que ri .. ora, bem depressa lhe passa a zanguinha. Anda para deante, Bigode, que eu te sigo.„

O cão não andou grande espaço, logo pouco a deante pára junto a huma casa de aparencia bem ordinaria, que faz como o final d'hum muro extenso. Huma porta como de corredor he só a que dá serventia, porem está fechada, e pela qual Bigode se encosta, e empurrando a com a cabeça, dando assim todas as demonstrações de que deseja abri-la; porem, não o conseguindo, vem fazer festas a Bouchenot, torna á porta, e neste manejo bem dá a

conhecer o desejo de que lhe franquêe a entrada.

—"Ah! então he para aqui?... a ésta casa he que me conduzes? (diz Bouchenot, ao mesmo tempo que examina). Não he por certo hum palacio, tão pouco huma casa vasta, e agradavel, mas a belleza e a innocencia estão sempre em habitações sumptuosas?... quantas vezes a innocencia se acha domiciliada em logares bem improprios!... Em nenhuma das janellas vejo luz .. quem sabe se estará desabitada?.. ou então será porque os moradores se deitárão cedo. E o cão a fazer diligencia por abrir a porta.... Mas a tal hora... batter? e por quem devo perguntar?... nem ao menos sei o nome da rapariga, que encontrei ésta manhã!... Não, muita familia não poderá habitar aqui... primeiro andar, logo o telhado... he huma casinha propria de pombinhos... e então sem outra nas immediações.. hum muro extenso... huma rua deserta, solitaria, e ainda sem estar

calçada... tudo isto he pouco tentador: creio que será ter mais juizo deixar-me de novas aventuras, e ir direito para casa. „

Bouchenot dá alguns passos, apartando-se da casa; porem Bigode não o segue, e fica encostado á porta.

— „ Não, isto agora sería tolice de nome, se aqui deixasse o cão: não, não te abandono, meu fiel companheiro, em quanto não concluir ésta aventura (diz Bouchenot, retrogradando para junto da casa). Não posso entrar em duvida de que a domna de Bigode mora aqui, e o cão, conduzindo-me á sua morada, quer ahi entrar: creio que a rapariga não poderá receber-me com máo modo, huma vez que lhe trago o seu Bigode.... vou batter á porta... se me perguntarem quem esta aqui, talvez que o cão me tire o trabalho de responder „

Bouchenot chega-se á porta, porem não vê martello ou argola com que batta; e procurando d'hum lado

e do outro se haverá algum cordel de campainha, depara com hum simples trinquo, o qual levanta, e a porta se lhe franquêa.

— Ora eis aqui huma porta com bem pouco cuidado fechada!„ diz comsigo o mancebo, perscrutando com a vista pelo corredor, onde reina huma escuridão completa. "Agora toca a pensar no, que devo fazer.... por hum escuro similhante devo eu seguir o meu companheiro?„

O cão não se demorára em entrar, e, n'hum momento, se lhe sumio pelo corredor adeante; porem Bouchenot ficou á entrada da porta, indeciso sobre o, que devia fazer.

—" Esperemos o resultado do annuncio, que vae dar da minha chegada o meu companheiro„ e depois Bouchenot poz o ouvido á escuta, para reconhecer se sentia abrir-se alguma porta... nada porem ouvio, nem mesmo os passos de Bigode:

então delibera se a entrar no corredor, levando as mãos adeante do rosto, para evitar alguma cabeçada n'hum caminho, que lhe he desconhecido.

Depois de andar assim pouco mais d'huma dazia de passos, julgou divisar ao lonje algum tanto de claridade; continuou a andar, e achou-se n'huma especie de patio, onde ao menos podia distinguir os objectos.

—"Por ventura estará ésta casa desabitada? (pensa elle, olhando em derredor de si) em parte nenhuma vejo luz.... he verdade que os moradores bem podem estar dormindo... Ora tudo isto faz me lembrar o conto da *Bella e da Féra*, sempre attendendo á differença, que existe entre huma casa destas, e o palacio daquella... E o diabo do cão que de todo desappareceu!.. agora queria-o aqui para me guiar. No entanto se me apanhão a taes horas dentro d'huma casa extranha.... olhem como eu ficarei arranjado!...

O melhor he safar-me.... Sim, vamos... porem diabo!... agora nem ja sei o caminho por onde entrei!.. Escutemos... parece que distinguo rumores do que quer que he.„

O rumor, que Bouchenot sentia, assimilhava-se a pancadas de martello, frequentemente repetidas; e elle, procurando aproximar se a donde lhe parecião provir, foi dar de encontro a huma porta baixa, e nas passadas reconheceu estar sobre os degráos d'huma escada.

—"Isto he hum subterraneo.... cousa de dispensa, ou adega para guardar vinhos... e segundo me parece está ahi gente. Acaso a domna de Bigode está rolhando garrafas?.. porem éstas pancadas repetidas, que estou ouvindo, não mostrão dar-se nas rolhas... Bouchenot, anda, amiguinho, não vás mais por deante!.. e he verdade, o, que devo fazer, he safar-me.... porem eu distinguo claridade... não tem duvida, lá em baixo está gente. Será a rapariga desta manhã, que ahi apanhasse en-

encontrar-se com o seu namorado?... isto he possivel: quantas vezes taes logares teem servido de rendez-vous aos namorados, em quanto os paes dormem, ou estão inteiramente sem a menor desconfiança!.. Porem ésta bulha, que ouço.... os namorados, nos seus recontros nocturnos, não se servem de martellos... desçamos alguns degráos, para ver se melhor me oriento...

Bouchenot, quanto mais avança na descida da escada, mais a claridade encontra. Chegando mais ao fim da escada, acha se n'hum corredor subterraneo, e á sua direita encontra huma porta, que apenas está meia aberta: daqui he que provem a claridade, que tem visto no subterraneo; e d'ahi he que parece provir a bulha dos martellos, á qual bem depressa se mistura a das vozes d'alguns homens.

Bouchenot avança com precaução, põe o ouvido á escuta, e colhe a seguinte conversação:

—"Aquelle tolo do Thomaz de-

mora-se bastante!.. Ora Deos queira *que elle não faça o mesmo*, que antes de hontem, que se esqueceu de fechar a porta!

— Tambem sempre estaes com sustos.... todos vós tendes hum mêdo!... quando tal se repetisse, que importava?... não pensão que por huma rua d'estas não passa hum gato, principalmente a taes horas!

— Sim, d'ahi vamos bem; mas se houver suspeitas... vinhão cá de proposito.... e não nos dando tempo para esconder este *tivoli*, agarravão-nos mesmo com a bocca na botija!... ficavamos aceiados!

— *E eu affirmo-vos que nenhuma* suspeita existe do, que se faz no fundo deste subterraneo... e depois d'isso, quem não se arrisca nada tem.

— Ah! meu Deos! isto he gente que faz dinheiro falso!.. „ diz comsigo Bouchenot, sentindo ja hum suor frio alagar-lhe o rosto... " fuja-

mos, que he o melhor que posso fazer!...„

E recuando precipitadamente para ganhar a escada, por onde descêra, tão desorientado o faz, que, não reparando n'huma taboa, que estava encostada á parede, vae de encontro a ella, fazendo-a cahir, e elle mesmo tambem cae. Ao estrondo desta quéda, a porta do subterraneo se abre bruscamente, muitos homens correm d'alli, e hum delles lhe diz:

— "Até que chegaste, Thomaz? porem... que foi isso... cahiste?„

Bouchenot não tem força para responder: hum dos homens corre a levanta-lo, exclamando:

— "Ah! maldicção!.. he hum homem extranho!..„

Fim do Tomo 1.º

INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS NESTE VOLUME.

Cap. I. — Hum tubo de fogão, e huma casaca para trez..... 5

II. — Humapeça de cinco francos bem gasta..... 77

III — Huma rapariga, e hum cão grande..... 118

IV. — Os palitos, e as correntes de segurança para relogios..... 139

V. — A familia Monflacon. — A companhia de Saltimbancos.... 163

VI. — Huma rua deserta..... 214

FIM DO INDICE.



ROMANCES

PAULO DE KOCK.

Traducção de Nery.

BIGODE.

TOMO II.

Lisboa.

TYPOGRAPHIA NERYANA,

Rua da Prata N.º 17.

1843.



BIGODE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Mademoiselle Prudencia.

Agora voltemos para George e Thimoteo, que deixámos no seu alojamento da rua da Calandra, do qual não lhes hera possivel sahirem, attenta a falta de vestuario conveniente.

Para George, entretido a escrever no seu drama, depressa o tempo se volvia, as horas lhe parecião curtas, e o proprio apetite hera menos exigente. Feliz privilegio de

author! assim que sua imaginação inventa huma scena, hum capitulo, ou bosqueja novo plano, que dá melhor desfecho, e torna mais viva a acção, para logo esquece o trabalho, que ha tido, seus cuidados, e até mesmo, algumas vezes, as privações, porque passou: elle vive com os seus heróes, couversa familiarmente com a sua heroina, sonha gloria e triumphos, e nestes sonhos he hum ente felicissimo. Este momento he, quasi sempre, o mais venturoso da vida do poeta: recluso no seu gabinete, arranja tudo, conforme sua absoluta vontade o planêa; ja conta que a sua peça ha de subir ás nuvens, que a sua gloria será completa, e que o publico, por ella respeitando seu nome, sempre o pronunciará, dispensando-lhe os maiores elogios.

Mas para que hão de elles ser obrigados a sahir dos seus gabinetes? Muitos authores deverião ter hum theatrinho no seu proprio quarto, onde bem podião fazer repre-

sentar as suas producções pelos seus amigos, filhos, e mulheres: desta forma, não serião molestados pela censura, nem pelos directores; os artistas não os contrariarião com mudanças nos papeis, nem as comicas, obrigando os a fazer lhe partes para o fato, que taem: gosarião triumphos, e glorias domesticas, muito mais innocentes, muito mais puras.

Não affiançarei que tal caminho os deva conduzir á posteridade... Mas porque motivo desejamos, e a tamanho trabalho nos damos para a adquirir? quando tal succede, ja o pobre author não existe!

George continuava a escrever, fantasiando a mudança d'hum verso, d'huma copla, e a trinava entre os dentes, como para ensaiar se entraria no compasso, em quanto Thimpteo, que não compunha, de tempo a tempo exclamava:

—" Tardão bem a chegar as taes costelletas!.... Bouchenot he bem capaz de se ter ido, sem mais lem-

brar-se de encommendar o almoço para nós... Que te parece, George!... parece-me que fariamos bem de ir saber se ná casa de pasto, aqui logo ao sahir da porta, encommendárão alguma cousa para nós...

— E eu posso deixar-te sahir á rua assim como estás, tu que hoje que tu vás, ainda é peior! Parece-me que não tem melhoria nenhuma tem do tempo, mas emfim, como ainda ás 4 horas, pode sahir qualquer um bom se, sem chapeo... como vinhas vem comer-me, ou mandar-me ir procurar-te almoço. Bonchenot certamente de tal não se lembrou mais... Oh! he verdade... deixou elle os quinhentos reis?

— Deixou: ei-los ahi sobre a chaminé.

— Ainda foi huma fortuna que tambem não os levasse... porque bem me basta o cuidado, com que estou nos cem soes que levou. Conheço-lhe o genio, e sei que he capaz de os gastar em doces e fio-

leiras. Não insisti eu mais em que não os levasse, pois emfim aquelle dinheiro em grande parte lhe provinha dos pares de cerolas, que vendeu... se não fôra isso... de certo que... Ora bem, onde diabo estarão sumidos?... quem diabo lhes mexeria!... pois eu tinha os guardado debaixo da barra... oh! que os poz aqui he verdade!...

— Que he isso?... que procuras, Thimoteo? gritas, estás n'huma tal palradura, que me interrompes a composição...

— O que tenho?... o que procuro?... se elle tal fez... sempre he acção bem indigna! Olha lá, George, telos has calçados?

— O que.. eu não te percebo...

— Os meus bottins!... os meus bottins novos! ja entendes? os meus bottins, que só tinha calçado quatro ou cinco vezes.... os meus bottins, que estimava tanto, como as meninas dos meus olhos!...

— Ja vês que não os tenho calçados... estou de chinelos...

— Pois vendeu-os!... vendeu-os o caxorro!... Oh! de certo... não pode ser!... vender-me os meus botins novos! Ele sabe perfeitamente que lhe consegui este francez! E adivinha-me eu de ele ter feito aquelle dinheiro mas vendeu-os e n'hum cabide, só proprio para isca!... tolo de mim, que não me lembrei logo de amarrem-por-lh'os meus botins a figurar!... Ora não ha!... he até onde pode chegar a indignidade!... Meus botins, que me custárão despito francez há quinze dias!... quando recebi a minha pensão!... Ahi está o motivo porque elle tanto me recommendava que estivesse abafado na cama!... que não apanhasse frio... que não me levantasse!... Isto... isto he capaz de fazer chorar hum homem!

— Ora socega, meu caro Thimoteo... socega... bem pode ser que Bonchenot os levasse calculos, e...

— Nada! nada!... os pés delle não cabião nos meus botins, e mesmo por isso he que elle mais esti-

mava vendê-los; repetidas vezes me dizia: — tem hum pé bem ridiculo... hum pé, que não parece pé de gente... ninguem os pode calçar!.. — eis aqui porque elle os vendeu ao ferro velho! Pois esta não lhe passo!.. Oh! de certo que não ha de pagar-mo! Este diabo de extravagante tem-nos dado cabo de tudo! casacas, pantalonas... e até agora os meus botins! Não quero mais aturar similhante penitencia! está chegou-me ao vivo.„

E Thimoteo a passo largo discorria pelo quarto, batendo, colerico, o pé, e dando grandes murros na parede, e no mais, que encontrava, de modo, que pela vez primeira, naquelle rosto, habitualmente impassivel, assomou hum a expressão decidida; brilhavão-lhe os olhos, abria muito as ventas, e até o cabello parecia estar mais ruivo.

George esteve esperando que o accesso de colera se despedisse do amigo, e então com hum modo bastante meigo lhe diz:

— "Thimoteo, he preciso que o homem tenha corajem para resistir aos golpes da sorte... A colera, quando em nós domina, he o mais visivel signal de fraqueza...

— Não me importa essa logica... sou senhor de mim, posso encher-me de colera quando eu muito quizer... emfim, desta vez jógo o socco com Bouchenot.... e então mostrarei se sou fraco.... Huns bottins, que me fazião hum pé tão bonito!.. nunca tive outros tão bem feitos...

— Thimoteo... agora ja te passou a vontade de comer?

— De certo que sim.... mas ainda mesmo, lembrando-me de tal, que levaria eu nos pés para ir á casa de pasto?

— Ora, quando he de porta para porta, ninguem faz reparo em ir de chinellos...

— De chinellos... ora!... e então mesmo por ao pé da parede sempre ésta maldicta rua da Calandra está atascada em lama!.. Nada, isto deve acabar por huma vez!... Bou-

chenot come-nos tudo... Com os mil e duzentos francos da pensão, que me dá o papá, tenho perfeitamente para viver só... não me verei na precisão de estar mettido em casa, pela falta de fato... nem faltar á academia... emfim apresentar-me onde for necessario... Nada, isto assim nenhum geito tinha: passo a tornar-me senhor de mim!

—Tens rasão, Thimoteo...,, lhe responde George, depondo a penna sobre o manuscripto, e olhando tristemente para o amigo. "Sim, bem certo he que podias viver descançado... os meios, que tens, sobejos são para hum rapaz, como tu hes, passar, exempto de cuidados, satisfeito, e livre de privações; em quanto nós outros nada temos com que ao certo possamos contar. Meus paes bem pouco me envião... e, alem disso, eu não sou tão rasoavel, como tu hes... O amor, ou paixão de compor para os theatros me apartou da carreira, a que me destinava... a fortuna parece ter fugido

de mim... tenho-me visto obrigado a contrahir dividas; e esses poucos meios, que me vem da terra, são logo absorvidos pelos credores... Bauchenoi tinha huma fortunasinha, porem deu-lhe cabo... tambem nós lh'a ajudámos a comer, pois a verdade não deve occultar-se, e nessa parte rigorosa justiça se lhe deve fazer... em quanto elle teve, disfructámos a sua bolsa em commum. Emfim, presentemente, elle nada possúe; eu apenas tenho esperanças vagas e dividas... ao mesmo tempo que tu... tu estás certo de receber com regularidade a pensão, que teu pae te dá aqui; a qual não he justo que tu gastes em meia duzia de dias para nos sustentar. Deixa-nos, Thimoteo.... deixa-nos, acompanhados da nossa miseria, e dos nossos cuidados, esperando que algum acaso extraordinario mude a nossa miseravel situação!... deixa-nos com as privações de hoje, e aquella ainda mais completa e absoluta de amanhã! Só, tu bem podes

viver feliz... Deixa-nos... vae-te! [illegible] boleçar-te'hum pouco embalado [illegible] mas [illegible] ao [illegible] dá essa pensão, [illegible] Dentro em pouco esquecerás o máo passadio, que [illegible] dade... [illegible] nha para te aquecer... [illegible] sem lenções, [illegible] quadro de desgraças, [illegible]

Em quanto assim fallava, Thimoteo foi pouco a pouco mederando-se, até que não batia já nas paredes; tinha-se lhe apasiguado a colera, e assim que o amigo acabou de discursar, levou huma das mãos a enxugar as lagrimas, que lhe brotavão dos olhos, e balbuciou, com huma inflexão de voz entrecortada [illegible]

— Não por certo... eu não me separarei dos meus amigos... não fugirei delles pelos ver desgraçados. Não faças caso, meu George, do que eu disse, quando estava tomado da colera... muitas occasiões

diz se tudo, quanto vem á cabeça, e tu bem sabes que eu sou incapaz de assim o practicar... para assim o fazer hera preciso que eu fosse algum desalmado! Maldicta cólera, que tantas tolices fazes dizer!... e depois... Vamos... abraça-me, George!... não estejas contra mim... vou procurar o almoço.„

George abraça o amigo sorrindo: bem conhecia elle a bondade do coração de Thimoteo, e por isso desde logo se esqueceu de tudo, quanto lhe ouvira, incitado pela cólera. Thimoteo vestio as calças á *cosaca*, atou a blouse, calçou os chinelos, e desceu á procurar o almoço, que no seu jubilo de levar cinco francos n'algibeira, Bouchenot se esquecêra de recommendar na casa de pasto, para d'alli ser levado aos seus amigos.

Thimoteo pegou n'hum velho cabaz, no qual arrumou as costelletas, pão, vinho, e tornou dentro em pouco a subir para a casa, em que habitavão; porem na escada, o nosso

jovem estudante encontrou a linda visinha, que descia... O mancebo fez-se vermelho, como a crista d' hum gallo, ao pensar que daquelle modo, com hum cabaz no braço, parecia voltar do mercado: arredou-se para hum dos lados, e cortejou profundamente a visinha.

Hera esta rapariga d'huns vinte annos, trigueira, cabellos castanhos escuros, olhos vivos e azougados, e o talhe do corpo lesto e delicado; tinha bonitos dentes, e ria muitas vezes, para os mostrar, em cuja occasião formava nas faces duas engraçadas covinhas: emfim hera huma dessas caras tentadoras, que, assim como Bouchenot o dissera, não parecia pertencer a huma Lucrecia.

A rapariga não poude suster o riso, vendo Thimoteo com aquelle trajo tão *frasqueiro*, e de mais a mais a cara corrida, com que vinha, por trazer o cabaz: tudo isto hera bem proprio para provocar a hilaridade: ella retribuio-lhe a cortezia, e apres-

sente-se em acabar de jantar. O mancebo voltou para ao pé de George com o coração ainda em movimento desordenado pela vista da visinha, e exclamou

— "Ah! meu amigo!... como eu venho!... trago o coração... a alma... e todas as potencias deste meu ser encantadas! nunca... nunca vi cousa tão deliciosa!

— Ah! guloso!... não podeste conter-te?... ja provaste?...

— Provar?... oh! quem déra!... com que sentadinha! que olhos tão seductores!

— Como he isso? então as costelletas tambem teem olhos!

— Quem tracta agora de costelletas?... eu fallo-te da visinha... da nossa visinha aqui do quarto fronteiro, que acabo de encontrar na escada.

— Oh! isso então he outro caso... sempre vou pôr a mesa.

— Cumprimentei-a... e ella correspondeu-me...

— Ora valha-te Deus! nada mais

natural choque, ao encontra-la, dar-lhe os bons dias, e ella corresponder-te.

— Sim; porem o fez, sorrindo... e até mesmo observei que descia ainda rindo mais.

— He porque talvez achou extravagante o bello trajo, em que lhe appareceste...

— E então olha... ella tem... tem.... aposto eu que não adivinhas?

— Que he pois o, que ella tem? nunca adivinhei charadas humanas.

— Faz duas covinhas nas faces!...

— Duas covinhas!.. na verdade... em tal caso vamos almoçar.

— Sim, almocemos.... porem olha cá, George, tenho cá por dentro huns movimentos a dizerem-me que estou namoradissmo da visinhinha.

— Isso he lá comtigo: hes senhor de o fazeres...

— Oh! em verdade que estou

namorado; havia muito que desejava achar cousa de geito, e digna de empregar o meu tempo... agora ésta apanha-me o coração devoluto...

— Pois meu amigo, engaja-te.... eu não te dissuadirei.

— Sim; porem não quero que me succeda, como de ordinario, que logo me empolgão as conquistas.

— Nunca poderás dizer que tenha eu sido...

— Não digo seres tu; agora essa cabeça só anda cheia de theatros, composições e dramas, &c. de certo não te fica hum instante para pensares em amores; porem he o nosso Bouchenot quem se encarrega sempre dessas boas obras.... de me pregar taes peças... Assim que acabo de agradar a qualquer fêmea... bumba! logo elle se intro-duz... logo m'a apanha.

— Pois isso está na tua mão evita lo: arranja-te de modo que sejas amado antes delle.

— E de certo que tenciono tomar as minhas medidas.... Porem oh! que visinha!... que visinha!... que linda ella he! Oh!... vou atirar-me ás costelletas. „

Os dous jovens forão dando conta do almoço, com a melhor vontade, pois o amor, que Thimoteo sentia, não hera desses, que tirão o appetite: o nosso joven amoroso não come, devóra; George faz outro tanto, de modo que os dous francos, sem que sobejasse hum sou, forão gastos no almoço; e só largárão da mesa, quando alli não havia a migalha mais insignificante.

Thimoteo foi mirar-se no espelhinho, e, ao ver-se alli copiado, suspirou, murmurando: — "Ter me ella visto assim.., assim com huma blouse, tão cuja, e em chinellos!.. mas bem pensado, sempre estava melhor doque Bouchenot: antes ver-me d'ésta forma, doque no trajo da natureza, em que a final se lhe mostrou Bouchenot. Eu? não he isto, George?

— Mas emfim... quem sabe... talvez...

— Ora George, eis ahi hum tal vez que não pouco me affige... pelo que vejo, tens bem má opinião da visinha.

— Tal não ha: quasi que nem a conheço, tendo a somente visto de passagem.

— Tambem não desejo que melhor a conheças, pois.... emfim hes peccador, como os outros, e podes ficar namorado.

— Não, não; eu não me inflammo com essa facilidade.... Já por mim tem passado humas poucas de illusões d'amor.

— Sabes que mais, vou de patrulha para o patamar, e por lhe a espreita de quando ella volta.

— Nisso nenhum inconveniente vejo; porem, quando a vires, que lhe dirás?

— Faço-lhe huma cortezia.

— A rapariga fica pensando que não sabes fazer outra cousa.

— Desse modo querias que fosse

assim com hum conhecimento, tão pequeno, fazer-lhe já alguma declaração... ali... n'huma escada, e ao pé da sua porta?

— Bouchenil he assim que o faria?

— Ora, lá esse trata essas cousas d'amor, como quem bebe hum copo de cerveja... o meu modo de proceder he bem differente... condiz com o meu genio.

— No emtanto vejo bem que elle nessa parte segue o verdadeiro caminho, pois chega mesmo a pôr-lo do *lanço* todas as, a quem fazes tuas *finezas*.

— Eu cá não sou para isso assim estavanadamente: quando estou namorado, faço do sentimento amoroso, como se fôra huma roenda de linho, e ponho me a fiar aquelle sentimento, muito sinuno, muito delicado, assim que dor cuidamento de fio, isto assim é de mestre, o outro tudo não he nada. Meu amigo, he vão bom chorar a *pitanga*?...

— Pois fia essas rocadas como te parecer, meu caro, que eu vou concluir as minhas correcções. „

George lança-se de novo ao seu manuscripto, em quanto Thimoteo, esgaravunhando com as mãos o cabello, o qual ensopou com toda a porção restante da *agua de mel*, vae situar-se no patamar, á espera da visinha; mas, depois de ahi se demorar, esperando vãmente, mais de huma hora, sente que alguem sobe a escada... hera hum aguadeiro: Thimoteo entra despeitado no quarto.

— "Que he isso... desta vez não será a linda visinha?„ lhe diz George.

— E então hera ella!... hum aguadeiro. Nada, o dia começou para mim inquizilado, e por força que ha de acabar mal.... até ja aposto que não volta para casa em todo o dia... e no entanto eu não hei de passar toda a tarde no patamar....

— Queres que te forneça huma ideia, capaz de surtir bom effeito!

— Oh! *sim, meu queridinho George*... sim, dá me huma ideia, que deve ser de mestre: quem está tão costumado a improvisar incidentes, tem disso boa provisão; nessas cousas sou mesmo hum miseravel.

— Escreve hum escriptinho á visinha, declarando esse inexplicavel affecto, e introduze-lh'o por debaixo da porta, ou mette lh'o no buraco da fechadura.

— Pois eu havia de escrever á mulher, que não conheço... a quem não fallei .. e que até não lhe sei o nome?!

— Tudo isso he huma purissima asneira: para que precisa o homem saber o nome da mulher, que namora?

— Pois meu rico, assim nada.... eu sim estou namorado, porem ainda não me morde o bixo, para me obrigar a fazer lhe huma tal declaração.... pelo menos, eu não a faço.... se tu quizesses, George....

tu hes quem m'a podias arranjar.

— Não agora nesta occasião: deixa-me concluir isto.

— Oh! lá me parece que ouço passos na escada!.. „ Thimoteo volta outra vez para o patamar.... estende o pescoço por cima do corrimão, para ver nos lanços inferiores, e dá com o visinho Jaques, que entra para sua casa.

— " Está dicto... hoje he tudo para mim *inquisitado!*... „ exclama Thimoteo, voltando para ao pé de George: todos da escada vem para suas casas, menos a visinha!

— E a mim parece-me não ser ella somente quem falta... Bouchenot tambem ainda por lá anda.... „ diz George, " e o dia vae concluido.

— Bouchenot! oh! esse nenhuma admiração me causa?.. a estas horas ainda elle anda ao *lareque*, impostarando com os cem sous, que levou na algibeira: tão cedo não devemos esperal-o. Que venha quando qui-

zer, com tanto que não se esqueça de trazer a empada, que nos prometteu... se faz, como fez ao almoço, esquecendo-se de nós, estamos frescos !.. e que jantaremos?

— Oh! a empada nos traz elle; não he capaz de levar o esquecimento a esse ponto, pois sabe o motivo, porque assim esperamos.

— Assim mesmo, olha que não tenho, a esse respeito, a alma grandemente socegada!„

Decorre ainda mais d'huma hora, que Thimoteo passa, sahindo ao patamar, tornando pata o quarto, ora fóra, ora dentro, até que ouve subir lestamente alguem, a cujas passadas, julgando serem de mulher, logo tambem suppõe não poderá deixar de ser a visinha.

Porem enganou-se; ainda neste caso não he aquella, por quem espera: todavia, não se retirou do patamar, porque a vista d'huma mulher he sempre como hum *imam*, que atrahe os mancebos: a pessoa, que sobe a escada, he homa rapa-

riga muito mais alta, mais gorda, e mais reforçada, em todas as proporções, do que a visinha: he huma belleza d'outro genero.

—"Acaso virá ésta moça visitar-nos?!„ diz comsigo Thimoteo, ao ver que ella vem subindo para o quarto andar. "Por cima de nós só conheço os gatos por inquilinos... portanto só vindo procurar-nos.... Oh! tambem pode ser que seja para a visinha fronteira.„

A rapariga, chegando onde está Thimoteo, e não vendo mais para onde subir, pára deante do mancebo, que logo lhe faz huma profunda cortezia; depois fica indecisa, olhando para as duas portas, até que lhe diz:

—"Meu senhor... peço-vos desculpa... mademoiselle Celina... em qual das portas devo batter! fazeis favor de dzer-m'o.

—Mademoiselle Celina!...„ responde Thimoteo, fazendo lhe ainda outra cortezia: "por esse nome não sei que haja aqui... mas que officio,

occupação; ou emprego tem essa *menina?*

—O emprego, meu senhor?.. ella occupa se... faz... estampas... mette côres em bonecos... destes, que se pintão nos papeis; ainda não ha muito, que para aqui se mudou.

—Oh! então ja sei: deve ser a nossa visinha, que mora n'essa porta ahi fronteira... Eu não lhe sei o nome; porem he provavel que seja ella.... trigueirasinha.... *baixotasinha*... e *traz hum vestido de* quadros escarlates e verdes.

—Sim, senhor... sim senhor; he isso mesmo: muito tempo ha que ella tem esse vestido!... He então nesta porta?

—Sim, mademoiselle.... nessa porta defronte de mim:,, e, como a rapariga ia para batter, Thimoteo lhe obsta, dizendo:

—He escusado batterdes, mademoiselle... a nossa visinha sahio ha humas poucas d'horas, e ainda não voltou para casa.

—Valha-me Deos! ora, ora!.. e

estaes bem certo de que ainda não voltou para casa?

—Tão certo que mais não pode ser!... ha que tempos estou eu n' este patamar!... quero dizer, em casa, sem sahir; e de nossa casa mui bem se ouve quando os visinhos entrão para as suas.

—Ora vejão se ha diabrura similhante!... e então eu que moro tão longe.., eu que nem sempre tenho occasião *asada* de poder sahir...

—Mademoiselle, eu julgo que a nossa visinha não poderá tardar muito, visto estar fóra ha tanto tempo... Se quereis espera la, descançando em nossa casa?...

—Ah! meu senhor... pareceis me bom homem... porem.. eu.., eu... dizei me, não será incommodar-vos?

—Pelo contrario, mademoiselle, he dar-nos muito gosto.,,

E Thimoteo, fazendo lhe tereeira cortezia, abre logo de todo a porta para traz, convidando-a a que entre. Depois de ainda por hum ins-

tanto mostrar-se indecisa, ella se resolve a acceitar o offerecimento, que se lhe acaba de fazer: o modo respeitoso de Thimoteo tinha encantado a rapariga, que, alem disso, hera constituida com proporções bem capazes de poder deffender-se contra qualquer temerario. Porem não he bom fiar nas apparencias: as mulheres d'huma construcção robusta, fortes de physico, bem podem ser fracas, relativo ao moral. Quantos homens baixinhos, e que parecem destituidos de força, haverão conquistado d'assalto virtudes solidas e robustas?... he verdade que tambem pode ser não tenhão achado grande resistencia.

Emfim a rapariga entrou para o quarto dos estudantes; mas, appercebendo George, parou, e deu mostras como de querer novamente sahir; mas aquelle levantou-se para a cortejar, e Thimoteo apressou-se em trazer lhe a cadeira, em que o seu antigo estava sentado, pois, sendo a outra, de certo lhe succederia o mes-

mo, que ao ferro velho; ainda que isso não seria desagradavel aos deus, mas quasi huma perfidia, armada á rapariga.... ésta, vendo tanta urbanidade, não sahio.

— Ora sentae-vos!... sentae vos, mademoiselle,, diz Thimoteo, apresentando-lhe a cadeira.

— Oh! meus senhores, não vae a incommodar com tanta bondade.... eu não mereço... mas receio... e depois não posso espera-la por muito tempo.

— Estareis aquelle, que for da vossa vontade, mademoiselle... (lhe diz George) mas podeis, sem o menor receio, descançar nesta casa... qualquer de nós he incapaz de faltar ao respeito, que se deve ás senhoras.

— Sim ... Oh! isso com toda a certeza!.,, acrescenta Thimoteo, sentando se na cadeira, que tem só trez pés, e equilibrando-se, para evitar algum trambolhão; " somos incapazes.... de.... como diz o meu amigo. ,,

A rapariga senta-se finalmente, mas só na borda da cadeira: ha pessoas, que assim o practicão, julgando que ésta posição lhes dará mais facilidade para se retirarem.

George, sem mostrar que repara nella, vae buscar a mala, arrastrando-a para junto da mesa, e senta-se em cima; Thimoteo olha para a moça, fazendo boquinha agradavel, e ella tem a vista cravada nos pés. George dá se pressa em reanimar a conversação.

— "Somente de vista conhecemos a nossa visinha (diz elle) mas tem hum modo alegre... e huma natural amabilidade.

— A's vezes ouvimo-la cantar, quando sahe de casa (acrescenta Thimoteo) e tem ella huma vôz .. oh! fação-me favor!... he hum canario!

— He isso, he isso: Celina cantarola bem... ja quiz *esquirturar-se* no *tréato*... mas os parentes não quizerão.

—Então pertence a alguma familia nobre?..., pergunta Thimoteo.

—Nada, nada, meu senhor: nem ella, nem eu: meu pae vendia perús...

—Oh! que he excellente negocio!,, replica George, suspirando: quem me déra conhecer ésta noite algum homem, que vendesse gallinhas, patos, perús, ou mesmo que só fossem frangãos!..

— E vós, mademoiselle, tambem illuminaes estampas, como a nossa visinha?...,, pergunta Thimoteo, dando huma lambedella aos beiços.

— Nada, não senhor: estou em casa d'huma fanqueira, de onde quasi nunca saiho: tambem ainda não ha muito tempo que estou em Pariz...

—Acaso então sois de fóra, mademoiselle?,, pergunta Thimoteo.

— He verdade, meu senhor: sou de Poissy... acima de Saint Germain.

—Sei, sei muito bem onde fica Poissy... he celebrada pela cadêa e extensão da ponte.

—Que eu nunca tinha vindo a Pariz, antes da primeira vez,, torna ella.

—Na verdade... ,, exclama George, diligenciando supprimir o riso, ao ouvir aquella nescedade: " desse modo muitas cousas serão novas *para vós.*

—Oh! que sim, que sim!.. e por isso he que sahi hoje de casa bem cedo, para vir ter com Celina, contando irmos dar hum passeio: ella he mesmo de Pariz, e prometteu levar-me a todas as partes, para mostrar-me o, que houvesse capaz de se ver... e outras cousas... Ora, perdi o dia: sahi cedo de casa, e cedo aqui chegaria, porem hum transtorno, que me causou hum maldicto acontecimento, que tive no caminho...

—Transtorno por acontecimento, mademoiselle!..

—*E então bem desgraçado....*

cousa, que me toca bem cá por dentro!..,, replica a rapariga, soltando hum ai bastante estrepitoso.

— Se não fosse indiscripção perguntar vos de que natureza foi hum acontecimento, que tanto vos tocou, desejáramos sabe lo, para nelle tomar parte,, diz Thimoteo, mostrando se ja bem interessado no, que he relativo á rapariga.

— E até mesmo se em nossa mão estiver a faculdade de vos podermos servir d'alguma utilidade, podeis contar com a nossa dedicação,, accrescenta George.

— Bem se vê que sois bons senhores!.. pois nem todos, assim tão rapazes, se mostrão tão polidos, como vós.... Agora mesmo ainda eu estou bem encolerisada contra hum, que não conheço.

— Acaso se atreveu a insultar-vos na rua?

— Oh! isso tinha que ver!.. eu conto como foi o caso. Vinha eu, ja depois de ter sahido da casa da

minha ama fanqueira... vinha eu, como dizia, acompanhada d'hum cão, que hera meu... pois deveis saber que tenho hum padrinho, o qual me deu hum cão grande para me deffender, quando andasse pelas ruas de Pariz... isto he, deffender-me, quando eu sahisse só.

— Excellente precaução na verdade!

— E pois que sim!.. he de admirar quanto eu me tinha dado bem! Enfim sahi acompanhada do meu Bigode... que estava comigo havia humas trez semanas, mas ja parecia andar comigo, como com sua domna. Vinha, pois, com elle, quando n'huma rua, hum sugeito entrou a seguir-me... a fallar me... dizendo-me tolices... que eu hera bonita, linda... bem feita... e que me adorava.

— E a isso he que chamaes tolices, mademoiselle?

— E está bem visto que são tolices! Como pode qualquer homem perder-se desses amores por huma

mulher, só porque a vio saltar huma enxurrada! Ora depois disso, como eu tenho cá na cabeça a lição, que me ensinárão, de não dar *trela* aos homens, quando chasqueião com as mulheres na rua, nenhuma attenção dava ao tal meu senhor; o qual sempre teimoso, não só me seguia, mas continuava, *finezeando*, dizendo isto, aquillo, aquell'outro .. emfim...

— *Assolastes lhe* o cão? em?

— Qual! ora Deos meu! ahi he que vae tudo! Bigode logo se metteu de gorra com elle, e não o largou, e indo muito *ancho*.

— Admira que ao menos lhe não mordesse nas canellas...

— Morder, como eu tenho visto! pois não!... estava ja com o démo do homem, como se o conhecesse de pequenino. Isto zangou-me; chamo o cão, porem não me obedece... O sugeito, para me socegar, caminha para outro lado, mas o teimoso do Bigode não o larga, e vejo-me obrigada a correr a traz delle. Emfim lembro me de atar-lhe ao pes-

coço hum cordão de algodão, que trazia comigo, e assim o levo contra sua vontade... mas ainda bem poucos passos tinhamos andado, que me atira hum *sacão*, quebra a atadura, e safa-se-me... Como eu ja estava cançada de andar para traz, e para deante, não quiz mais fazer esse gosto ao diabo, indo novamente procurar o sugeito, e tomei a resolução de continuar o meu caminho. Porem o certo he que perdi o meu cão... do qual tenho muita pena.... porque meu padrinho tanto m'o recommendou! E ninguem venha cá dizer me que não foi por culpa do tal sugeito... o homem hera certamente algum enfeitiçador de animaes: foi este o motivo, que me demorou no caminho, fazendo-me chegar aqui, quando ja Celina tinha sahido.

—Pois, mademoiselle, só hum meio vos resta, para terdes outra vez o cão, e he mandando pôr hum annuncio em qualquer periodico, prometendo *alviçaras*, ou *huma re-*

compensa a quem vo-lo for entregar.

— Huma recompensa .. eu tenho cá dinheiro para recompensas!... fica-me grande pena em perder o meu Bigode.... mas emfim paciencia!...

— Se vos conhecessem, mademoiselle (diz Thimoteo) bem certo estou de que se apressarião em entregar-vo lo sem premio... ainda não hera pequena felicidade fazer-vos qualquer serviço...

— Ora sempre sois muito bom rapaz!

— He mui natural, quando chegardes a casa, ja ahi encontrar o vosso cão.

— Não, isso não o espero eu, pois ha poucos dias que está comigo, e não estava contente: custava me bem para que não sahisse d'alli, e andasse á *gandaia* com as cadellas da visinhança.

— Se o dia não estivesse ja tão avançado... sim, se não fosse, por assim dizer, tão perto da noite....

(diz Thimoteo) pedir-vos hia licença para sahir comvosco, e iriamos procurar o cão. Porem não fostes ver se iria para casa de vosso padrinho? visto ser elle quem vo-lo deu, naturalmente alli foi parar.

— Meu padrinho ja não está em Pariz, ha trez semanas que se foi para a terra... para Meaux, e não creio que o meu Bigode lá fosse dar com as patas: como acertaria com o caminho, se nunca lá esteve?... Mas faz-se-me tarde.. Celina não vem... portanto resolvo me a ir por ahi fora calcurriando para casa.

— Pois que, mademoiselle, não quereis esperar por ella?..

— Nada: isto he quasi noite, e a ama, na loja de quem estou, entra a ralhar me, por chegar tarde.... e depois tambem não quero andar só por essas ruas á noite.. muito mais não indo acompanhada do cão.

— Parece-me que o tal cãosinho não sería grande peça para deffender-vos „ observa George.

— Assim mesmo sempre hera companhia.

— E então moraes muito longe, mademoiselle?

— Ai! e muito, meu senhor!... he na rua Poissonnière, quasi ao pé do boulevard: d'aqui lá, não tem duvida, tenho que dar aos *pésunhos!*

— He verdade que deveis lá chegar com elles bem quentes ,, diz George, sorrindo.

— Quereis que vamos acompanhar-vos, mademoiselle?... ,, diz Thimoteo, ao mesmo tempo lançando hum golpe de vista sobre o trajo em que está.

— Oh! agradecida, meus senhores: quero antes ir só.

— Não insistiremos, mademoiselle ,, se apressa George em responder, porque nunca, até hoje, soubemos o que fosse contrariar a vontade de qualquer senhora.

— Mas que diremos da vossa parte... sim, não quereis deixar algum recado para darmos á visinha

quando chegar?„ lhe observa Thimoteo.

— Se quereis ter o trabalho de lhe dizer que vim aqui... ah! porem isto he ser muito *parvalhona!*.. não sabeis o meu nome... Prudencia Flambard.... dizei-lhe que me fui zangada de não a encontrar; e que então vá ella... vá lá vêr me á casa, onde estou d'aprendiz, que estou alli sempre, até não estar, pois tal casa aborrece-me, e tenho vontade de ir para outra ... Dizei-lhe isto, senhores, e fico-vos muito *agardecida*.

— He bastante, mademoiselle, não faltaremos em lhe dar o vosso recado.... Assim mesmo, por vós muito sentimos que não possaes esperar mais tempo.

— Nem mais hum boccadinho.... ja perdi o cão de dia, e não quero perder depois mais alguma cousa; vou me de carreira. Muito agradecida, meus senhores... peço desculpa do incommodo.

— De nenhum modo nos incom-

modastes, mademoiselle; a satisfação foi toda nossa... Tomae cuidado com a escada, que está humida e escorregadia.„

Mademoiselle Prudencia Flambard desceu, e Thimoteo, que foi acompanha-la á escada, entra para dentro de casa, exclamando:

—" Oh! grande moça! grande moça!... não he assim, George?

—Chamas lhe grande moça porque he alta... por ser muito carnuda... ter huns braços e pescoço mui grossos?!... He huma rapariga de sólida conformação, e nada mais.

—Sim, nada mais... ora, ora!... e a cara, não he bonita? não tem bellas côres... bons dentes?

—Ora, huma cara de mulher do campo... côr encarniçada, e as faces bochechudas, como huma creança recem-nascida... Pelo menos, eu não sou admirador dessa qualidade de bellesas.... gósto das mulheres mais delicadas.... e, alem disso, a tal senhora Prudencia Flambard parece-me huma perfeita estupida!

— O que! pois fazes essa ideia?

— Bem devias reparar em tanta cousa, que disse, como amostras de materialidade.

— Ora, isso tambem não he exacto... muitas vezes a timidez .. porem isso não tira .. he boa moça!.. mesmo encheu-me as medidas!.. he moça, que muito e muito me satisfaria!

— Ui! então como he isso? não estavas tão rendido aos encantos da visinha? Apparece ésta, e tambem muito te agrada!... Se o destino mandar cá huma terceira, ahi ficas tambem namorado!

— Homem, tu não entendes?... quando a gente tem o coração, não só desoccupado, mas ha muito com falta do alimento d'amor, he como o estomago a dar horas, capaz de comer tudo, quanto lhe apparece... todo acha bom! Mas a proposito de comer... agora jantava eu de boa vontade ..

— Tambem eu!...

— E o caso he que he noite, e

Bouchenot sem voltar! Se elle não nos traz a empada, que haremos jantar.. ou, para melhor dizer, que ceiaremos?

— Do almoço nada ficou?...

— Pois não sabes que tudo comemos?

— Diabo!... accendamos sempre a vela.„

George vae procurar huma caixinha de phosphoros, que dous dias antes havia comprado, accende a vela, que estava enterrada na botija da graxa, e aqui servia de candeeiro: depois foi de novo sentar-se á mesa para escrever.

—" E tornas á mesma?!...„ lhe diz Thimoteo com huma expressão triste.

— Porque não!.. que queres que eu faça?... huma vez que nada temos para comer... Olha, Thimoteo, toma o meu conselho... entretem-te escrevendo, ou estudando... quando a gente tem a ideia occupada, não lhe lembra o comer.

— Será exacto, quando se com-

põe... mas para estudar nego: estomago esfaimado tem a ideia cheia dessa precisão. Ah! Bouchenot... Bouchenot... se tu vens para casa sem nada trazer... se nos pregas tal logração, tendo levado o dinheiro dos meus pobres botins!... Cem sous.. com aquelle dinheiro comprão-se quatro grandes empadas!... ,,

E Thimoteo foi sentar se na cadeira, em que estivera mademoiselle Prudencia, na qual entrou a balancear-se, ao mesmo tempo que em vóz alta fazia as suas reflexões.

—" Pobre rapariga, que perdeu o seu cão... e aquell'outro que lh'o levou... C'os demonios! que fome, que eu tenho!... Bouchenot sem apparecer... Agora o que sería bom hera se eu dormisse.... hum somno grande talvez me tirasse a vontade de comer.... Prudencia Flambard... vejão que nome! e a visinha, que se chama *Celina*, como eu ja ouvi n'hum velho melodrama do Ambigu... quem sabe, talvez seja tam-

bem alguma rapariga de nascimento mysterioso! . Nada... preciso... preciso es.. crever a. . meu pae.... Os meus ricos bat. .tins, que me fazião o pé .. tão bo...ni...to... „

Thimoteo cessa de fallar, e ja pronunciára as ultimas phrases com os olhos quasi cerrados, até que totalmente adormeceu. George, dando por isso, escreve mais de manso, e até não faz bulha com os papeis, temendo acorda lo, e privar o seu amigo daquelle bem.

Passa se assim mais de huma hora, até que George, sentindo-se cançado da escripta, e invejando o somno pacifico de Thimoteo, de si brandamente arréda o manuscripto, encosta o braço á mesa, e sobre este appoiando a cabeça, diz:

—" Se me acontecesse outro tanto... que dormisse como elle... durante esse tempo, talvez que Buchenot chegasse... que trouxesse o que... „

A natureza soccorredora veio em auxilio do mancebo, que não tardou

em adormecer tão profundamente como Thimoteo.

Dava meia noite no relogio da relação, quando os dous jovens acordárão, e ao mesmo tempo ábrirão os olhos: a vela ainda durava, porem ja proxima a extinguir se.

— " Isto he muito tarde! (diz Thimoteo) segundo julgo, *muito* dormimos!

— *Está dando meia noite* ,, responde George.

— Meia noite!!.. ai, santo Deos!.. E Bouchenot sem ter chegado!...

— Com effeito, he cousa bem singular!

— E muito mais, depois de saber que em casa nada tinhamos, e esperavamos por elle para comer á noite alguma cousa... na verdade que não pode haver procedimento mais indigno!...

— Nada, nada... deve ter-lhe accontecido alguma *cousa bem extraordinaria*, pois d'outro modo, affianço não ser capaz de nos deixar assim... ao menos, oxalá que

não experimentasse alguma desgraça, e que o vejamos são e salvo.

— E então, mesmo sem nenhuns meios!... como passaremos o dia de amanhã!!!

— Ora vamos, Thimoteo, não te desconsoles!...: olha, deixa estar, venderemos alguma cousa...

— Qual! meu amigo! por ventura temos ahi alguma cousa que vender? ja lá vae tudo!... nenhum recurso... nenhum meio... Ah! sinto fortissimas dores no estomago.

— Olha, deita-te; faze por tornar a adormecer...

— Não... agora nenhum somno tenho... está ésta cabeça muito inquieta! „

George procurava socegar Thimoteo, porem dentro do seu coração sentia igual tristeza e angustia. Toda a phylosophia, toda a levianez da juventude não tem força para combater contra a necessidade: embora o futuro lhe offereça algumas esperanças, o essencial he a urgente precisão de chegar a esse

futuro... No entanto vive-se na miseria mais desastrosa... O' corajem sem igual, que sustentas o ente até alcançar o, que vê tão longe, e não cahir prostrado no caminho!

Os dous amigos continuavão sentados hum defronte do outro, mas sem fallar, pois nenhum delles se lembrava de qualquer palavra consoladora.

De repente ouvem passos subindo a escada com precipitação .. dão attenção .. sentem parar á sua porta... logo bater de rijo.

—" Ah! que he elle!.. he Bouchenot!,, exclamão os dous no maior auge de gosto, correndo juntos a abrir-lhe a porta.

CAPITULO II.

Regresso do filho Prodigo.

Com effeito hera Bouchenot, mas pállido, prostrado de cançasso, coberto de lama, suando a bom suar, e com a casaca esfarrapada, como o leitor bem sabe: emfim, vinha, por assim dizer, transtornado, alem de exprimir nas feições o maior terror.

— "Ora até que finalmente chegaste! „ lhe dizem George e Thimoteo, que tão contentes estão por verem o seu amigo, que não repararão ainda na sua perturbação, e tão pouco roconhecerão a expressão assustada da physiognomia.

— Ora vir tão tarde, meu amigo!

— Que diabo tens feito em todo o dia até agora?

— *Mas certamente não te esquecerias* de trazer-nos alguma cousa paro comer!... „

Bouchenot, sem deliberar-se a responder, fecha com cuidado a porta do quarto, e depois atira comsigo sobre a cadeira, murmurando:

— "Emfim!... aqui estou em segurança!... ah! ainda não estou em mim!„

Thimoteo repara então no bem amanhado do trajo de Bouchenot, e solta hum grito lastimoso.

—"Ai, Deos meu! Olha, George!... vê em que estado elle se nos apresenta!.. Olha para a nossa triste casaca!... olha como vem toda feita em hastilhas!

— He verdade!... esfarrapada!... com huma parte da gola, huma banda e huma aba de menos.... e ainda por de traz cheia de rasgões! Então que foi isto?... andaste ás bulhas com alguem?

— Ou foste atacado de ladrões?.. falla por huma vez!

— Ah! meus amigos, por quem sois, deixae que inteiramente torne a mim!... Ah! que dia, Deos do Ceo!... que dia tão desgraçado para mim!

— E o empadão, que devias trazer nos... qu'he delle?„

Bouchenot tira da algibeira os dous pedaços da chamada canna da India, e lh'os apresenta, dizendo:

—"Ahi está tudo, quanto trago... e ésta mercancia assim mesmo custou-me trez francos...

— Bouchenot!.. olha que não he boa a occasião de estarmos com fome, que tu escolheste para cassoarnos!..

— Ui! pois eu brinco!.. tambem tenho o estomago vazio, pois nada jantei... aposto que ainda almocei muito menos, doque vós.... e de mais a mais a andar sempre desde que sahi d'aqui.

— Porem tu levaste cinco francos n'algibeira....

— Não me pode esquecer a pobre casaca!.. hum traste tão necessario

a todos trez... sahir d'aqui ésta manhã *em bom estado*, e *agora, sem* para nada poder servir!

—Vamos, então nada trazes para comermos?...

—Homens do Ceo, deixem-me socegar ésta ideia... deem-me tempo, e depois contarei as minhas aventuras.

—Com a narração das tuas aventuras não he que havemos de ceiar... (diz Thimoteo, com hum modo desesperado, atirando comsigo sobre a mala). Ora não ha! pois este homem não considerou em todo o dia, que estariamos á sua espera.. á espera do, que nos trouxesse!?...

—Pelo que vejo não querem que eu diga palavra!

—Falla, que nós te damos attenção,, diz George.,,

Bouchenot lança primeiro hum olhar desvairado e cheio de susto em de redor de si, e depois, limpando o suor, que lhe escorre do rosto, dá começo á sua narração, mas em vóz tão baixa, como se temesse ser ouvido:

—"Sahi ésta manhã cheio das mais bellas esperanças.. levava cinco francos n'algibeira..

—Sim, bem sei, herão os cincos francos, producto dos meus bottins novos, que tu vendeste!.. „ exclama Thimoteo.

—Ora! que diabo! meu amigo, nós precisavamos de dinheiro viesse elle de onde viesse.... o ferro velho nada dava pela outra farraparia.... vós querieis almoçar...

—E agora tambem queriamos ter ceiado, pois não jantamos..

—Thimoteo, se a cada instante me interrompes, nunca poderei contar as minhas aventuras...

—Vamos, prosegue, que Thimoteo não te interrompe.

—Tinha, pois, sahido acompanhado da melhor disposição d'espirito.... tudo, quanto via deante de mim, hera em côres alegres e brilhantes... até alguns *porcariços* me parecêrão rosados e loução. Contava almoçar em casa d'hum antigo *arranjinho*.... madama Dubillon.... ia

a caminho... bomba! primeira desgraça: metti hum pé n'hum charco ou monturo, e de tal modo fiquei enlameado, que foi preciso.... hera indispensavel recorrer ao artista engraxador, e por conseguinte trocar o patacão dos cinco francos.... Depois fui andando, e.. succombi á tentação de comprar a hum turco, mesmo turco, estabelecido com sua *quitanda* ambulante na rua Vivienne huma caixinha de pastilhas do serralho. Ora eu concordo em que bem podia passar, sem fazer aquella despeza ... mas o aroma tanto me encantou!... Ei-las aqui, meus queridos rapazes... trouxe-as com cuidado n'algibeira.. ahi as tendes... queimae huma, e podereis inspirar o mais delicioso perfume!.. ,,

George encolhe os hombros, e Thimoteo, repellindo as pastilhas do serralho, que Bouchenot lhe apresenta, exclama:

—" Pensas acaso que encheremos os estomagos com o cheiro das taes

pastilhas? Não está má a lembrança de cá trazer-nos similhante coisa!

—Thimoteo... tu prometteste não interromper-me... ora vamos, que eu prosigo. Fiquei, pois, só com trez francos e oito sous... Deos bem sabe qual hera a minha tenção!... ai que ceia tão succolenta, que eu vos traria! Mas parece que o diabo me tomára á sua conta!... bumba! segunda desgraça... Vejo-me perseguido por hum maldicto vendedor de bengalas, que á força mette-me huma entre as mãos... diz-me que dobra... que vérga... que não quebra.... porem a supposta canna da India estala n'hum momento! Aqui herão mãos perdidas... fui obrigado a pagar trez francos!

— Mas que diabo de mania!.. se tu não podias, nem querias comprar bengalas, para que as apreçaste... para que entraste com experiencias se dobrava?

— Ora Thimoteo... eu creio que tu não queres que eu continue?...

Parti, como podeis julgar, bem zangado a procurar a minha sensivel Dubillon .. más bumba! terceira desgraça... tinha ido para Pontoise! Lembro me da terna Elvina... bumba! quarta desgraça... estava lá de visita o seu *protector!* Bem podeis julgar se estaria cançado do passeio, e como teria o estomago: lancei mão dos oito sous restantes, e dispendi-os no almoço... parece-me não merecer a critica, por huma despeza, tão justa, depois de ter corrido toda a cidade... Apresentei-vos a conta do, em que despendi os cinco francos, sem me escapar o menor detalhe: visto o que, não posso merecer censura.

— Na verdade que muito bem empregaste o dinheiro!

— Mas a nossa casaca!... e esse estado, em que nos appareces.... que indica tudo isto?„ pergunta-lhe George.

— Homens!.. deem-me tempo para responder!. apenas sabeis huma parte das minhas desgraças. Estava

pois almoçando.... na loja d'hum salsixeiro.... e vejo passar huma rapariga toda *fáfia*.... pelo menos assim me pareceu.... agora faço idéia de que hera hum demonio!. Largo tudo, vou seguindo a e dizendo lhe minhas finezas.... ella esquenta-se: naturalmente hera ainda de primeira mão, sem practica do mundo.. deixo-a seguir seu caminho; porem como ella trazia hum cão, admirem-se os meus amigos, sabendo que o animal deixou a donna, para me acompanhar: por mais que o enxotasse nunca me quiz largar.

— Ora ésta, George!... (lhe diz Thimoteo, olhando para aquelle, que surria) e aonde ficou o cão?

— Deixa-me continuar. Prosigo no meu caminho, acompanhado do cão... depois conheci que por trazer na algibeira o boccado do presunto he que o cão demonstrava aquella amisade. Enfim, meus amigos, seria fastidioso narrar-vos todas as aventuras, que o maldicto do animal me atrahio: deu huma cabeçada n'huma

rapariguinha, vendedora de palitos, e depois de lhe espalhar toda a mercancia, partio de carreira, levando-lhe o cabaz nos dentes; logo depois metteu o pescoço a humas correntes de segurança para relogios, e ei-lo parte com huma em guisa de colleira. Acompanhado daquelle diabo entro em casa dos Monflacons, para emfim jantar, e lança-se ao pequeno, raspando-lhe nas pousadeiras, em modo que perdi o jantar, pois fui despedido. Finalmente hera ja noite... nada mais comêra, e estava bem zangado, quando o acaso me fez passar pelos boulevards do *Marais*, onde vi huma companhia de funambulos, entre a qual estava huma mulher annunciando que jogaria a espada com qualquer curioso, e isto de graça. Foi então que me chegou ao pensamento a miseravel ideia de assim me entreter hum pouco..... tanto que o podia fazer, sem risco.... por estar bem certo de, que eu sou, no jogo das armas.

— Não ha duvida que tens grandes rasões para assim te gabares!.. ora!..

— A prova de que eu sou bom jogador de florete he ter arrumado á *mestrassa* hum bote soberbo!... hum bote de mestre!.. por hum *triz* que não lhe tirei hum olho pelo boraco do outro.

— Mas emfim?

— Emfim, escamados todos os funambulos de eu lhes ter amanhado daquelle modo a *virago* querião obrigar-me a que os regalasse com *vinhaça* e aguardente: ja podeis julgar que não annuí; travarão se de rasões comigo... bumba! entrámos ao socco... E taubem n'este combate portei-me com hum leão... estava furioso, distribuindo murrazio para hum e outro lado, porem o maldicto do cão, pretendendo tirar-me d'alli, tanto me puxava pela casaca... tanto puxava, que o resultado foi sahir daquella refrega no estado, em que me vedes.

— Muito bem.... mas depois....

que mais te aconteceu?... depois não andaste a bulhar até á meia noite.... e o cão, o cão.... onde o deixaste? que he feito d'elle?

— Depois.... „ continúa Bouchenot, olhando inquieto em de redor do quarto, e demorando-se muito em cada palavra; " depois... larguei dos boulevards no estado, em que vinha... e bem pensareis não desejar que me vissem naquelle bello feitio; andei muito tempo.... muito tempo d'huma banda para outra... *fazendo* horas... até que emfim parei n'huma rua... que ainda não sei bem se com effeito hera rua.... o certo he não saber onde fui parar „.

— Tambem de certo se pode affirmar que tu nem sabes o, que has de dizer „ o interrompe George, ja impaciente da lentidão, com que Bouchenot tem espaçado a sua narrativa.

— O' homem!... tambem nada *relevas*!... *depois* de tudo, que me succedeu, pareçe ser bem na-

tural que eu tenha a ideia algum tanto perturbada!..

— Mas finalmente conclue por huma vez: que mais te aconteceu?

— Que mais me aconteceu?... nada... nada mais... Sentei-me sobre hum columnelo a descançar, pois estava inteiramente extenuada de fadiga... depois tractei de tomar o caminho para casa, mas perdi-me n'huma, n'outra rua... em ruas, de que nem tinha noticia, e... eis ahi porque cheguei tão tarde.

— Pois então he somente isso o que te acontecen?

— Ainda querias mais? parece-me que não he pouco!

— Mas chegaste aqui com hum gesto tão aterrado... tão cheio de susto...

— Eu pensei até que vinhas fugindo a alguma quadrilha de salteadores!,, acrescenta Thimoteo.

— Ora!.. foi porque... achar me só a tal hora... por essas ruas... Olhem que ja hera meia noite!

— Essa he nova em folha! quantas vezes tens vindo para casa, depois d s duas e trez horas da madrugada . Na verdade, meu pobre Bouchenot, o combate, que tiveste com a esgrimista, creio que te transtornou a cabeça... he impossivel que não tenhas febre.

— E he muito possivel (responde Bouchenot, deixando pender a cabeça sobre o peito) sim... e até bem natural he que assim deva ser: estou com algum tanto de *febre!*

— Oh! dize me cá; e o cão? (lhe torna Thimoteo) nada mais nos disseste, a respeito do animal, que deixou a sua domna para acompanhar-te.... vamos, que fizeste delle?

— Ja vêdes que tambem me deixou... logo que sahi da barraca dos *saltimbancos*... na confusão das ruas, para mim desconhecidas... quando me sentei n'hum *marco* para descançar... foi então que reparei.... não me acompanhava... e desde então nunca mais o tornei a ver.

— Ora eis ahi huma cousa, que bem pode chamar-se desgraçada!

— E porque? ainda ésta manhã tu mesmo disseste que ter hum cão seria para nós hum luxo, digno de censura.

— E ainda o digo; esse, de que tractamos, não hera para ficarmos com elle, mas sim para o entregar á sua domna.

— A' sua domna!„ exclama Bouchenot, erguendo repentinamente a cabeça, e olhando para os dous, cheio de inquietação. "Como he isso de sua domna?.. acaso a conheceis?

— Sim, mui bem a conhecemos... Olha, para que melhor nos acredites, vamos desenhar-lhe o seu retrato: he huma rapariga de vinte annos, pouco mais ou menos; alta, robusta, bem constituida, côres mui vivas.... não deixa de ser bonita: touca lisa, e com hum avental de quadrados pretos e vermelhos.

— He isso mesmo!.. he perfeitamente isso!..„ diz Bouchenot com hum modo estupefacto.

— E o cão chama-se Bigode...

— Sim... sim... Ora então!...

— Olha, e tambem sabemos, quanto á rapariga, que se chama Prudencia Flambard.

— Prudencia Flambard!... pois isso he que eu não sabia: porem como estaes vós tão bem informados? de que modo conseguistes saber tanto?

— Nada mais simples (responde George). A rapariga conhece a visinha do quarto fronteiro.... hoje veio vê-la, porem, como a outra tivesse sahido, por algum tempo aqui ainda a esteve esperando. Foi então que nos contou que o seu cão a deixára para seguir hum sugeito, que a perseguia, dizendo lhe *tolices*... Bem devêramos logo adivinhar que se tractava de ti; e a pobre rapariga estava bastantemente desconsolada, por ter perdido o seu cão, principalmente por ser dádiva de seu padrinho.

— He isso!... he tudo isso!... he tudo mesmo assim!... Diabo!... e

e então ella chama-se Prudencia Flambard?... que vos disse ainda mais!

— Nada de interessante: que estava de aprendiz em casa d'huma fanqueira... que estava ha pouco tempo em Pariz, não conhecendo ainda as ruas, e...

— E onde disse que morava?... onde?

— Na rua Poissonnière, proximo ao boulevard.

— Rua Poissonnière!,, murmura Bouchenot; e logo, fitando os olhos no chão, fica reflectindo profundamente.

— Aposto que ja estás formando os teus planos para ir ver a rapariga!... pois, meu amigo, em quanto não houver casaca *he morrer*!.. (diz Thimoteo com hum mudo chasqueador) alem disso, tambem ja te previno de que não lhe agradaste nem hum boccadinho.. ella claro se expressou, queixando-se da tua obstinaçao em segui-la.

— E adverte, meu amigo (acres-

centa George, surrindo) que tens nada menos, doque hum rival em Thimoteo.

— Eu!... eu ir procurar essa rapariga... Deos me deffenda!., responde Bouchenot em vóz baixa.

— Ora vejão, ja lhe faz tosse!... (diz Thimoteo) hes como a rapoza, que não queria as uvas por estarem verdes, porem o caso hera estarem muito altas, e não poder chegar-lhe: todo esse desdem he por conheceres que ella nada quer de ti; porem que he boa moça.... oh! isso não entra em duvida! córada, rebolada, e cheia d'humas carnes, que parecem de pedra!... aquillo he morrer!...

— E tu verificaste a dureza?...

— Não, mas basta a apparencia para se julgar do compacto... e então aquelle modo honesto... não he isto, George?

— Sim, tanto, quanto a apparencia pode indicar.

— Meus senhores (diz Bouchenot, olhando para hum e outro) dae

pezo ao, que vou dizer-vos: não continueis a ligação de amisade com essa Prudencia Flambard .. e quanto á *visinhinha* d'aqui fronteira.... huma vez que he amiga da outra... tambem, quanto a mim, não poderá ser grande cousa.... não lhe falleis... não traveis conhecimento.

— Oh! isso he avançar muito! (diz George) os diabos me levem, se eu não julgo que vens com a cabeça variada, meu pobre Bouchenot! Desde quando te resolveste a ser tão sevéro, a respeito de ligações com mulheres? sobre que base formas esse juizo de que mademoiselle Prudencia não seja digna da nossa convivencia? será por lhe haveres desencaminhado o cão?,,

Bouchenot baixa os olhos, e nada responde.

— "Qual! não he por isso, mas sim porque lhe choca o seu melindre namorador não ter feito farinha com ella! (diz Thimoteo). Porem, meu amigo, essa logica he desgraçada: chega a ser huma infamia di-

ser mal d'huma rapariga, só porque ella não quiz acceitar os rendimentos, que lhe fizemos. E, quanto á visinha, he a mesma, que ainda ésta manhã dizias ser encantadora, e que bem desejavas conquista-la. Que raiva tão extraordinaria e repentina concebeste contra as fêmeas?.. tu, que has sido tão grande amador do bello sexo!.. certamente levaste algum sopapo mestre da amasona, com quem jogaste a espada preta.

— Enganaes vos, a nenhuma tenho raiva pessoal... fazei lá o que vos parecer... eu vou deitar me, pois bem conheço como estou... sinto-me doente.

— Deita-te, deita te, para acordares melhor... de certo... esse todo resente-se d'alguma cousa... bem se conhece que não vens no teu estado normal.

— He da fadiga... de tantas zanguinhas, que tive em todo o dia... do desgosto de ter gasto os cem sous... e de trazer para casa a nossa casaca feita em farrapos!

— Qual!... qual!... ora isso he que para cá não pega! tu não hes desses, que se afflijão por cousas taes! (diz lhe George) infallivelmente te aconteceu outra cousa, que não queres dizer-nos.

— Então que cousa!?? (exclama vivamente Bouchenot) não... não... enganão-se... nada tenho... mais do que alguma febre... e creio que he grande.,,

Assim dizendo, o nosso heroe despio-se, metteu se na cama, coordenando melhor os rolos de papel, que servião de travesseiro.

— "Se elle agora vem com alguma doença!.. ,, diz tristemente Thimoteo, examinando lhe o rosto afogueado, ao mesmo tempo que abatido: " só isso agora nos faltaria! Ora, nós, que não temos para comer, como nos supririamos n'huma doença?.. remedios, e...

— E a gente sem ter casaca!.. ,, diz George, lançando hum olhar de lástima sobre o desgraçado fraque, lançado a hum canto do quarto. "

Como poderei eu ir amanhã ler a minha peça ao director? irei em mangas de camisa, ou de blouse?.. Ah! mais cruel não pode ser a nossa situação!

— E a nossa fome!.. a nossa vontade de comer, tu não fallas nisso? (diz Thimoteo). Ainda ésta noite pode o estomago ficar enganado, pois emfim bem almoçámos; porem amanhã... amanhã que haveremos de fazer?.. nem ao menos podemos sahir para arranjar alguns francos emprestados d'algum amigo! .. „

George fica bom espaço pensativo, e depois diz a Thimoteo: — " Sabes tu que a nossa posição, arranjada n'hum drama, havia de fazer admiravel effeito, posto em scena?..

— O diabo te leve, com os teus dramas, e a tua mania theatral!.. Eu ja pensando que elle tinha descoberto algum recurso, e vejão com que me vem quebrar os ouvidos! Mas repara... Bouchenot está in-

quieto... aos saltos na cama... terá algum ataque de nervos?!...

— Bouchenot! que tens?..., diz-lhe George, chegando se a elle.

Bouchenot, que principiava a adormecer, abre os olhos, como ainda prezo do sómno, gritando:

—"Ai, Deos meu!.. elles matão-me!... tende compaixão de mim!.. a ninguem direi o que vi!...

— Então que he isso? que tens? anda, acorda, meu pobre rapaz.... torna a ti, e vê que estás entre os teus dous amigos,, lhe torna George, travando-lhe d'hum braço: Bouchenot olha para elle com hum modo ainda espantado, e depois passa a mão pela testa, balbuciando:

—"Que disse eu?... em que fallei?

— Fallavas como de quem te queria matar... pedias que tivessem compaixão...

— Ah! he que... isso foi pezadello... Porem que frio faz aqui!... a calma não me dá calor...

— Espera... espera, nós vamos

fazer hum bom lume... ,, exclama George.

— Hum bom lume! e com que?,, pergunta lhe Thimoteo.

— Ora com que! eu t'o faço ver: com aquella caixa grande, que de nada serve: fica-nos a mala, que he sufficiente para o fato, que temos.

— Pois lembraste-te bem!.. vá a caixa a queimar: oh! que bello lume para nos aquecermos!,,

E Thimoteo salta, contente, pelo quarto, em quanto George com dous pontapés desconjuntou a caixa, e facilitou o modo de poder queimar as taboas. O pensamento de que no estado miseravel no menos vão ter hum bom fogo, reanima a corajem dos dous jovens: a mais pequena doçura e conviniencia he hum grande prazer para os, que vivem de privações.

O lume não tarda em accender-se, pois a madeira da caixa estava perfeitamente secca: George e Thimoteo, contentes, se aquecião, e da mesma forma julgavão que o grão

de calor, adquirido pela casa, muito bem faria ao seu amigo.

— " Então como vae isso agora? (pergunta-lhe Thimoteo) ja te sentes com mais calor?

— Sim.., porem tenho huma sede!.. vejão se me dão alguma cousa para beber.

— Que lhe havemos de dar? (diz Thimoteo, olhando para George) em casa só temos agua!

— Se sabes isso, para que te déste ao trabalho da pergunta?

— He que... agua pura .. naturalmente vae augmentar-lhe a febre.

— Não temos hum pouco d'assucar para diminuir lhe a crueza?

— Qual assucar?. isso hera bem bom!

— Como he para remedio, não causa vergonha ir pedi lo... emprestado.

— Depois, e muito, da meia noite? agora todos na propriedade estão deitados.

— Pobre moço!.. e vêr-nos hemos na triste necessidade de lhe dar a beber agua simples!... „

E os dous mancebos olhavão tristemente hum para o outro, e depois para o doente com gesto lastimoso. Porem nesta hora silenciosa da noite, quando elles pensavão que todos os moradores do predio estavão entregues ao somno, facil lhes foi poderem distinctamente ouvir huma vóz de mulher cantando:

Chóro magoada
Meu braço furtido,
Perna torneada,
E o tempo perdido.

Esta copla, que interrompe o socego da noite, faz sobre os dous mancebos huma impressão, difficil de explicar; o sorriso torna a voltear lhe nos labios, e a esperança, sem ainda sabrem de que a podem conceber, renasce em seus corações.

— "He a visinha!... „ exclama Thimoteo; "he mademoiselle Celina... huma vez que está cantando, he porque não dorme!

— Olha, a ella he que devemos recorrer... pedir lhe hum pouco d'assucar „ diz George.

— Ora, ir pedir-lhe assucar!.. eu sei... não me atrevo.

— Pois bem, irei eu: para hum amigo doente não me envergonharei de reclamar auxilio... alem de que, a gente moça, e principalmente mulheres, teem sempre bom coração: ha de até estimar que a incommodemos por similhante motivo!

— Bem pensado, vejo que tens rasão; e, alem disso, tambem temos a dizer-lhe que a sua amiga Prudencia veio procura la: vou eu, vou eu batter lhe á porta. „

E ja Thimoteo corria a executar a intenção, quando Bouchenot, que estava acordado, lhe grita:

—" Olha cá!.. onde he que vaes, Thimoteo?

— A casa da visinha do quarto fronteiro pedir-lhe que me empreste hum boccado d'assucar.

— Não quero! não quero!... ja não tenho sede!... não vás a casa della... he desnecessario.

— Ora mette-te lá com a tua fe-

bre... melhor doque tu sabemos o que se deve fazer.

— Não te importe o que elle diz (observa George a Thimoteo) accende este cotto, pois a vela vae a acabar, e batte de manso á porta da visinha. „

Thimoteo n'hum momento faz quanto o amigo acaba de recommendar-lhe; e está ja ao pé da porta da vissinha, ao mesmo tempo que Bouchenot ainda grita: —" Anda cá! não vás pedir o assucar a essa rapariga!... ja não he preciso!... „

CAPITULO XII.

Mademoiselle Celina.

—"Quem está ahi?... quem he que batte a taes horas na minha porta?., pergunta a joven visinha, antes de abrir a Thimoteo.

—"Mademoiselle... minha visinha... he hum dos vossos visinhos aqui fronteiros... Peço-vos que me desculpeis de incommodar-vos; porem ouvindo vos cantar... pensando que não dormieis...

— Então que me quereis, senhor?

— Mademoiselle... eu queria dizer vos que huma vossa amiga, chamada Prudencia Flambard, veio aqui procurar vos, e esteve muito tempo esperando-vos.

— Oh! a Prudencia gordolhuda veio procurar me? agradeço-vos o cuidado de m'o dizer, mas bastava que fosse amanhã: vinha a ser o mesmo.„

Este dialogo passará-se atravéz da porta, sempre fechada, pois a visinha não tinha julgado ser necessario abri la; e no entanto Thimoteo, alli arrumado, não sabia como pedisse o que precisava, principal objecto para que ahi fôra. George, *tendo ouvido ésta conversação*, e appercebendo que a visinha bem pode ter tempo de se deitar, e adormecer antes que Thimoteo se resolva a fazer-lhe o peditorio do assucar, corre a situar se entre a porta, e diz lhe com huma inflexão de vóz, que procura tornar commovente:

— Mademoiselle, eu, e o meu amigo encarecidamente pedimos nos desculpeis de vir incommodar-vos a similhante hora.... porem o outro nosso companheiro veio para casa, muito doente.... está com huma

grande febre, e por desgraça achamos nos em casa, sem ter hum bocado d'assucar para lhe dar em agua, e calmar a sede, que o devora... Tão tarde, como he, a nenhuma loja podemos recorrer... e como vos ouvimos cantar, por isso tomámos a liberdade de *vir* bater á vossa porta.

—Tendes lá hum doente?.. meu Deos! e porque não dissestes isso logo?!... ora esperae hum instante.... „

E logo a porta da visinha se abre, e *mademoiselle Celina* apparece com huma saia curta, seu *roelou* de chita, apertado na cintura, e hum lenço escarlate, amarrado na cabeça, em cujo traje, o seu rosto azougado parecia ainda mais tentador.

—"Que he então o, que tem esse vosso amigo? (pergunta ella, fallando com os dous jovens; "succedeu lhe algum incidente desastroso... quéda... ou isso foi cousa, que lhe deu repentinamente? Vejamos, onde está elle?.. Oh! eu não deixo

de entender do estado dos doentes, sei mui bem como devem ser tratados... sei fazer cataplasmas, deitar bixas... e emfim applicar diversos remedios destes caseiros... Ja tive hum dia huma *veneta* de entrar na ordem das irmãs enfermeiras, porem desgostou-me o trajo, de que usavão .. Vamos, vamos... levae-me aonde está esse doente.

— Oh! meu Deos! quanto sois caridosa, mademoiselle!.. não hera nossa intenção causar vos esse incommodo... muito mais á hora, em que ieis deitar vos... basta acudirnos com o, que vos pedimos... hum boccado d'assucar, e nada mais...

— De certo que vos prestarei o assucar necessario; a occasião não podia ser melhor, pois ainda antes de hontem recebi a minha provisão. *Tenho huma tia, que me dá dous* arrateis todos os mezes... não he demasiado, porem chega me, pois a escolher, entre os chás e caffés, antes prefiro huma costelleta, ou carne de porco fresca: só gósto de

doçuras na conversação..... Porem não consinto que vades fazer o xarope para o doente: os homens nada disso pescão.... não tem duvida que lh'o farião bem feito!.. pobre doente!.. Quanto a ser hora de eu me deitar, isso não vos dê cuidado; eu tenho perdido muitas noites a dançar, e não he muito perder huma para me tornar util aos meus visinhos.,,

Depois desta allocução, feita no patamar, a visinha sempre com a sua luz na mão, entra para a casa dos trez jovens.

—" He algum tanto falladora.... (diz George, em vóz baixa, a Thimoteo) mas bem se conhece que tem alma serviçal.

— Se for tão humana, como he galante... (lhe responde Thimoteo) oh! que joia, que diamante he a rapariga!

— Então onde está elle?,, pergunta Celina, lançando a vista sobre as duas camas, nas quaes ninguem vê, pois Bouchenot metteu inteira-

mente a cabeça debaixo do cobertor, assim que sentio entrar a visinha.

— Está aqui deitado .. (diz George, chegando-se á cama) certamente está com frio, e por isso esta assim agachado na roupa .... vejamos se dorme. „

George puxa devagar o velho cobertor, e descobre a cabeça de Bouchenot, que está com os olhos fechados, fingindo dormir.

—"Ah! agora reconheço mui bem qual he o vosso amigo! (diz mademoiselle Celina, surrindo) he o propio que, ha dias, me appareceu, vestido d'hum modo bem grotesco! Eu não me inculco por sancta, nem ao menos por innocentinha.... mas achei o gracejo algum tanto pesado de mais; e como da sua parte sempre temia novas repetições da mesma comedia, se fosse elle, que me batteſse á porta, certamente não lh'a abria: porem está doente.... coitadinho do pobre moço.... por

conseguinte esqueço-me de tudo... Vejamos se tem febre „.

Celina estende o braço para lhe tomar o pulso, mas Bauchenet, sem abrir os olhos, foje com a mão, e a esconde em local, onde a boa e caridosa visinha não se atreve a ir procura la.

— "Terá elle dores de colica.... procedidas de indigestão?„ pergunta Celina aos dous.

— Não podemos atinar com o, que tem... nada concluimos, nem percebemos do espantado da vista, e como perturbação aterrorada, com que entrou para casa: tremia... a vóz hera subterrada.... quasi que até receiava que o ouvissem fallar. Assim contou-nos, entre diversas cousas, que tinha tido huma briga ao socco, depois pretextou que estava cançado, e deitou se; mas d'ahi a pouco teve assim a modo como hum pezadello.... julgava se rodeiado de pessoas, que o querião matar, e olhava, cheio de pavor, em roda do quarto. Agora vedes que se obsti-

na em estar de olhos fechados, porem estou persuadido de que não dorme.

— He a força da febre que o obriga a isso: vede se podeis tirar-lhe huma das mãos para fóra da roupa e veremos o estado do pulso.

— Bouchemot .. ouves? deitas cá para fora huma das mãos? . olha que está aqui a nossa boa visinha... „ diz George, procurando agarrar lhe huma das mãos.

— He mademoiselle Celina, que até nos fez o favor de emprestar hum pouco d'assucar.. . (acrescenta Thimoteo) e de se incommodar pelo meio da noite!

— Ja vos disse que isto nenhum incommodo me causava (responde ella) não estava ainda deitada, pois tenho de dar huma obra com préssa; andei todo o dia dando á cabelleira, em vez de trabalhar.... Mas para mim he o mesmo... quando mandreio de dia, a noite o pago: isto cá he huma saude de ferro. Vamos lá, elle da o pulso?„

George conseguio appoderar-se d' hum dos braços de Bouchenot, e a curandeira poude tomar o pulso ao doente.

— A febre he com effeito muito grande! (diz a rapariga) o pulso vae á desfilada, e he cada pancada, que parece tocar a rebate: precisa d' hum cosimento calmante...

— Se lho fizessem de borragem? (diz Thimoteo).

— Ora! cosimento de borragem a hum homem com huma febre, que parece de cavallo! (diz Celina) tinha que ver! bera para fazer milagres! meus visinhos, se sois estudantes de medicina, não tem duvida que haveis aproveitado! Porem não tenhaes cuidado no doente; eu sei muito bem o, que lhe deve fazer proveito: primeiro que tudo, he preciso situa-lo na cama de forma, que esteja mais a seu commodo... este travesseiro mais alto... para não ter a cabeça baixa.... eu vou pôr isto em modo.„

E ao mesmo tempo, Celina, que se curvára sobre a parte superior da cama, dá dous puchões ao, que figura de travesseiro; mas os maços e rolos de papeis, que o representão, lhe respondem ramalhando, e deixando a joven mui tocada, em quanto os dous companheiros de Bouchenot voltão para outro lado as cabeças, abaixando os olhos, envergonhados de que se conheça o seu estado de pobreza.

A visinha fica por alguns instantes immovel, e tão acanhada como os dous mancebos, ou talvez ainda mais, pois bem conheceu haver-lhe causado desgosto. Comprimio-se lhe o coração ao aspecto miseravel deste quarto; lagrimas de commoção se lhe engastão nos olhos... porem immediatamente enchugando-as com a mão, balbucia:

— "Ora Deos me valha!... desculpae, meus visinhos... desculpae... eu julgava... porem deixemos-nos

de mais reparos, que vem agora fora de proposito... tractemos do, que se deve fazer: em todo o caso, o doente não pode estar assim desta maneira. „

E logo, sahindo apressada, corre a sua casa, de onde n'hum instante volta carregada com hum travesseiro e almofadinha verdadeiros, que se apressa em situar debaixo da cabeça de Bouchenot, depois de atirar para o chão com os maços de papel.

—" Ora que fazeis, mademoiselle?!... Oh! de maneira nenhuma devemos permittir que vos priveis das vossas commodidades por nosso respeito!... „ lhe observa George.

— Pois, meus visinhos, he preciso que o permittaes (diz Celina) alem de que, he ao vosso amigo doente, que eu dedico este cuidado, e nenhum direito vos assiste para a opposição.

— Porem mademoiselle... vós ides ficar assim desarranjada... „ adverte Thimoteo.

— Eu? ora!... Deos me ajude! com duas saias, hum vestido, ou outra qualquer cousa se arranja do pé para a mão hum travesseiro delicioso... E tambem agora ja me passou a vontade de dormir... Lembre-me Deos em bem para o cosimento do doente... sim, tenho em casa malvas... oh! tambem flor de sabugueiro: d'ésta lhe faremos a charopada, que boa he para todas as doenças: como tendes lume, aqui mesmo se fará, pois o meu deixei o apagar... deem-me d'ahi huma *bouillotte*...

— Huma bouillote!... o que vem a ser isso, mademoiselle?

— Penso que deve ser huma banca, propria do jogo da bouillote...,, acrescenta Thimoteo.

— Ora! tendes cousas!... (responde ella, rindo) he huma cafeteira, chaleira, caldeira, huma cousa, em que se ferve a agua.

— Nada d'isso aqui temos (diz George) se podesse servir huma *bilha* destas, em que se tem a agua?..

—Qual! nada, nada: porem eu vou a casa sortir-me do, que preciso... lá tenho tudo: no entanto não deixeis amortecer o lume, pois ha de ser preciso: mettei lhe mais huma acha.„

A visinha torna a atravessar para o seu quarto; e George vae buscar mais hum pedaço de taboa da caixa, dizendo:

—"Não tem duvida que isto são achas de nova invenção... a visinha tem ja de sobejo para formar de nós bem singular opinião! Mas, bem pensado, nenhuma vergonha he ser pobre, comtanto que não se commettão vilezas; pelo contrario, bastantes ricassos ha por ahi, que deverião envergonhar se dos meios, em que abundão!... Mas que bom coração!... que modo tão serviçal n'huma rapariga assim, sem ter de nós conhecimento.... privar se das pequenas commodidades, que tem, só para nos obsequiar... e isto apenas huma grisette! Vãmente se procurará ésta philantropia nos ricos

salões,... não que ahi deixe de se encontrar a benificencia, porem sempre acompanhada de piedade austera, ou fastosa ostentação. Veem-se as columnas dos jornaes, occupadas com os nomes das pessoas, que soccorrerão desgraçados... porem não será isto para que os assignantes, e todos os leitores fiquem sabendo quem são os beafeitores?... não haverá nisto huma vaidade, que muito prejudica a esmola? Vejão de quão diverso modo huma grisette presta attendivel soccorro!.... sem pretenção a ver o seu nome impresso, dirige-se tão somente pelos impulsos da alma, sem calculo, sem reflexão, sem a mira em tirar partido.. Ah! quanto os soccorros são assim mais bem acceitos.. quão mais agradaveis á Divindade e preciosos ao infeliz, que os recebe!„

Em quanto George assim discorria, Thimoteo fôra sentar-se na mala; sente assim como hum desamparo nos nervos, abre frequentemente a bocca, estende os braços,

e torna-se pállido: no entanto balbucia:

—"Oh! sim... mademoiselle Celina porta-se com a gente... he admiravel... porem ainda mais portentosa eu a achava, se não tivesse o estomago tão desamparado... sinto humas dores...

— Então que temos... tambem queres cahir doente?.. estás fazendo taes contorsões!...

— O que tenho?... ora essa! o que hei de ter?.. tu bem o sabes... faço quanto posso para não pensar na fome... porem ha momentos, em que me sinto de tal maneira falto de forças.. E tu, George... tu deves sentir o mesmo.

— Porem tenho corajem... vamos, Thimoteo, não te deixes supplantar pela desgraça... olha que na existencia do ente humano d'hum instante para outro pode operar-se espantosa revolução.

— Oh! temos por ahi mais outro doente? „ diz, reparando no modo desfalecido de Thimoteo, a visinha,

que traz sobraçada huma chaleira, huma tigela, e hum papeliço d'assucar.

— Não.... não.... creio que nada será (responde George) *fadiga* do trabalho do dia, pois escreveu hoje muito .„

E, dizendo isto, George se encostava á chaminé, exforçando-se para dissimular o desfalecimento, que sentia no interior.

Celina olhou para os dous mancebos, que pretendem occultar a causa do seu abatimento e pallidez; porem as mulheres são *linces* em adivinhar facilmente o que se lhes pretende encobrir, principalmente quando se empenhão em descobrir magoas, que intentem minorar, ou prantos, que na sua mão esteja enchuga-los; e por isso, em quanto curvada sobre o lar, pondo a chaleira ao lume, não se descuida de lançar com desfarce ameudadas olhadellas sobre George e Thimoteo; depois logo no rosto, de onde repentinamente fugíra a alegria, visi-

veis signaes de pena se demonstrão: e, endireitando-se, exclama:

—" Ahi está huma conveniencia para mim bem boa!... huma vez que está aqui tão bom lume... se me daes licença, farei nelle a minha ceia... e, se quizesseis, meus bons visinhos de ao pé da porta, levaveis a bondade a fazer penitencia comigo.

— A vossa ceia!?... ,, exclama Thimoteo, quasi não podendo encobrir a sensação, que lhe causa similhante palavra:" pois que, mademoiselle, a huma hora tal ainda não tinheis ceiado?!...

— Não, por certo... e talvez que vós estejaes no mesmo caso...

— He verdade (responde George) estivemos á espera do nosso companheiro... sempre cheios de cuidado pela sua tardança... em modo que... e tambem a fallar a verdade esqueceu-nos inteiramente mandar vir alguma cousa...

— Tanto melhor... mais huma rasão para participar da minha ceia:

entre visinhos, éstas cousas não se recusão. Vou decarreira buscar tudo, que lá tenho em casa... Não agucem o dente, pensando que será cousa delicada: ja vos previno; porem minha tia mandou me huns ovos, e faremos huma ommeletta...

— Huma ommeletta!.. „ exclama Thimoteo, que ja sente reanimar-se-lhe o estomago com a esperança de não passar sem ceiar: "huma ommeletta!.. oh! isso he hum boccadinho mimoso!.. he o meu prato estimado... sou apaixonadissimo das ommelettas!

— Porem, mademoiselle, isso he levar a bondade muito alem dos limites!... (diz Georgé) apenas em resultado d'hum conhecimento de alguns minutos, dar nos ja tamanhas demonstrações de interesse!..

— Oh! a respeito de tomar amisades gosto assim de improviso; alem de que, aborreço, e não sei para que sirva o ceremonial e delongas. Vou buscar o, que disse... tomae cuidado na chaleira: assim que

estiver a ferver, deitae-lhe dentro este punhado de flor de sabugo: em quanto ceiamos ja o vosso amigo poderá ter no bucho a charopada „.

Celina volta a sua casa; e Thimoteo, curvando se para o lume, a fim de melhor aquecer-se, exclama:

— "E'sta visinha foi hum anjo tutelar!.. foi o nosso bom genio que nos appareceu!

— He certo que ja muito lhe devemos!.. (acrescenta George). Ah! se, como julgo, não tardar a fortuna, e me pozer em estado de poder mostrar a gratidão da minh'alma... quão satisfatorio me será reconhecer o que ésta boa rapariga tem hoje practicado em nosso auxilio!

— Ora dize me cá, George, não te parece que Bouchenot igualmente deve estar faminto, e que antes quereria participar da emmeletta do que beber a charopada?.. em? Que te parece.... devemos perguntar-

lh'o, em quanto não chega a visinha?

— Não.... deixemos nos disso.... elle está doente... depois, bem vês que dorme; e então para que havemos de acorda-lo?...,,

Effectivamente á força de ter os olhos fechados para fingir que dormia, Bouchenot na realidade adormecêra, e havia ja alguns minutos que não dava pelo, que succedia no quarto.

— Eis aqui a grande *manducancia*,, diz a visinha, trazendo no avental os ovos, debaixo do braço hum pão grande, na outra mão hum *sartanem*, e dentro desta hum pedhço de queijo de Brie: " vamos, senhores, despachae vos, e fazei favor de me alliviar da carga.

— Haja cuidado em que os ovos não se quebrem,, diz Thimoteo.

— Trouxe, quanto tinha... treze ovos.... oh! mas ésta vem perdida da baralha... não tinha manteiga em casa...

— Ora que importa? (diz George)

não he pela falta de manteiga que a ommeletta deixará de ser boa.

— Ahi estamos nós, que não somos dados a manteiga... (acrescenta Thimoteo) he hum genero de luxo, que bem se pode dispensar.

— Desse modo tambem julgareis que sería luxo n'huma ommeletta? (diz Celina, rindo) pelo que vejo tambem não sois grandemente entendidos a respeito de cosinha.... Ignoraes acaso que se deitarmos os ovos na sartajem, sem alguma substancia oleosa ficão a ella pegados e queimão-se? felizmente deparei lá a hum canto do armario com este boccado de toucinho.... partí lo-hemos em meudos pedaços.... esperaremos que derreta... e bem nos servirá em logar de manteiga.

— E até eu estou que ainda ficará muito melhor!,, diz Thimoteo, que por hum instante não deixou de receiar poder a falta de manteiga causar impossibilidade á feitura da ommeletta.

Mademoiselle Celina partio sobre

a mesa o toucinho, depois quebrou os ovos n'huma ja bem usada saladeira, com dous, ou trez boccados fóra na borda, e que assim mesmo Thimoteo lhe apresentou com certo ar de satisfação. No entanto, George não se descuida do lume, que não só apresenta grande brazido, graças ás taboas da caixa, mas ainda potente flamma: a visinha bate os ovos, dizendo:

— Esta-me parecendo que tudo isto não cabe na sartajem.

— Ora! cabe, e torna a caber, mademoiselle!... (responde Thimoteo) aperta-se... e depois logo se vê... não cabendo d'huma vez, fazemos depois segunda.

— Como, entendido estudante?.. não vedes que só ha este toucinho?

— Nesse caso faça-se tudo d'huma vez.,,

Emfim a ommeletta verifica-se; os dous mancebos tractão de arranjar a mesa em modo que dê algu-

mas parecenças do, para que vae servir; conseguem juntar trez pires, que serviraõ de pratos, trez garfos, e huma colher de estanho pequena, propria para caffé, unica, e sem competidora na casa. Dentro em poucos instantes, a visinha emborça a sartajem na salladeira, e apresentando a sobre a mesa, diz: —"Agora, quando quizerdes, meus senhores, poderemos ceiar.„

Os dous não esperão por segundo anuuncio, e respondem de prompto ao convite; apresentão a Celina a cadeira, que tem os pés sãos, e tomão para si a mala, que lhes serve de camapé; e a ouuneletta he atacada com huma avidez, que bem prova á rapariga visinha ter feito huma obra de misericordia em lhes dar de ceiar.

O quarto dos estudantes tomou repentinamente hum outro aspecto; a tristeza e inquietação fugirão, sendo substituidas estas duas raladoras companheiras da miseria pelo folgasão prazer; exclamações de a-

alegria igualmente substituem o silencio, ou os suspiros: emfim George e Thimoteo não são ja os mesmos.... cada hum delles está ja revestido d'huma physiognomia mais consolada, animadora e risonha... não foi preciso mais, doque huma ommeletta, para produzir huma tal mudança! Bem se prova que ás vezes as cousas, por extremo insignificantes, são capazes de produzir grandes resultados!

— "Está dejiciosissima!„ exclama George, parando hum instante para cortar pão.

— Não me recordo de haver ommeletta ou ainda cousa, que tão bem me soubesse!„ acrescenta Thimoteo enchendo a bocca.

— Tudo isso... todos esses gabos, meus visinhos são effeito da vossa bondade: a mim parece-me que ficou hum tanto dura.... não comaes tão depressa que podereis engasgar-vos...

— Não tem duvida, não tenhaes receio!..

— Ao menos bebei para facilitar o ir para baixo...

— Ah! sim.... bebamos....,, diz George, olhando para o companheiro... " mas he verdade que não temos vinho em casa.

— E de onde nos havia elle de vir?!,, responde Thimoteo, a quem o gosto de realisar a ceia tornou mais expansivo: o seu companheiro lhe pisa o pé, obrigando-o assim a calar se: a visinha prorompe:

— Tambem não he cousa extraordinaria poder bem dispensar-se o *vinho... muito mais saudavel he beber agua...* assim mesmo se agora tivessemos huma garrafa de Champanha... Ai, Deos meu! muito dou eu o cavaco por elle!.. que a fallar a verdade devia ter-lhe hum odio mortal, pois me recorda certas lembranças... Oh! mas esperem lá... se não temos vinho, tenho aguardente em casa..

— Aguardente!..,, exclamão os dous, muito admirados.

— Sim, meus senhores.... porem

não façaes ideia de que eu a beba em logar de vinho: eu vos digo o motivo porque succede tê la n'esta occasião. Tenho huma tia, oh! boa e sancta mulher, muito minha amiga, apesar de que mais d'huma vez lhe haja pregado bons opios. A boa da mulher he apaixonadissima de ponche, e como eu sempre lh'o faço mui bem feito, quando me envia as provisões, junta-lhe a sua garrafa de aguardente para, quando vier visitar-me, ter a sua bebida favorita; isto porque, tendo loja aberta, mal parecêra que lá o bebesse: isto de visinhos de porta são mexeriqueiros ou indagadores; logo darião pela cousa, e bem capazes serião de assoalhar que ella tomava a sua gateira, o que muito deterioraria o seu negocinho... tanto mais que minha tia he herborista, e, se fosse dada á bebida, n'alguma occasião daria farinha de linhaça por mostarda, o que não produziria o mesmo effeito nas cataplasmas... Esperem,

pois, que vou á casa buscar a garrafa de aguardente; mistura se lhe agoa ... e teremos delicioso *grog*.... hoje seremos trez mylords inglezes!

— Excellente rapariga!,, diz Thimoteo, em quanto a visinha volta ao seu quarto: " ora até nos vae fazer *grog*!...

— Ella tem huma franqueza ...., hum abandono, que muito me encanta (acrescenta George) e a tia, como he boa mulher!!.. farta a de comestiveis... Ah! se cada hum de nós tivesse tias assim! Mas o nosso pobre Bouchenot, tenho bem pena de que elle não participe deste banquete... pois na verdade ésta ceia o he realmente para nós.

— Ora... huma vez que dorme, nenhuma precisão ha de o acordar.

— Se pozessemos de parte algum boccado de ommeletta, para se lhe dar depois...

— Eu cá por mim não proponho isso!...

— Vae te d'ahi!... a visinha he tão boa rapariga... tão condescendente...

— Calla-te, que ella ahi torna...

Celina de novo apparece, com huma garrafa grande de aguardente, e huma tigela coberta de papel.

— Que temos por ahi, visinha? que temos?„ diz Thimoteo, olhando para a tigella, "vindes surprehender-nos ainda com outro mimo?

— He hum pouco de *arrobe*, que lá achei: não me lembrava de ter isto.

— Arrobe!... ah! mademoiselle, he para adoçar nos a guella depois do grog?

— Na verdade que he levar a bondade a hum ponto...

— Ora venha mais essa enxurrada de agradecimentos por hum pouco de arrobe: he preciso entendermos-nos, meus visinhos, hoje coube-

me a mim fazer a festa, n'outro dia pertencer-vos-ha.

— Sim, de certo (responde George) com muito gosto chegará a nossa vez.

— Quando eu receber a minha mesada: (diz Thimoteo) pois devereis saber, mademoiselle, que meu pae, o senhor Bento Glindoré, antigo cultivador, hoje aposentado em Reims, manda dar-me aqui, por hum seu correspondente, mil e duzentos francos, para eu continuar, em Pariz, os meus estudos.

— Pois eu (diz George) sou natural da Bourgonha, e o meu nome de familia he Rembrun. Meus paes derão-se ao commercio, porem a fortuna não os favoreceu: varias quebras de casas poderosas, com que estava enlaçado, fizerão perder a meu pae huma grande parte do, que possuia. Com o dote de minha mãi podia elle continuar a viver ainda na abundancia, mas hera preciso ter o caracter dos, que o arrastrárão áquella posição, isto he, que-

brar, como elles; o, que bem podia fazer, sem menoscabo de honra. Muitas pessoas aconselhárão meu pae a assim obrar, e concluir similhante transacção, dando cincoenta por cento aos crédores, que bem podião dar-se por contentes, porem elle preferio antes passar o resto da vida, sempre em circumstancias apuradas, e pagar, quanto devia: o dote de minha mãi pagou, quanto a casa devia; e hoje existem vivendo d'hum modico emprego, que meu pae alcançou. D'aqui podereis deduzir, mademoiselle, que bem pequenos soccorros me podem proporcionar, e portanto vejo-me precisado a procurar meios de viver: porem, ao menos, se não tenho a vantajem, como outros muitos, de possuir riquezas, ninguem pode roubar-me a ufania de ser filho, e ter o nome d' hum homem honrado, sempre estimado pelos, que o conhecem: he herança, da qual muito me desvaneço, e juro que George Rembrun nunca aviltará o nome, que seu pae lhe transmittio.

— Ora ahi está, meus senhores, sem o preverdes, acabaes de me contar as vossas historias, dando-me a saber os nomes das familias, a que pertenceis.. agora he de razão, seguindo o vosso exemplo, contar-vos a minha .. pois em fim depois de me dizerdes quem sois, justo he saibaes com quem ceiastes!

— Oh! não, mademoiselle!.. não foi com o espirito de perscrutar na vossa vida, que de nós fallamos... De vós ja sabemos quanto he necessario... isto he, que sois tão benifiçente, quanto engraçada e linda!

— Venha de lá esse cumprimento... porem, meus visinhos, se, como dizeis, isso vos satisfaz, a mim não. Tenho grande desejo de contar vos a minha historia... será algum tanto mais comprida, doque as vossas, mas ninguem nos dá pressa; no entanto a agua ferverá, e faremos o tal ponche... hum ponche anodino.. Creio que a final sahirei a minha tia... vamos, *pápem* do arrobe, meus senhores. Mas que bom

lume!... pena he que a tal lenha se queime como papel... Eu principio: tendes promptos os ouvidos?

— Com attenção vos ouviremos, mademoiselle,, diz George, arranjando hum copo de grog.

E Thimoteo, fazendo os mesmos protestos que o seu amigo, corta huma grossa fatia de pão, que cobre do arrabe.

Então a visinha começa a sua historia da maneira seguinte:

CAPITULO IV.

A historia d'huma rapariga.

"Eu nasci na rua dos Ursos, isto he, n'huma casa d'aquella rua, o que he bastante para ficardes sabendo que sou natural de Pariz, pois estou persuadida de não haver no *mundo duas ruas dos Ursos*... assim mesmo bom será não o affirmar. Tambem não direi, como em huma tragedia, que vi representar na rua Chantereine:

Quanto a peitos d'heróes a patria he chara!

porque, a respeito da minha patria... digo, da rua dos Ursos, he muitissimo porquinha: quizéra antes ter nascido na rua da Paz... que que-

reis? parece-me que tambem tenho direito a hum boccado d'ambição.

" Meus paes, segundo penso, occupavão se em *fazer dixes* e mais trastes, com que brincão as creanças... Disse julgar, pois quasi nunca estando na loja, de nada me recordo do, que alli vendião. Eu hera filha unica, porem minha mãi antes quizéra ter tido hum rapaz. Durante a sua gravidez, muito se lisonjeára que daria á luz hum amorsinho macho; e para mais se confirmar neste sentido, consultava *frequentemente* as suas amigas, as freguezas da loja, e mais falladoras do bairro. Humas dizião:

— " Estes signaes não falhão: desde que andaes assim, gostaes de batatas cruas, barro pisado, e pepinos... por conseguinte he rapaz.

" Outras: — Tendes as faces pálidas, a ponta do nariz vermelha... podeis estar certa de que he hum rapaz! —

" Acrescentando as mais enten-

didas — Quando sentís comichão nos ouvidos, não accudís logo a coçalos com a mão esquerda, madama Michat! pois não ha signal mais certo de ser rapaz!

"E acrescentavão mais: — Deitaes vos de costas, ou acordaes de bruços... he porque he macho. —

"Não contente ainda de todos estes prognosticos, os quaes, segundo as palradoras, nunca havião falhado, minha mãi tambem ia procurar huma sabia mulher, que *deitava* cartas; e nestas vio igualmente annunciado que teria hum filho varão. Emfim, até huma boa alma de sugeito, que tinha sido, segundo me parece, cómico em hum theatro dos boulevards, homem de rara habilidade para adivinhar cousas assim em arcas encouradas, costumando medir com huma fita o pescoço e o braço da grávida; este, depois de fazer a minha mãi aquella medição, lhe annunciou que daria á luz hum rapaz: foi minha tia, que, annos depois, me informou de todos es-

les detalhes, porque bem podeis julgar não me ser possivel no local, em que então estava agachada, ter delles conhecimento.

" N'huma palavra, as predicções das patradoras, e todos os outros signaes infaliveis, com que se authorisava o nascimento d'hum rapaz, tudo falhou, ficando todos os prophetas de bocca á banda, ao saber que minha mãi déra á luz huma filha. As prophetisas opigárão que minha mãi certamente não lhes fornecêra dados exactos; ésta zangou-se de ver perdida a sua esperança de nove mezes; e meu pae não se atreveu a mostrar se pae terno e extremoso, temendo desagradar á sua cara metade: fui pois recebida no aprisco humano, como essas pessoas, que chegão para jantar n'huma casa á hora da sobremesa; em fim, como o decimo sexto passageiro n'hum omnibus.

" Para d'alguma forma remedeiar quanto fosse possivel o erro do meu sexo, foi resolvido pelo conce-

lho de familia que me vestissem de rapaz, andando assim todo o tempo que fosse possivel. A meu respeito, bem podeis julgar que bem indifferente se me tornava andar de calças, ou de saias: creio que o primeiro trajo mais me agradava. Saindo das mãos da ama, onde me deixárão até aos trez annos, vestirão-me como se fosse hum rapaz, e permittião-me correr pela rua, e saltar com os outros pequenos do bairro. Deste modo, costumada á liberdade, que me davão, quasi nunca parava em casa, e fui adquirindo os gostos e maneiras do, que figurava; sabia todos os jogos, e hera hum *pequenelho*, mestraço do jogo da *rolha*, do *pião*, e do *volante*: em fim, até bulhava com elles, e ás vezes menos mal os soccava. Tudo isto hera para mim bem agradavel; porem, se me fallavão em coser e bordar, ou me apresentavão huma boneca, encolhia os hombros, fazia huma careta, ou deitava a lingua de fóra para as demais raparigas;

não queria entreter-me com ellas; e, quando me dizião ser tambem daquelle sexo, oh! então encolerisava-me, e teimava atrevidamente que isso não hera verdade, o que muito fazia rir os rapazinhos.

" As pessoas, que vinhão á nossa casa, dizião a minha mãi — Tendes hum filho bem galantinho!... e como elle he esperto e azougado! — „ Minha mãi suspirava, respondendo-lhe: — Só no trajo he que o parece —; e depois mandava-me sahir d'alli bruscamente, dizendo, segundo o seu costume: — Vamos, he brincar lá para fóra; aqui não ha que requerer! —

"Algumas vezes trazião-me para casa com huma bréxa na cabeça, ou hum galeirão de nome, e ensanguentado o rosto; pois eu queria imitar quantos saltos e cabriolas via fazer aos meus companheiros da brincadeira, e a natureza recusára-me as forças masculinas; mas em casa nada disto causava abalo: só meu pae he que algumas vezes me

olhava com gesto, como de querer beijar-me, porem não se atrevia a satisfazer similhante desejo, pois nunca fui por elle abraçada. Emfim, para tudo vos dizer, a tal ponto levárão a mascarada, que, em logar de Celina, até me chamavão Celi, e eu a julgar ser este o meu verdadeiro nome.

"Testimunha da maneira singular, com que me creavão, e do rigor, com que ao mesmo tempo me tractavão, minha tia unicamente se interessava por mim, demonstrando-me amisade, disputando a meu respeito não poucas vezes com minha mãi; porem éstas contestações familiares, longe de mudarem as disposições, que tinhão para mim, ainda mais augmentavão a má vontade de minha mãi; e a final derão em resultado ficar mal com a irmã, que mais não tornou a casa: não recebendo pois d'ahi em deante os mimos de minha tia, que unicamente me tractava como huma raparigui-nha, em breve me esqueci dos seus

conselhos, e continuei a viver como qualquer gaiato de Pariz.

" Assim correu para mim o tempo, e cheguei á idade de treze annos, sem que minha mãi tivesse ainda resolvido ordenar a transformação para o sexo, a que pertencia, obrigando me a viver de maneira differente. Os meios da nossa casa hão escasseando, segundo as apparencias; e varias perdas, humas sobre outras, quasi que de todo arruinarão meus paes. O author de meus dias cahio doente de pesar, e dentro em pouco este o levou ás portas da morte; *porem*, como sempre me impunhão para fóra de casa, não sabia, nem avaluava por conseguinte o que poderia perder... Todavia, n'huma tarde, em que estava a brincar com os meus costumados companheiros no pateo d'huma casa proxima da nossa, dei attenção a hum delles dizer-me:

— Olha tu, Celio... não sei que fazes aqui á saltar, estando teu pae para morrer!

—Meu pae?!... (lhe repliquei) tão mal está elle?!... ora! eu de nada sei... nada me dizem... assim que almoço, ou janto, logo me poem fóra da porta .. como posso eu saber se elle está doente, se até nem me deixão entrar no seu quarto! —

"Com tudo larguei a brincadeira, instigada por hum sentimento, que dentro em mim de repente se demonstrou desconhecido: larguei pois o jogo, e corri para casa.

"Minha mãi tinha sahido, talvez para ir buscar alguns medicamentos, que o medico tinha receitado; em casa não havia creada; entrei pois, e, não me dirigindo para hum sotão, que ficava por cima da casa, onde eu costumava dormir, atravessei huma pequena casa de jantar, e pela primeira vez, depois de muitos annos, penetrei na alcova de meu pae.

"Agora mesmo ainda tenho bem fiel essa recordação: o quarto estava bastantemente escuro, e havia ahi hum leito com as cortinas meias

corridas. Fui andando mansamente, e estava trémula, receiando que me ralhassem desta liberdade, e ja antevendo que logo me determinarião sahisse d'alli; por tanto cheguei me á cama em biccos de pés, e supprimindo até a respiração Então vi meu pae... tinha os olhos fechados, mas bem deixava perceber que estava anciado, e com o peito em oppressão: ainda mesmo dormindo, o soffrimento o perseguia! Senti-me commovida... afflicta mesmo; sendo ésta a primeira vez que fazia reparo quanto a molestia o prostrára... pálido, cadaverico, hera ja quasi o nada, a que em breve ia ser reduzido.

" Enternecida á vista d'aquelle espectaculo, por muito tempo fiquei immovel, considerando o; depois fui sentar-me pouco distante da cama, sem fazer o menor arruido, temendo acorda-lo, ao mesmo tempo que de mim admirada por aquellas novas sensações, que sentia.

" Havia ja grande espaço, que alli estava, e o meu unico receio hera não viesse alguem, fazendo-me sahir d'hum quarto, onde, apesar de ter entrado furtivamente, bem natural me parecia poder demorar me. ,,

" De repente senti passos na casa de fóra; meu pae acordou, fazendo hum movimento, como para erguer-se, mas tornou a deixar cahir a cabeça no traveceiro; ia ja atristar-me, chegando á cama, a perguntar-lhe se tinha precisão d'alguma cousa, quando lhe ouvi pronunciar com huma vóz quasi extincta, e que penetrou até ao mais fundo da minha alma:

— A minha filha Celina.... onde está ella?... ah! chamem-a... queria.... queria abraça la.... antes de morrer... —

" Por hum momento fiquei surprehendida e indecisa; porem não julgando ser de mim que meu pae fallava, sahi bruscamente do quarto, respondendo-lhe, em vóz alta: — Esperae.... esperae.... vou ver se

encontro alguem, que a conheça, e a mande aqui. —

" Na escada encontrei minha mãi, eu descia pálida e pressurosa. — *Onde ides?*

— Meu pae está bem mal,, respondo, chorando á sua abrutada interrogação: " porem, antes de morrer, segundo elle diz, quer abraçar a sua filha Celina .... Eu não sei quem ella he... não a conheço, mas ia procurar .. ver se encontrava alguem.... pois ao menos quizera dar esse gosto a meu pae.

— Oh! miseravel!.. pois não sabes que te chamas Celina?.. tu hes a sua filha!... —

" Fiquei ainda duvidosa, sem saber se devia acreditar no, que dizia; porem ella, travando-me da mão, quasi que me arrastrou comsigo até chegarmos ao quarto do doente. Eu corri para a cama.... Ah! meu pae tinha espirado, sem abraçar sua filha!

" Desde então, minha mãi mudou inteiramente, a meu respeito, tor-

nando-se tão boa, terna e carinhosa, quanto até alli fôra descuidada. Infelizmente porem, não gosei muito tempo das suas caricias... apenas seis mezes, só as disfructei depois da morte de meu pae... perdi a minha boa mãi!...

" Em tal circumstancia, minha tia Bernard levou-me para sua casa, e não será preciso dizer vos que o seu primeiro cuidado foi vestir-me com o trajo, que me pertencia. Meus paes nada me tinhão deixado, e tão pouco tiverão o menor cuidado em preparar-me, para seguir algum mister, deixando-me, como ja vos disse, em inteira liberdade de aprender os jogos e maneiras dos rapazes; porem minha tia julgou que eu devia saber cousas mais uteis e proprias do meu sexo: mandou ensinar-me a cozer, e isso não me divertia tanto, como jogar o *pião*, ou o *volante*. A agulha picava-me os dedos frequentemente, e então zangada atirava com ella, quebrava a linha, e saltava para o meio da ca-

sa a fazer as minhas antigas cabriolas; porem o trajo não m'as facilitava tanto, como as calças; e minha tia fez me entender a impropriedade, assim como o perigo de continuar similhante extravagancia.

" Pobre tia! de que paciencia se aprovisionou para aturar as minhas loucuras, desconcertos e teimas! Eu não sabia como haver-me com o trajo *feminino*; *hera para mim hum* martyrio estar muito tempo sentada n'huma cadeira; tinha a maior raiva possivel a cozer, e a respeito de bordar não podia comprehender como isso se fazia, por mais que batalhassem comigo: que, verdadeiramente, fallando com franqueza, a causa de toda ésta falta de geito herão as saudades dos antigos habitos e liberdade; e por isso chorava, quando me obrigavão a fazer huma passagem, ou tomar pontos ás meias, atirando muitas vezes com o *quisilento* trabalho ao chão, e indo para o meu quarto, onde me desforrava

em não deixar pedra sobre pedra.

"Assim passei até aos dezeseis annos, ouvindo a meudo dizer que hera bonita, o que ja começava a dar-me gosto. Minha tia desejava que eu me tornasse hum pouco desvanecida, julgando com isso que mais fácilmente me costumaria ás maneiras do meu sexo: no entanto, no que achava maior entretenimento, depois que não podia recrear-me com os meus jogos favoritos, hera o espectaculo: tinha hum gosto pronunciado para a comedia, e de boa vontade entraria para o theatro.

"O acaso, ou antes o destino trouxe a nossa casa hum mancebo mui galante.... não direi o nome, pois nenhuma precisão tendes de o saber: morava no quarto fronteiro ao nosso, e incessante o encontrava; e néstas occasiões sempre me dizia que hera linda, que tinha por mim muito amor, e... emfim todas as phrases da costumeira, em taes em-

penhos, porem que me soárão agradavelmente aos ouvidos.

"Em taes circumstancias, o progresso he admiravel; eu gostava de lhe ouvir aquellas palavrinhas doces, e elle, que bem percebeu o meu fraco, instou para que de noite o deixasse entrar no meu quarto, pois tinha (dizia elle) cousas mui particulares, que me dar a saber. Neste peditorio nada achei inconviniente, e até mesmo suppuz que pretendesse (taes herão ainda as minhas lembranças da creação, que tivera) propor-me jogassemos o valante, ou o pião, assim em particular; e como a boa de minha tia me prohibíra inteiramente aquelle passatempo, ja phantasiava gosar hum grande prazer, practicando-o a occultas com o tal rapaz.

"O meu quarto ficava ao lado do de minha tia; e logo que ella se deitou, e julgando-a dormindo, abri a porta ao sugeito, que ja estava alli á espera. Entrou, mas em logar de me propor o, que eu julgava,

lançou-se-me aos joelhos, e entrou a repetir o mesmo palavreado... que me adorava, que não podia viver, sem mim.... e que morreria, se eu não lhe correspondesse.

" Porem elle hera marão mestre, pois, conhecendo a minha innocencia e ignorancia, depois daquelles preluminares, foi tractando de cousas de mais proveito.... despejadamente entrou a abraçar-me, dando-me outras mostras, que elle dizia, de ternura.... Eu comecei então a apperceber me de quão perigoso he para huma rapariga conceder a qualquer fallar-lhe assim n'hum logar ermo, e sem testimunhas... os fatos mulheris obstavão-me á deffeza.... elle hera emprehendedor... e eu tão acanhada e preza, como disse, no trajo... Eu fim, segundo creio, alguma bulha fizemos, porque minha tia acordou, perguntando se me acontecêra alguma cousa, ao que respondi estar entretendo-me, jogando ao *rolheiro*.

" Na seguinte noite repetio se a

visita, e depois na outra; porem, minha tia zangou se com a bulha, e gritou me, atravez da antepara, que dividia os quartos, que se não me accommodava, deixando de jogar ao *rolheiro*, ella viria buscar me para ao pé de si. E'sta ameaça assustou-me; e como eu tomára gosto á conversação do meu namorado, logo na manhã seguinte deixei a loja de minha tia Bernard, e *parti com elle*, que me levou para Saint Germain en Laye.

"O meu amante havia-me dicto ser comico, promettido ensinar me a representar, e que me faria admittir no seu theatro; porem quando alli chegámos, nada mais nos lembrou doque divertirmos nos, passeiar pelos campos, e fallar do nosso amor. Assim passamos trez mezes; e perguntando n'algumas occasiões ao meu namorado quando tractava de me fazer entrar para o theatro, apenas me respondia mudo e abraçando me. Todavia acordando hum dia de manhã, inutilmente

procurei o homem, que para alli me trouxera, e somente encontrei huma carta, na qual me participava que partia para o Brazil, e que não quizera levar me, temendo fizesse alli muito calor para mim. E'sta boa alma, ainda assim abandonando-me, fôra previdente, pois me deixou vinte e quatro sous para pagar a jornada da deligencia até Pariz. Este procedimento indignou me, e pela primeira vez em minha vida me felicitei de não pertencer a hum sexo, que tanto se compraz em enganar o nosso. Assim mesmo, e até bastante encolerisada, como estava, peguei nos vinte e quatro sous, e regressei a casa de minha tia, da qual ouvi huma extensa prégação; e para me punir de assim lhe ter passado o pé, deu-me huma infinidade de pares de meias para lhes tomar os pontos: não hera certamente este o meio mais acertado de me levar ao arrependimento pela ter deixado.

Tinhão passado ja alguns mezes, depois do meu regresso a casa

de minha tia, onde passava huma vida tristissima, aborrecendo me infinitamente de vender gramma, e pisar alcaçús, quando reparei n' hum rapazote alto, que tinha hum lindo bigode preto, suissa bem formida, e engraçada perinha. O tal sugeito fazia-me accenos, que eu começára a comprehender, desde que minha tia quiz vêr-me desvanecida; espreitava quando eu sahia, e, fazendo por encontrar se comigo, dizia-me que eu hera huma rapariga encantadora, e que sentia por mim hum amor por ahi alem! .. O meu primeiro amante cantára me a mesma cantiga, e então concluí que os homens dizem todos a mesma cousa, quando pretendem seduzir as mulheres; porem, como taes gabos me davão gosto, julguei que elles tinhão rasão em servir se d'aquella linguagem.

"Não foi elle menos lembrado, doque o meu primeiro amante de pedir-me lhe concedesse fallar-me a sós no meu quarto, porem recor-

dei-me do quanto isso hera perigoso, e que minha tia poderia ouvir alguma cousa, de que desconfiasse, e ralhar me; muito mais tendo prohibido continuarem practicas taes; porem elle immediatamente removeu aquelle obstaculo, convidando-me a ir encontra-lo n'huma casa de pasto. Acceitei, nada temendo n' hum logar similhante; ah! e quanto me enganava... parece que o meu destino hera de sempre me enganar!

"Hera esperada n'hum quarto, onde estava a mesa posta com hum delicado almoço; porem de tal modo o habilidoso sugeito soube insinuar-me o gosto para o vinho de champanha, que espumava nos copos, e fazia saltar as rolhas, que muito prasenteiro me foi este almoço: nunca tinha bebido o Champanha, e igualmente não pensava que me *entontaria* a cabeça; mas infelizmente foi este o resultado. Bem depressa me achei possuida d'huma alegria louca; queria dan-

çar, queria dar cambalhotas, e tudo isto parecia dar grande gosto ao meu companheiro, que me animava, incitando me... Finalmente, quando tornei a mim daquelle desvairo, tinha practicado tantas loucuras, que não me atrevi a voltar para casa de minha tia, e segui o meu segundo amante, o qual me conduzio para Rouen.

" Este senhor, com tão bonitos bigodes, e que eu primeiro julguei fosse militar, hera pintor, e fazia quadros em grande. Nos primeiros dias da nossa ligação intentou fazer o meu retrato, pintando-me na figura de Diana, em Sultana, em Venus, em religiosa, bespanhola, ingleza, em bacchante... emfim, de tantos modos, que eu achava bem engraçado encontrar as minhas feições em tantas variedades de trajos; porem no fim d'algum tempo obrigava-me a diversas posturas, para lhe servirem de modelos aos seus quadros. Disto he que eu não gostei, pois algumas vezes hera obri-

gada a estar horas inteiras sem mudar de attitude, com huma perna ou hum braço no ar, e muitas vezes até com trajos, que bem pouco me reparavão do frio; e, quando lhe representava o que isto me aborrecia e custava, o caxorro dizia-me: — Tu hes hum anjo de perfeição!... onde encontraria eu hum modelo, que me fornecesse hum corpo mais swelto, nem huma perna mais bem feita?.. „ ao que eu lhe redarguia: — Tudo isso he bom para adoçar os beiços ás tolas; porem, se julgaes que eu possa viver, passando dias inteiros sem mexer-me, olhae que muito vos enganaes. O movimento he para mim a vida: se assim continúo, cahirei doente.

" E, dizendo isto, saltava e corria pelo quarto, o que o fazia encolerisar; porem tornava a replicar lhe: — Na primeira vez que almoçámos juntos parecieis gostar tanto de que eu saltasse... porque rasão agora não vos causa isso igual prazer!

" Enfim, n'hum dia, em que o

meu amante me obrigou a estar por mais de cinco horas em diversas posições, para hum novo quadro, que logo presumi levaria longo trabalho, logo nesse momento fiz tenção de alli não ficar mais tempo: creio até mesmo que se me dessem a escolher, *preferiria* antes concertar as meias, doque figurar para modelo ao meu pintor. Tinha meios com que pagar a deligencia, e parti para Pariz... ja se sabe, procurando segunda vez a casa de minha tia, que sim me ralhava, porem incapaz de me fechar a sua porta.

" Assim mesmo, nesta ultima aventura adquiri huma qualidade, que me foi proveitosa: á força de ver pintar e dar brochadas nos pannos dos quadros, tomára gosto pela pintura; não sabendo desenho, nada podia compor, ou inventar, mas dediquei-me a illuminar estampas, e disso fiz hum modo de vida.

" Então disse a minha tia: — Sabeis que mais... desejava viver, e estar independente n'huma casa; e

não julgueis que seja para me entregar a loucuras; antes pelo contrario, pois a liberdade de se poder fazer tudo he, creio eu, a melhor garantia para se proceder com juizo. „ Minha tia abraçou me, e disse me:

— Faze o que te parecer... Da minha parte quero concorrer para o teu bem, e ao mesmo tempo darte gosto: mobilar te hei huma casa, nella trabalharas, isto sem deixar de aqui vir a meudo vêr me, que eu lá irei, quando poder beber o meu copito de ponche. —

" Isto foi dito e feito. Minha tia primeiramente alugou me hum quarto na rua Delphina, muito mais bonita, doque a da Calandra; porem, como ficava mui distante da casa de minha tia, que mora no largo das Flores, ultimamente alugou me este quarto: eis o motivo porque me tendes por visinha.

" Estaes, pois, inteirados da minha historia, senhores, narrandovola sem occultar as minhas loucuras:

nenhuma rasão tinha para impostu-rar, ou mentir, e he minha opinião que ninguem deva dar se por me-lhor, quando não o seja ... O, que hei practicado, he talvez effeito dos costumes, que na mascarada mascu-lina me deixárão contrahir; mas finalmente, se pequei, somente con-tra mim foi o mal... quantas pessoas haverá por esse mundo, que, tendo perpetrado iguaes e peiores acções, não poderão dizer outro tanto!

CAPITULO V.

Bouchenot acordado.

Com bastante attenção tinhão os dous mancebos ouvido a historia da sua visinha, cuja narração os fizera rir e commover ao mesmo tempo: assim que ella acabou de fallar, George lhe travou da mão, e apertando-lh'a, como se fôra a d'hum amigo, lhe diz:

—" Mademoiselle, quando se possuem taes qualidades, não se deve temer a mordacidade, relativa a fraquezas commettidas, pois aquellas faráõ esquecer éstas, e de mais disso se a mulher pode ser julgada culpada por haver cedido... por sua sensibilidade, e ter dado ouvidos ao amor, não he certamente aos ho-

mens que pertence lançar-lhe em rosto esse crime.

— Não, por certo! „ acrescenta Thimoteo, procurando improvisar hum cumprimento lisongeiro a esse respeito. " Não, mademoiselle... de nenhum modo nos pertence... nem... *oh! isso sería hum atrevimento!...* Oh! e então mais olhando que sois, como ha pouco dissestes, livre, e senhora das vossas acções.... Aqui estou eu, que tambem sei jogar o *rolheiro* .. o pião, e... na minha terra entretinha bastante com esses jogos innocentes „

Celina surrindo foi tirar a chaleira do lume, dizendo: — " Ora bem, a agua está fervendo; tractemos de fazer o ponche... he bom para a digestão.

— Concordo; tanto mais que ceiei, como ha muito não me succede! (observa Thimotheo) bem certo he o dictado: = nunca desconfies da Providencia! = porem se vós *não* fosseis... „

Thimoteo não continuou na ex-

pansão, porque huma pisadella do pé de George o advertio; Celina deitou da agua quente n'huma escudella grande de barro, juntou-lhe aguardente, bastante assucar, e espremeu metade d'hum limão, que trouxera, completando assim a feitura da bebida corroborante: enchêrão-se os copos, e ja antes de o beberem, o fumo do ponche exhalava hum cheiro, que os dous mancebos achavão preferivel ao das pastilhas do serralho.

—"A' saude da nossa boa e estimavel visinha!...„ dizem os dous, elevando os copos.

—Pela do vosso amigo doente, primeiro que outra qualquer„ responde Celina, tocando com o seu copo.

— Ah! sim, tendes rasão: pelo restabelecimento do nosso Bouchenot!„

Neste mesmo instante, em que todos trez bebião á saude do doente, elle acordou: ouvio rir, viu, que bebião, sentio o aroma do ponche,

o qual lhe chega mui agradavelmente ao olfacto, e logo senta-se na cama, exclamando:

—" Tenho sede, meus senhores.., peço-vos que não bebaes tudo, sem me deixar huma gota....

—Oh! até que acordaste, meu pobre Bouchenot? (diz George, indo ter com elle) na verdade olha que muito dormiste! este somno te ha sido proveitoso...

—Sim.... conheço que me fez bem.... porem agora igualmente estou que me faria bem tomar alguma cousa...

—Esperae.. esperae... eu vou dar-vos a charopada,, diz Celina, procurando huma chavena, porém na falta desta encontra huma pacara, que fôra de dôce, enche-a, e vae apresenta-la a Bouchenot; porem este, provando hum gole, faz huma careta, dizendo:

—" Hera disto, que estaveis bebendo, e fazendo a rasão todos frez á minha saude?

—Nada.. nós bebiamos poncho

(responde a visinha) foi hum *toast* para nos dar tom, e concluir assim alegremente a ceia: nós podiamos faze-lo, pois estamos de saude perfeita, em quanto a vós, tão doente, não vos convinha...

— Então bebêrão ponche para dar tom em cima da ceia!.. „ murmura Bouchenot, olhando em roda do quarto com hum modo estupefacto. " He cousa singular.... nesta casa huma ceia!?... e ponche em cima!... estarei eu ainda a dormir?

— Não, tu não dormes (lhe responde Thimoteo) porem sabe que he á nossa amavel visinha que somos devedores deste banquete... Ah! bem cabe aqui dizer: *Deus nobis hæc otia fecit!*

— Quando quizerdes fazer-me algum cumprimento, seja na minha lingua (diz Celina): eu cá não entendo esses *latinorios*.

— Dizeis bem, mademoiselle.... hei de fazer-vo-los em boa linguagem... até quizera faze-los tão po-

derosos, como esses olhos... porque então.... oh!... Bebe a charopada, Bouchenot, que ha de fazer-te bem.

— Não... affirmo-vos que o ponche me fará muito melhor.... com hum boccado seja ahi de que for... comido na mão...

— Porem, meu amigo... essa febre...

— Hera causada pela fadiga do dia... huma indisposição, que passou: ja nada sinto.

— Desse modo, aqui tens, come; he o restante da ommeletta, do queijo e do pão: aqui tens ponche: estou que a bebida não lhe fará mal, e até talvez seja excellente contra a febre.

— A proposito, meus senhores,, diz Celina, em quanto Bouchenot toma aquelles remedios, que de certo lhe faráõ bem ao estomago;" vistes então a minha amiga Prudencia?... olhem que he huma tal gordalhuda! todas as raparigas lhe chamão a gorda Prudencia.

— Sim, mademoiselle, aqui esteve bastante tempo esperando por vós... quiz honrar nos, descançando, fallando...

— Ai! fallando, Deos meu!... olhem que de tolices ella não diria! isto não he ter ma lingua, mas coitadinha, tem madeira de mais, e precisa muito desbastada! Querem ouvir huma della? Fui, e mais outra rapariga, minha amiga, vê-la, e achamos la entretida a metter as barbas de balêa n'hum collete; mas o fino he saberdes com que: aposto que não adivinhaes... pois hera com prégos.

— Com prégos.... metter barbas n'hum collete?!..

— Sim, senhores; estava com hum martello pregando lhe taxas bem grossas.

— Porem, minha visinha, sabeis que mais, isso pode-nos dar huma ideia ainda mais vantajosa da firmeza de carnes da vossa amiga!..., observa George.

— Ora meu visinho, ja não ha

dessas durezas, que prestem, nem possão ferir hume nas cabeças de prégos!... Emfim, bastante nos custou fazer lhe entender que para segurar as barbas de balêa bastava huma agulha e linha, e não hum martello. Oh! ahi me lembrou outra della, que não deixa de ser bem engraçada. Havia alguns dias que a funqueira estava zangada, porque o relogio, que tinha na loja, parava, — Certamente precisa subirem lhe os pezos (diz huma das raparigas) porem isso he com a madama, pois tenho mêdo de lhe pegar. — Oh! pois em cá nenhum mêdo lhe tenho (responde a nossa Prudencia, e se o remedio está em fazer lhe subir os pezos para bem alto, eu me encarrego disso.,, D'ahi a algumas horas olhando a domna da casa para a pendula, que estava sobre o fogão, e vendo faltar lhe os pezos, inquietou-se. — Estae socegada, senhora, (lhe diz Prudencia) como ouvi ser remedio para o relogio, que parava, subir lhe os pezos, peguei nelles, e

levei-os para o meu quarto: altos estão elles, pois he hum quinto andar... e o relogio d'aqui em deante deve ficar hum *barra!*.. —

"Aqui tendes como ella ainda está; porem isso *não* faz ao caso, para que deixe de ser muito boa rapariga, e ainda muito capaz..... Em estando mais algum tempo em Pariz, conhece-la hemos bem differente.

— Ella disse nos ser natural de Poissy, e que seu pae contractava em perúas.

— Pois foi com ellas, que Prudencia aprendeu aquellas maneiras.

— Coitada, acconteceu-lhe hoje huma desgraça!

— Então que foi? que lhe succedeu?

— Perdeu hum cão, do qual vinha acompanhada.

— O seu cão? o Bigode? tenho conhecimento do animal: sempre he hum tal ladrão! hum dia, que eu lá fui, teve a habilidade de me furtar hum cestinho, em que levava huns bolos.

— *Que he isso*, Bouchenot?... que mania te deu? atiraste com a louça ao chão? (diz-lhe George) isso he asneira... bem vês que he artigo bem minguado nesta casa.

— Escorregou me da *mão* o pires...,, *responde elle*, mas dá mostras de inquietação, e, passado hum instante, olha para a rapariga visinha com hum modo suspeitoso.

— Agora dei no que he!... (exclama Thimoteo) Bouchenot tem mêdo que *digamos á nossa visinha* ser elle o causador da sua amiga perder o cão.

— Pois que! alli o senhor doente foi quem lh'o tirou? ,, diz Celina, rindo.

— Não, *mademoiselle*... não; eu *tirei* lhe cá alguma cousa... sei por ventura do cão! (responde Bouchenot, procurando occultar a sua agitação) o animal he verdade que me seguio... porem a culpa não foi minha: fiz quanto hera possivel para que me deixasse.

— Pois então, se vos acompanhou,

e agora sabeis quem he a domna, podeis entregar-lh'o.

— Isso quizèra eu, mademoiselle... porem como?.. o cão tambem logo depois se perdeu de mim.

— Ahi está o que he zanguinha! Sei que Prudencia estimava muito o tal cão Bigode, por haver sido o padrinho quem lh'o deu.

— Seu padrinho!... (repete Bouchenot, encarando Celina) e vós conheceis.... conheceis esse padrinho?

— Eu? qual! Primeiramente ainda não ha muito tempo que conheço Prudencia Flambard: encontrei-me com ella em casa d'huma amiga, que ha tempos está com a fanqueira. Prudencia tinha então chegado a Pariz, a ninguem conhecia, e nós todas acarinhamos-la. Entre raparigas he bem natural; e depois lá porque a pobresita não tenha toda o seu juizo, ou esteja ainda buçal, não deve ser tractada de resto. Por conversações, que temos tido, somente sei que seu padrinho

hera jardineiro florista, e que, antes de voltar para a sua terra, em Meaux, lhe fez presente do tal Bigode.,,

O tom de franqueza, com que Celina diz isto, não dá logar a Bouchenot de ficar em duvida da sinceridade do, que acaba de ouvir, e por isso demonstra se mais satisfeito; procura socegar ainda algum resto de agitação, e retomar o seu modo amavel; e, travando d'huma das mãos a mademoiselle Celina, que então estava proxima á cama, ternamente lh'a aperta entre a sua, dizendo:

— "Mademoiselle... a vossa ommeletta... o vosso ponche, e o queijo ficará tudo gravado em meu coração; porem tenho a pedir-vos que leveis o vosso travesseiro e almofadinha, que me pozestes debaixo da cabeça... não posso consentir em que vos priveis huma noite...

— E eu respondo que só amanhã o levarei... isto he, se estiverdes ja restabelecido. Porem creio serem

horas de cada hum de nós pensar em deitar-se: ceiámos, de nada mais tendes precisão, e por tanto boa noite, meus visinhos, boa noite: amanhã virei buscar a minha chaleira, e o mais: agora vou deitar-me.

— Mademoiselle, nós iremos levar-vos o, que trouxestes para aqui (diz Thimoteo).

— Nada, não he preciso terdes esse inccommodo... eu virei, eu virei. Boa noite, estimarei que dormaes bem.

— Recebei ainda por ultimo os nossos agradecimentos...

— Pois sim, sim; fiquemos nisso!...,,

E logo, sem mais querer ouvir, a visinha pega na sua luz, atravessa para o seu quarto, fugindo assim aos agradecimentos, que os mancebos lhe dão nesta despedida.

— Não entra em duvida que a nossa visinha he hum peixão!,, diz Bouchenot, assim que ella partio.

— Ah! tornate-te a tosse desta

manhã?! ja a visinha he boa! (observa Thimoteo) ainda não ha muitas horas, que nos dizias — He preciso não se ligarem de amisade com essa rapariga — Ora, quanto a mim, estou sempre pela mesma: se ella quizer que eu seja o terceiro inquilino d'aquella propriedade.... o seu terceiro amante...

— Ah! pois ella ja teve dous?!..

— Pelos menos assim o confessou, contando-nos a sua historia: amanhã t'a recopilaremos... Agora tractemos de dormir... o tal ponche he bebida deliciosa!... ah! que se a visinha quizesse....

— Callae-vos, Thimoteo!.. a modo que tendes tendencia para a libertinagem...

— Vem à ser o mesmo... (murmura Bouchenot, deitando a cabeça no travesseiro) assim mesmo gosto pouco de que a visinha conheça a tal Prudencia Flambard... se bem que talvez... pode ser... O padrinho hera jardineiro florista... e tornou a ir para a sua terra, que hera... hera?

eh! em Meaux... se assim for, então ..,,

D'ahi a alguns instantes, os trez jovens tinhão adormecido profundamente.

CAPITULO VI.

Hum quarto maneebo.

Já passava das nove horas, e os nossos trez conhecidos da rua da Calandra ainda profundamente estavão prezos nas cadêas do senhor Morpheu. Ora ponderem lá que he perigoso comer á noite, e muito mais a deshoras!.. foi certamente á milagrosa ceia que os trez amigos devêrão o repouso deste somno pacifico e profundo.

Porem varias pancadas, que se lhe applicão á porta do quarto, acordão quasi ao mesmo tempo os trez dormentes.

—" Quem diabo se lembraria de

vir acordar-nos? (diz Thimoteo, esfregando os olhos) que pena!.. deitamos nos tão tarde... estavamos no melhor do somno!

—Certamente será a visinha, que virá buscar a sartan, ou a chaleira, para fazer o seu almoço,, diz George.

—Qual historia!... a éstas horas ainda a visinha estará olhando para dentro.,,

Neste momento novas e mais fortes pancadas soárão na porta.

—" Não abrão!.. não abrão!..,, exclama Bouchenot, sentando-se na cama, e ja com os olhos espantados, todo elle demonstrando hum gesto atterrorado:" será a justiça... os beleguins... os soldados da municipal?

—Que diabo queres tu que essa sucia tenha que fazer aqui? acaso somos pessoas, sobre que a policia tenha de olho?

—Orá, sim... ás vezes... a gente... nada mais facil que he qualquer achar-se entre huns poucos de

malfeitores... pagar como elles, sendo innocente.

— Parece-me, Bouchenot, que o teu pezadello de hontem á noite ainda te não passou. Devemos abrir, e seja quem for: anda, Thimoteo, vê se te levantas.

— E porque não vaes tu, George? não quero ainda erguer-me.

— Pois então seja Bouchenot quem vá abrir: esteve toda a noite com a cabeça affagada n'hum bom travesseiro, e melhor doque nós deveria dormir.

— Pois sim... dizem bem... ora admirem a ligeireza, com que eu salto da cama!... podeis contar, meus amigos, que hoje em todo o dia não me ergo d'aqui. „

Vê-se da contestação entre os trez que hera a qual delles não se levantaria para abrir, sendo assim mesmo Bouchenot o mais renitente: no entanto a pessoa, que batêra, gritou-lhes de fóra:

— "Andem d'ahi, priguiçosos!... não se levantão hoje?... „

Os trez olhão huns para os outros; aos accentos desta vóz, bem conhecida, radiosas se lhes tornão as feições, ao tempo que todos trez á huma exclamão, com gesto de alegre sobresalto:

—" He possivel!... he elle!

—He Henrique!

—O nosso caro Henrique.... já chegou!

—Sim, de certo que sou eu! „ responde a pessoa, que esta no patámar:" mas vocês teem tenção de que eu esteja aqui de fóra todo o dia? „

Desta vez todos se levantão precipitadamente, e sem mesmo quererem perder tempo em vestir-se, correm á porta; he a qual delles primeiro chegará para a abrir: n' hum momento, Henrique Jamiers está nos seus braços.

Esta nova personagem, que introduzimos na scena, he hum mancebo de vinte e cinco annos, estatura mediana, modos distinctos, e hum rosto pállido e serio, que, sem ser

bello, não deixava de ser dotado de encanto: a meiguice do seu olhar, a expressão de seus olhos, e a inflexão da sua vóz annunciavão hum coração amoroso, bem como huma alma profundamente sensivel: a physiognomia raras vezes engana, e aquelles, que dizem o contrario, não são physiognomistas.

Henrique, pois, dava mostras de ser mui dado ao amor, e nelle ser retribuido: em geral, as mulheres, que possuem a qualidade de adivinhar pelas physiognomias, gostão dos homens, que ellas julgão susceptiveis de sentir profundamente; para aquellas, que não fazem da galanteria hum simples manejo de garridice, o amante, capaz de saber amar, não he cousa tão commum; e depois, he tão lisonjeiro ver hum gesto de sorriso amoroso n'hum rosto serio... fazer fallar huma bocca muda, fazer que appareça hum fogo minando, e que não se evapore em fumo ...

Os paes de Henrique herão pes-

soas honradas na sua provincia; tinhão-lhe deixado huma fortuna mediocre, mas sufficiente para hum rapaz, que não tinha tendencia para extravaganciar, nem impor d'huma qualidade, acima da posição, em que a sorte o situára: com cem Luizes de rendimento, Henrique por muito tempo viveu, feliz e satisfeito da sua condicção. Depois de estudar direito, o gosto das letras o fez abandonar a tribuna: vio-se coroado de applausos nas suas producções theatraes, e seguio com ardor a nova carreira, que abraçára, quando hum encontro mudou novamente seu destino. Bem podeis julgar que vae tractar-se de mulher... o destino dos homens anda, quasi sempre, dependennte d'huma saia. Haverá pessoas, que digão, como *Beaumarchais*: = porem onde diabo se foi situar essa influencia? = ás quaes eu responderei, que o logar não podia ser mais apropriado, nem melhor escolhido.

N'huma reunião quasi familiar,

foi Henrique apresentado como hum mancebo author, que promettia grandes esperanças, e ahi encontrou Paulina Graumont: hera huma joven de dezeseis annos, tão amavel quanto meiga, e tão meiga quão honesta. Hera hum rosto admiravel de encanto, sobre huma alma ainda mais perfeita; e aos encantos pessoaes juntava esse particular, que determina ao respeito com a admiração: quem a via, não lhe hera facil eximir-se de a adorar, mas sem conceber o menor pensamento de seduzi-la.

Neste mundo ha bastantes raparigas, a quem tudo he capaz de dizer-se; mas tambem as ha, junto das quaes sente-se muito, sem ninguem ousar dizer-lhe os sentimentos, que fazem experimentar.

Os mancebos fatuos, os libertinos e extravagantes admirarião Paulina, porem certamente não sería junto della que irião voltear com a mascara de namorados: os homens experientes, aventureiros, bem conhe-

tem quaes as mulheres, de que podem tirar partido; as desvanecidas, as mulheres do tom, e da moda andão sempre rodeiadas d'hum numeroso enxame de seguidores..., a bellesa virtuosa fica muitas vezes em *exulamento*.

Henrique realisára em mademoiselle Giraumont hum desses rostos *ideiaes*, que muitas vezes sonhára na mente (pois qual dos entes humanos deixará de ter engendrado hum rosto na sua phantasia!...) e o poeta cuja imaginação dá vida ao ideial, deve, mais doque outro qualquer, nutrir-se de illusões. Henrique passou toda a noite a contemplar Paulina, porem não se atreveu a fallar lhe, nem a aproximar-se-lhe: já receiava que toda a companhia adivinhasse quanto elle estava namorado.

Todavia, as feições de Paulina mostravão tamanha meiguice, suas maneiras herão tão simplices, tão desataviadas de qualquer desvanecimento, que á segunda vez que

elle tornou a encontra-la, ja ousou chegar-se, e dirigir lhe algumas palavras. Talvez, e bem pode ser que em seus olhos deixasse perceber qual a perturbação da sua alma, porque Paulina baixou os seus, e córou: sería isto presentimento, ou sympathia?.. Nós entendemos ser preciso que os corações se adivinhem, quando não se atrevem a dizerem o que sentem.

Henrique não deixou de indagar logo quem hera ésta encantadora menina, tão admirada pelas graças e decencia, e soube ser filha unica de mr. Giraumont, antigo commerciante, mas agora retirado do negocio, disfructando, pacifico, o rendimento annual d'huns doze mil francos. Paulina perdêra sua mãi havia cinco annos, e, ainda que só então contasse onze, seu coração bem comprehendeu todo o valor de similhante perda; desde então huma especie de gesto melancolico hera inseparavel em seu rosto, nunca se dissipando com o tempo. Paulina

hera adorada de sua mãi, e a amavel menina lhe retribuía com vezes por huma as caricias, que recebia. Sua mãi hera para ella hum Deos, hum futuro, e a felicidade de todos os instantes; longe della, não saboreava os prazeres, nem gosava a menor dissipação; ao pé nunca o aborrecimento, enojo, ou vãos desejos; não fallassem á joven em ir a hum baile, ou outro qualquer espectaculo, onde sua mãi não a acompanhasse, pois, em logar de a contentarem com a esperança d'hum passatempo, dispertavão-lhe com anticipação a causa d'hum pesar.

E a desapiedada morte havia quebrado laços tão estreitos, separando a donzella de quem a escudava de cuidados e ternura; que não diremos nessa idade, em que são precisas todas as caricias de mãi, pois julgamos, seja qual for a situação, em que a sorte nos colloque, que a affeição maternal he sempre necessaria, e sem ella incompleta a nossa ventura.

Paulina, mais doque outra qualquer, bem pode ser que tivesse necessidade de communicar esse brasido d'amor, de que sua alma hera formada; restava-lhe seu pae, e ella o amava e respeitava, porem não podia entregar-se com elle a essas doces sensações, a essas confidencias infantinas, as quaes para a indulgencia de sua mãi herão em cada instante hum augmento de ventura. Mr. Giraumont hera hum homem baixinho, e tão secco de moral, como de physico: amava sua filha, orgulhoso de que a achassem bella, porem nunca lhe dispendêra huma dessas caricias paternaes, que tanto deleitão; não hera expansivo, e pode bem ser que, ao abraçar sua filha, temesse comprometter a sua dignidade. Com a mesma circumspecção olhou a perda da esposa, que lastimára, mas sem chorar; todo occupado com o seu commercio, concentrára suas affeições n'hum objecto principal: ganhar dinheiro, enriquecer, mas por meios honra-

dos: eis o que, segundo o pensar do senhor Giraumont, devia ser o alvo, a que se dirigissem na sociedade as vistas e procedimento de todos. Ja se vê que hera homem, incapaz de fraude, mas inteiro nas suas opiniões, teimoso por principios, e interesseiro por systema. Quando sua filha vinha abraça-lo, recebia a com hum gesto de gravidade e attenção, dizendo-lhe: — " Esse teu vestido custou tanto..... o teu chaile tanto..... muito dinheiro he preciso gastar com as mulheres, para apparecerem no mundo!.. Não que isto seja dar por mal gasta a despeza, que faço comtigo, mas quero somente fazer-te ver a necessidade, que ha, de ter meios, para se gosarem essas cousas; porque, sem elles, nada disso poderias ter: por conseguinte d'aqui tiro a conclusão de que, não casarás senão com homem rico, ou que eu reconheça em estado de fazer bons interesses, para que nesse estado continues a gosar de tudo, como até agora.

Nem palavra, em taes conversações, respondia Paulina a seu pae; mas bem se pode julgar qual o motivo, porque o rosto da donzella se tornara mais taciturno, conservando hum gesto de mais carregada melancolia.

Henrique não deixava de ir ás reuniões, onde julgava encontrar Paulina, e dentro em pouco tempo não foi para ella hum indifferente. Se havia dança procurava dançar com ella; na conversação situava proxima a sua cadeira, e em qualquer jogo tambem ao pé della o vião: todavia, nunca hum palavra d'amor sahira de seus labios; nunca sua mão ousara hum aperto expressivo; porem se o mancebo contivera no silencio do seu respeito os sentimentos, que em sua alma imperavão, talvez fosse a este procedimento reservado que elle devia a benevolencia, com que a donzella o acolhia.

Mas passava-se o tempo, augmentando cada vez mais o encanto, que

possuia o mancebo, prezo ao ponto de reconhecer que a felicidade de toda a sua vida dependia daquella menina, junto de quem se tornava mudo e trémulo; pois he bem natural tremer, e não ousar expressões, quando se está deante daquella, que decidirá o nosso porvir. Quando se duvída, quando aînda não se lisonjeia, quando se teme ouvir huma palavra, que possa destruir nossas esperanças, apesar do grande desejo de verificar se ja somos amados; he porque o amor não he huma simples phantasia, ou capricho: pode-se affirmar ser huma paixão real; porque as paixões transtornão, ou perturbão a alma, influindo soberanamente em nossa existencia.

Todavia, huma noite, Henrique e Paulina encontrarão se n'huma casa, onde havia mais ampla liberdade, e, em quanto as pessoas de idade se entretinhão, jogando, as mais jovens juntarão se, formando hum jogo de prendas, a que dentro em pouco alguns mancebos, não apai-

xonados da *buillote*, e querendo disfructar o amavel entretenimento com as raparigas, pedirão ser admittidos.

Não he preciso dizer que Henrique fôra situar-se ao pé de Paulina; porem, quando foi decidido que jogarião ao *furão*; e mais, quando assim chegados hum ao outro, fazendo correr as mãos pela fita, em que andava o anel, passando cada hum dos, que jogavão o *furão*, ao immediato, sentirão huma perturbação desconhecida: hum tremor involuntario se appoderou de ambos, ao encontrarem-se as mãos, e ellas se encontravão a cada instante; a fita, em que seguravão, estava magnetisada pelo seu amor; cada movimento, com que hum ou outro a impressionava, lhes fazia experimentar nova sensação, e suas mãos, ao encontrarem-se, quasi não podião separar se.

O *furão* foi achado em Paulina; e como poderia ser d'outra forma, se a amavel donzella perturbada e

trémula, nem sabia o jogo que estava jogando!

Mais d'huma vez o temos dicto, e será sempre essa a nossa opinião: nada mais perigoso para as jovens, doque os taes joguinhos de *prendas*, a que vulgarmente se dá o nome de jogos innocentes.

Desde então, Henrique e Paulina entendêrão-se, e, sem mutuamente o confessarem, havião trocado os corações hum pelo outro.

Porem o senhor Giraumont juntava algumas vezes companhia em sua casa, e para ellas não convidava o mancebo author. No entanto, Henrique empregava todos os modos e maneiras para se fazer agradavel ao pae de Paulina; tractava-o com immenso respeito, e com a politica mais urbana, e procurando sempre occasião de conversar com o velho negociante, figurando tomar grande interesse no, que elle dizia, muitas vezes phrases bem fóra de proposito, e conversações, capazes de fazer somno; fizesse porem o que fizesse,

nenhuma destas condescendencias lhe obtivera até alli que mr. Giraumont o convidasse para sua casa.

E isto não deve admirar: o velho negociante dava continuas demonstrações de ter em pouco os homens dados ás letras, e para elle o juiso e a habilidade litteraria não servia de recommendação, não comprehendendo que merecimento havia n'hum vaudeville, ou n'huma comedia: como este ha de haver por esse mundo bastantes homens de negocio, aos quaes, se alguem lhe for inculcar hum caixeiro, não deve dizer lhe, pois seria huma desgraça, que o recommendado he hum moço de espirito, que tem habilidade para fazer cantigas e versos; porque o negociante logo fará huma tremenda careta, e recusará o protegido, dizendo: — "Eu não preciso que os meus caixeiros tenhão esse *juizão*: basta que tão somente desempenhem o, que tem a seu cargo. — Estes sênhores não querem entender que

he para o menos quem está nas circumstancias de ser para o mais.

Emfim, sabendo que seu pae tractava de dar huma soirée, Paulina deixou por acaso cahir das mãos hum lenço á sahida d'huma reunião, onde estava com Henrique; por acaso o mancebo estava no mesmo logar do perdido, que logo apanhou: o senhor acaso he extremamente bom amigo, quando se tracta d'amor,... serve mui bem aos amantes! Henrique não se mostrou estupido em dar o lenço, assim que o achou; porem no dia seguinte atreveu-se a ir a casa de mr. Giraumont para restituir a sua filha o, que ella perdêra.

Paulina estava só, quando o mancebo se lhe apresentou, e fez se corada e trémula, ao reconheeer Henrique, o qual tambem logo á primeira vista, ficou interdicto e acanhado, pois hera a primeira vez que se achava a sós com o objecto da sua adoração, e por isso avançou emfim, balbuciando:

—"Relevae, mademoiselle, a li-

berdade, que tomei, em me apresentar em casa de vossa pae... mas este lenço, que hontem achei... em casa de madama Dalbonne... julgo não me enganar, pensando ser vosso...

— Lenço!... oh! sim, he... meu senhor... Ah! lembra me agora que, chegando á casa, o achei de menos.... Ora..., mas que incommodo!... que incommodo em vir trazê-lo.

— Nenhum!... nenhum!.. antes ao contrario huma grande ventura, pois que me proporcionava o gosto de vos ver... e depois são para mim tão tardias.... tão rápidas se passão essas soirées, em que posso encontrar-vos.... espero as com tamanha impaciencia.... conto os dias.... as horas e os instantes!... Ah! se bem soubesseis, mademoiselle.... se podesseis adivinhar o, que se passa na minha alma.... porem nunca me atreverei a dizer-vo lo... temeria tanto incorrer no vosso desagrado!... Oh! para mim seria a maior das desgra-

ças, se me privasseis de amar-vos... ver-me-hia obrigado a desobedecer-vos!... Não amar-vos, quando presentemente este amor he a corda principal da minha existencia... o *principio* da *minha* vida!!.. Vós certamente não o exigireis... devo pois esperar que permittireis continuar a amar-vos?...„

Huma vez tocado o *alamiré* das declarações, os namorados avanção naquelle caminho a passos gigantescos; e até os *mais timidos*, os mais acanhados tornão-se algumas vezes d'huma eloquencia pasmosa. Henrique deixara fallar seu coração, e, quando o amor he verdadeiro, deve permittir se ao coração ser palrador. Paulina ouvia-o de olhos baixos, *mas em sua alma gosava*, ouvindo aquelles protestos d'hum sentimento, que igualmente partilhava, balbuciando de tempo a tempo algumas pálavras, sem sentido, para outro qualquer, que não fôra hum namorado; mas Henrique mui bem as comprehendia; e vendo que seu

amor não hera repellido, julgava-se no caminho da ventura: ja ia lançar-se lhe aos pés, quando n'esse momento appareceu o velho negociante.

Henrique não se lembra ja do motivo, que alli o trouxera; Paulina procurava na ideia o, que diria a seu pae; mas felizmente para elles, o senhor Giraumont não hera homem de tacto fino, para adivinhar destas situações: esquecêra se inteiramente da maneira como principia e progride hum namoro, e talvez bem pode ser que nunca o soubesse. = Ha pessoas (diz *Montaigne*) que entrão neste mundo, e sahem delle, sem nunca desenfardar toda a sua mercadoria = mas tambem as ha, ainda menos favorecidas da sorte, as quaes chegão ao fim da sua carreira, sem ter nem mesmo a tal mercadoria para desenfardar. Alem disto, o velho negociante bem longe estava de pensar que este mancebo author, ao qual apenas conhecia, estivesse namorado de sua fi-

lha; portanto recebeu Henrique Jumiers com muito agrado, e de mais, o convidou para vir á sua soirée.

Henrique sahio d'alli, cheio do maior goso; hum gesto de olhos, que, ao sahir, vio em Paulina, déra-lhe a saber que partilhava o seu amor: eis aqui pois a casa do negociante aberta ao joven author: porem os namorados são, muitas vezes, faltos de prudencia no, que fazem. Se ha hum deos para os amantes, he de ordinario quando elles são culpaveis que os protege, em quanto que os namorados innocentes a todo o instante se dão a conhecer: o tal deos dos amantes tem muito pouca moral quando favorece aquelles, e abandona estes!

Nesta soirée, passada em casa do pae de Paulina, Henrique dançou quasi sempre com aquella, que amava, estava incessante ao seu lado, e, quando hera necessario apartar-se hum pouco da encantadora donzella, seus olhos a seguião, atravessando a distancia.

O velho Giraumont não héra, como dissemos, capaz de fazer qualquer observação a similhante respeito, mas houve, e que nunca faltão, almas caridosas, que se encarregárão de lh'o fazer observar: no mundo ha sempre de sobejo desses entes, cujo maior prazer he intervir nas vidas alheias, passando todo o seu tempo a espreitar, procurando saber, indagar, para logo irem dar á lingua, e fazer pomposas ampliações, pela maior parte das vezes desfigurando os factos, para os tornar odiosos.

Houve pois mais de huma pessoa, que foi dizer ao velho Giraumont: —" Esse rapaz author certamente está namorado de vossa filha: bem se vê que lhe faz côrte; não a perde de vista, e ella parecé não tomar com desagrado aquéllas demonstrações: a intelligencia ja de tal modo está entre os dous estabelecida, que só hum cego não dará por isso! salta aos olhos de todo o mundo!... „

No momento, em que a denunciada intelligencia saltava aos olhos de todo o mundo (e todo o mundo, em taes boccas, significa as más linguas) o pae de Paulina ficou bem despeitado de não ter sido o primeiro em reconhecê la. Esperou porem para o dia seguinte, e, chamando sua filha, encarando a primeiro com hum olhar severo, lhe perguntou porque rasão o senhor Henrique Jamiers dançara toda a noite com ella, e incessante a olhava de modo, que todos reparavão? A ésta pergunta, qualquer rapariga, practica na arte do namoro, teria respondido a seu pae, que não estava em sua mão evitar que aquelle mancebo a convidasse para dançar, e menos ainda lhe poderia impedir que a olhasse; mas Paulina ignorava tambem a arte de mentir; bera tão franca, tão leal como bella: ás primeiras palavras de seu pae, logo se perturbou, e de olhos baixos só respondeu com lagrimas.

Ora, as lagrimas nem sempre são

huma resposta, e em taes casos he a tacita confissão da culpa lançada em rosto. O senhor Giraumont encolerisou-se, e, quando Henrique tornou, perguntou-lhe porque motivo se atrevia a ser causa de sua filha chorar?

O mancebo, que só tinha vistas honradas neste amor, lançou-se aos pés do velho commerciante, supplicando-lhe acquiescesse ao casamento, que elle jurava fazer a ventura de sua filha.

— "E com que contaes vós fazela venturosa?„ perguntou o pae.

— Com que? (responde o mancebo, interdicto de tão brusca pergunta) com o meu amor, que só findará com a minha vida.

— Ora, meu senhor, tudo isso são palavras, destituidas de sentido... (*lhe torna o pae de Paulina*). Não será com esse amor, que comprareis vestidos e chapeos a vossa mulher: com o tal amor, por certo que não podereis sustentar casa.

— Muito bem vos percebo, senhor; porem tenho cem luizes de rendimento, e junto com o que me rendem as producções theatraes, faço mais de dobrado; tendo, alem disso, grandes esperanças de ainda o augmentar pela minha assiduidade...

— Meu senhor, quero para marido de minha filha mais alguma cousa doque isso.... doque essas esperanças: quero realidades... cousa positiva; e as vossas rendas de theatro são, quanto a meu modo de ver, eventuaes: não darei minha filha a hum author. Quero casa-la com hum commerciante, ja rico, ou que esteja em caminho de o vir a ser: ésta he a minha decisão; e desde ja vos previno de que nunca mudo daquillo, que estabeleci.

— Pois bem, senhor, huma vez que assim vos declaraes... como eu não posso existir sem vossa filha, renunciarei á vida de escriptor, e entrarei na carreira do commercio.

— Desse modo... sim... então...

huma vez que en veja... que reconheça... emfim; veremos.,,

Eis aqui o motivo porque Henrique deixára o seguito das Musas, que primeiro abraçára. Certo de ser amado de Paulina, hum momento não hesitou ante o sacrificio, que ia fazer da sua primeira tendencia, e entregou-se á carreira commercial com tanto ardor e gosto, como primeiro á da litteratura. Afim de mais breve e melhor adquirir os conhecimentos, que lhe faltavão, acceitou, gostoso, a commissão de ir ás provincias por conta d'huma casa commercial, cujo chefe bem conhecia o seu zelo e actividade; e, depois de huma viajem de oito mezes, regressára a Pariz, bastante instruido para se estabelecer: não he preciso acrescentar que voltava ainda mais amoroso, do que partira.

O leitor sabe agora toda a historia de Henrique Jumiens, o qual na manhã seguinte da sua chegada a Pariz fôra pelas nove horas da manhã á rua da Calandra pára visitar

os seus trez amigos, pois hera tão fiel á amisade, quanto ao amor.

— "Então como he isto, mandriões! pois a taes horas ainda estavão deitados! (diz lhe, depois de os abraçar repetidas vezes) Vamos, contae-me o que tendes feito, a vida, que levaste pela nossa boa Pariz, desde que parti? Saibamos, como ides de fortuna, que aventuras com os amores... depressa, he contar-me tudo: quero ficar inteirado do accontecido nestes oito mezes, que me hão parecido bem longos!..

— Ora o nosso caro Henrique!... e não se esqueceu de nós!?.. ., diz George, outra vez apertando-lhe a mão.

— Esquecer-vos!.. e qual a rasão porque o faria? methamorphoseei-me por ventura n'algum potentado?.. e quando mesmo assim fosse, affianço vos que a fortuna, ou as honrarias de qualquer grande cargo não me farião mudar de sentimentos: pelo menos, tenho ésta boa opinião de mim para o julgar.

— E tambem eu te faço igual justiça (diz Bouchenoi) julgo te incapaz de te esqueceres dos antigos amigos!

— Como eu estou contente de o tornar a ver!... (exclama tambem Thimoteo) hontem huma ceia inesperada, e papa fina... ommeletta, *poncheação*... e hoje quem diria que veriamos o nosso Henrique ja de volta! Bem se diz que huma fortuna sempre vem acompanhada de outra, a que precede!

— Que dizes tu lá, meu Thimoteo?

— Nada... tu o saberás... porem senta-te... anda...

— Vamos, he vestirem-se todos para irmos d'aqui almoçar juntos... vim procura-los mesmo de proposito para isso.„

Ao ouvirem a palavra almoço, os trez jovens fizerão hum movimento jubiloso, porem logo olharão huns para os outros com hum modo embaraçado.. Elles tinhão rasão: nem ao menos possuião com que hum

delles sahir completamente vestido!

No entanto, Henrique, procurando sentar-se, foi que pela primeira vez reparou na phylosophica simplicidade da mobilia, e lançou vistas indagadoras sobre tudo, ou sobre o nada, que via no quarto dos estudantes.

— "Diabo! diabo!... „ exclama Henrique, sentando se na mala: " segundo reparo, meus amigos, não he pelo artigo mobilia que Deos vos chamará ao sancto caminho, ou vos pedirá contas!... Antes de eu partir d'aqui, ainda tinheis humas cadeiras... e agora!.. pois as camas... ai!... nem cortinas nessa janella!.. Orabem, ponhão para ahi ja o que lhes tem accontecido: entre nósnão deve haver mysterios „

George olha para Thimoteo; e este para Bouchenot; he a qual delles não fallará, porem cada hum responde somente com hum suspiro.

— "Tambem agora emmudecerão? „ exclama Henrique, olhando os expressivamente.

George decide-se finalmente a fallar, e, chegando-se para Henrique, lhe diz:

—" A nossa miseria chegou a tal ponto, que nem cusavamos communicar-t'a... porem vejo que sería huma soberba bem mal situada. Sabe pois, meu caro amigo, que não possuimos hum *sou*; que pouco a pouco fomos vendendo a mobilia, e tudo o mais... emfim que já não tinhamos senão huma casaca, a qual cada hum de nós vestia quando precisava sahir... Porem essa mesma reserva nos foi roubada, pois tendo Bouchenot sahido hontem com ella, andou á bulha, e de tal forma, que a trouxe para casa á noite em tal estado, que nenhum de nós a póde mais vestir! Eis qual he a nossa misera situação, meu caro Henrique... e, apesar do muito gosto, que teriamos em ir almoçar comtigo, julga agora se estamos em circumstancias de aproveitar nos do teu convite!

—Pois que, meus amigos! será

crivel que chegasseis a huma tal situação?!... e porque não m'o dissestes primeiro que tudo?

— Ora, meu Henrique, já antes da tua partida nos havias soccorrido bastantes vezes, emprestando nos alguns francos... os quaes nunca te pagamos...

— E que me importa isso? porventura onde ha verdadeira amisade formão-se reparos similhantes? entre amigos não se contão os obsequios.

— Talvez que em o nosso infortunio haja da nossa parte bastante culpa (replica George) eu, em logar de seguir a carreira dos meus estudos, tomei gosto para as composições theatraes... algumas esperanças tenho de ahi avançar... ou quem sabe se he huma chimera, que eu sigo?!. Quanto a Bolichenot, todos os dias nos affirma que procura, que mesmo lhe prometterão situa lo n'hum emprego... mas entretanto vae passando o seu tempo, segundo quantas raparigas encontra...

— Oh! d'aqui em deante juro que

nunca mais acontecerá disso! (exclama *Bouchenot*) *dou licença que* me queimem, se mais virem eu ir a traz d'huma fêmea!.. ainda mesmo que não vá acompanhada de cão.

— Quanto a Thimoteo (continúa George) devo fazer lhe justiça, he de nós trez o menos extravagante... o pobre moço he applicado ao estudo... mas d'isso mesmo ainda a nossa posição o impede: *se não fóra* ter ligado sua sorte á nossa, teria sobejamente de que viver.

— Ora pois bem, tudo se ha de arranjar (diz-lhes Henrique) tu, meu George, tens bastante instrucção, e portanto deves proseguir nessa carreira, pois tenho a certeza de que alcançarás feliz resultado... Thimoteo continuando naquella, a que se propõe, tambem chegará a ser o, que intenta, hum doutor, hum sabio... E quanto a Bouchenot, desse *me encarrego eu: vou* estabelecer huma casa de commercio; tenho,

precisão d'huma pessoa, que me ajude na escripta de livros, compta-bilidade, &c. e he esse lugar, que lhe offereço: sim, Bouchenot, alem d'hum quarto em minha casa, pois desejo ter ao pé de mim hum amigo, com quem possa fallar, e que tenha toda a minha confiança, pois ainda que meu empregado, sempre serás o meu amigo, terás tambem hum estipendio.

—Pois tudo isso he possivel?! queres me em tua casa!.. (exclama o mancebo, abraçando outra vez Henrique). Ora o meu querido Juniers! acceito, meu amigo.... acceito com o maior reconhecimento; e desde ja prometto trabalhar, como hum negro. Está decidido o meu destino; nada mais de rapazeadas... vou mudar inteiramente de procedimento; e tu mesmo serás edificado, vendo como vou ser outro.

— Não o duvido; porem no entanto, meus amigos, como primeiro que tudo he necessario estejaes nas circumstancias de poder sahir, para

tractar dos vossos affazeres, e tambem para virdes almoçar comigo, ahi tendes este bilhete de quinhentos francos: dispondo delles á vossa vontade. „

Assim dizendo, Henrique havia tirado do bolso a sua carteira, e d' ésta hum bilhete de banco daquella somma, que apresentou aos seus amigos. Os trez ficárão commovidos, acendindo a seus olhos as lagrimas, como testimunho do, que se passava em suas almas.... só teem a força de murmurar:

—" He muito!.. he demasiado!.. tu.... tens precisão desse dinheiro para o teu negocio... basta-nos huma quantia mais diminuta.

—Não, não (lhes responde Henrique) ha de ser ésta somma, a qual me dareis, quando as vossas circumstancias o permittirem. Ah! quantas vicissitudes se experimentão na vida!.. e sempre que o homem pode fará bem, situando o seu dinheiro onde no futuro o encontre, e talvez bem a proposito. *Os meus negocios*

principião com hum aspecto bastante encantador, e espero dentro em pouco abrir huma casa de valioso commercio. Sim, meus amigos, parece que o destino quer favorecer me, pois até o pae da minha amada me fez hum favoravel acolhimento quando hontem, ao chegar, fui vê lo: já me permittio entrada em sua casa; e, ainda que sem comprometter se ao casamento, disse me á despedida: — Meu amigoinho, principiaes muito bem, e muito mais ainda confio no vosso zelo e actividade para a nova carreira, que abraçastes..... hum bom resultado a taes exforços não pode deixar de succeder —; na bocca do senhor Giraumont, estas palavras grandes esperanças me dão.

— Oh! e a tua Paulina?

— He hum anjo!... sempre tão amante quão bella e fiel. . Ao vermos nos, depois desta tão longa ausencia, ah! que venturoso foi tal instante, meus amigos! como os olhos de Paulina me narravão suas sau-

dades da ausencia, e o jubilo, que a possuia, do meu regresso! Porem contar-vos-hei tudo isso, em quanto almoçarmos... pois emfim o almoço he de necessidade, e eu vou encommenda'lo, em quanto mandaes por alguem chamar hum adello: em Paris bem sabeis que em cinco minutos se encontra a facilidade d'hum vestuario completo: vamos, tendes quem mandar... ou?...

— Sim, sim, temos!.. temos aqui a encontadora visinha do lado, que de boamente irá a essa commissão.

— Pois bem, nesse caso deixo-vos, pois tenho onde ir, e d'aqui a huma hora vos espero na casa de pasto — O vitelo que mama — na praça do Chatelet.

— Ficamos d'acordo, lá iremos ter comtigo, e com hum pasmoso apetite.

— Quero isso muito! Vamos, nada mais de considerações tristes, meus amigos; alegria e saude, e bem poderemos ainda gosar todos os prazeres da nossa idade,

— Ah! he a ti que seremos devedores...

— Pois seja.... pois seja a mim, que ja de sobejo estou pago com a satisfação, que experimento! Até logo.,,

E Henrique aperta as mãos aos seus trez amigos, sahindo apressadamente, para evitar novos agradecimentos.

CAPITULO VII.

Acertárão com huma boa administradora de dinheiro.

—"Eis-aqui hum amigo.... hum amigo, como ha poucos! (exclama Thimoteo, vendo partir Henrique) ora venhão cá dizer-me ser a amisade huma chimera!

—Tens rasão; certo que não he huma chimera (diz George) porem tambem he certo que amigos, como Henrique, são mui raros.

—He hum rapaz da idade de ouro!... Este merecia huma estatua! (exclama Bouchenot, indo mirar-se ao espelho) porem agora não gastemos tempo em reflexões... vamos, vamos a ver o modo, como poderemos ir encontra-lo.

— Sim, precisamos no momento de casacas, collete, calças...

— E botins tambem: ao menos para mim, já que hontem me vendeste os meus.

— A visinha, e só ella será capaz de arranjar nos tudo isso; vae-se lhe pedir este favor; eu vou bater á porta...

— Espera.... que me parece ahi vem...,,

Hera com effeito mademoiselle Celina, que vinha buscar a chaleira, e o mais, que ahi deixára na véspera: agora apenas trajando huma especie de *mandrião* branco sobre huma saia curta, e o tal lenço vermelho, amarrado com esmero na cabeça, tinha hum ar azougado e picante, que fez impressão nos trez amigos.

— "Tenha muitos felices dias a nossa bella e lindissima visinha!,, diz George,,

Thimoteo quiz tambem acrescentar alguma phrase mais áquelle cumprimento; porem custou-se lhe

a vóz, e apenas *soltou hum suspiro*: Bouchenot, que ja tinha retomado o seu modo de importancia, lançou á rapariga visinha hum olhar bastante expressivo.

— "Venho para desembaraçar-vos da tarecagem de cosinha, que deixei cá hontem, e ao mesmo tempo saber como passou o doente „ diz Celina, entrando.

— O doente acha-se de perfeita saude, graças aos vossos cuidados... aos cuidados da caridosa *enfermeira* visinha... neste momento só experimenta o desejo de exprimir-vos o seu reconhecimento. „

— E dizendo assim, Bouchenot havia ja travado d'huma gordinha e pequena mão, pretendendo leva-la aos labios, porem mademoiselle Celina vivamente a retirou, prorompendo: — "Se he tão somente essa a molestia, que padeceis, não precisa de prompto curativo... Eu vou tratar do meu almeço, e depois tenho que *illuminar Adão e Eva*: são duas duzias de estampas, que tenho a dar.

— Então he trabalho, a que vos derão pressa?

— Não pouca: mas por que m'o perguntaes?

— He porque tencionavamos reclamar da vossa bondade mais hum favôr.

— Pois digão sempre, que estou prompta: *Adão e Eva* podem muito bem esperar; tanto mais que andão a passeiar no paraizo.... Saibamos, que vem então a ser isso?

— Huma grande fortuna acaba de nos cahir em casa....

— Oh! tanto melhor!

— Hum amigo, que andava viajando, porem que ainda não esperavamos, acaba de chegar, e appercebendo que nesta casa faltavão bastantes cousas....

— Ora ahi está!.. e elle deu por essas faltas?.. o homem não he cégo!

— Com elle só deviamos usar franqueza... e agora, mademoiselle, nenhuma vergonha temos de vos dizer que hontem.... offerecendo-nos

a vossa ceia..... quem sabe se até nos salvastes a vida...

— Pobres rapazes!... e por que não forão mais cedo procurar me?... se não comestes mais cedo, a culpa foi vossa.

— Oh! mas agora estamos endinheirados... vede... tanto!...

— E que vem a ser isso?,, pergunta ella.

— He hum bilhete de banco: este vale quinhentos francos.

— O que! esse farrapinho de papel todo encarquilhado e çujo!.... pois isso vale tanto dinheiro? nunca pensei que tão grossa quantia pudesse caber em tão pequeno espaço.

— Agora eis aqui o, que esperamos de vós. Nenhum de nós tem casaca, bottins, nem calças para sahir: precisavamos de repente toda essa fateota ja prompta.

— E tambem gravatas...

— E lenços...

— E collarinhos...

— E meias...

— E camisas...

— E tudo, tudo, e mais tudo, pois vejo que nada tendes!„ diz Celina, rindo.

— O facto he que chegámos á maior precisão!..„ acrescenta Thimoteo.

— Mas para a necessidade do momento, basta para cada hum sua casaca... ou antes hum *sobretudo*.; oh! e buttins: portanto se nos fizesseis o favor de nos mandar aqui hum adelo... bem vedes que não podemos ir procura lo...

— Oh! da melhor vontade!... n'hum momento tereis tudo, que precisaes.

— Aqui tendes o bilhete de banco, para de caminho fazerdes favor de trocar, e pagarmos o, que se comprar.

— Venha isso... venha, que parto de caminho... Oh! hera bem feito que eu agora fugisse com todo este dinheiro!... em?

— Ah! mademoiselle, todos nós trez bem desejariamos ter huma

grande fortuna para vos confiar!

— Porem, meus visinhos, quinhentos francos já *he* bem boa maquia: d'huma vez nunca eu poderia ver tanto dinheiro junto!... Vou n' hum pé e venho n'outro... não vos impacienteis .. Agora Deos queira que eu não perca o tal *cigalhão* de papel, que vale quinhentos francos... levo o bem filado, e sempre olhando para elle. „

Celina partio, e no entanto os trez mancebos entrão logo a arranjar se com o, que ainda possuem, isto para somente terem que vestir hum redingote: cada hum delles faz ao mesmo tempo seus planos para o futuro.

— " Nem tudo devemos dispender em fato (observa George) devemos pôr de parte algum tanto para alguns moveis e cousas indispensaveis, que nos faltão..

— Ah! sim, nessas cousas indispensaveis (acrescenta Thimoteo) primeiro que tudo precisamos de lençóes e travesseiros.

— E mais, cadeiras... hum candeeiro, e...

— Meus senhores (diz Bouchenot) vós só fallaes em comprar isto, aquillo e aquell'outro; porem eu voto para que não se gaste toda a quantia, e se reserve algum dinheiro para o passadio, em quanto não entrão outros fundos.

— Porem tu esqueces-te de que vaes ser empregado... ter casa, cama, e mesa, alem d'hum estipendio?

— Pois sim, pela minha parte vae a cousa bem.... mas tu, George?

— O meu drama será representado, e estou que será applaudido! Thimoteo poderá então mui bem governar se com a sua mesada. Oh! presentemente mui risonho e brilhante antevejo o futuro... só ideias de ventura e de prazeres se me apresentão... e tudo será devido aos nossos talentos e trabalho... e á amisade: agora respondei, não he tudo isto encantador?

— Sim (responde Thimoteo) a camara optica pode tornar-se bem agradavel... principalmente se a nossa visinha quizesse... E eu na verdade estou pegado.

— A esse respeito, palavra, meu caro (diz Bouchenot) eu tambem gósto muito da visinha; he hum arranjo, que me arranja.... lisonjeo-me de ser visto com bons olhos.... e tanto mais que rasões e fortes rasões tem ella para saber o, que valho.

— Vêem vocês ésta fatuidade!!.. ja lhe parece tê la rendido! Aposto que não te dá corda...

— Isso he o, que estamos para ver.

— Digo-te, e torno a dizer-te que eu sou quem levará o bollo.

— Oh! sim, com essa grande habilidade que tens para captivar huma rapariga!

— Ora vamos, rapazes, nada de polemica, antes de saber o, que poderáõ conssguir (diz George) quem sabe se ella nenhum quererá? alem

de que, parece-me bem franca, e incapaz de vos trazer a reboque, illudindo-vos com vãs esperanças.

— Vejão!... huma rapariga, que vive de illuminar *Adão e Eva*...

— Desejava eu saber se he antes do peccado!...

— Callem-se, que ella ahi volta...

Célina regressava, acompanhada d'hum çapateiro, e d'hum vendedor de fato feito.

Casacas, *palatós*, ou redingotes, calças, colletes passão em revista na frente dos trez precisados; e em quanto Thimoteo calça huns bottins, George prova hum redingote, e Bouchenot vê se lhe assenta bem huma casaca, a visinha retirou-se para sua casa, pois julgou quererião provar as pantalonas; mas primeiro entregou a George na escada o valor do bilhete, que levára.

— Isto he pago á vista (observa Bouchenot aos vendedores, ao mesmo tempo que se pavonêa com o fato novo) pagamos ja, e em boa

dinheiro, portanto devem acommodar se nos preços.„

Com effeito a vista do *saquitel* de escudos amaciou os dous commerciantes nos preços; n'hum momento se effectuou a venda, e os trez virão-se com fato capaz de apparecer, mediante a somma de duzentos e cincoenta francos; comprárão hum redingote, duas casacas, trez calças e dous colletes; e o çapateiro deixou á disposição dos pés de cada hum seu par de bottins que, segundo a sua expressão, lhes calçavão como luvas.

Em quanto George paga aos fornecedores, Thimoteo diz a Bouchenot:

—"Bem podias aproveitar ésta occasião para venderes a casaca... o trapicalho, que hontem trouxeste para casa: ella, assim esfarrapada, para nada serve, e o melhor he desfazeres-te della.

—Tens rasão.... e em favor da boa compra, que fizemos, bem po-

derá o mestre dar-me hum preço rasoavel.

— Darei o, que valer o traste, (responde o alfayate) ainda que não costumo comprar fato....

— Não importa.... vede sempre... „

Na véspera, ao despir-se, tinha Bouchenot atirado com a casaca para hum canto, onde ficou: vae alli busca la, e examinando-a, diz:

— "Caxorrões!... como elles m'a fizerão! fica-me na lembrança a tal *Malatorchi*... Hera hum panno soberbo... e estava me a pintar... Orà vede lá, senhor mestre.

— Não preciso ver mais para saber que está toda em rasgões .. mas esteja o que estiver, darei doze francos.. he comprar huns boccados de panno velho.

— Da-lha, da-lha depressa!„ diz Thimoteo.

— Doze francos.. sempre he bem pouco! (observa Bouchenot que tem sua *amisade ao trastinho*) mas emfim visto dizerdes que só vos servi-

rá para tirar boccados... e que...,,

Ao dizer isto, Bouchenot metteu a mão no bolso da aba restante, porem de repente parou... as feições se lhe alterárão, e de manço, como se fôra objecto, que temesse quebrar, foi outra vez pôr a casaca no canto, de onde a tirára.

— "Então são doze francos de menos, que tenho a contar ao mestre,, diz Goorge.

— Não.... não...; (exclama Bouchenot) *mudei de tenção... não a* quero vender... com ella fico.

— *Mas porque?* (lhe observa Thimoteo) muito melhor he ter doze francos, do que esses boccados de panno: que quererás tu fazer desse farrapo?

— Quéro manda la concertar.... ainda me pode servir... mando fazer huma jaqueta para andar em casa.... Emfim éu não quero vende-la.

— Oh! seja como quizerdes (diz o alfayate) estimo bem não a levar. Adeos, meus senhores, recommen-

do-me á vossa lembrança para outra vez.„

Os dous vendedores partírão, e os mancebos dão se pressa a acabar de vestir se. George e Thimoteo ja estão promptos; porem Bouchenot, apesar da asafama, que faz, cada vez está em maior atrazo.

— Não posso saber que mania foi ésta de Bouchenot em não querer dar a casaca por doze francos! Por que se vio com algum *dinheirito* na algibeira ja lhe parece que tem hum thesouro.

— Ora meu Thimoteo, quem he que tem esse pensamento? (responde Bouchenot, que pela terceira vez desabotôa as calças, dando mostras de que o magôão). Por economia he que não a vendi.... Ora, parece me que estava no meu direito..

— Vamos, senhores, nada de disputarem (diz George). Vamos a contas: paguei duzentos e noventa e cinco francos; agora proponho que se deem oitenta e cinco á nossa visinha, para nos comprar a roupa;

de que temos precisão mais instante; ficão, pois, cento e vinte para repartir a quarenta pelos trez... com isto e alguma economia, penso que poderemos esperar ..

— Appoiado! app iado! (exclama Thimoteo) quarenta francos na algibeira... vestidinhos de novo... oh! assim vae a cousa deliciosamente!

— Venha para cá o meu quinhão, e ja que não tarde:,, diz Boucheno!.

— Ahi está para cada hum de vós... este he para a visinha... vou chama la..,, Mademoiselle Celina, perdoae incommodar vos, fazeis favor d'hunha palavra?,, A rapariga visinha não tardou em apparecer, saltando.

— Eis n e prompta; que pretendeis? Oh! agora sim; estaes vestidos, como principes: podeis ir a toda a parte.

— Julgaes que possamos fazer amorosas conquistas?,, diz Thimoteo, afagatando-se lhe com as mãos na cintura.

— E porque não? ha outros mais nojentos que as fazem... „

Este cumprimento não foi agradavel ao perguntador, que largou a cintura da visinha, e voltou para defronte do pedaço de espelho a arranjar a gravata.

— Mademoiselle (diz-lhe George) tão benigna vos haveis mostrado que resulta abusarmos. Eis aqui este dinheiro, que destinámos para compra de roupa.... e emfim alguma cousa mais de primeira necessidade. Será exigir muito da vossa complacencia... mas bem sabeis que homens nada entendem de similhantes compras.

— Oh! ja sei: de boa vontade me encarrego, e farei porque fiquem contentes: deixae-me a chave do vosso quarto, e á noite quando vierdes, espero que... Mas deixem-me safar... lá está o senhor Bouchenot outra vez desabotoando as calças.... levem-me a chave a casa

— Ora Bouchenot, parece que estás *reinando* com a gente?!... (diz

George, ao ver retirar a visinha) nada mais tens feito, doque despir e vestir as calças... ja estámos promptos e tu ainda nesse estado: nem pensas que Henrique nos espera?

— Bem me custa não estar ja prompto... mas as calças peião-me... e os bottins .. oh! estes diabos parece me que vou tira los!

— Os demonios te levem!.. tens ou não tenção de acabar com isso por huma vez?.. Anda d'ahi, George, vamos nos; deixemo-lo acabar de arribicar-se, que elle virá ter com a gente.

— Pois he isso vão-se; (diz Bouchenot) vão adeante, que lá não tardo: em breve estou comvosco.

— Sabes onde he?

— Ora se eu sei!?... he na praça do Chatelet.

— Deixa a chave em casa da visinha.

— Está tractado: ja podem puxar.

— Agora não fiques ainda duas

horas a burrir-te, olha que almoçamos sem ti.

—Vão andando, que já lhe estou nos calcanhares...

Os dous partem, e, depois de Bouchenot verificar que estão no fundo da escada, torna a vestir-se rapidamente, fecha a porta, e corre a buscar a casaca esfarrapada, que pozéra a hum canto, mette a mão na algibeira da aba restante, e d'alli tira hum cartuxo pequeno, mas pesado: dá-se pressa a romper o papel, em que vem embrulhado, e acha dentro moedas de vinte francos.

—"Dinheiro em ouro!..., exclama Bouchenot estupefacto, parecendo experimentar mais terror do que prazer. "Dinheiro em ouro!... napoleões!... cinco... dez... quinze... faz trezentos francos!... trezentos francos, que me introduzirão na algibeira... os miseraveis, que... Valha-me Deus... e eu sem o saber!... Ah! hera bem natural na perturbação e susto, que tive... Trezentos

francos!... derão-mos, pensando que eu sería algum trabalhador... algum pobre diabo: tambem o meu fato não lhes devia dar melhor ideia. Metterão-me ésta rolha na algibeira para obrigar-me ao silencio. Diabo! pois eu quero fallar em tal, depois das ameaças, que me fizerão! He ouro... visto que o tenho, de certo que não irei outra vez levar-lh'o. Porem cuidado... não seja isto entrega!.. se as peças forem falsas?!.. no entanto o tinir he bom. Aqui só se eu pedisse á visinha que fosse mostrar huma a quem entendesse... e ser huma tirada ao acaso. C'os demonios! não vá eu ser passador de dinheiro falso: quererião aquelles malvados obrigar-me por este meio a ser seu cumplice? Deos me valha... não sei o que faça... sinto como hum suor frio... Capaz estou de ir atirar com o tal dinheiro ao rio... Sinto vertigens! Oh! maldita noite!... infame cão!... Que partido tomarei?„

Bouchenot fica por alguns instan-

tes ainda reflectindo; até que emfim, mettendo o dinheiro duvidoso nos bolsos, resolve-se a ir ter com a visinha, a qual estava illuminando estampas, quando Bouchenot lhe entra em casa, desta vez completamente vestido.

—" Bom dia, minha visinha.

— Oh! até que ja estaes vestido! (lhe diz Celina, rindo) seja Deos louvado!... com effeito gastaes tanto tempo ao toucador como qualquer mulher desvanecida.

— He que o tal fato... o diabo dos botões não entravão nas casas...

— Precisaveis d'huma aia, que fosse vestir-vos e abotoar-vos, como a huma creança!.. Achaes bonito o, que estou fazendo?

— O que fazeis... Oh! desculpae-me, que ainda não tinha reparado: isso he o *chupa dedinhos*... o *gato com bottas*, ou o *homem da barba azul*?

— Ai com que elle vem!... he *Adão e Eva*... segundo parece, tendes a vista curta: porem estaes

tão pállido!... sentís alguma indisposição?

— Não, minha visinha, mas he que... Oh! dizei me cá, em quanto eu vou arranjar melhor ésta gravata... se quizesseis fazer me o favor de ir trocar me... mas trocar... digo mostrar ésta peça de vinte francos ahi a qualquer ourives... estou receoso de que não he boa.

— Ui! pois tambem *pecinhas* em ouro! Demonios de visinhos com bilhetes de banco em ouro... d'aqui a pouco estaes millionarios!

— Ora! he huma peça, que tenho ha muito... julgava tê-la perdido.... achei a agora lá em casa.

— Porem, meu visinho, eu assentava que bem poderieis vós mesmo ir mostra-la ao ourives.

— Pensaes bem... mas este diabo da gravata está de tal forma... aperta-me... affoga me... depois, ainda não estou á vontade na tal calça nova... parece-me que será preciso fazer a bainha de baixo mais larga.

—Ora vejão que contorsões está elle fazendo ao corpo!... Venha, venha de lá o tal napoleão: agora me lembra que tenho de ir comprar huma pouca de gomma arabia: em quanto vou a isso, tractae de arranjar vos, quando não, arriscaes-vos a chegar, depois dos vossos amigos terem almoçado.„

Celina pegou na peça, e sahio; mas, em quanto esteve ausente, Bouchenot apenas podia respirar; sua anciedade redobrava a cada minuto: emfim, a boa da visinha annunciou a sua volta pela cantarolla, com que subia a escada.

—Então?...„ pergunta Bouchenot, indo ao patamar.

—Então!.. he *papa* o tal dinheirinho: oiro da primeira qualidade! Disse o ourives que Deos me désse em dote huma boa barra delle, grande como o meu braço.

—Em verdade!„ prorompe Bouchenot, tornando se lhe o parecer immediatamente radioso. "Tambem a fallar a verdade não sei porque

tive tal scisma... a gente tem ás vezes ideias bem exdruxulas!... Agora vou ao almoço: adeos, minha visinha, até mais ver; vou ter com os amigos, que devem estar fartos de esperar.

— Agora ja a gravata não vos aperta, nem vos peia a pantalona?

— Oh! minha visinha, affianço-vos que ha muito tempo não estou tanto á minha vontade.

— Ainda bem... reparo igualmente que ja tendes nos olhos aquelle gesto maligno.

— Ao pé de vós, encantadora visinha .. se os meus olhos dissessem tudo o que sinto.... tudo quanto ... Mas vou almoçar, que estou esfaimado.

— Ide, e n'outra occasião dir-me-heis o resto... „

Bonchenot toma assim mesmo hum beijo, como por conta do restante, que ha de dizer lhe, na face da azougada e linda rapariga, e sahe pulando e cantarolando, batendo ao mesmo tempo nos bolsos,

para fazer soar o dinheiro, que leva.

Fim do Tomo 2.º

INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS NESTE VOLUME.

Cap. I. — Mademoiselle Prudencia 5
II. — Regresso do filho Prodigo... 52
III. — Mademoiselle Celina..... 80
IV. — A historia d'huma rapariga. 112
V. — Bouchenot acordado..... 138
VI. — Hum quarto mancebo 153
VII. — Acertarão com huma boa administradora de dinheiro..... 191

FIM DO INDICE.

ROMANCES

de

PAULO DE KOCK.

LIVRETE N.° 140.

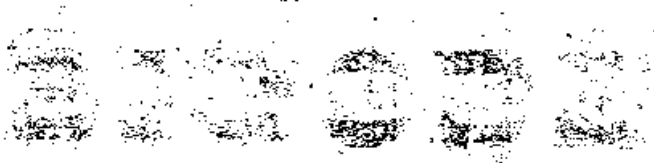

Traducção de Nery.

BIGODE.

TOMO III.

Lisboa.
TYPOGRAPHIA NERYANA,
Rua da Prata N.º 17.

1843.



BIGODE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Hum almoço, e suas consequencias.

HENRIQUE, George, e Thimoteo estavão sentados á mesa, quando emfim chegou o nosso Bouchenot á casa de pasto.

—"Ora vem d'ahi, maldito *descançadão!*... sempre este demonio ha de ser ronceiro!... heras bom para carro de lama (dizem os dous, ao vê-lo entrar). Encontraste no caminho alguma rapariga?.. compriste o fado de lhe ir na alheta?.. que

diabo hei estado a fazer, depois que te deixamos em casa?

—Ora, senhores.... valha-vos Deos!... que terei eu estado a fazer? estive envergando o vestuario: as malditas pantalonas estão a modo peiadas... felizmente que a visinha estava em casa...

—Como he isso? a visinha foi quem te vestio as calças... quem te valeu nesses apertos?,, diz George rindo

—He mentira!.. he impostura!.. he mais huma das suas gabarolas... (exclama Thimoteo) aposto que tal não succedeu...

— Eu não disse que a visinha me vestira as calças... E tambem, se não m'as vestio... isso não faz no caso para... Mas ponhamos de parte todas essas cousas: agora almocemos, que trago huma fome... Oh! se sabiamos, o almoço acaso será dos, que merecem consideração?...

—De certo que iriamos bem passaremos (responde George) porem que nos parece, meus senhores, a per-

gunta de Bouchenot? He o nosso amigo Henrique o, que nos convidou para aqui, e elle vem perguntar se teremos bom almoço?... Parece-me isto asneira, mesmo porque, alem da alma grande do obsequiador.. a casa he de nomeada... E, ainda mesmo que tudo não se apresentasse com tamanha grandeza... ah! para nós, que tantas privações temos soffrido, tudo seria muito alem dos nossos desejos!... ainda hontem... ainda hontem bem felices nos julgariamos eu e Thimoteo, se tivessemos proporções para ir jantar na bodéga mais inferior de Paris!

—Isto he o gosto de se ver sentado a mesa tão boa, que lhe *esmoreceu* a cabeça,, diz Thimoteo.

— Meus senhores, creio nada ter dito offensivo a Henrique... ,, responde Bouchenot, ja atacando hum prato de conservas e desenjoativos. ,, Porque o nosso bom amigo nos obsequeia com o almoço, não se segue elle queira que achemos bom

o que na realidade for máo... Seria despotismo... e, alem disso, quando a gente traz dinheiro nas algibeiras, he para ter as cousas como devem ser: ésta he a minha lei.

— Ora, Bouchenot... muito melhor farias, se comêras calado...

— Ai! deixem o fallar! (observa Henrique) elle tem rasão de dizer o que entende: somos por ventura aqui hnns mais doque os outros? se algum de nós tem a algibeira melhor recheiada, a amisade perfeitamente nos iguala.

— Canta-me assim!.. assim, meu Henrique... ,, diz Bouchenot, repimpando-se na cadeira. " Sim, a amisade nunca deve fazer reparo no, que temos nas algibeiras... Porem aqui ha frio!... Rapaz, mette mais lenha no fogão... oh! traze-me hum esquentador... he a minha dominante: quando como, gósto de ter os pés quentes.

— Pois tambem agora precisas desse luxo?... não he porque estéas costumado!... ,, lhe observa Thimoteo.

—E para que heide privar-me? se quero esse boccado de *regalão*, he porque posso... Rapaz, este vinho sabe á rolha... trazei-nos outra garrafa.„

George e Thimoteo olhavão hum para o outro, rindo se; cada vez estavão em maior admiração dos modos, de que Bouchenot usava; e com effeito á maneira porque determinava e fallava ao servente dir-se-hia ser elle o amphitrião. Sempre repetindo que a amisade não devia graduar-se pelos meios de fortuna, Bouchenot mettia a cada instante a mão no bolso do collete, como quem estava desconfiado de poder perder o dinheiro, ou que por magia lhe desapparecesse. A posse dos cem escudos parecia ressumbrar nas suas maneiras e linguagem: he bem raro que a moral não se resinta do contacto do ouro! Se quereis fazer a experiencia, mettei algum na algibeira ahi d'hum pobre diabo, até então tímido e desconfiado de si mesmo, bem co-

nhecedor de para nada ser, e logo o vereis endireitar a cabeça, andar com hum passo mais firme, e fallar com vóz differente: se o dinheiro pode, algumas vezes, mudar o humor d'hum homem de juizo, julgue-se da impressão, que fará n' huma cabeça occa!

Nesta occasião trezentos francos herão para Bouchenot huma fortuna immensa; nunca em sua vida tendo pensado mais doque em divertir se; não sabendo calcular nem trabalhar, déra, em pequeno espaço de tempo, cabo de quanto seu pae lhe deixára; mas, depois de haver dissipado aquella herança, o seu unico pesar fôra de não poder recomeçar na mesma vida extravagante; seus dias de infortunio e de privações não o tinhão corrigido, e agora mesmo só pensava em gosar dos mesmos prazeres de que ha muito estava privado. Ha pessoas, para as quaes o infortunio não serve de lição; ricos, são capazes de em pouco gastar tudo,

os, para melhor dizer, a tudo vezam o fim, sem o menor cuidado pelo futuro; pobres, só terão desejos de chegar a ser opulentos afim de poderem de novo satisfazer suas paixões, e tornarem a arruinar-se: a estes cabe-lhes bem o nome de madraços.

— " Ah!,, diz Thimoteo, saboreando hum pedaço de lombo, com molho de vinho da Madeira, " bastante rasão teem os, que dizem succederem-se os dias, sem se assimilharem huns aos outros. Hontem achavamos-nos todos trez no maior desamparo, não tendo que comer, nem fato para sahir..., hoje bem vestidos, e sentados a huma lauta mesa!

— E' a Henrique, que somos devedores de tudo isso (diz George) graças lhe dou, pois me poz nas circumstancias de poder ir ler o meu drama.. que espero será recebido, animando-me o seu resultado para fazer outros. Sim, reconheço-me com disposição.... huma

vóz interior parece estar dizendo-me que n'esta carreira marcharei desembaraçado... que o meu nome ganhará alguma celebridade... e com a gloria viráõ tambem os meios de fortuna!...

— Pois eu (diz Thimoteo) vou trabalhar com affinco... farei o meu exame... serei recebido advogado, terei sequito... deffenderei os meus clientes na tribuna, e espero ter tal renome.... será a mim mais a mim... que os réos me procuraráõ para orar em sua deffensa... juntarei dinheiro... chegarei a ser deputado... alcançarei empregos, honras... e... então desde ja vos convido para jantardes comigo no *Rochedo de Cancale*.

— Quanto a mim (diz Henrique) se, como tudo me faz crer, me for adeantando nos meus negocios, desposarei a querida menina, que tanto tem captivado o meu coração... Paulina será minha esposa! Ah! bons amigos, que ventura será a minha! Se conhecesseis a minha

Paulina... se podesseis appreciar o ajuntamento de suas virtudes, com as preciosas qualidades, de que he dotada, alem de todas essas graças e encantos, que subjugão o coração; ah! direis, como eu, que a minha sorte será digna d'inveja. Porem conhece-la-heis; sendo minha esposa, tereis nella huma irmã... a minha casa será a vossa, e partilhareis a minha ventura!... „

Em quanto os trez amigos fallavão, Bouchenot, não querendo perder o seu tempo d'aquella forma, achára sem duvida por melhor comer e beber como quatro, não se esquecendo porem de repetidas vezes palpar a algibeira.

— "E tu, Bouchenot... tu nada dizes? (exclama George) *nenhuns* projectos engendras para o futuro?.. todavia, deves estar muito satisfeito com a certeza de estares empregado; viveres na companhia de tão bom amigo, e, se tomares gosto á vida do commercio, he bem possivel que chegues a tempo de tam-

bem, te estabeleceres..... enfim...

— Assim espero que succeda (accrescenta Henrique) e ajudar-lo-hei com todos os meios, que estiverem na minha mão.

— Meus senhores..... (responde Bouchenot) eu estou, como devo estar... muito contente... muito satisfeito... Rapaz, traze mais d'outra pimenta... era mão ha!... ésta he pimenta de cosinha!... venha da espoada. Sim, não me saberá mal estar empregado... e quando isso for..., porem, meus amigos, bem sabeis que isto de futuros he como o vento: na minha opinião, o que ha de seguro, de positivo he o, que a gente possue... como por exemplo o almoço, que estamos agora expondo; e bem vedes como eu lhe faço honra.

— Creio que, se o almoço podesse durar sempre, o nosso Bouchenot quereria antes isso, do que trabalhar em casa de Henrique,, diz Thimoteo por entre os dentes.

— Emfim,, meus amigos (propõe George) succeda o que succeder, espero que a nossa amisade não será alterada, por ser baseada sobre a estima; e que ainda mesmo para cada hum de nós avançar na carreira, a que se propõe, nenhum se desviará da senda da honra e delicadeza.

— Bem disseste!.. (exclama Thimoteo) mesmo porque qualquer fortuna, que o homem adquira, não o sendo por meios ilicitos e honrados... he hum pezo que deve esmaga-lo: esta he a minha opinião.

— Não ignoraes serem esses os meus sentimentos (diz Henrique) ainda mesmo á mão da mulher, que tanto amo, eu renunciaria, se, para a obter, me fosse necessario empregar alguns desses meios, que nos envergonhão ante a sociedade.,,

Bouchenot nada dizia; contentava-se de comer, e de quando em quando esfregar o nariz.

— Vamos, senhores, toquemos.... vá huma saude á nossa leal e eterna amisade,, diz George, apresentan-

do aos companheiros o seu copo cheio.

—Vamos a isso, toquemos!...,, responde Bouchenot, fazendo igual movimento com hum copo de Bourgonha; porem no instante de tocar parou, dizendo:

—Palavra, meus amigos... parece-me que seria mais digno de nós fazermos a saude com o vinho de Champanha.... em?... Ora vá, eu quero brinda-los com huma garrafa...

—Não ha que duvidar, Bouchenot está maluco!.. tu hoje só dizes asneiras? (responde George, depois de esgotar o seu copo). Porem ésta então he de lote!.. O demonio hes tu!... Pois vês que tudo, quanto agora temos... vestuario... a facilidade de nos apresentarmos assim decentes para obter alguma cousa cada hum no ramo, que segue.... e que tudo isto he devido ao extremo de amisade do nosso Henrique.... Elle emprestou-nos dinheiro, que não sabemos ainda quando podere-

nos pagar.... trouxe-nos aqui para nos obsequiar com hum bom almoço.... e porque sentes na algibeira huma pequena parte daquelle dinheiro, a que estás responsavel, já arrotas querer pagar huma garrafa de Champanha áquelle, que não olhou se lhe faria falta soccorrer-nos com meios tão extraordinarios!... Desse modo, quando deres cabo d'esse pouco, nenhuma vergonha terás de lhe pedires mais?

— Aquillo he a febre de hontem á noite, que lhe estragou a mola...., accrescentá Thimoteo.

E elle callado, e comendo de olhos baixos: George continuáva:

— "Meus senhores, ésta *farçolice* de Bouchenot faz me lembrar huma aventura succedida ha pouco a hum litterato, e tenho a de primeira mão: N'hum dia de manhã foi procurádo por hum homem, decentemente vestido, a qual com hum tom lastimoso reclamava o seu soccorro, ponderando-lhe, entre muitos *maranhões*

de miserias, que não tinha nem para comprar hum pãosinho. O litterato, ainda que continuamente pedido por iguaes peditorios, assim mesmo, condoido da lástima do bom homem, e da sua miseria, pôz o acreditou, não o deixou ir, sem lhe metter déz francos na mão. Nesse dia de tarde depois de jantar, entrando n'hum caffé, a primeira pessoa, que o nosso esmoler encontrou mui repimpado a huma das mesas, etendo deante de si caffé e licores, foi o seu indigente, que nessa manhã o procurára. Talvez julgueis que ficou envergonhado, ou corrido, ao ver a pessoa, que o favorecêra com tão boa esmola!... pois enganaes-vos, que prorompeu n'hum tom de homem abastado: — " Boa tarde, meu caro D... vindes fazer, como eu? viades tomar o vosso caffé? — ,, Pois meus amigos, Bouchenot, com aquella farronca de querer pagar a garrafa de Champanha a Henrique, parece hum typo bem igual d'aquelle.,,

Bouchenot continuou callado de olhos baixos, bem desejoso talvez de achar modo, com que fizesse esquecer aquella proposição: mas Henrique, adivinhando sem duvida o desprazer e enleio do seu amigo, lhe batteu no hombro, dizendo:

— " Meu pobre Bouchenot parece-me que os nossos dous amigos estão hoje tractando bem duramente os nossos queixos! E para mostrar-lhes que tens rasão, e que eu acho rasoavel preferires o Champanha ao Burgonha, dize-lhes que eu tinha adivinhado o teu gosto, porque, olha ahi para traz.., sobre esse aparador lá encontrarás huma garrafa com a rolha aramada..., somente has de permittir me pagá-la conjunctamente com o almoço.

— He isso mesmo o que eu queria dizer! (replica elle, ja refeito de animo). Valha vos Deos, não terá a gente direito para dar á lingua.... nem mesmo dizer huma asneirolla! Porem o senhor George... e o senhor

Thimoteo... teem hoje para comigo hum modo... taes palavras... como de quem quer pôr-me o pé no pescoço!.. Eu não sou pessoa para soffrer isso .. não quero que me atenazem... supponho que o pensamento delles he terem em mim o seu negro!...

— Vamos, concordia... nada de dictos! (exclama Henrique, pegando na garrafa de Champanha) sempre queria ver que vós altercasseis na primeira reunião, em que nos achamos, depois da minha chegada! nem mais palavra a similhante respeito. Bebamos o Champanha, meus amigos.... vá, ás recordações das *verduras*, porque temos passado!... á nossa ventura presente, e ás esperanças, que temos, no futuro!

— Quero tudo isso muito (diz Bouchenot) mesmo até para fazer ver que eu cá não sou de guardar reservas... Vá lá, bebamos.. porem nestes copos nada!.. Rapaz! traze-nos copos proprios de Champanha... vamos, anda d'ahi... oh! traze tam-

bem bons bisoutos de *Reims*; são bons para molhar no Champanha, e conservar-lhe a fervura.„

George retem a custo huma exclamação, prestes a escapar-lhe, porem não pode obstar a hum surriso, olhando para Thimoteo: no entanto o creado traz os copos, bem como os bisçoutos, pedidos por Bouchenot. Henrique deita o vinho espumoso, eleva o seu copo, no qual todos tocão; hebem, riem, e a boa harmonia he n'hum instante restabelecida entre os quatro mancebos.

—"Agora, meus amigos, deixo-vos„ diz Henrique, depois de terem bebido o Champanha.

— Pois ja!.. (observa Bouchenot, olhando para a garrafa vazia) bem podiamos ainda... como primeiro... eu...„

George não o deixa completar a phrase, pois adivinhando que será sandice, lhe dá huma grande joelhada, dizendo: —"Tambem me separo ja.... he perto de trez horas, e ainda encontrarei o director

no theatro: vim ja prevenido com o manuscripto n'algibeira, e vou apresentar-lh'o.

— Pois eu vou para casa arranjar as cousas do escriptorio em modo... livros e mais objectos: instalo-me hoje.

— Onde he que assistes agora?

— Na rua de Provença: aqui tendes, meus amigos, o bilhete de direcção: oh! a proposito, Bouchenot, conto comtigo; espero-te amanhã.

— Amanhã? (responde aquelle, com hum ar indeciso) pois sim.... amanhã .. ou depois.

— E porque não amanhã?,, lhe torna Henrique.

— Ora ... cousas.... vês tu, tenho ainda humas voltinhas a dar para certos arranjos. .. e depois tomar varias disposições, relativas a mudar-me....

— Ah! ah! ah! grande trabalho terás em mudar os trastes! (exclama Thimoteo, dando fortes risadas): Henrique bem observou esta

manhã a fortissima porção de moveis, que ha lá em casa!

— Isto he que elle terá amanhã de comparecer n'algum rendez-vous de namoro.

— Tenho o, que tenho!.. de ninguem he a conta: (responde Bouchenot, algum tanto encolerisado). Que diabo tendes com a minha vida, senhores?.. importão-me acaso as vossas!

— Não te alteres,.. não te escandeças, Bouchenot; (lhe torna Henrique, pegando no chapeo) no entanto procura terminar promptamente tudo isso, que tens a fazer, pois quero quanto antes instruir-te no, que vaes ter a cargo.

— Oh! conta comigo... Tórno a repetir-te: huma vez que eu ahi metta a barba no calix, verás,.. verás o que he trabalhar.

— Pois então agora só resta que nos retiremos.,,

Os quatro sahem da casa de pasto, e Henrique e George despedem-se dos dous companheiros, indo ca-

da hum delles tractar do, que tem a fazer.

Thimoteo e Bouchenot ficão na praça do Chatelet, olhando por muito tempo hum para o outro, sem saberem resolver-se ao, que hão de fazer: a intenção de Bouchenot he divertir se o restante do dia, mas ainda não sabe como. Quanto a Thimoteo, não costumado a beber em demasia, tem a cabeça perdida pelos fumos do Champanha, e olha para o amigo, isto se he que pode olhar, tendo, como tem, os olhos quasi fechados, como para saber delle para onde vão.

—" Vamos a saber... que se faz?„ diz emfim Thimoteo.

—Ora que pergunta!... vamos divertir-nos.... gosar da vida.... „ responde Bouchenot, carregando o chapeo a huma banda, como para demonstrar hum aspecto bulhento.

—Gosar da vida!.. (repete Thimoteo) parece-me que hoje não o temos feito mal... olha que almoçá-

mos!.. bebemos, como humas esponjas!

—E que tem isso?.. he cousa ja passada, e o dia ainda não acabou: são trez horas, e podemos ainda jantar e ceiar... para nos vingar da dieta, que tivemos tanto tempo.... huma indamnisação, meu caro! Ah! agora sim! os dias de tristeza e de privação he preciso substitui-los por outros tantos de prazeres e *regalorios!*.. Isto assim vae que não pode ir melhor... temos dinheiro nas algibeiras... somos senhores absolutos do nosso tempo... ninguem virá dizer-nos andem para aqui... para alli... vão a... Ora viva a alegria!... Esta he a minha lei!

—Tambem.... eu digo... viva a a...lê...g...rr...ia!... mas o dinheiro, que temos.... he preciso economisa-lo.... he emprestado.... e....

—Pois poupa lá o teu, se quizeres.... cá ao meu qnero dar lhe ar.... o dinheiro foi feito para correr....

—Quando he nosso, vá.... mas o alheio....

—O' Thimoteo, não entres a picar-me... faze favor, olha que eu não soffro contrariações.... olha que eu tenho hum vinho valentão, e por qualquer cousa vae tudo c'os diabos!.. Vamos lá, queres passar hum dia de Sybarita.... queres mergulhar-te nas delicias de Capua? dá-me o braço, e deixa-te ir... eu sou que faço a despeza.

—Tu!.. tu hes quem mette mão aos arames.... porem eu queria antes ver nesses logares de livros se acho hum diccionario latino francez ja usado.

—Ora pois não! hoje ninguem traeta de tal... nem tu estás em modo: o Champanha anda a trabalhar-te na cabeça... pegarias no *Foublas*, pensando ser as Pandectas de Justiniano, e no Matheus Lansberg pelo Codigo civil. Homem, entende a rasão!.. deixa-te guiar pela amisade, e semeemos de rosas o caminho da vida: para lhe dar bom prin-

cipio vamos jogar huma partida ao bilhar, refrescando ao mesmo tempo as guellas com huns grogs de genebra para dispertar o appetite ao jantar.

— Porem eu sei cá jogar o bilhar?!...

— Melhor! eu jogo o como o *Escalante*, e isso fará compensação. Vamos, em frente.. deita-me esse pé direito bem largo.. Oh! santissimas traquinadas! que boa vida se leva com as algibeiras bem guarnecidas de dinheiro!„

Thimoteo enfiou o braço pelo do amigo, e ambos se encaminhão para o *Palais-Royal*; ahi entrão n'hum caffé, sobem ao bilhar, e Bouchenot manda vir genebra, agua e assucar para os grogs, e tambem charutos.

Thimoteo dissera a verdade, quasi nem sabe jogar, e tão mal o faz, que perde todas as partidas; mas Bouchenot não cessa de repetir-lhe: — "Perdeste? não te dê cuidado; has de sahir d'aqui, sem fazer des-

peza; eu sou quem te pago a *borla*... no entanto toma sentido como en jógo: vê como tiro ésta bolla de debaixo da tabella.... vou apanhar os dous cantos, faço a encarnada, carambóla na branca ... cinco pontos!... Lá está dentro no azar.... ouviste o guiso? „

Os grogs, de que Bouchenot humedece ameudadas vezes as guellas, obrigando Thimoteo a fazer o mesmo, chegão este ao estado de inteiro atordoamento, e não saber o que faz; e querendo imitar o jogo brilhante do companheiro, pretendendo tambem tirar huma bolla de debaixo da tabella, faz, com a ponta do taco, hum rasgão no panno.

—"Anda para deante, parceiro.., nada te dê cuidado!.. eu respondo pelos rasgões. „

Porem o marcador, receioso pela maneira, com que Thimoteo dá as *tacadas*, corre para elle, dizendo:

—"Meu senhor... cada rasgão,

feito no panno; custa-vos vinte francos.

— Pois esta bem... ficamos inteirados... (responde Bouchenot) em sendo quinze rasgões, custão-me trezentos francos : em?... eu tambem sei de contas. „

O marcador insiste, impedindo a continuação do jogo, e não tendo confiança em dous parceiros, que estão embriagados, temendo que, se assim continuão, lhe esfarrapem o panno, vaé dar parte ao patrão.

O dono do caffé não se demora em subir : he, por assim dizer, huma amostra de homem pelo extremo de diminuta estatura, mas com huma immensa cabelleira, tão encaracolada, que parece huma cabeça de leão, com a qual se julga mais alto, doque a porta Saint-Dinis; e que, a cada filho, que sua mulher dá á luz, accrescenta mais dous annados á cabelleira. Este figurão corre a Thimoteo, que então apontava a huma bolla, e travando lhe do bra-

en, ao mesmo tempo que do taco, lhe diz, com huma vóz de guinchò:

—" O' lá, senhor! ó lá!... eu não consinto mais jogo. ,,

Enimotzo olha para elle, com hum modo atoleimado, ao mesmo tempo que Bouchenot, na acção de levar aos beiços o copo de grog, exclama como de cassada:

— Ui! d'onde sahdio este leãosinho!...

— Olhe cá o senhor que eu sou o domno da casa... não quero que o jogo continue... o vosso companheiro ja fez no panno huma rasgão no modo, com que elle põe a mão, e pega no *taco*, bem se vê que não sabe jogar; e eu não quero ver dentro em pouco o panno feito em hastulhas!

— Pum! pum!... basta de fogo, meu leãosinho: agora fazei o favor de nos deixar socegados: favorecei-nos com a vossa ausencia.

— Senhor!... ,, diz o domno do caffé, chegando-se a Bouchenot de

panno feito, e como subindo-se em bicos de pés; " eu não me chamo leãosinho: e agora repito vos que sou quem aqui manda... o domno da casa.

— Depois de nós, amiguinho, depois de nós: nestas casas quem paga he, que manda, e quem pode fazer tudo, quanto quizer.

— Pois eu vos provarei que marchaes errado: agora digo-vos que está o jogo acabado.

— Se d'esta forma chamaes os freguezes, dentro em pouco tereis a bilhar ás moscas... nenhum freguez tendes para me impedir de jogar.

— Mas ao vosso companheiro, que não sabe dar tacadas... que as erra, ou dá em falso...

— Quem sabe tambem como vós as daes... se em falso... ou em cheio... porem, meu amiguinho, tendes estupendissima cabeça!... huma cabeça, capaz de fazer fugir quantas creanças ha neste bairro!

— Ó lá, meu senhor! pelo que vejo insultaes-me?... pois tomae cuidado que não tenho ventinha para soffrer a menor patifaria... e tanto que, se quereis sahir d'aqui, he dizer para onde... bato me com qualquer... não lhes ólho para as caras...

— Safa; que mêdo me mette o homem... porem ainda mais a tal encabelladura!

— E agora advirto-vos que he sahir d'aqui... quando não pôr-vos-hei fóra á força...

Bouchenot reconhece que o tal domno da fabrica de agua norma tem má cabeça, ou cabeça esquentada; e não obstante ter sempre conservado o chapeo á banda, nem por isso sente disposição para o combate: atira com dous napoleões sobre o bilhar, dizendo:

— "Pagae vos, e acabemos isto; porem ficae certo de que nenhum de nós dous tornará a entrar neste bilhar!

— Tambem quero isso muito...

muito gosto me darão: não me importa que os freguezes despejem as algibeiras; o que eu quero he que se comportem bem.

— Esse arrasoado vale tanto, como a tal cabelleira encaracolada: venha a demasia, furioso leãosinho!...,,

Em quanto Bouchenot recebe a demasia, Thimoteo anda em derredor da casa em procura do chapeo, que tem na cabeça; e muito lhe custa convencer-se de que assim he: emfim Bouchenot lhe trava do braço, e dentro n'hum instante se achão a passear no jardim do Palais-Royal.

— "O tal traficante das limonadas merecia bem que eu lhe escangalhasse a *corneta* (diz então Bouchenot): Se não fôra o receio de envolver-te n'alguma desordem.... fazia-lhe a carne tão tenra, como huma *fanéca*.

— O que!... pois elle insultou-nos!,, responde Thimoteo, que, firme ao braço do amigo, faz quanto

pedo para conservar o equilibrio, e não parecer ébrio.

— Isso! ou nos, e *de grande*!.. he hum marotão!

— Oh! nesse caso vamos lá outra vez... vamos despicar nos... sovalo...

E Thimoteo puchou pelo braço de Bouchenoi, pretendendo fazel-o voltar para traz, aquelle *parem* fazendo-lhe dizendo:

— Nada... nada... o melhor he não fazer caso... lançar esse homem ao desprezo... elle não he digno da nossa cólera: agora tractemos de jantar.

— Tractemos de jantar!

— O' lá!... são cinco horas... o meio... parece-me que não ha razão: he hora de jantar.

— E tu ja tens tomado bem cara!

— Tenho toda a disposição... mas morri alguma cousa...

— Pois, eu tenho ainda aquillo almoço: accode-me o bodo...

— Á' vista do comer tenho a vontade.

— Mas tenho a cabeça assim a geito de *azambuada*...

— Eu bebendo huma caldarella, te passa... de certo... mas aonde queres que vamos jantar!...

— Para mim... he o mesmo... seja onde... fôr...

— Seja na primeira casa de pasto, que encontrarmos: no Palais-Royal abundão; e bem podem servir-nos bem, quando não, vae tudo c'os diabos... quebro tudo!... hoje aquillo me era boa occasião...

Chegavão duas andão para diante e para traz, sem entrarem huma casa de pasto. Thimoteo insiste em que vão procurar *Vefour*, julgando ser casa de pasto, e Bouchenoi foge dos restauradores, pois lhe parecem a casa de café, cujo dono o desafiou; mas emfim, graças a huma honradissima passeiante, que os encaminha ao, que procurão, entrão os dous n'huma sala, onde varias pessoas estão jantando, e vão instalar-se a huma das mesas, derrubando na sua passagem duas ca-

deiras e hum talher. Nesta maneira de entrar não dão elles boa ideia do seu estado normal: os circumstantes fazem bastante reparo no passo pouco firme de ambos.

Thimoteo atirou comsigo a huma cadeira, e ficou de perna estendida, todo recostado, e com a cabeça a huma banda. Bouchenoé tossio, escarrou, piscando os olhos, como para se affirmar nas pessoas, que estavão jantando nas outras mesas, e tomando as maneiras de pessoa de grande estado; depois, querendo pôr o chapeo n'huma escápula, atira ao chão com outro, e hum de chuva, que estavão ao lado.

— Os taes dous são mesmo huns *bota-á-baixo* . . . ,, diz hum homem baixinho, bochechudo, e com a cara amarellada, que he o proprietario dos objectos cahidos. O tal sugeito está sentado á mesa proxima, acompanhado d'huma senhora, de idade madurissima, porem vestida como se fôra huma rapariga, e apresentando na rugosa testa huma elegante *feranière*.

Logo que Bouchenot conseguio sentar se, hum servente apressou-se a erguer os chapeos, e pôr talheres a ambos, perguntando lhes o que pretendem para jantar. Thimoteo, que antes parece querer dormir, olha para o creado com hum modo estupido, e nada responde. Bouchenot pega na lista, percorre-a, e, voltando-se para o companheiro, diz lhe:

— "Então que he o, que queres?...

— "Eh?.. eu tomava agora de boa vontade huma chavena de chá..." responde Thimoteo, dando dous balanços com o corpo na cadeira.

— "Querias agora chá!.. que tal he o toleirão!.. o homem pensa estar ainda em Londres, onde gastou mais d'hum milhão em beber hum chorrilho de cousas. Rapaz, trazenos do, que houver... entendido, do melhor... da papa mais fina... não importa que... oh! e vinhinhos du se lhes fazer cortezias... olha que sou entendedor.

— Vê se bem que qualquer delles ja hoje mostrou o seu saber!... — murmura o homem bochechudo, que não perdoára a Bouchenot ser causa de lhe cahir no chão o chapeo de chuva, e o da cabeça. A matrona, que o acompanha, franze os beiços com hum ar desdenhoso, depois de olhar para os dous Bouchenots, que neste instante a olhou, affirmando se, solta huma grande risada, dizendo a Thimoteo:

— Oh!... repara nessa boa cabeça!... olha aqui a traz de mim, para veres essa velha garrida, vestida á virgem!... Não, a ésta não lhe farei a honra de julga-la Parisiense... he bruto, que veio da sua *terrinha*, com as modas, e huma cára, que ja não se usão ha trinta annos! E o marido... parece me hum desses gosos ou fadinquieros de orelha teza, que vendo arreganhar o dentinho... Ai que bonito par!... aposto que vierão de proposito a Paris para fazermos com os dous interessantes re-

tratos em gesso, ou em pintura no Museu...

— Thimoteo nada responde: bem sabe elle que fazer em procurar cousa sustentará os olhos abertos: o rapaz vem trazer o comer, e Bouchenot enche a trasbordar o prato do amigo com diversas iguarias, tudo de mistura, caindo parte pela toalha.

— Come!... bebe... anda, que dentro em pouco ficas prompto. Então que é isso... estás a dormir... abre os olhos... anda, applica-os para a nossa vizinha, que logo acordas de todo.

— Quê!... pois ella está aqui? — responde Thimoteo, esfregando os olhos, e com as costas da mão os beiços.

— Olhem como logo se engrilou!... então não veem ésta miseria?... falle-te desta velha eternidade, que tem a sua feronière em testa.

— Pensei que era a nossa visinha, mademoiselle Celina... de quem me fallavas.

—Ah! velhaquinho!... parece-me que lhe estás com vontade.... vão-se-te os olhos nessa pinta-monos.

—E porque não hade ella dar-me no goto... porque hei de eu dissuadir-me?

—Porque perdes o tempo e o trabalho, meu pobre rapaz.

—E que motivo... que razão te faz affirmar isso?

—Ora c'os diabos! a cousa he bem simples; porque a apetitosa grisette tambem me deu no goto... tenho sobre ella lançado as minhas vistas... e não posso julgar que tu, meu pobre Thimoteo, queiras nem ao menos ir ao restolho d'hum campo, em que vou fazer a ceifa.

—Tu hes hum farçolla... passo a namora-la... e verás que nenhuma consideração tenho por essas ceifas...

—Thimoteo, essas expressões... olha... mas emfim hes amigo... hes tal... *depois disso*, estás borracho, e não devo fazer caso do, que dizes.

— E eu respondo-te, Bouchenot, que, se entras comigo... comigo, que... que sou eu... ora anda lá... vê se queres levar com este copo de vinho na *lata*!

— Isso agora entra ja em vias de facto!.. eu sempre quizéra ver...

— Queres ver?.. tu queres ver!.. tu desafias-me...,,

E ainda bem não tinha proferido estas palavras, que, pegando no copo, atirou com o liquido em direcção a Bouchenot, que lhe ficava defronte; porem este, desviando-se para o lado, ao ver o movimento do companheiro, o vinho foi dar com violencia no rosto do tal sugeito bochechudo, que estava na mesa proxima.

— Oh! isto agora he de mais!,, exclama o pobre homem, sacodindo a cabeça: "ainda não vi bebados tão embirrantes!... Ora, meus senhores, pensaes estar n'alguma taberna!...

— Tenho pena de que assim succedesse, senhor (balbucia Thimoteo) não hera a vós que eu atirava.

—Mas fui-eu, em quem de-em-
prego... e, se não fôra em mim,
porem na minha consorte... olhae
que a cousa não ficaria assim!

—Pois bem, eu estou com pe-
na...

—Até me chio-nho para den-
tro da gravata!...

Durante este dialogo, Bouchenet tapou a cara com o guardanapo, temendo não poder soster as risadas, se olhasse para aquella lastima; mas a final voltou-se, e entrou a rir como hum perdido, o que mais exarcebou a cólera do homem sinho, que lhe pergunta:

—"A que proposito vem tamanha riso?" ao mesmo tempo encarando-o com hum olhar furibundo.

—He porque... lembrei-me...

—Que significa essa lembrança? acaso me conhecestis?

—Não, mas essa cara faz-me recordar d'hum anjo inchado e pu-
pudo, que ja tive em relevo n'hum caixão...

—Disposestes-vos a insultar-me?...

—Insultar!... oh! essa he boa! Com que então he insulto compa-
rar-vos a hum anjo?

—Olhae que eu não sou sof-
frudo, e...

—Certamente a deidade vosso esposa durá a *bolota* por esse modo espadachin?!...

—A minha vontade hera lavar-vos a cabeça...

—Emfim, principiou a vossa...

—Sahi comigo, senhor...

—Ora, amiguinho, tomae cuida-
do mas vos affiqueis em que essa gordura he bolôfa!...

Estas palavras, bem como o tom cassoante de Bouchenet, acabão de exasperar o seu contendor; faz hum movimento para levantar-se; porem sua mulher logo pega no chapeo, que punha na cabeça do es-
poso, da-lhe o da chuva, e trava lu-
do bom dizendo:

—"Vamos-nos d'aqui, meu bom-
sinho!... nada de comprometter com
estas *especies*... não quero mais ca-
sa de pasto... ja sinto entiissarem-

se me os nervos... anda d'ahi, meu *bomsinho*, que t'o *pido* eu... „

O sugeito deixa-se commover por aquelle matrimonial e carinhoso modo; levanta-se, dá o braço á sua cara metade, vae com ella pagar a despeza, sempre vociferando contra os mancebos, que se embebedão, para irem depois ás casas de pasto fazer barulho; e á sahida, puxa a porta com tal força, que faz tremer toda a sala.

—"O tal meu bomsinho parecia-me bem *má rez* „ diz Bouchenot, enchendo de vinho hum copo.

— Melhor he que te calles, Bouchenot... tu hes o culpado... sempre, aonde vaes, nos armas pendencias...

— Menino.... aconselho-vos que falleis mais commedido e macio.... ora quem falla! elle, que se diverte a atirar com o vinho á cara dos circumstantes!...

— Tu bem sabes a quem eu queria lavar a cara... hera a ti!

— Vamos lá, eu esqueço-me des-

sa tolice.... não sou de reservas... ésta he a minha lei; e portanto vamos a pôr as cousas no costado da rasão. Tu arripias-te pela visinhita Celina... tambem eu sinto a mesma *arripiação*. Ora, para que taes pretenções não sejão causa de perder a republica dous homens grandes, fica estabelecido o seguinte: = Decretâmos e temos decretado, que „ o muito illustre e excelso cavalheiro Boudenet, de tal e tal e „ tal e tal, &c. &c. &c., bem como tambem Thimoteo, d'aqui, „ d'alli, d'acola, &c. &c. &c., possão, cada hum delles, ou juntamente, proseguir no namoro, „ até que a sentença da namorada „ admitta hum á posse mansa e „ pacifica, uso fructo, benesses e „ logradouros, e o outro fique a „ chuxar no dedo... = Em? serve-te?... faça cada hum de nós a sua deligencia, e ella que decida: que dizes?

— Que seja assim.... tornamos a ser amigos.

— Então bebe-se come... farta-te, estafermo, que nada fazes!... helle hum corpo deste *seubrey*... oh! que delicioso!

— Eu antes queria cha...

— Bonacheiro obriga o companheiro a beber e a comer com elle: no entanto todas as pessoas, que estavão na sala, forão, aquelle a prover, salindo, de modo, que só elles ficárão. Thimoteo disse então ao seu amigo:

— Todos, quantos aqui estavão, já lá vão... isto deve ser tarde... nós tambem devemos ir passando...

— Ora com que vens! queres partir?... e tu já comeste?

— Ha mais d'huma hora que sinto o, que tinha no estomago a querer affogar-me.

— Pois então ainda primeiro devemos tomar caffé... Rapaz, venha caffé!.. *vivo*!.. Agora vamos a pensar: como queres tu acabar a noite?...

— Ora como hei de eu querer acabar a noite!... a gente vae... dei-

te-se, e dorme... sonco até pela manhã.

— Que! deitar ás oito horas... assim os diabos te nunca levem! hora para estarmos ámanhã tão amarellos, como o marido d'aquella velha antiguidade, a quem lavaste a cabeça... Oh! que he boa lembrança... Já viste o *Seraphim*?

— He hum anjo pequenito... bonitinho, *com* bochexas... cabello amarello, encaracolado, e *vestido* de ar!... bem sei o que he hum seraphim.

— Vê-se bem que nunca lá poseste os pés. Fallo te d'hum theatrinho de bonecos e sombras chinezas... A ultima vez, que lá fui, tinha sette annos, e lembra-me que muito me diverti: quero ver se agora me succederá o mesmo. Depois disso, dizem que vão lá bem bons peixes... creadas, acompanhadas de meninos, e amas seccas, comos, a quem derão do molhado.. em fim, saias, que he o interessante. Lá vamos ver isso, havemos de rir,

e então eu, que estou hoje para a cousa! Vamos, despacha-te d'ahi? acaba de beber o caffé, que estou impaciente por ver os *polichineis*. „

Acabado de tomar o caffé, Bouchenot paga a despeza, e depois, sustendo Thimoteo, que não está capaz de dar hum passo sem escóra, o leva ao theatro de *Seraphim*.

CAPITULO II.

O espectaculo do Seraphim.

Deve contar-se como hum theatro bem respeitavel aquelle, que arresta com o tempo, com as revoluções, e continúa sempre, sempre em estado prospero no mesmo logar, e com a mesma direcção.

Seraphim foi quem resolveu este problema: em quanto em de redor delle tudo muda, tudo passa, tudo resentindo-se das innovações; e em quanto quebrão vinte directores; que trez ou quatro fazem fortuna; que os theatros, ainda os de mais voga, teem visto a suas platéas desertas; que os generos hão sido renovados, confundidos, ou postos em desor-

tem; que só á custa de grandes despezas se consegue atrahir o publico; que os proprios actores de renome se vião precisados a huma vida errante; que as actrizes de talento se tornárão rarissimas; que os authores entrárão á demanda com os directores, e que os empresarios dictárão a lei aos pobres escrevinhadores, e que no meio de tudo isto o pliblico foi muitas vezes guardando o seu dinheiro na algibeira, apesar do estirado tamanho dos cartazes e letras gigantescas: não assim o theatro de Seraphim, que tem ido sempre continuando com a sua modesta fortuna, e isto vale mais, que hum brilhante carro, o qual tomba a dous passos da sua carreira. Haverá quem responda que o director d'hum theatrinho de bonecagem tem muito menores despezas, doque outro qualquer; que a companhia he sempre submissa a suas menores vontades, sem haver hum actor, que murmure, ou *respingue* por o obrigarem a fazer hum mão

papel, nem que as actrizes cabalem para fazer dar pateada ás companheiras. Porem quanto a mim, o que assegura a existencia daquelle espectaculo he ser o *seu publico*, pela maior parte composto de creanças, e taes espectadores são muito menos exigentes, doque os homens: o, que elles exigem, he que os divirtão, e ficão satisfeitos, não lhes importando que a peça seja mal desempenhada, ou sem enredo. Bem sabido he quão pouco trabalho se precisa para fazer rir essas caras pequeninas, que alli vão procurar regosijo; e o aspecto só de *Polichinelle* he bastante para animar e encantar aquellas physionomias: que se atreva alguem a dar pateada ao seu idolo *Polichinelle*, e verão como os rapazinhos gritão e batem os pés! D'esta forma nenhum mêdo haja de que o theatro de Seraphim perca a freguezia. Feliz theatro para os authores!... feliz publico para este theatro. Não fica, pois, restando o menor receio de se perder tal espe-

ctaculo, visto que haverá sempre rapazinhos: pelo menos assim o julgamos.

Todavia, com taes espectadores tambem alli apparecem de mistura grandes personagens. Em primeiro logar, as creanças não podem ir sós; forçoso he acompanha-las a mamã, huma creada, ou a ama: de ordinario são as creadas, que os conduzem a ver os bonecos; porem os mancebos descobrem entre ellas conhecimentos da terra natal; ellas tambem são primas de primos, aos quaes assignalão o theatro Polichinel como logar de encontro.

Segue-se d'ahi que muitos jovens, os quaes, como Bouchenot (mas sem estarem ébrios) vão alli com o fim unicamente de rir com as mentoras dos pequenitos, e mesmo entreterem-se com ellas mais sériamente, quando he occasião dos *fogos arabescos*; pois então fica o theatro completamente escuro: he huma especie de phantasmagoria; e o momento das trevas não he o menos

agradavel para grande parte dos espectadores. Sentem-se varios gritos de todos os lados... são as mulheres, que teem mêdo... nesta parte mais corajosos são os rapazinhos.

Emfim tambem alli se encontrão pessoas *pacatas*, homens idosos, que não levão creanças, e lá vão somente para rememorar huma recreação da sua mocidade: querem ver se ainda experimentão alguma sensação com as scenas de Polichinelle e da Ponte destruida; bem quererião esquecer o tempo, que se ha passado, e entreterem se, como em os bellos dias da sua primavera... mas, fação o que fizerem, nenhuma dessas scenas, ainda mesmo reforçada com os restos de ideias, que a imaginação lhes apresenta, nada tem ja para elles o mesmo encanto; á vista dessas tentadoras danças da mãi Gigot, ficão frios, e apenas applaudem com hum leve sorriso as boas palavras de Arlequim e de Gillis. Mas tudo isto hé por ser aquelle espectaculo ja não proprio para a sua idade, e que re-

sentem hum fundo de tristeza, onde vêem outros gosar perfeitamente o, com que elles ja não podem.

Ora, ja Polichinelle tinha feito mil cousas admiraveis: havia dado boa maçada no diabo, bebido immensos copos de vinho, e duas vezes mudado em vaso de flores com grande satisfação do publico; quando os novos espectadores entrárão na platéa, annunciando-se primeiro como huma tempestade principiando a perturbar hum bello dia; fazendo tanta balha, que os mesmos espectadores pequenitos desviárão suas vistas da scena, olhando para a porta.

O leitor certamente ja terá julgado que os dous novos chegados herão Bouchenot e Thimoteo, vindo este ultimo ainda mais carregado, mais ébrio pela agitação com que o companheiro o trouxera: cambaleava, trocava as pernas, e com as mãos para huma banda e outra, procurando sempre hum ponto de appoio. O seu camarada tambem

chegava mais exaltado, doque se mostrára na casa de pasto, e trazia huns olhos, tão pequeninos, que apenas se lhe appercebião.

— "No quarto banco acharáõ logar, meus senhores: „ lhes diz a mulher, que vende os bilhetes, e serve ao mesmo tempo de arrumadora.

— Cá iremos para onde nos parecer, minha *pasiquinha* (responde Bouchenot, alteando a voz). Compramos bilhetes para os melhores logares... os mais caros... e portanto já se vê que podemos ir para onde quizermos... Ora, primeiro que tudo, demos huma vista d'olhos ao gado fêmeo.... quero gastar o meu precioso....

— Silencio lá para baixo!... „ dizem algumas vozes de pessoas impacientes pela bulha, que fazem os dous.

— Prrrrout!... (*responde* Bouchenot) ora os pelintras que nos querião fazer callar!... Ah! ah! deixem o caso por minha conta: farei que

ouçâo Polichinelle á sua vontade! A entrada aqui não foi de graça, custou-nos o nosso dinheiro, e se for preciso, para nos divertirmos, fazer bulha... vá bulha! Eh! lá, Thimoteo, descobres algum focinho, que tenha geito?„

Thimoteo quasi a deixar-se cahir, e sem força nos joelhos, acabava emfim de sentir debaixo da mão esquerda cousa assim macia, e encostára-se gostoso; porem não tardou que huma vóz trémula lhe dirigisse éstas palavras:

— O' senhor!... tirae a mão de cima da minha cabeça... então?... eu sou encosto?... não he má ésta... encostar-se na cabeça da gente!...„

Hera huma velha, tendo na cabeça hum immenso chapeo de seda verde, capaz de lhe servir de chapeo de chuva, e ao qual o nosso Thimoteo se agarrou como a hum corrimão d'escada.

— "Oh! bell..bellissima... donzella!.. (diz lhe Bouchenot) descul-

pae o meu amigo, se acaso se agarrou a alguma cousa!... Oh! mal governado... por ventura filão-se as madamas pela cabeça? meu amigo, outro officio!.. ainda precisas aprender em que parte melhor pega a fatexa.„

Thimoteo largou o encosto, e balbuciou algumas palavras em modo de resa imperceptivel. A velha tambem ficou resmungando que lhe acachapára o chapeo; em modo que a arrumadora diz severamente a Bouchenot:

— "Se os senhores não se acommodão, e viérão de tenção feita para perturbar o espectaculo, receberáõ o dinheiro, que dérão, mas sahiráõ d'aqui.

— Ora deixae-me em paz „ responde Bouchenot, encarando os espectadores; " supporeis que ja vamos dar assobio e pateada? não tenhaes tal mêdo, pois estes comicos sabem sempre os seus papeis: assim mesmo quizéra que não fallassem tão fanhoso, como Polichinel-

le... talvez seja de tomarem muito tabaco. Oh! dizei-me, representa-se hoje a ponte destruida?

— Sim, meu senhor.

— Isso he bom!... he huma peça classica, e ficarei encantado de tornar a vê la: não he nella, que se canta = *Patos, patinhos, não vou lá* = e o *tirelompha?*

— Assim mesmo he que he.

— Oh! bravo!... delicioso! Thimoteo, prepara-te para ouvir o *tirelompha.* Tambem acompanbarás em côro. Este meu amigo tem huma véz, bem parecida aos vossos actores. Thimoteo, anda d'hi... segue-me á retaguarda, meu velho... lá vejo adeante huma carinha, que faz apelite... para a frente!„

Bouchenot vae penetrando atravéz de todos, sem pedir licença, nem esperar que se arredem, arrastrando comsigo o pesado Thimoteo; conseguindo ambos situar se pela banda de traz de duas creadas, sendo huma bonita, e a outra horrivalmente feia. Bouchenot consegue lo-

go sentar se, e diz para o companheiro:

—" Anda, senta-te aqui ao meu lado.

— Porem eu não vejo logar...

— Vae te sentando, seja por cima de quem fer, e verás como logo te deixão espaço. „

Thimoteo deixa se cahir sobre os joelhos d'hum sugeito, que parecia estar em extasis, vendo as momices de Polichinelle.

—" Não sentís que estaes sobre carne humana?.. ora não ha! *amezendou-se me* bem em cima dos joelhos! „ grita o homem, que servia de cadeira a Thimoteo.

—" Não percas o terreno... (diz Bouchenot) não tarda que estejamos á larga. „

Mas o homem continúa a queixar-se daquelle pezo, o publico ja impaciente a murmurejar, e em breve de todos os lados se ouve gritar = Silencio!... fora! fora! = até que a arrumadora consegue restabelecer a ordem no banco, em

que estão os dous perturbadores, fazendo com que as mais pessoas lhe deem logar. Thimoteo passa do assento macio ao duro da madeira, e cada hum pode ver a representação.

— Não façaes ceremonia, podeis encostar-vos para traz... sobre mim, bella *lourita* „ diz Bouchenot, fallando com a rapariga, que lhe fica em frente. " Encostae vos... os meus joelhos podem bem servir-vos como de braços de cadeira: não os achareis duros, pois não são pontudos. „

A rapariga dá hum ar de riso, porem não responde; e Bouchenot diz a Thimoteo:

— " Isto ja principia a pegar.... faze desse lado o mesmo... occupate com o teu vis-a-vis, e vê lá se dormes... Vamos, Thimoteo!... acorda d'ahi: o amor está a puxar por nós.

— Ora, ésta de cá he feia como hum bode!... a, que lá tens... essa!..„ responde Thimoteo, procurando encostar-se ao espectador, que lhe fica ao lado.

— Feia!... ora qual feia!... he o claro obscuro da sala, que te faz parecer isso; pelo contrario, vejo eu d'aqui ter ella huma bellissima cabeça africana. Deixa o caso por minha conta, que eu vou pagar-lhes huns *esquecidos*, e com meia duzia de sous de bollinhos captivão se todos os corações... a cousa sahe baratissima.„

Cada huma das creadas, que estavão sentadas deante delles, vinha encarregada de seu rapazinho, os quaes tinhão sentados sobre os joelhos, e davão fortes gritos de alegria cada vez que apparecia hum novo boneco.

—"Minha *boa*...„ diz hum delles á rapariga, que estava adeante de Bouchenot," que homem he aquelle, tão grande, com o barrete de bicco?

— Meu querido *amiguinho*....„ prestes lhe responde Bouchenot, estendendo a cabeça sobre o hombro da visinha:" he o *Roto maroto*, ou o *Chupa-dedinhos*, que vem aqui

para agarrar todos os meninos, que não estão quietos; porem não hade levar-vos, pois sei que sois socegadinho, e comeis a assordinha sem chorar... Não he isto assim, linda lourinha? Ah!... que rico talhe de corpinho!... swelto como huma abelha.

— Ora, meu senhor, com essas *indroninas* impedis me de eu disfructar a representação.

— Oh! c'os dem.... quando perdesseis algum dos *brrrrras* de Polichinelle, vejão a grande desgraça!.. derreae o corpo sobre mim.

— Não tenho precisão de encostos.

— Tendes hum cabello, que he tão precioso como fio de ouro.

— Melhor para elles.

— Linda figura havieis de fazer com o trajo suisso.

— He possivel.

— E, vamos, são compridos?

— Que vos importa?

— São encaracoladinhos, sem o auxilio de papelotes?

— Não he da vossa conta.

— O' *boa!*... „ grita outra vez o pequeno, com hum modo de mêdo, ao ver hum boneco chavelhudo: " olha... o que he aquelle homem, que tem dous braços tamanhos na cabeça?

— He o diabo „ lhe responde a creada.

— Aquelle he o diabo?... ih! como he feio! parece-se com o papa Leão!

— O rapazito tem pilherias galantes! „ exclama Bouchenot, em quanto as duas creadas olhão huma para a outra, rindo-se.

— Então, senhor... endireite-se „ diz hum homem, que está sentado junto a Thimoteo: " que tal he a espiga!... tenho toda a viagem carregado com elle em peso a dormir sobre este hombro!... não, o braço heide leva-lo em bom estado!

— O' Thimoteo... Thimoteosinho... meu velho... então que he isto? valha-te hum dardo bicudo!.. tanto dormir! hes algum dos sette

dormentes? Abre-me esses olhos... conversa... entra em preliminares com a bella africana, que tens por deanto de ti... olha que ha de ser bom peixe... tem boa pinta!...

— E dizendo isto, Bouchenot sacudia lhe fortemente o braço.

— "Ora que quero eu, quero eu della!... tem as mãos encarniçadas... cada *dedão*!...

— Quem faz caso disso?... hão de ser frieiras; mas o sentimento nada tem... nem as frieiras fazem fugir o amor: anda-me com ella. Oh! ja o panno abaixo!! acabou-se a bonecagem, e agóra seguem-se os fogos arabescos... Estou gostando do tal divertimento... desde a idade de sette annos que nunca mais cá vim... mas vou ser assignante... Vindes aqui muitas vezes, preciosissima *louritasinha*?

— Algumas:... quando trago os meninos... Ora senhor, que he isso? retirae as mãos... vamos... para que m'as mettestes pelas costas?

— Queria aquece-las...

— Sim?.. e pensastes que as minhas costas herão o fogão... com effeito, he muita sem cerimonia deante de todo este povo!

— Quem quer *esquecidos*?.. quem me compra os esquecidos! quem me compra o bello pão de ló? „ grita huma velha, com hum grande cabaz, em que traz aquella mercancia.

— "Sio!.. ó negociante da gulozeima... para aqui... para aqui (diz Bouchenot, chamando-a) venha de lá esse cabaz... eu faço bolo franco para quem quizer.... faço annos ... faço a despeza. Vivão os esquecidos!.. he hum doce balofo.. he casual... he engraçado!

— Quantos quer o senhor?

— Ja disse huma vez... venha a *quitanga* para a minha mão, compro todos os esquecidos... tudo, e pagarei o que for: aqui está quem canta!„

A vendedora faz huma respeitosa

mesura e cortezia ao senhor, que tão guapamente se explica, e passa o cesto a Bouchenot; o qual tira d'alli os bollinhos ás duzias, e reparte pelos rapazinhos, offerecendo tambem ás duas creadas, que primeiro recusão com hum modo ceremonioso.

—"Ora vamos, peguem-me nisto... (diz lhes Bouchenot) éstas doçuras não se recusão; alem de que são bollos de impostura, e não causarão indigestões.

—Ai! eu cá por mim pégo-lhe,, responde a,, que está na frente de Thimoteo:,, sou apaixonada de tudo, que he para comer: anda, Luiza, acceita.,,

Luiza he pois a linda lourinha, que finalmente tambem se humanisa com os bolos; em quanto Bouchenot, curvando-se para Thimoteo, lhe diz ao ouvido:

—"Temos as moças pegadas...

—Pegadas aos bancos!.. e como foi isso!,, responde aquelle.

—Diabo d'homem, que sempre

estás na lua!... ahi tens, pega nesses tolinhos.... offerece essa duzia ao bom homem, do qual tens feito travesseiro: ao menos paga-lhe com isto esse obsequio. „

O sugeito acceita gracioso a ruma dos bollinhos, que Thimoteo lhe apresenta. Bouchenot continúa a distribuir a guloseima a alguns pequenos, que estão mais perto delle, até finalmente nada haver no cesto, e paga a vendedora, que lhe agradece a compra com outra mesura e cortezia: neste momento sumirão-se todas as luzes, e o theatro ficou inteiramente escuro para melhor se gosarem as visualidades dos fogos arabescos.

Bouchenot immediatamente tornou a sentar se, e, em quanto se mostrão os quadros, elle conversa com a cara muito chegada á da rapariga loura, agora mais mélga pela força dos bolos, e ja sem recusar encostar se para traz; mas durante a obscuridade lembra-se Bouchenot de verificar se os joelhos da rapari-

ga, com quem já tão familiarmente conversa, serão arredondados como os seus; avança furtivamente com a mão, lisonjeando se de chegar ao local, que procura, quando ao mesmo tempo hum grito agudissimo faz tremer toda a sala, deixando o homem, que esta junto a Thimoteo, cahir das mãos os bolos, que ainda não tinha comido.

A arrumadora apresenta-se logo com huma luz, como hum sachristão com a vela para acabar a bulha dos rapazes, findo o officio das Trevas; ja a esse tempo estava o nosso Bouchenot a huma distancia respeitosa da visinha.

—"Que succedeu? — Quem gritou? — Que foi?... eis o que todos perguntão.

Hera o rapazinho, que vinha com a creada loura, quem soltára o grito; todos o reconhecerão como tal, pois continuava a chorar, e com as mãos na cara.

— Que tem o meu Alexandre?... perguntou a conductora.

O rapazinho respondeu soluçando:

— Quando estava... estava tudo escuras... metti a cabeça nos seus joelhos... porque... porque tinha medo!... medo!... e depois... depois não sei... foi o diabo, que veio metter me hum dedo no nariz... pelo nariz dentro!... a furar... a furar!... ih!... ih!... ih!... tenho o todo arranhado... ih! ih! ih!...

— Ora vamos, callae vos, que sois hum tolinho (respondeu a riparica, fazendo se muito vermelha) se estivesseis, como devieis estar, sentadinho, já não tinheis esses medos; se não vos callaes, nunca mais vos trarei para ver as sombras chinezas.

Em quanto ella applicava esta merecida ao pequeno para lhe curar a arranhadura, Bouchenot levantára se para melhor poder ir de engano, que a obscuridade lhe fizera commetter, e ia pedir huma segunda representação dos fogos arabescos, tão bruscamente interrompida pelos gritos do rapazinho, quan-

do huma rapariga, que está sentada no fundo do theatro, e só agora reparando em Bouchenot, diz em vóz alta para outra mulher, que a acompanha:

—"Deos do Ceo! não me engano! alli está o sugeito, que me fez hontem perder o meu cão!"

O som desta vóz tocou Bouchenot, e, olhando para a pessoa, que falla nelle, immediatamente reconheceu mademoiselle Prudencia: aquella então, levantando se, e fallando para o mancebo, do qual somente a separão trez bancos, lhe grita:

—"O' senhor! e o meu Bigode?.. vamos, dizei o caminho, que déstes ao meu Bigode!"

Ouvindo pronunciar o nome do cão, e reconhecendo ao mesmo tempo a donna de Bigode, Bouchenot empallideceu, e huma subita mudança n'elle se operou; levou a mão á testa como tocado de recordações, e depois, curvando-se para Thimoteo, lhe diz, com huma modo, que em nada se resente da bebedice:

—"Anda... saiae d'ahi... vamos-nos..."

—"O que! já partimos?... acabou se?", murmura Thimoteo, esfregando os olhos.

—Sim, está acabado... anda d'ahi!...

—"Ainda faltão as sombras chinezas", exclama a rapariga loura, chamando para Bouchenot com hum modo surprehendido; porem no qual o mancebo nenhum reparo faz; e até, sem mesmo lhe fazer o mais pequeno cumprimento de despedida, trava pelo braço a Thimoteo, leva d'ahi como arrastrado, e só parece mais tranquillo, ao achar-se fóra do theatro de Seraphim.

Todavia, Thimoteo estava lhe bastante a mover os passos; Bouchenot consegue, por assim dizer, carregar com elle até onde estão hums fiacres, n'hum dos quaes o seu, ajudado do boleeiro, senta-

se ao pé, e manda andar para a rua da Calandra.

O movimento, como se fôra hum berço, fez completamente adormecer Thimoteo: agora o seu companheiro em liberdade o deixa entregar se ao somno, e, em quanto o vê dormir, diz comsigo:

"Ora que eu não tome emenda!... quanto faço são tolices humas sôbre outras!... *emmuafei me*, porém bastou ouvir pronunciar o nome do maldicto cão para perder os fumos da *pifão*... Tudo doudices!... ora vejão que dinheiro tolo gastei hoje!... e o peior ainda he se Thimoteo se lembrar... o que lhe direi? Aquelles cem escudos em ouro, que achei na algibeira... vermehei obrigado a dizer aos dous de onde me vierão?.. Em rigor devia ter com elles essa franqueza... mas... jurei de não dar palavra... Ora, tambem he verdade que o juramento, extorquido pela força, a nada obriga.. mas dê-se o caso que eu falle.. e as ameaças, que me fi-

zerão!.. e depois... tambem George e Thimoteo herão bem capazes, lá com as suas probidades, de me aconselharem não me utilisar de similhante dinheiro... de nada receber desses... Ah! demonios dos demonios, o caso he bem embaraçoso! Vamos, estou decidido; callar-me-hei: Thimoteo com hum *pifão* ainda mais biccudo, doque o meu... dir-lhe-hei o que me parecer... he bem natural que de nada se lembre...

O fiacre parou. Bouchenot reclama o auxilio do boleeiro, e carregão ambos com o dormente Thimoteo pela escada acima: levão o em forma de cadeirinha, e elle sempre continuando a dormir com o mesmo socego. A chave estava para fora, e George ja deitado e dormindo. Bouchenot mette logo Thimoteo na cama; e, depois de ter pago ao boleeiro, despe-se, e deita-se ao pé d'hum d'elles, dizendo:

—" Emfim, para que diabo hei

de eu estar batalhando com a minha pobre cabeça?.... amanhã ha de ser dia! „

CAPITULO XII.

Hero e Leandro.

He George quem acorda os companheiros, indo muito cedo na manhã seguinte gritar-lhes aos ouvidos:

— "Meus amigos!... meus bons amigos, acordae, para participardes do meu gosto! Quereis receber huma boa nova?... oh! que excellente ella he! o meu drama foi recebido! em? entendeis me? pois está acceite, e vae immediatamente ser ensaiado!... Vamos, dae-me os parabens.,,

Bouchenot senta-se na cama, e repara em George, ao qual, pela vez primeira desde que o conhece, vê saltar e pular, isto então em fralda de camisa: Thimoteo esten-

de os braços, espriguiçando-se, e rumorejando: — "Será real que eu fizesse em farrapos hum panno de bilhar?!...

— Sim, meus queridos amigos... (lhes torna George) estive hontem com o director, o qual ficou satisfeito das correcções, que fiz, e a minha peça vae ser representada.

— Tanto melhor!... muito o estimo (diz Bouchenot) certo podes estar de que lá nos tens para t'a applaudir.

— Sim, sim, lá nos terás (accrescenta Thimoteo) mas Deos me valha, como foi isto? que he o, que fizemos hontem, Bouchenot? tenho na cabeça huma ideia confusa de que me levaste a hum bilhar, onde estivemos jogando, bebendo ponches... jantando n'huma casa de pasto... que bebemos Champanha... comendo cousas finas...

— Demonio!.. carissimos irmãos (replica George) segundo parece levastes o restante do dia em completa bambochata: córte grande levarão

os pobres francos, que tinheis nas algibeiras!

— Ora, Thimoteo não sabe o que diz (acode Bouchenot) tanto que até quasi nada se fez de despeza. O facto reduz-se a que, ao acabar do almoço, tive de o aturar completamente muafo; e levei-o para hum caffé, onde esteve bastante tempo dormindo, julgando que jogava o bilhar... Depois fomos jantar a huma casa economica, a dous francos por cabeça; e d'ahi dei com elle a ver as sombras chinezas; porem como estivesse sempre a dormir, encostado a hum homem, que lhe ficava ao pé, de lá o trouxe, ainda mesmo antes de findar o espectaculo: aqui está o que fizemos hontem.

— He cousa singular!.. (redargue Thimoteo) figurava-se-me ter rasgado, com a ponta do taco, hum panno de bilhar.... ter atirado com hum copo de vinho á cara de não sei quem.... emfim que muito dinheiro gastámos.... Ora deixa-me ver: trez, cinco, déz, desoito; e doze

trinta, e mais déz, quarenta... cá está todo na algibeira: vejo que nada gastei.

— Meu pobre Thimoteo, he impossivel julgares do extenso e atrevidissimo *pifão*, que tomaste!.. por tanto de nada podes ter lembrança: sempre te digo que visto seres barco, tão facil de dar a borda, nunca outra vez carregues tanto.

— Deixa estar que não tenho gana para mais (responde Thimoteo, erguendo se) tenho a bocca sabendo-me a ferros velhos, a cabeça aos baques... mas felizmente que hoje não se vê a gente obrigado a *madraçar*... ja podemos sahir, e eu quero ir á classe... Oh! vamos a trabalhar; ver se recuperamos o tempo perdido.

— Pois eu vou em procura d'hum copista (diz George) para copiar as partes, e com o borrão farei hum segundo manuscripto.,,

Assim fallando, George e Thimoteo derão se pressa a vestir; mas ao contrario delles, o nosso Bouche-

not se estendia e revirava complascente na cama, que então occupava a sós, dizendo:

—" Oh! que boa cousa!.. muito bom, he estar deitado... mettido entre bons lençóes!... A proposito, amigos, amigos, a amavel nossa visinha não se esqueceu de nós!... arranjou-nos as duas camas, que parecem outras,... até não lhe esqueceu cortinas para a janella!... isto de mulheres, lembrão se de tudo!

— Hei de ir agradecer lh'o logo que tenha tempo (diz George) faz-se-me tarde, e safo-me... até á noite, meus amigos.

— Tambem eu estou de partida (diz Thimoteo, seguindo George). E tu ficas ainda na cama! anda, levanta-te, priguiçoso.

— Não tardo... mas agora tenho huma caimbra...

— Fica á tua vontade, mas lembra-te de que Henrique espera hoje por ti.

— Sim, homem, sim!...,,

Os dous sahírão, mas Bouchenot melhor compoz a roupa da cama, e de novo se agasalhou, dizendo comsigo: — Henrique espera hoje por ti .. repetem-me sempre a mesma cantiga .. porem nenhuma pressa tenho de ir para lá: ja eu tenho no corpo o susto e a febre pelo aborrecimento, que ha de causar-me o tal emprego!... escrever cousas de commercio... os diabos me levem se entendo de tal! Emfim por em quanto cá iremos vegetando, e quando se me acabar o ultimo sou, tempo he então de me dar ao trabalho: eis o, que he arrasoar com juizo. Vá, senhor Bouchenot, estenda essas pernas, encolha-as, abafe-se, regosije se nesses lençóes! ,,

Depois de ficar na cama ainda mais d'huma hora, regosijando-se nos lençóes, resolve-se finalmente a erguer-se; e, em quanto se veste, conta o dinheiro, dizendo:

— " Não levou máo córte hontem.... mas nem todos os dias ha *pandigas!* A rapariga loura, que es-

tava no theatro de Seraphim, na verdade que hera bonita; mas assim mesmo he muito inferior á visinha... com aquillo... huma tal mulher... só quando hum homem anda com algibeira *esticada*. Vamos a tractar de fazer lhe corte; mas primeiro que tudo agradecer lhe o trabalho, que teve, em nos arranjar os lençóes, travesseiros e as cortinas... Porem diabo!.. se lá vou encontrar me com a gordalhuda Prudencia, que logo hontem me conheceu no theatro... ai mulher conhece me em toda a parte... maldicta mulher, que havia de apparecer me... agora he que eu tenho nasca áquella pandorga! Hontem, quando me *fallou no Bigode*, não fui senhor de evitar que me esfriasse todo o sangue... diabo, sempre he triste cousa poder hum homem achar se compromettido... e o caso he que posso vir a se lo..... podem fazer me hum crime em não ter declarado o, que sabia... o, que vi. Mas por outro lado, se eu fallar...

qual fallar... nem pelo diabo: elles bem claro promettêrão o, que nesse caso hera feito da minha vida. Ah! maldicto cão... a ti he que eu devo estes sustos... ésta posição critica!.. para que diabo me levaste a huma casa, que tão bem conhecias?,,

Bouchenot fica por alguns instantes abysmado nas suas reflexões; mas emfim, tomando o seu partido: —" Que a fallar a verdade (continúa elle) isto he toleima; para que hei de estar fazendo o meu rico sangue em veneno?.. o que succedeu, succedeu. Como poderá vir a saber-se o, que eu descobri, e se faz naquella casa? Bigode não o dirá certamente.... elles tambem não.... depois não me conhecem... ignorão quem eu sou, e espero não tornar a encontra-los. Agora a respeito da patafaçuda Prudencia, o meu susto he fora de proposito... he bem natural que a rapariga de nada saiba, ainda mesmo pertencendo o padrinho á sucia, o qual ella disse ser jardineiro florista, e que sahio de

Pariz para ir á sua terra ha trez semanas. Se a encontrar em casa de Celina, hei de desembucha-la e faze-la vomitar, sem que dê pela cousa. No entanto vamos estender a rede... vamos ceifar aquelle campo, sem deixar nem restolho para o nosso amigo Thimoteo.„

A illuminadora de estampas estava com o seu trabalho, quando Bouchenot a foi procurar, entrando facilmente, sem a desarranjar, pois de ordinario as grisettes teem sempre a chave na porta, excepto quando estão em practica intima com o amante; e então não se esquecem, volteando pela casa, de com desfarce tirar a chave, e nisto muita rasão lhe damos: he triste ser interrompido no mais interessante da conversação, e depois nem sempre se encontra o fio perdido.

—"Bom dia, visinha (diz Bouchenot, cumprimentando-a).

—O mesmo vos desejo, meu visinho: desculpae-me, se continuo

com o meu trabalho, pois he de pressa.

— Oh! pois não! nada, eu não venho incommodar: estaes fazendo as boxechas encarnadas a Adão e Eva?

— Nada... agora são outros heroes... então, sentae vos.

— Ide lá com o vosso trabalho, que eu cá me arranjarei.

— Pois meu visinho, sempre vos digo que trouxestes hontem á noite o vosso companheiro n'hum estado!

— E então vistes?...

— Muito á minha vontade, que tinha até a porta aberta.

— E nada dissestes? tambem sois boa!

— Nada: quando me chamão sim; d'outro modo tenho mêdo de passar por importuna... e depois disso entre visinhança he ridiculo andar espreitando, ou indagando! Verdade he que muitas vezes ouço quanto se tagarella na escada, mas a culpa não

he minha, e não hei de tapar os ouvidos.

—Hontem passamos hum grande dia... começamos bem... mas Thimoteo não tem buxo para beber; tem a cabeça muito fraca; e mesmo o todo delle assim he, qualquer cousa o derrêa: não he homem para cavallarias altas...

—Ora vejão... hum homem tão fraquinho... coitado! nesse caso não poderá preencher a missão, com que veio ao mundo!

—Qualquer pequeno excesso o faz doente... aquillo nem pode casar!

—Ora... ora!... pobre rapaz!...

—Regra geral, visinha: quem tem o peito fraco, livre-se de amores... porem ha diabos teimosos, que não querem ouvir os conselhos rasoaveis; ha tantos d'esses por ahi!

—Eis certamente porque a *althéa* tem encarecido Mas a proposito, visinho, talvez que viesseis aqui para me incumbir d'alguma cousa...

vamos, sem ceremonia, se precisão de mim...

— Não, lindissima visinha: a minha visita he para agradecer em meu nome, e da parte dos meus amigos, o incommodo, que tivestes, arranjando o, que não tinhamos...

— Ainda muitas outras cousas vos faltão; mas ao menos tendes o principal. Tambem eu tenho a dar contas: dispendi todo o dinheiro.... e eis aqui o rol... podem ver.

— Isso he gracejo, visinha! pois qualquer de nós ainda havia de estar occupando-se com taes minucias?

— Sim.... quero: quero que vejão como isto foi.... elles sahirão!

— Ambos. A peça de George vae ser representada; e o rapaz está doudo de contente.

— Tambem eu estimo isso muito: ja conto que me darão hum bilhete.

— E eu já peço com antecipação a honra de vos offerecer o braço, para vos conduzir ao theatro.

— Ficaes acceite... se enfim não tiverdes obrigação de levar la outra.

— Ora quem levaria outras, huma vez acceite por braceiro?

— He que eu não quero ser causa de alguem ter ferro.

— E quem julgaes que estará no caso de tomar ferro?

— Ora quem, meu visinho? alguma das vossas amantes...

— Amantes... oh! pobresinho de mim! he cousa, que não tenho!

— Qual não tendes!... bom he mentir, porem não tanto: ao menos huma... sem huma não estaes vós: não sois dos, que teem o peito fraco.

— Não, graças ao Ceo; com bem o diga, sempre tenho sido bem valentão pelas armas... de solida construcção!... Porem, minha visinha, he preciso attender que as circumstancias apertadas, nas quaes nós

achámos, pouco dispunhão para acções amorosas... achava-se a gente como soldado mal armado, sem cartuxame, e falto de equipamento... Regra geral, não se pensa em amor com o estomago vazio: isto não havendo meios para o encher.

— No entanto, se eu tivéra hum amante, e que elle estivesse em desgraça, nem por isso menos amór lhe teria.

— He porque tendes huma alma dotada de todos os quilates da sensibilidade! não penseis que todas as mulheres sejão assim! Pela maior parte os idolos, a que ellas sacrificão, he o interesse, o luxo, e os adornos: assim que, hum amante não pode fornecer lh'os, virão lhe as costas.

— Essas mulheres vivem e morrem ignorando o que he amor.

— Tambem não podem ser adoradas como vós deveis ser!

— O! lá, visinho!... isso he engano: pelo contrario, são amadas, são adoradas; he a todo o instante

ver como os amantes as cumulão de presentes, as fartão de luxo, e estão promptos a subscrever a todos os seus acintosos caprichos! e mais ainda, aturão lhes tudo... máo genio, phantasias, e até mesmo lhes soffrem as infidelidades! Qualquer de nós, pobres raparigas, mais do que ellas sabendo amar e ter constancia, ora! damos nas mãos de quem não sabe appreciar nos.

— Oh! visinha, espero não julgueis serem todos os homens capazes de assim se conduzirem.

— A isso respondo que, segundo as mostras, a peça de fazenda ha de ser igual. Ja por duas vezes cedi... fraquejei ao maldicto desejo do coração, e fui bem tristemente recompensada: hum figurou amar-me por capricho; e outro pelo seu interesse: não forão ambos bem capazes de me fazer odeiar similhante tendencia?

— Visinha, será bom ensaiar ainda huma terceira vez = á terceira faz-se feira. =

— Nada, não quero mais ensaios desses... os homens são mui perfidos!

— Olhae cá... eu... eu nunca o seria... nunca terieis rasão para assim me chamar, se chegasse a conseguir agradar-vos.

— Não acredito que fosseis melhor, doque os outros.

— Oh! tal não penseis!.. julgar-me-hia o mais venturoso dos homens, se tivesse huma amante tão linda, bem feita, e amavel como sois!

— Todo esse phraseado he proprio dos preliminares do namoro... depois...

— Depois havia idolatrar-vos... ser um sujeito á tudo quanto mandasseis.

— Ora vamos, senhor Bouchenot, para que he estar a balançar-me n'cadeira... quereis fazer-me borrar a obra?... mas de que fallavamos?

— Tambem ja não me lembra... esses olhos tão... tão... não quero

dizer, mas são olhos, que tirão a lembrança á gente!...

— Oh! agora me recordo... dissestes-me que a peça do senhor George estava prestes a representar-se... que iriamos ao espectaculo...

— Nenhuma precisão ha de esperar para então: quando quizerdes terei muito gosto em ahi vos levar.

— Pois está bem... veremos isso como ha de ser... quando eu tiver menos pressa d'obra. Oh! e o senhor Thimoteo de que tracta?

— De concluir os seus estudos para advogado... agora vê-lo-hemos enterrado no *Digesto* e nas *Authenticas*: com aquelle ninguem conte para a vida *airada*.

— Elle faz muito bem em querer puxar por si: logo que não ha riquezas, he preciso trabalhar. E vós, meu visinho? se não me engano, ouvi dizer aos vossos dous amigos que Henrique esperava por vós.

— Ui! pois tambem sabeis isso?

— Então não vos disse que ouço

tudo... sou mesmo má visinha de ao pé da porta.

— Pois não vos enganastes: com effeito o nosso amigo Henrique offereceu-me hum logar... empregar-me nos seus negocios.

— E então isso não vos convem?

— Convem... sim... ainda que se... quero dizer, teria antes preferido huma vida independente... isso he o que me regalava! Oh! a liberdade!... com dinheiro na algibeira nada tão appreciavel!

— Quanto a mim, creio que muito estimaríeis andar dando á perninha desde pela manhã até á noite... com a liberdade para namorar... para... não he isto, meu visinho?

— Ora, isso tambem não; mas quizéra ser artista... nasci com as qualidades, proprias para isso... Meu pae transtornou-me a vocação, querendo fazer de mim hum letrado.

— E em que se occupava vosso pae?

— Hera confeiteiro.

— Aposto que déstes cabo dos bolos!

— Ah cachorca visinha... se nesse tempo vos conhecêra, eu vos adossára com cousas bem doces... bem doces... „

Neste momento duas pancadinhas na porta interromperão a conversação.

— "Quem teremos? (diz Celina) talvez seja minha tia.

— Porque, ella costuma começar a manhã *ponchcando?* „ observa Bouchenot.

— Isso não... talvez não seja. „

Outra vez sentirão batter na porta.

— "Então! quem quer que he entre: a chave está *na porta* „ grita Celina, sem erguer-se de onde está.

— Oh! dei com ella!... pois não a via! „ responde huma vóz de mulher; e ao mesmo tempo virão entrar a gorda Prudencia.

Bouchenot, que estava hum pouco arredado da porta, não foi senhor

d'hum primeiro movimento de terror, ao ver entrar aquella rapariga; todavia, logo soeegou: madenoiselle Prudencia, que não vio primeiro o mancebo, correu para a sua amiga, dizendo:

—" Bom dia, Celina: hoje sim... hoje ao menos encontrei-te! Vim antes de hontem, tinhas sahido, e ainda estive á *pata* em casa dos teus visinhos, esperando por ti... mas qual historia! fui com a agua na bocca. Lá estive pois com aquelles homens, que são bons moços... muito polidos... e hum delles, na real verdade, sempre digo que he bonito, ainda que tenha o cabello arruivado.

—Ah! fizeste essa observação? (diz Celina rindo) pois deixa estar que eu me incumbo de lhe dizer que o achaste de teu gosto...

—O' Celina, vê agora o que vaes dizer!... Deos te valha!... fazias-me envergonhar em modo de nunca mais aqui poder vir.„

Prudencia neste momento virou-

se, e appercebeu Bouchenot, ficando mui surprehendida.

—" Tambem este senhor he hum dos meus visinhos... ,, torna Celina, rindo muito da cara, com que ficou a sua amiga: " he companheiro do outro, de que tambem gostaste.

— Este senhor!... este! ,, exclama Prudencia, affirmando se muito em Bouchenot: " pois elle tambem he teu visinho!...

— Sim, mademoiselle, tenho esse gosto ,, responde Bouchenot, cortejando-a respeitoso.

— Que admirações tamanhas! que ha nisso para abrires tamanhos olhos? ,, pergunta Celina á sua amiga.

— O que ha? dizes tu!... ha o ser este senhor o mesmo, que me levou o meu pobre Bigode: he elle o causador de eu perder o meu cão. Tambem he *sina*!... tenho de o encontrar em toda a parte... na rua, hontem no theatro de Seraphim, e agora comtigo! Mas estimo bem este ultimo encontro: Celina, pede-

lhe que me torne a dar o meu cão...

— Ora essa! pois vês que elle tenha o Bigode na algibeira? Agora, senhor Bouchenot, justificae-vos, respondei a Prudencia Flambard, se não, ella he bem capaz de nos dar maçada de boas duas horas, a respeito do seu *cãsarrão!*

— Mademoiselle... (elle vae sentar se entre ambas) não terei grande difficuldade em justificar-me completamente, appelando mesmo para a boa fé da queixosa, e por tanto espero que justiça se me faça. He verdade que antes de hontem tive o gosto de encontrar-vos na rua, mademoiselle... seguindo eu tambem o mesmo caminho, tentei ligar conversação... dizendo algumas palavras... ora, mas cousas, que não offendem... Sempre gostei de pautear com as bellas...

— Oh! sim!... ja sabemos isso „ diz Celina com hum modo picado: "jeis vos afragalando para fazer a conquista de Prudencia!... Safa como elle he! hum tal conquistador!...

tudo lhe serve!... Sois, em ponto pequeno, hum Napoleão para os corações! ,,

Bouchenot mostra-se vanglorioso, e, encarando Celina com hum ar terno, continúa: " Mademoiselle não se mostrou disposta a conversar, e portanto larguei-a, pois nunca fui capaz de contrariar qualquer senhora; mas o seu cão entrou a seguir-me... por mim abandonou sua domna... e por mais exforços, que fiz, não consegui que me deixasse: por ventura tenho culpa, ou devo ser responsavel pela cabeçudisse d'hum cão?

— Desse modo, nenhuma culpa tendes (diz Celina) o caso he se a cousa assim se passou. Vamos, que tens a dizer ao, que ouviste?

— Mas emfim... eu sei... A verdade he o cão ter ido com elle: isto he que foi: e então, huma vez que m'o levou, he tornar-m'o a dar.

— Se ainda o tivesse, mademoiselle, não sería preciso que m'o pe-

disseis; apressar-me-hia a cumprir esse dever; mas o animal, tendo andado comigo todo o dia, e até por suas doudices e máos costumes envolvendo-me em aventuras bem desagradaveis... o tal vosso estimado Bigode abandonou-me á noite, e não mais o vi.

— E tambem o perdestes?! ora isto! Valha-me Deos, sempre sou bem desgraçadinha! Como hei de agora tornar a acha-lo? Nada, o animal não está ja neste mundo!... tenho de o chorar!

— Ai! o que eu ouço! ora vejão a grande desgraça! (diz Celina) tomára saber que precisão tem huma aprendiz de fanqueira de ter hum cão, e hum cão daquelle tamanho? de que te servia te-lo para o conservares todo o dia fechado no teu quarto?

— Pois sim!.. sempre hera huma companhia... e então segurança, acompanhando me á rua...

— Lá se vê que hera bom acompanhador!

— Depois tinha-m'o dado meu padrinho Laforet... e meu padrinho, que hera muito amigo de Bigode, recommendou-me que tivesse nelle o maior cuidado.

— Vosso padrinho chama-se Laforet?„ pergunta Bouchenot, olhando attentamente para Prudencia.

— Chama, sim, meu senhor.

— Em Pariz qual hera a sua occupação?

— Jardineiro florista.

— Jardineiro florista.., está feito, não hera má!... e sabeis onde elle assistia?

— Pois não! ainda lá estive duas vezes antes de elle partir.„

Bouchenot fez-se pálido, murmurando: —" Ah! vós sabeis... sabeis onde he a casa... a casa, em que elle morava?!...

— Ui! pois que admiração he ella saber onde morava o padrinho? (observa Celina) nunca vi pasmaceiras mais exquisitorias!

— Mademoiselle... se eu pergunto isto á vossa amiga, he pensando

que talvez o cão terá ido para essa casa... mesmo he de presumir... e se ella sabe onde he...

— Ora com que vindes!... então não me lembrou tambem isso hontem? Lá fui; estive na casa, onde morou meu padrinho... porem não me derão novas nem mandados do cão: pois eu a bastantes visinhos perguntei.

— Fizestes perguntas... aos visinhos! „ diz Bouchenot com hum modo surprezo: " e a casa, em que morou vosso padrinho, tem visinhança... pessoas, que morem ao pé?

— E porque não hade ter? então a rua dos Martyres he algum *escampado*, ou de *lá vae hum?*

— Rua dos Martyres... como?... pois a casa he na rua dos Martyres?

— Na rua dos Martyres, mesmo chegada ao arrabalde Montmartre: logo lá fui.... lá estive hontem, e nada de novo.

— Huma vez que he na rua dos

Martyres... (diz comsigo Bouchenot) nenhuma suspeita devo ter do tal padrinho... Onde eu fui parar bem distante fica da rua dos Martyres... O jardineiro florista he innocente; ou, pelo menos, ésta rapariga de nada sabe; e eu tenho sido hum grande tolo em ter mêdo della.„

Feitas éstas reflexões, Bouchenot retomou para logo o seu modo agradavel e socegado; chegando-se então para mademoiselle Prudencia, com hum surriso gracioso lhe diz:

—" Mademoiselle, eu penso, como a vossa amiga, que o melhor partido a tomardes he de não mais pensar no tal cão. Eu fui causa dessa desgraça... fui eu quem vos motivei essa perda, ainda que involuntariamente; e, para indamnisar-vos, e não continueis a ter me odio, posso offerecer-vos hum *doguesinho*, hum guedelhudo branco, ou mesmo hum desses inglezes *apanha-ratos*: sei onde os ha; escolhei, e immediatamente tereis outra vez companhia.

— Oh! agradeço, agradeço, meu senhor: não quero mais cão.

— Nesse caso, mais *em tal não* se falle (diz Celina) parece-me que, *se tivéras* perdido o amante, não farias metade desse aranzel. Queres tu almoçar comigo?

— Pois ainda agora! he perto de meio dia, e estás sem almoçar!

— E então será algum milagre!.. eu só como quando tenho vontade. O senhor Bouchenot tambem nos *fará companhia*... sim, meu visinho?

— Com o maior gosto; porem com a condição que hei de ir buscar huma empada.

— Subscrevo, trazei-o, que quizerdes, que eu não sou soberba.

— Desse modo vou busca-la.

— Ide, e no entretanto Prudencia nos arranjará a mesa.„

Bouchenot sahio, e mademoiselle Prudencia, *em quanto* poem a mesa, diz á sua amiga:

— " Este sugeito he assim a modo.... he pena que seja tão desem-

baraçado com as mulheres: estavate olhando com hum gesto... se fosse comigo, ja não sabia o que hera feito de mim...

— Ai, filha, isso he falta de practica .. has de costumar-te ás olhadellas, e até has de gostar!.. alem de que, os homens brincalhões, e amigos de rir não são sempre os mais perigosos.

— Sim!.. pois bem desejava que me désses os signaes desses mais perigosos para saber como haverme. Hes bem feliz, minha Celina, em estares mestra dessas cousas: assim ja elles não podem pregar-ta.

— Ora, minha rica... destinos... destinos, que teem as mulheres!

— Então todas teem o seu destino de que os homens lh'a préguem?

— Salvo não se mostrando sensiveis, e verdadeiramente amorosas.

— E qual he o melhor?.. não ser sensivel, ou deixar antes que elles a préguem?

— Ai! como hes maçadora, Pru-

deneia! essa escolha não está em nossa mão. Olha que estás cada vez com a ideia mais tapada... perguntas, reperguntas, e nada sabes!

— Pois como posso eu saber disso! prometteste desemburrar-me, para que as companheiras lá em casa não se rissem de mim... vae então nada queres ensinar-me.... Dize-me tu, se esse senhor lhe der na cabeça querer ainda namorar-me, que hei de eu fazer?

— Nada: podes estar socegada, pois de certo não te perseguirá.

— E então porque? dizes isso com tanta certeza!...

— Porque elle agora he a mim a quem se dirige.

— Ahi está! ora vejão como elle, em dous dias, mudou de pensamento!... e tu tens tenção de lhe acceitar essa boa vontade?

— Talvez.. he bem possivel...

— Ah! ainda bem... vou tomar muito sentido no, que responderes, para dizer o mesmo, quando alguem me entreter de namoro.„

Bouchenot volta com hum empadão, e huma lata de enxovas em escabexe, e logo sentão-se á mesa. Todas as attenções e delicadezas do mancebo são para Celina; para ella olha constantemente, e não cessa de lhe fallar e repetir as palavrinhas do uso, sempre agradaveis ao bello sexo: portanto mademoiselle Prudencia muito pequena parte toma na conversação; mas, em desforra, come huma grande parte do empadão, sempre com o ouvido applicado ao, que a sua amiga responde, como papagaio, aprendendo a lição.

O almoço prolonga-se até ás trez horas; Bouchenot está bastante animado, a visinha ri, mui satisfeita, e a gorda Prudencia continúa, dando boa conta das enxovas: n'este tempo battem á porta: he Thimoteo, que se apresenta á companhia.

Primeiro mostra-se descontente de encontrar Bouchenot em tanta familiaridade, e como estabelecido em casa da visinha, como se ja fôra

domno do bolo; mas, reparando haver alli outra peça do mesmo genero, em breve retoma o seu bom humor: logo faz tenção de contentar-se com a gorda Prudencia.

— " Eu venho dar os meus agradecimentos a mademoiselle.... (diz Thimoteo, cumprimentando Celina) mas, segundo vejo, Bouchenot precedeo-me neste dever...

— Nestas cousas, meu rapazinho, nunca deixei que me andassem a deante ,, responde Bouchenot, balouçando-se na cadeira, e olhando para o amigo, com hum modo de cassoada.

— Então sentae-vos, senhor Thimoteo (diz-lhe Celina) estaes em paiz conhecido... E'sta he a minha amiga Prudencia... he a mesma, que antes de hontem esteve em vossa casa á minha espera. Prudencia, (fallando com ella) este senhor he o meu visinho.... o mesmo, de que ha pouco me fallaste... aquelle que... tu bem sabes...

— Sim, sim... (responde a rapa-

riga, fazendo-se *mui* vermelha até ás alvas dos olhos, mas engulindo nas enxovas, para tomar corajem) oh! eu logo o conheci por *elle*.

—Tambem eu logo vos reconheci, mademoiselle,, diz Thimoteo, sentando-se ao pé.

—Decididamente... está bem visto que fizestes impressão hum no outro (exclama Bouchenot, rindo) a cousa he de bom agouro.

—Oh! isso tambem agora não sei o que me parece? este senhor *não* sei que me fizesse *nada*:,, diz Prudencia, esfregando os beiços com a toalha, para ter os olhos baixos.

—Aposto que o meu amigo não dirá outro tanto?,,

Thimoteo mostra-se acanhado, e sem saber o, que deva responder; porem Celina apressa-se em o desenleiar.

—"Quereis almoçar com a gente, senhor Thimoteo?

—Oh! mademoiselle... isso he hum favor tamanho... tamanho, como a vossa bondade!... destina-

va ir jantar.... mas.... he o mesmo.

— O peior he ja não haver as enxovas d'escabexe... a nossa Prudencia pareceu gostar!

— Ora certo que muito gostei, e comi de grande! pensei que herão ostras!...

— Em Poissy não he isso muito vulgar, e por isso conhecem pouco a conformação das ostras (diz Bouchenot) Thimoteo pode sahir a buscar outra lata...

— Nada... não vale a pena!...

— Vale, vale! sahe, Thimoteo: bem vês que mademoiselle gostou das enxovas.„

E ja quando Thimoteo ia ao pé da porta, Bouchenot vae a elle, e diz-lhe ao ouvido: — "Olha cá, o petisco he puxativo... entendes-me? o salgado faz beber: atordôa a cabeça á gorda Prudencia, e tens moça.

— Não quero isso por similhantes meios...

— Então continúa a fazer cruzes na bocca, meu tolo!

— Que segredinhos são esses?„ pergunta Celina.

— Estava recommendando cá ao meu amigo que nos trouxesse tambem alguma cousa para a sobremesa.

— Oh! nada de loucuras, senhores!... não admito que entrem a fazer gastos.

— Sereis obedecida, mademoiselle „ responde Thimoteo, sahindo.

— A vossa lembrança! mademoiselle! (diz Bouchenot) escusado hera fazerdes-lhe similhante recommendação, pois he dos, que nascem com as mãos apertadas. „

Thimote não tarda em voltar com huma lata de enxovas, cousa d'hum quarteirão de figos passadas, e huma quarta de queijo de Gruyere.

—"Com effeito, trouxeste huma fartura para quatro! (exclama Bouchenot, espetando na faca a isca de

queijo) hes caridoso, meu amigo, não quizeste que tivessemos alguma indigestão!

— Eu não sabia se éstas meninas gostarião de queijo, e trouxe esse boccadinho, arriscando-me a que não se comesse:„ diz Thimoteo, sentando-se á mesa.

— Fizeste mui bem, senhor Thimoteo; não vos importe o, que diz o vosso amigo (responde Celina). Muito gósto de ver hum rapaz economico.... incapaz de fazer gastos, sem necessidade, e pondo para huma banda algum dinheirinho.

— Para huma banda só tenho posto o meu chapeo„ diz Bouchenot, rindo.

— Vamos, mademoiselle, servivos...„ diz Thimoteo, apresentando a Prudencia a lata das enxovas.

Mademoiselle Prudencia não he das, que se precisão muito rogadas, para comer; pega na lata, e deita no seu prato hoa porção dos peixinhos, dizendo: —" Sempre ouvi di-

zer que isto de ostras he hum comer, que altera...

— E tu a dares-lhe com as ostras! (diz Celina). Oh! *onde ides*, senhor Bouchenot?

— N'hum momento estou de volta, minha visinha. „

Bouchenot correu a comprar duas garrafas de Champanha, que não se demorou em trazer, dizendo, ao apresenta-las: — "eis aqui para fazer que melhor escorreguem as enxovas.

— Loucuras!... e eu que tinha desconfiado do, que ieis fazer! (observa Celina, ao mesmo tempo que surri á vista das garrafas). Ah! senhor Bouchenot, se soubesseis quanto hum tal vinho ja me transtornou a cabeça.... o Champanha faz me douda!...

— Tanto melhor.... sois ja tão seductora em juizo.... o que sereis dessa maneira!?...

— Callae-vos, senhor estordio!

— Mademoiselle, tornae a servir-vos do empadão„ diz Thimoteo a

Prudencia, a qual, julgando occasião propria de servir-se da mesma phrase, que Celina dissera a Bouchenot, diz-lhe: — "Callae-vos, senhor esturdio!,,

O nosso mancebo fica de bocca aberta, pelo fóra de proposito do epitheto; Celina dá huma grande risada, e Bouchenot faz saltar a rolha d'huma das garrafas: á vista do estampido da rolha e do repuxo espumoso, que lhe chegou ao rosto, a pobre rapariga levanta-se da mesa, gritando: — "Ai! Deos meu! a garrafa tem fogo dentro!,,

Custa bastante socegá la, e fazer-lhe comprehender que o impeto da espuma do Champanha não he hum foguete, resolvendo-se finalmente a prova-lo, e até mesmo gostar da bebida. Em quanto a conversação se anima, e que o amor vae amarrando Bouchenot e Celina, Thimoteo procura fazer a conquista de Prudencia; e ella, alterada pelas enxovas, assim como asoinada pelo vinho de Champanha, tem o olhar menos ferino,

muito mais macio, e quem sabe se até disposto para a ternura.... A tudo, que Thimoteo lhe diz, responde ella mui prestes: —" Callae-vos, senhor esturdio!,,

Mui rapido volve o tempo, quando se passa deste modo, ou d'outro, cujos atractivos sejão do mesmo genero, ainda que em gráo mais subido: a noite surprehende os dous pares á mesa.

—" Valha-me Deos! he noite!.. (exclama Prudencia) e eu que só deveria demorar-me cousa de meia hora, mandada pela patrôa a comprar hum pouco de cordãosinho!...

— Desculpae-vos com terdes andado a procurar em diversas lojas,, a aconselha Bouchenot.

— Sim, e o cordãosinho que he raro!.. não se encontra ahi em todas? Meu Deos!.. vou-me depressa!... ai! o que ella dirá! Mas he célebre.... vejo assim como huns *zig zags* deante dos olhos!

— O meu amigo Thimoteo vae

acompanhar-vos ,, diz Bouchenot, que deseja ficar a sós com a visinha.

— Aqui está ja o meu braço... ,, diz-lhe Thimoteo.

— Oh! não he preciso... callae-vos, senhor *estardio*... Dizei-me cá, Celina, parece-te que devo deixar acompanhar-me por este senhor?

— E porque não?... muito mais que tão amiga hes de companhia.

— Lembraste bem... leva-lo-hei em logar do meu cão. ,,

Bouchenot e Celina riem muito d'ésta nescedade; mas Thimoteo responde com hum modo penetrado: — ,, Ao menos, mademoiselle, não o imitarei, abandonando-vos.

— Ai! Deos me valha! desculpae, senhor, eu disse aquillo como diria outra cousa... Muito salgadas estavão as ostras; mas he bem bom o tal vinho d'artificio.

— Mademoiselle, aqui me tendes ás ordens...

— Ora callae-vos, senhor estardio! Boa noite... Celina... ora eamo-eu

vou envelhaçada... parece-me que sou outra mulher... mas he o mesmo, que muito me diverti.

— Vae-te, e tema cuidado n'alguma escorregadella.„

Emfim, Prudencia partio, acompanhada de Thimoteo; e Celina tracta de levantar a mesa, e arrumar os objectos, que o festim desarranjara, dizendo:

— " A boa da rapariga vae algum tanto *acoinada* pelo Champanha.... felizmente que o vosso amigo será incapaz de abusar da sua posição: não o julgando assim, teria evitado que fosse acompanha-la... Comvosco de certo que não a deixava jr.

— Na verdade que vos devo mui bom conceito!... porem vós quasi nada bebestes?

— Logo fiz tenção de ficar com a cabeça socegada... pois como tinha que trabalhar...

— O que! ides continuar?

— Sim: não vos disse que me dérão pressa d'éstas estampas de *Hero e Leandro*?

— Ora! hão de esperar: depois de se passar tão bellos momentos á mesa, ir recomeçar o trabalho...

— Isso não impedirá de estardes aqui mais algum tempo... „

Celina foi accender huma vela, e sentou-se, continuando a illuminar as estampas. Bouchenot foi situar-se a hum canto como amuado: ella adivinha que o visinho não está contente, e entra a cantar.

Passado algum tempo, Bouchenot, humorisado d'aquelle papel, levanta-se, e vem para ao pé de Celina, dizendo:

— "Sois bem *másona*, visinha!..

— Sou másona porque trabalho?

— Pois não sería muito melhor preenchido esse tempo, entretendo-nos a fallar d'amor?

— E quem vos impedio que fallasseis disso, ou d'outra cousa? porem antes quizestes ir prender o burrinho para hum canto...

— Ora! trabalhando... com o pensamento cheio dos monos, he custoso responder em termos.

— Pelo contrario, gósto de fallar quando trabalho.

— Esse Leandro e essa Hero ainda levaráõ muito tempo a concluir?

— Muito ainda...

— Que lhe estaes pintando agora?

— Forte curioso sois!„

Bouchenot chega se para a estampa, afim de melhor observar o trabalho da visinha. O quadro apresentava Leandro no instante, em que sahia das aguas, e a sua amante, a terna e agradecida *Hero*, enxugando-o com finissimo e alvo linho, ao mesmo tempo que sobre a cabeça lhe derramava perfumes.

— "Ora ahi está hum mariola, que não tem rasão para queixar-se! (diz Bouchenot) e o mais he que lhe tenho muitissima inveja! Caxorro... e que mãos tão preciosas lhe enxugão o costade... lh'o esfregão.... lhe estão em contacto.... em summa, até deitando-lhe perfumes sobre a cabeça! As mulheres da antiguidade, em casos taes, herão mais humanas, e mais exemptas

de prejuisos: vós não farieis outro tanto, minha *Tigre*.

— Talvez... quem sabe... He preciso avaluar os perigos; a que o mancebo se expunha para ir ter com a amante... hera preciso atravessar o mar, e como? a nado!

— Ora, se fosse atravessar o mar, como dizeis, isso hera mais delicado, e havia gastar muito mais tempo: hera apenas hum *estrêito*... e depois disso, sabendo nadar, que diabo de façanha hera essa?

— Mas, se ella não o cobrisse logo, enxugando-o, abafando-o, e preservando-o assim, de certo que o pobre rapaz apanhava alguma constipação, de que poderia resultar-lhe grande doença, e mesmo a morte. Por tanto digo, qual sería a mulher, cuja barbaridade chegasse a vê-lo partir depois, sem prestar-lhe aquelles cuidados?.... sem que.... Vamos, senhor Bouchenot, nada de adeantar!... enfão? Estaes a impedir-me o meu trabalho...

— Ora minha vizinha, eu não peço muito .. hum abraço...

— Nem hum , nem dous...

— E recusaes isso a quem vos adora?

— Nada acredito nesses palavreados.

— Mas se eu quero ser vosso amante.

— He cousa que não quero .. nada mais d'amares.

— Ensaiae mais huma vez, e não vos dareis mal.

— Ensaios d'esses, são o mesmo que forjar cadeias.

— Oh! Celina... ponde a mão aqui.... aqui sobre este coração!

— Nem mão, nem pé, nem o calcanhar...

— Hera para observardes como elle bate perto de vós.

— Deixae-me socegada... Sio!... cuidado, quando não apanhaes alguma agatanhadella.,,

Bouchenot quer absolutamente abraçar Celina, porem ella resiste, como huma leôa: o vinho de Cham-

panha, desta vez, em logar de a enternecer, exaltou-lhe a cabeça: julga ser plano do mancebo, quando lh'o fizera beber; e, logo que huma mulher se intrincheira na desconfiança, he difficil triumphar della.

O fim da escaramuça dá evidencia desta verdade; Bouchenot apanhou, das unhas da amada, hum bello raspão no rosto, com o qual, acompanhado da sua vergonha, vae sentar-se novamente ao canto da casa: Celina torna a continuar com o seu trabalho, e passa-se mais d'huma hora, sem que hum e outro deem palavra; mas impaciente de que o mancebo guarde tão longo silencio, finalmente a visinha lhe diz:

—" Senhor Bouchenot, isto he tarde... eu quizera deitar-me... não julgaes serem horas de vos retirardes?

—Ora ainda bem que ouço isto!.. ainda bem! Hera só o, que faltava... faltava que a senhora se aborrecesse, estivesse farta da minha visita... que me pozesse fóra!

—Não, visinho, isto não he pôr-vos fóra: mas bem vedes... aqui não podeis dormir.

— E porque não? se assim o quizesseis... não he qualquer de nós senhor das suas acções?

— Isso havia de ser bonito!... vamos, visinho... ide pegando no chapeo „

Bouchenot levanta-se da cadeira, dá alguns passos pela casa, e depois, em logar de sahir, entra para hum quartosinho, que serve de cosinha.

— *Onde ides!...* „ lhe grita Celina.

— Buscar as minhas luvas, que deixei na cosinha; „ mas passão-se alguns minutos, e Bouchenot ainda sem d'alli sahir.

— "Custa-lhe bem a achar as luvas!„ diz comsigo a visinha; porem neste momento reconhece que a torneira do pote está aberta, e que a agua se derruncha aos jorros.

—" Ui! que demonio quererá elle

fazer? pretenderá lavar as luvas?... seria boa ratice!„

Celina dentro n'hum instante perde a incerteza do, que faz Bouchenot, pois este sabe da cosinha, e se lhe apresenta no mesmo estado, em que a Fabula pinta *Leandro*, sahindo das aguas: o mancebo despira-se, depois deitou-se ao comprido debaixo da torneira do pote, a qual abrio, tomando voluntario aquelle banho.

—"Ai! Deos meu!... o que elle fez! Em que estado vos pozestes!.. que quer isto dizer?„ exclama Celina.

—Isto quer dizer que vos amo tanto, como *Leandro* amava *Hero;* que para conseguir chegar até vós, não tive de atravessar o Helesponto, visto não ser a rua da Calandra situada na *Propontida;* porem não estou menos alagado, deque o devia estar o mancebo, quando sahia do estreito; e que se não tiverdes compaixão de mim, certamente terei hum rheumatico, constipação, molestia de peito, e lá vae Bouchenot para os anjinhos! Invoco de vós os mesmos cuidados, com que *Hero* preservava o seu amante.„

Celina fica de modo, que não sabe o, que ha de responder. A acção de Bouchenot hera huma loucura, porem as mulheres apprecião infinito que, por sua causa, os homens as pratiquem. E depois, não tinha ella dicto, havia ainda bem pouco tempo que *Hero* seria mui barbara, não admittindo junto a si o amante naquelle estado? Não approvou ella os cuidados, com que a amante enchuga *Leandro?*... Isto he bastante para o leitor ficar certo de que a lithographia foi posta em acção.

CAPITULO IV.

Amigos applaudindo huma primeira representação.

Decorreu perto d'hum mez, sem Bouchenot vir dormir huma só noite a casa dos dous amigos; os quaes o julgão installado no emprego, offerecido por Henrique, e por conseguinte ficando ahi, como lhe fôra enunciado; mas o leitor certamente não julgará, como George e Thimoteo, quando deve ter desconfiança certa de que Bouchenot tem passado todo este tempo em casa da visinha.

Todavia assim mesmo cedendo á tendencia do seu coração, bem como á força das circumstancias, que

a impellirão a succumbir, Celina diz frequentemente ao seu amante:

— "Mas aquelle emprego, que o teu amigo te offereceu? não queres aproveita-lo?

— Sim, sim... mas a todo o tempo he tempo...„ lhe responde Bouchenot.

— E se então, quando o quizeres, esse logar estiver ja occupado por outro?

— Oh! isso nunca succederá!.. o meu amigo ha de guardar-m'o.

— Porem como elle te quer lá para o ajudar...

— Torno a repetir-te que não preciso apressar-me... Aposto eu, minha querida amiguinha, que ja te enjôas de me ver feito tranca de porta, ter passado todo este tempo ao pé de ti? emfim ja estarás aborrecida de andar comtigo pelos restauradores e espectaculos!

— Não, de certo que não; mas apesar de todo o gosto, que me causa estares sempre comigo, não quero

nunca accusar-me de ser a causa de que percas interesses. E depois todo esse dinheiro, que tens dispendido comigo... todo esse dinheiro... onde demonio o tinhas?... vocês estavão de tal forma... no ultimo desampa-ro...

— Este dinheiro provem d'huma continha antiga, que poude cobrar; e tambem enganas te; representas esses gastos na ideia, como se visses em logar d'hum cabrito hum elefante: a nossa despeza não he excessiva... sempre vamos a casas de pasto, onde não ha grandes estadões, e nos espectaculos não occupamos os melhores logares.

— Ora, eu bem sei o que se gasta... tudo leva dinheiro.

— Deixa-te andar socegadinha.... quando se me acabar o dinheiro.... irei ter com o amigo Henrique, e ouvirás dizer que cousa he trabalhar hum homem...

George, inteiramente occupado com a sua peça, não tornára a ver Henrique, e por conseguinte, cheio

daquelle pensamento a respeito de Bouchenot, não curava deste. Thimoteo passava os dias a estudar, e quando alguma vez ia para dar as boas noites á visinha, nunca a encontrava em casa, pois sahia com Bouchenot: a intimidade, que reinava entre este e aquella, ja não hera hum mysterio; Thimoteo empregára todo o seu fogo amoroso em mademoiselle Prudencia; mas desde a noite, em que o vimos acompanha-la, nunca mais a gorda rapariga teve licença para sahir, visto gastar hum dia inteiro, para ir buscar tão insignificante mercancia.

Mas hum dia de manhã, George foi procurar Henrique, para lhe participar, que a sua peça ia ser representada.

Em retribuição á longa appologia que o joven author lhe fez das scenas, mutações, e entrexo da peça, em que fundava todas as suas esperanças, Henrique lhe fallou dos seus amores, da sua Paulina, dos seus

encantos, qualidades, e de toda a ventura, que anhelava gosar com ella.

Hum ao outro se ouvirão com attenção, o que he sempre huma prova de amisade, consideração, ou de saber viver... Na convivencia politica não he crescido o numero destes ultimos, visto ser tão resumido o daquelles, que sabem ouvir.

Ao ponto de se despedirem, disse George a Henrique:

— "Oh! a proposito, estás satisfeito com Bouchenot? trabalha á tua vontade?

— D'elle estava eu para te pedir novas (responde Henrique): não mais o tornei a ver, desde o dia, em que almoçamos juntos; e até hoje tenho estado a espera lo: vejo-me por tanto obrigado, se não apparecer por estes dias, a tomar outro, pois só não posso suprir ao trabalho.

— Isso he incomprehensivel.... tanto eu, como Thimoteo, julgavamos que elle, desde o dia seguinte

ao, em que isso foi tractado aqui; estivesse.... mas o demonio he incorregivel... assim que tem algum dinheiro na algibeira, nada he capaz de o obrigar ao trabalho; porem, como o gasta em pouco tempo, muito mais estou admirado que ainda tenha algum *sou*: logo, em indo para casa, ja pergunto isso a Thimoteo, que talvez saiba mais, do que eu. „

George e Thimoteo encontravão-se por vezes n'huma casa de pasto economica, onde a lista dos guisados, e por conseguinte o jantar dos estudantes, se achava em harmonia com a sua bolsa: neste mesmo dia alli se encontrárão, e George lhe diz:

— " Sabes que o nosso amigo Bouchenot ainda não foi occupar em casa d'Henrique o logar, que elle lhe tinha offerecido?

— Disso não sabia eu... se bem que não me causa grande admira-

ção: desde que se vio amante em forma da nossa visinha, não se tira de ao pé della.

— Pois Bouchenot conseguio arranjar-se com mademoiselle Celina?

— Oh! e então de que modo está a *pegação!*... nem hum nem outro o occultão: sempre suppuz que a visinha escolhesse com mais acerto.

— Isso quer dizer que contavas ser preferido...

— Qual! he mulher, que nunca mais me lembrou para... para cousas... gósto muito mais da sua amiga... mademoiselle Prudencia, encantadora gorduxa, que a tudo me dizia = callae-vos, senhor estur dio... = e que nessa noite, em que fui acompanha-la a casa da patrôa, ia teimosa, querendo por força walsar comigo pelo caminho.

— Com que então andas em namoricos com a tal Prudencia?

— Por em quanto forão somente preliminares... como secção prepa-

ratoria... porem a patrôa não a deixa sahir... e se teimar que a pôem fóra.

— Tornemos a Bouchenôt: talvez poderás tambem estar ao facto: de que elle vive ha mais de trez semanas!.. ha muito que deve ter dado cabo dos quarenta francos.

— Oh! de certo: esses poucos serião para os primeiros oito dias.

— De que modo pois terá elle arranjado dinheiro?

— Eu sei... salvo se... se a visinha, que parece estar encantada delle... quem sabe se, ainda em cima do *pão quotidiano*... lhe dará tambem o conducto!

— Nada! nada... essa ideia he triste... se julgasse que Bouchenôt tinha tão pouca delicadeza, nunca mais lhe fallava.

— Bem possivel he enganar-me... alem de que, tambem ella não pode ganhar grande cousa, pintando os taes monos.

— Emfim, vê se o encontras... isso não deve ser muito difficultoso,

visto dizeres que passa todo o seu tempo em casa da visinha. Indaga o, que faz... dize-lhe que Henrique ainda está á espera delle... depois annuncia lhe que a minha peça representa-se amanhã. Julgo que os seus novos amores não terão poder de o tornar indifferente ao triumpho e gloria d'hum amigo... dize-lhe que conto com elle, assim como comtigo... he a minha primeira producção... e, se o resultado for brilhante, abre-se me hum caminho glorioso e de interesse... ao mesmo tempo que, sahindo mal, esse caminho se me tornará muito mais difficil a percorrer: ahi tens dous logares de galeria... hum para ti, outro para elle.

— Que! só dous? precisava, pelo menos, de quatro.

— Tens pois a levar dous amigos, que ajudem a tua dedicação para comigo?

— De certo... Olha, Bouchenot ha de querer levar os amores.... e

eu, eu quero ver se consigo que Prudencia tambem vá.

— Ah! são duas mulheres, que pretendem levar... em vez de dous amigos, que ajudarião a applaudir!.. eis-ahi como se interessão no resultado da minha obra... Oh! os homens!... só pensão em seu proveito.

— Podes descançar... as duas hão de applaudir; e depois riem, chorão, e isso he demonstração bem publica do, que vale a peça... affianço-te que só nós, os quatro, faremos huma inferneira...

— Huma inferneira, meu amigo!... isso he perturbar o espectaculo... interrompe-lo... deitar-me a perder!

— Não te dê cuidado... he para que a tua peça seja corôada nas nuvens.

— Pois bem, eis-ahi os quatro bilhetes: ah! tomára ja ver passados estes dous dias!

— Não me estejas com esses sustos! ja d'aqui te affianço que a cou-

sa ha de sahir bem; e depois não estamos nós lá?

—Oh! sim! tu e elle, entretidos com as duas, haveis de demonstrar grande interesse á peça do vosso amigo!

—Hei de applaudir como hum surdo: ouvirás cada bérro!

—Não he isso o, que exijo... applaudir com moderação e a proposito: tracta principalmente que Boucheuot não entre lá, como costuma, fallando e imposturando em alta vóz, para se fazer notavel entre os espectadores.

—Não tem durida... elle não pode esquecer-se de que a peça he tua... não tenhas mêdo que seja capaz de lhe dar assovio.

—Oh! tambem a fallar a verdade somente isso he o, que me faltaria para ver!

—Disse isto, pois bem sabes quanto elle gosta de andar sempre assoviando... porem na representação da tua peça, oh! nada de susto: has de ficar contentissimo de nós. „

Tendo acabado de jantar, Thimoteo propoz-se a desempenhar a commissão, de que George o encarregára, e dirigio-se a casa de Celina, onde encontrou Bouchenot estendido n'hum velho camapé de palha, que lhe servia de marquezza, com os pés encostados a escarpa do fogão, e fumando gostoso hum charuto, em quanto á sua amante estava trabalhando na illuminação de estampas.

—"Oh! ahi temos Thimoteo!,, exclama Bouchenot, sem desarranjar se da posição, em que estava, a qual não deixava de ter algum tanto de oriental.

—"Sou eu mesmo... Boa tarde, mademoiselle Celina.

—Ora viva, senhor Thimoteo... com effeito, ja não ha quem vos veja!

—Ora! como haveis de me ver! nunca estaes em casa.... de que serviria eu vir?

—Não he isso tão exacto como dizeis... agora encontrastes-nos.

—Pois he hum acaso, de que muito me admiro.

— O' lá, amigo Thimoteo, então não tenho eu e ella o direito de ir passeiar... anda, dize... de irmos á *tuna* quando nos dér na vontade? sem licença tua não? „ diz Bouchenot, impellindo para a cara do amigo huma baforada de fumo.

— Não he isso o, que eu dizia!

—Ao menos ainda o mal não he tamanho!... valha-nos essa indulgencia.

— Nada tenho com essas cousas; agora sim o, que devo dizer-te como amigo, he que Henrique, tendo-te offerecido hum emprego em sua casa, está bastantemente admirado de não tornar mais a vêr-te, depois que todos quatro almoçámos juntos... acaso achaste outro logar de mais proveito?

— Parece-me que este, em que me vês, não he muito máo „ responde Bouchenot, ainda melhor estendendo as pernas.

—" Senhor Thimoteo (diz Celina)

peço-vos acrediteis que não sou eu quem tenha aconselhado a Bouchenot que não fosse occupar o logar, offerecido pelo seu amigo: antes pelo contrario, bastantes vezes lhe tenho perguntado porque não vae ver o senhor Henrique.

— Acredito no, que dizeis, mademoiselle... no entanto, se os meios de Bouchenot lhe permittem viver sem precisão de trabalhar...

— Ora, Thimoteo.... sabes que mais, ja estou *arreliado*, aborrecido, e enjoado, quasi a lançar fora dessas parvoices, que tens ahi estado a dizer (prorompe Bouchenot). Se vieste cá ésta tarde para fazer de mestre-eschola, e prégar me lições de bem viver, melhor sería que não te incommodasses.

— Não foi isso a que vim... nada me importa com a tua vida; mas para te annunciar que amanhã se representa a peça do nosso amigo George, e que sou portador de quatro bilhetes...

— Bravo! bravo! isso tem geito!

canta-me assim, filhinho, e verás com que attenção te ouvimos.

— Então he para amanhã? (diz Celina) bem bom! em que theatro se representa?

— No Vaudeville, mademoiselle.

— Tem muitos actos... muitos quadros essa peça?

— He só n'hum acto.

— Com effeito, fez bem *poucachito!*

— Talvez que fizesse de mais... murmura Bouchenot, como espriguiçando-se no camapé.

— Que te lembraste de dizer, Bouchenot?

— Nada.... foi hum *gracejito*.... Quantos logares trouxeste?

— Quatro para nós trez.

— Quatro para nós trez! (observa Celina) levaes alguem mais em nossa companhia?

— Não, mademoiselle... e quem teria eu que levar?... mas vós, se tivesseis alguem.... alguma amiga....

—Vamos, acaba com isso por huma vez, e não penses que vens fazer de nós tolos! (diz Bouchenot, rindo) *porque não disseste* logo a Celina que desejavas levasse ella Prudencia! Ah! meu *patarrão*.... Olha, sempre te digo que hes hum macaço sem rabo!... vaes acompanha la n'aquella noite, e nem ao menos lhe entraste no quarto... nem ao menos viste a mobilia!

—*Como havia de ser isso*, se ella entrou para a loja?

—Anda d'ahi, digo-te que hes hum *patarrão*. Se eu fôra sultão, ou algum pachá, fazia-te chefe dos eunucos do meu serralho.

—Julgaes então, minha visinha, que mademoiselle Prudencia poderá ir em nossa companhia ao theatro?

—Penso que será difficultoso, attendendo a que a patrôa não está muito contente com ella, por causa da ultima peça, que lhe pregou... que, a fallar a verdade, foi huma bestialidade da sua ignorancia.

—Pois a reboluda Prudencia tam-

bem prega peças á fanqueira? (diz Bouchenot) nunca me pareceu que a rapariga tivesse habilidade para essas cousas.

— Não vás agora pensar que he alguma cousa de honra: tem-me esquecido contar t'o: ora, a cousa he de fazer morrer a gente de riso.

— Contae-nos, pois, o, que he, minha visinha,, diz Thimoteo, sentando se ao pé de Celina; a qual larga os pinceis, e conta aos dous mancebos o seguinte:

— Primeiramente, para intelligencia desta historia, he preciso que saibaes, meus senhores, que a fanqueira, patrôa da nossa Prudencia, he mulher d'huma gordura enorme, que certamente não pesa menos de duzentos e trinta a duzentos e cincoenta arrateis. He destas mulheres, terror dos omnibus, e para as quaes he preciso fazer portas e cadeiras de gigantesca largura. Ha trez dias, madama Ballão (pois assim lhe chamão) tendo que tractar d'huma de-

pendencia em Versalhes, temendo não encontrar logar á hora, em que pretendia partir, mandou Prudencia logo ao amanhecer á estação, incumbindo-a de lhe tomar dous logares, para fazer a jornada indo mais a seu commodo. Prudencia voltou daquella commissão, dizendo á ama que lhe tomára dous bons logares, e que os pagára, para não serem dados a outra pessoa. A fanqueira chegou á estação quasi ao momento da partida da carruagem. O conductor estava chamando os viajantes para entrarem, e chamou por ella a ultima. — Aqui estou (diz a gorda matrona) porem vós deveis saber que tenho dous logares, e vejo dentro cinco pessoas. — Então que tem isso? (responde o conductor, examinando a lista) aqui dentro tendes *hum logar*, e *fóra*, *na rotunda*, outro... assim se tomárão os logares para vós.

— Ah! que mulher cavala! (exclama a gorda fanqueira): mandolhe tomar dous logares, para ir á

minha vontade, e não apertar os companheiros, e ella toma hum n'huma banda, e hum n'outra! „Todos os passageiros desatárão a rir da aventura, que succedia á boa mulher, porem nenhum quiz obsequia-la, passando para o logar da rotunda: deste modo foi a pobre mulher incommodada toda a viajem, não obstante pagar dous logares, dos quaes hum ia devoluto. Bem podeis julgar que á noite, voltando á casa, ella ensaboaria bem a cabeça a Prudencia, e por tudo isto e o mais dos autos duvido bastante de que lhe dê licença de ir ao theatro: porem no entanto não deixárei de ir pedir-lh'a.„

Bouchenot riô bastante com a historia de madama Ballão; mas Thimoteo procurou desculpar aquella nescedade, dizendo: —"Assim mesmo dou-lhe desculpa: se a fanqueira lhe tivesse bem explicado que os logares devião ser hum junto ao outro, a pobre rapariga não commetteria similhante engano.

— Acho essa defleza propria do amador, Thimoteo (diz-lhe Bouchenot) temos obrigação de procurar desculpa ás mulheres, de quem gostamos. Quanto a mim, ainda que ouvisse dizer a Celina meia duzia de tolices de nome, eu as sustentaria, como flores de apurado juizo. Porem isto he fallar... a minha Celina he hum ajuntamento de graças... de malicia, assim como de belleza... **Oh!** fada immortal, que me tens **preso** a tamanhos encantos!

— Ora vamos, Bouchenot... socegadinho.

— Nada... quero dar testimunho publico á face dos dous mundos do quanto tens em mim hum caxorrinho... quero abraçar-te!„

Em quanto Bouchenot a abraça, e continúa com as suas macaquices, que seguem taes preliminares, Thimoteo pega no chapeo, porque faz-se assim huma figura de tolo em ser terceiro, quando o primeiro e segundo estão tractando daquelles negocios; está a gente com a cara a

modo estirada; e ainda muito peior he quando a indicação se ventila sobre objecto, que intentámos captivar, e o não conseguimos.

—"Até amanhã .. (diz Thimoteo) virei ter comvosco pelas seis horas... Se mademoiselle Prudencia obtiver a licença, que esteja aqui a essa hora, e poderemos ir todos de companhia.

— Está tractado: adeos.„

O dia seguinte hera hum grande dia para George; só devidamente o avaluará como tal, conhecendo essa emmoção, essa receosa perturbação, essa impaciencia, que se experimenta no dia, em que o author espera ver pela primeira vez em scena a sua producção, quem tiver estado no mesmo caso. Para alguns authores, ésta crisis nervosa se reproduz em cada huma das suas primeras representações; para outros ja he como huma cousa, a que se habituão: huns fogem do theatro, em quanto se lhes representa a peça, sem corajem para assistir á derrota, ou ao

triumphe; outros, mais phylosophes, situão se na platéa, para melhor julgarem o effeito da sua obra, ficando passivos espectadores das palmas, ou pateada. Tambem se diz haver alguns, que alli vão para juntar-se aos, que lhe applaudem a peça; não consta porem ter havido hum que assovie, ou dê pateada á sua producção.

— Nesta noite a casa estava cheia; isto causa gosto, e ao mesmo tempo mêdo ao author: elle deseja muitas testimunhas do seu triumpho, mas, a possivel ser, poucas, ou nenhumas da sua derrota. Antes do começo, anda a espreitar pelos boracos praticados no panno de bocca, a ver se descobre caras conhecidas, amigos e favorecedores... nunca lhe parece que são de mais... ja quizera d'alli descobrir em todos os rostos a intenção do applauso, e disposições favoraveis; mas ainda o menor arruido ja o inquieta, e mesmo o rangir d'huma porta, abrindo, ou

fechando, se lhe assimelha sempre a hum assovio.

George foi para o theatro, ainda antes de se representar a peça, que precede a sua; e vae situar-se, espreitando pelo boraco do panno para observar o estado da enchente. N'hum camarote descobre Henrique sentado pela banda de traz d' huma senhora rapariga, que se mostra algum tanto confusa em estar sendo como hum ponto de observação para os oculos e lunetas: he Paulina Giraumont; huma senhora ja idosa a acompanha; Henrique offerecêra o camarote a ésta senhora com a qual algumas vezes se encontrava em casa da sua amante; e por hum extremo favor, o senhor Giraumont consentio que sua filha fosse ao espectaculo na companhia daquella senhora, que na verdade não declarou ao pae que o camarote lhe tinha sido dado por Henrique, nem que este mancebo alli as acompanharia; porque o velho negociante hera sempre o mesmo typo de severida-

de; e ainda que testimunhasse presentemente a Henrique maior benevolencia, e lhe franqueára sua casa para ahi vir algumas vezes, nem por isso os dous amantes tinhão mais que longiquas esperanças. Hera pois huma grande ventura para ambos poder passar huma noite ao pé hum do outro, sem estarem expostos aos olhos dos indagadores e importunos. Para elles, o espectaculo, bem o podemos julgar, será sempre encantador, a peça, por má que seja, lhes parecerá linda e curta... ah! verão o fim com pesar!... mas então pergunte-se-lhes o, que virão, que de certo não poderáõ responder.

—"Bom... alli tenho hum amigo,, diz comsigo George; e percorrendo com os olhos a extenção da galeria, o joven author não tarda em descobrir Thimoteo e Bouchenot; perto d'elles estava mademoiselle Celina, adornada com hum chapeo côr de rosa, o qual dava áquelle rosto azougado huma expressão quasi rascavel: com o trajo de-

cente e modesto, em que se apresentára, ninguem téria adivinhado que hera Celina ... a illuminadora de estampas. Ao lado desta via-se huma figura de mulher mui impertigada, alta e cheia de carnes, com as faces mui encarniçadas, com o cabello penteado á chineza, e grandes argollões sobre cada fonte.

Hera mademoiselle Prudencia que, pelos peditorios de Celina a madama Ballão, conseguíra vir ao espectaculo, a qual estava como estupefacta, e, como se lá diz, não tendo olhos bastantes para ver em de redor de si, pois hera a primeira vez que ia a hum theatro destes.

Thimoteo, como amantarrão, ainda somente nos preliminares, dirigia de tempo a tempo alguma palavrinha ao seu encanto, o qual sempre lhe respondia de modo que sufficientemente provava não o ter percebido.

—" Lá estão tambem aquelles (diz comsigo George) espero que farão todo o possivel para arredar a

minha peça dos caxopos!... Oh! n' elles estou bem certo... Ah! quem poderá ver, em tantos espectadores, somente amigos, cheios de tão boa vontade em me ajudarem, e solicitos, como elles, no meu triumpho!.. só de tal forma estaria inteiramente socegado. „

Durante a representação da peça, que precedia a de George, completou-se a enchente da casa, excepto alguns camarotes, que ainda não estavão occupados, mas que o forão depois. Bouchenot ergue se de tempo a tempo, e affirma se para os camarotes, não podendo resistir ao máo costume de fazer, em vóz alta, as suas reflexões.

—"A casa está boa!.. a enchente he completa!... e então boa gente! Bem guarnecidos estão os camarotes... oh! n'hum daquelles dá vejo huma pequena, que não he asneira!.. aquella cara não me he desconhecida.... Celina, para que me belisoas assim!.. esses movimentos ciosos, querida amiguinha.... vem

inteiramente fóra de proposito. O* cara, deves bem julgar que, antes de te conhecer, não andava escondido, ou embrulhado em folhas de papel, como os queijinhos de Neufchatel. Oh! aquella, que está ao lado do proscenio... não tem duvida he Elvina!... diabo de rapariga!

— E quem he essa Elvina, mensenhor?

— He huma figurante da Opera.

— Vê-se bem que tendes conhecido tudo, quanto ha em Pariz!

— Oh! tudo não!... mas tenho espalhado a vidinha por muita parte. Porem issto he insupportavel! quando começaráõ a peça? tamanhos intervallos he cousa bem terrivel!„

Thimoteo olha para Bouchenot, e diz-lhe em vóz baixa:

— "Porventura terás tenção de fazer aqui de terrivel?

— Oh! nada! quem se lembra de tal! porem eu tenho liberdade

de dizer que os intervallos são longos de mais... assim tambem forçosamente o povo se aborrece de tanto esperar.

— Pois que o digão outros: nós não o devemos fazer.

— Sempre hes grande asneirão!.. desse modo, não poderei tossir, escarrar, ou assoar-me, porque he a peça de George? Oh! lá está Henrique... alli... alli naquelle camarote: está penando ao pé d'hum bom peixe... ah! caxorrão!

— Não continues a fallar tão alto, Bouchenot, que estão todos a fazer reparo em ti.

— Olha que sempre hes hum tal aborrecido... entretem-te lá com o teu peixão, ou compra-lhe alguma guloseima, para o adoçar.... Sabes quem será a moça, com quem Henrique está chorando a *pitanga*?

— Provavelmente ha de ser a menina, de que nos fallou... essa, com quem tenciona casar.

— He boccado appetitoso! antes queria que ella me mordesse, doque

huma pulga!.. Ai! ó Celina isso hé de mais! olha que me ficão nódoas negras na carne... Ora se ha! beliscar-me por similhante modo!... Ainda bem... desta vae o panno a cima: pois ja hera tempo!

— Querida Paulina, quanto sou feliz ésta noite!.. ah! que pena não ter o poder de prolongar as peças, que se representão, para maior fazer a minha ventura!„ diz Henrique, fallando com a joven, que está sentada na sua frente, mas fallando em vóz mui baixa, e algum tanto curvado para deante: Paulina está meia voltada, e póde olhar ternamente para o mancebo, ao mesmo tempo que balbucía:

— "Oh! eu... eu tambem mui satisfeita estou... *nunca estive tão contente em espectaculos!*

— E foi a peça, que acabastes de ver representar, que tal gosto vos deu?„

A joven surrio, baixou os olhos, e suspirou ao mesmo tempo que murmura:

—"A peça... que sei eu de tudo, quanto se representou? de nada me lembro.

—Querida Paulina... quando virá o dia, em que livremente possa entreter-vos da minha ternura, repetindo vos a cada instante quanto vos adoro! Ah! quando poderei achar graça em vosso pae, e resolvê lo a consentir em unir nos!?

— Esperemos... esperemos!

—Ah! eu poderia esperar, sem queixar-me, se podesse, como ésta noite, estar sempre junto de vós!

— Mademoiselle Prudencia, bem podeis chegar-vos mais para ao pé de mim (diz lhe Thimoteo) quanto mais vos chegardes melhor estareis...

—Obrigado, senhor Thimoteo, obrigado: assim estamos ás mil maravilhas!

—Gostaes de estar aqui... neste theatro?

— Parece-me que sim...; só fui ao

dos bonequinhos, e aos Funambulos.

— Pois eu agora... contemplo-me como hum homem, que fosse ao Jordão, e passasse a pé enxuto... tão satisfeito estou de me achar na vossa companhia, mademoiselle... adverti que outra cousa mais não faço, doque pensar em vós desde que tive o gosto de ir acompanhar-vos n'aquella noite.

— Ah! sim, bem me lembra; por signal que cheguei a casa bem enlameada!... ah! Deos meu! levava *chocas* até acima do joelho.... por dentro...

— E ainda vos lembrareis do... que eu vos ia dizendo pelo caminho.

— Nada... nada mesmo: tudo forão como palavras deitadas n'hum cesto, sem fundo: de nada me lembro.

— Pois disse-vos, mademoiselle... disse vos... que muito e muito me contaria por feliz, se fizesse nascer no vosso coração hum sentimento...

— O' senhor, tomae cuidado, olhae que me déstes huma pisadella, que me ficou o pé a chiar!

— Peço desculpa, mademoiselle... foi sem querer.... Disse-vos então que me contaria por feliz... muito feliz, e muito venturoso, se podesse fazer nascer em vosso coração huma faisca do fogo, que esse bellos olhos...

— Oh! bom! ahi vem os musicos para dentro! Agora começa isto de novo, não?

— Sim... mademoiselle.,,

Hera desta forma que os trez amigos de George estavão dispostos para applaudir a sua peça. Henrique inteiramente possuido de estar junto á sua Paulina, Thimoteo trabalhando com a ideia para assestar as baterias amorosas, com que pretendia combater a praça; e Bouchenot não perdendo hum dos seus ditos, e disposto para tudo, menos para dar a menor attenção á peça do seu amigo. E George contava com elles! Ah! em taes occasiões

mais valioso favor recebe o pobre author daquelles, que não conhece, nem o conhecem, porem que, sendo homens de recta imparcialidade, formão elles, sem haver precedido o menor ajuste, o respeitavel Jury, ou juizo publico, de que resulta ser a peça tida por boa: ora, depois deste esboço, affadigue se o author em procurar amigos, e dar lhes bilhetes!...

Emfim, da extremidade do panno se dá o signal para o começo da peça de George; e ja hera tempo, porque Bouchenot estava impaciente, e batia com os pés, ao mesmo tempo gritando contra a extensão do intervallo; mas, ao ouvir-se o signal, todos se sentão, e o socego renasce com a expectativa: sobe o panno, e cada hum se dispoem a ver e ouvir.

Durante a primeira scena, Bouchenot volta se muito a meudo, olhando para huma mulher, que na verdade he galante, e está n'hum camarote, ao pé de outro, ainda

sem espectadores: Celina, a quem as distracções de Bouchenot muito impacientão, continúa, dando-lhe fortes beliscões, ao mesmo tempo que lhe diz:

—" Acabareis por huma vez de estar a olhar para essa peralta? „

Bouchenot mostra doer se dos beliscões, dando ainda, não em tom muito alto, alguns ais, que, attento o silencio, com que os espectadores estão, os interrompe, resultando logo varias vozes gritarem — silencio! — no entanto, Thimoteo diz para Prudencia:

—" E'sta scena he bem comprida!... demora se tanto...

—Oh! eu não tenho pressa. „ responde ella.

—" Todo o dialogo he frio! „ diz Bouchenot em vóz, bem facil de ser ouvida pelas vinte pessoas mais proximas:" precisa fazer lhe córtes.

—Queres callar-te? „ o adverte Thimoteo.

—Eu digo isto aqui entre nós... e de mais, sou senhor de emittir a minha opinião. „

Todavia, a peça continúa correndo bem, e vista pelos espectadores com attenção, pelo interesse, que encerra: he então que entra gente no camarote, ainda desoccupado, por de traz de Bouchenot. A' bulha, que fazem os novos chegados, puxando os bancos, e sentando se, o publico se impacienta d'aquella perturbação; e Bouchenot, querendo em todas as cousas tomar a iniciativa, e fazer que o olhem com interesse, grita: — "Silencio... vamos... nada de bulha!,, porem isto em vóz, capaz de aturdir toda a casa.

Entre as pessoas, que acabão de entrar no camarote, está hum homem, assim ao parecer de quarenta annos, feições varonis, bem pronunciadas, a tez morena, e espeça encabelladura: huma especie de *cicia-dura* bem pronunciada na falla, e reconhecereis nelle hum habitante das provincias meridionaes. O seu trajo annuncia a oppulencia, e nas suas maneiras demonstra ser pes-

soa costumada ás convivencias no grande mundo.

Este senhor acabava de sentar-se á frente do camarote, quando Bouchenot, voltando-se, olhou para elle. Ambos se encarárão por algum tempo, e huma expressão de surpreza se derramou pelo rosto do desconhecido; no de Bouchenot se exprimia a do susto e terror: tornou-se pállido, tremulo; e depois, voltando emfim a cabeça, dá-se pressa em pegar no chapeo, levanta-se, e salta pelos bancos, estontado, como se fugíra, causando geral murmurio em todos, que achão bem extraordinario haver quem saiha assim no meio do espectaculo.

—" Onde he que ides? ,, lhe perguntára Celina, vendo o levantar-se.

—Vou me...

—Que! pois ides-vos quando a peça está em meio?

—Sim, estou indisposto... preciso sahir para tomar hum pouco de ar.

— Mas esperae... isso ha de passar.... tenho aqui humas pastilhas de hortelã-pimenta.... e tornaes ja? .. „

De todos os lados se ouve:

— "Esse senhor que se assente!

— Então acommoda-se?

— Silencio na galeria!

— Eu quero sahir, porque estou indisposto... „

E, dizendo isto, Bouchenot abre caminho atravéz de todos, e, sem se atrever a voltar a cabeça para ver o homem recentemente chegado ao camarote, empurra huns, acotovella outros, e, saltando de hum para outro banco, assim consegue sahir da galeria.

— "Ahi vae hum bom apreciador d'espectaculos! „ diz hum sugeito, que estava sentado ao pé do logar, que Bouchenot deixou: "mas ao menos ainda bem que tomou a resolução de se ir embora, que poderemos gosar melhor da peça nova. „

Porem este reflexionador muito

se enganára, pensando não ver mais perturbada a sua attenção; porque, ainda bem não são passados cinco minutos que Celina, cheia do maior cuidado, ja não tem gosto em estar alli: levanta-se tambem, e como fallando comsigo:

— "E elle sem tornar!... valha-me Deos!.. Nada, que me importa a mim com o espectaculo? he preciso que eu vá ver o que elle tem... Meus senhores, dae-me licença... deixem-me passar: minhas senhoras, desculpae, mas tenho que sahir...

— Ora que tal! isto he de mais!

— Porque não sahistes ao mesmo tempo que esse senhor?,,

Porem Celina, nenhum caso fazendo destas observações, atravessa pelas turmas, pisando huns çapatos acatitados, a guarnição d'hum vestido; e, carregada com as pragas e sarcasmos, chega finalmente á porta da galeria.

Ainda bem o murmurio, que a sahida de Celina causára, não es-

tava extincto, quando Prudencia, que tão attenta estava para a representação, que não déra pela partida da sua amiga, voltando-se agora, e não a vendo ao pé de si, solta hum grito de surpreza, exclamando:

— "Ui! que he isto! que foi feito de Celina! como se sumio?"

— Sio! sio! — Callem-se! — Silencio! — Fóra! „ eis o grito, que sôa de todos os lados.

— He cousa que sahio, e não tardará em voltar... „ lhe observa Thimoteo em vóz baixa.

— "Porem quero saber o que he feito della... pois então, ai Deos!.. foi sem mim?

— Talvez se achasse indisposta.

— E o senhor aposto que pensa... julga que serei capaz de a deixar estar doente sem mim! ora essa vinha a tempo!... isso não he capaz de fazer Prudencia Flambard... vou á *cata* della...

— Mas socegae.... deixae-vos estar: acabada a peça, logo sahiremos...

— Qual peça, nem *peços*... nada, nada... vou aonde ella está: estimo a Celina muito mais, doque éstas comedias, das quaes nada entendo... cá vou „

E mademoiselle Prudencia toma o mesmo caminho, que a sua amiga; Thimoteo, receiando que ella se perca n'hum theatro, onde nunca veio, decide-se a acompanha-la, sahindo ao mesmo tempo, acompanhados dos murmurios, e queixas de todos, a quem este movimento continuo de perturbação, causado pelos quatro, tem indisposto; em modo que o espectaculo foi por alguns instantes interrompido, e os actores obrigados a recomeçarem huma scena inteira.

E no entanto Henrique e Paulina occupavão-se tão somente em olhar hum para o outro, expressando assim na linguagem muda quanto suas almas sentião, alheios inteiramente a outro qualquer pensamento, sem tomar o menor in-

teresse, nem ao menos olharem para o, que se representava.

Apesar de tudo isto, a peça de George mereceu geral applauso.

— " Pois deveis ficar certo de que havia huma terrivel conjuração, formada contra a vossa peça..... ainda por diversas formas se demonstrou, e quiz rebentar!„ disserão os actores ao joven escriptor, depois da representação; ao que elle respondeu:

— " Bem a percebi... ainda por vezes o rumor quiz dar principio... mas felizmente eu tinha entre os espectadores fieis amigos, que muito concorrerão para servir de amparo á minha peça.„

CAPITULO V.

Puteaux, Saint-Ouen e Montmartre.

Bouchenot sahira, ou melhor diremos, fugira do espectaculo, como hum doudo, e correndo a bom correr pelas ruas, nem que fôra perseguido. Chegando á escada commum, lembrou-se de que tinha na algibeira a chave do quarto da illuminadora de estampas, para ahi entrou, fechou-se muito bem por dentro, e depois foi deitar-se, mettendo a cabeça debaixo da roupa, e dizendo comsigo: —"Agora Deos queira que elle não venha aqui mesmo perseguir-me... pois que hera elle... oh! isso não tem a menor duvida!...

muito bem o conheci, e estou certo de que elle, quando tanto se affirmou em mim, foi porque igualmente me conheceu.„

Celina andou primeiro procurando o seu amante em todos os corredores do edificio; perguntou ás bilheteiras e arrumadores, e todos lhe respondêrão em modo, que não poude orientar-se; concluindo tão somente que elle não estava alli. Celina resolveo se pois a sahir do theatro, mas ainda assim, não desanoroçoando de o encontrar nas immediações: vã porem foi a sua esperança, e depois de perdida ésta, dirigio-se para sua casa, e dando a andar apressada, para se livrar de varios grupos de mancebos, que lhe dirigião dictos e finezas desses, com que de noite se mimoseião as mulheres, que se encontrão a sós pelas ruas.

Emfim chega á porta de seu quarto, e, persuadida de que Bouchenot ahi estará, bate, porem não recebe resposta; e então, observando que

dentro não ha luz, diz comsigo: — "Nada, he cousa que não veio para casa!.. mas o peior he que elle tem comsigo a minha chave, e asim não sei como isto ha de ser! Ora ésta! (acrescenta ella em vóz alta) não sei o que faça.... se o procure.... mas onde hei de ir procura-lo a simi-lhante hora?... ,,

E'sta queixa de Celina, sendo presentida de dentro, fez que Bouchenot perguntasse quem estava alli.

—"Ora Deos te ajude! sou eu... anda, abre, que ja estou exasperada de batter tanto.

— E porque não disseste logo que heras tu? ,, lhe responde Bouchenot, abrindo a porta.

— Que he então isto! tens mêdo de que venhão cá os ladrões (diz Celina, entrando em sua casa). Agora sempre quero me digas o motivo, que te obrigou a deixar tão repentina e estavanadamente o espectaculo?... parecias-me hum foguete!

que diabo de mosca foi a, que te mordeu?

— Humas dores neufriticas, que me arrepanhavão a barriga...

— O caso he singular!.. logo dores de barriga n'huma occasião tal... e agora como te sentes?

— Agora.... muito melhor me sinto.

— Queres que vá fazer-te huma gota de chá?

— Não, mas... eu sei!... faze o, que te parecer...

— Ora vejão, parece que o diabo assim a armou!.. huma comedia, a que eu tinha tantos desejos de ver o fim...

— Aquillo não valia dous caracóes: he mui natural que morresse de gosma, e a éstas horas esteja enterrada.

— Quem sabe!... e como podes tu fazer tal ideia, se apenas lhe viste o principio?... não valeu a pena de termos sahido de casa!

— Celina, tenho estado a fazer reparo nessas tuas reflexões, e vejo

que são bem desconchavadas. Não será cousa mui natural ser hum homem atacado repentinamente de dores de barriga... de crespatura... mesmo d'hum volvo! para ti será cousa pouca, mas Deos não dê disto nem aos meus inimigos. Isto são acontecimentos imprevistos que podem chegar aos reis, assim como aos pastores.

— Tens rasão... vou fazer te o chá.„

Celina acende lume, põe agua, e dentro em pouco tem a bebida prompta para calmar as dores de barriga do seu amante: neste instante sentem bater fortemente na porta.

—" Não abras! não respondas!„ lhe diz logo Bouchenot, com a vóz alterada, e olhando para a porta mui aterrorado.

— Porque he isso?„ lhe pergunta Celina, sem atinar com o motivo daquelle susto.

— Ora porque?... isso não he da tua conta.... calla-te.... não te mêxas...„

Celina continuava, olhando-o na mesma estupefacção, quando huma vóz grossa se fez ouvir no patamar:

—"Celina... estás cá?... se não estás dize-o logo!

—Oh! he Prudencia,, exclama Celina, correndo a abrir-lhe a porta: Bouchenot torna a enroscar-se na cama, vergonhoso do seu mêdo.

Hera com effeito Prudencia, acompanhada de Thimoteo, que logo a alcançára antes della sahir do theatro, e cuidadosos vinhão para saber a causa da partida precipitada de Bouchenot e de Celina.

—"Foi este senhor, que se lembrou de ter dores de barriga (diz ella, rindo) e o que ha ainda de mais galante he que o homem está mesmo hum maricas, cheio de mêdo, e tremendo, como huma lebre... não queria que eu abrisse a porta, e nem ao menos perguntasse quem battia!

—Menina, isto são effeitos do

nervoso..., (responde Bouchenot, zangado) se tivesseis estudado medecina, ficariéis sabendo que não está em nossa mão supprimir taes movimentos. Oh! e a peça de George cahio, ou foi acima?

— E nós sabemo lo? (responde Thimoteo) Mademoiselle Prudencia logo que deu pela falta da sua amiga, não quiz lá ficar mais hum minuto.... eu ainda lhe observei que esperasse até ao fim.... creio, estando eu alli, que estava bem acompanhada.

— Eu não tinha mêdo... pois eu tinha cá mêdo, senhor!.. queria saber o, que hera feito de Celina. Depois disso, eu não sou dessas, que se entretem com as taes comedias; eu nenhuma graça lhe achei.... herão huns a fallar com os outros... lá de *cousas suas... cousas, que não me* pertencião: muito mais bonito he nos bonecos, ou nos Funambulos! Adeos, Celina, vou para casa... d' ésta vez não dirá a patrôa que me

demorei muito, ou que fui para casa fóra de horas.

— Pois eu quero ter o gosto de ir acompanhar-vos, mademoiselle,, lhe diz Thimoteo.

— Isso he muita bondade, meu senhor... Olha lá, ó Celma, daqui a quatro dias he a festa.... temos todo o dia por nosso... queres que vamos dar hum passeio? Agora he bom tempo, e o campo deve estar bonito... ai! e eu, que tanto gósto do verde!

— N'esse caso, desde ja peço a permissão de ir na companhia (diz Thimoteo) he domingo, e tambem estou liberto: terei muito gosto em respirar os ares do campo... *Orus! quando te aspiciam?*

— Então quereis ir lá procurar *aspides?*,, diz Prudencia, olhando para Thimoteo, com hum modo estupido.

— Não, mademoiselle.... quero deleitar a alma com o esmaltado do campo... com o verdejante dos prados... alegra-la com as papoulas

de entre os trigos.... emfim, como dizeis, admirar os *verdes*, de que tambem muito gósto.

— Eu tambem sou apaixonada de ver essas cousas (diz Celina) e se este meu senhor não tiver para então dores de barriga...

— Não, não... isto he cousa passageira: iremos fazer essa passeata todos quatro.

— E procuraremos melhor divertir-nos, *doque ésta noite* (diz Celina). Ja vêem que está a funcçanata arranjada: vinde aqui ter ao *meio dia*, que *estaremos* promptos.,,

Thimoteo parte, acompanhando mademoiselle Prudencia, que deixa á porta da patrôa, cortejando-a, e despedindo-se d'ella com o maior respeito; e depois volta para casa, onde, ao entrar, se encontra com George, o qual ao mesmo tempo subia a escada, cantando e pulando: assim que reconhece Thimoteo, salta lhe ao pescoço, e abraçando-o, como hum louco, diz-lhe:

—" Ah! meu amigo!... abraça-me.... em?... então que me dizes?„

Thimoteo coça os ouvidos, sem atinar como responda ao amigo, pois não se atreve a confessar-lhe ter largado do theatro, antes de se acabar a representação da sua peça; mas o author está tão satisfeito, que não repara naquella hesitação, nem lhe dá tempo para responder, replicando:

—" Que triumpho, meu amigo! que resultado tão feliz!.. Apesar da cabala, que estava formada, e que por vezes ainda ameaçou trovejar... mas a peça triumphou! em? que te parece?

—Oh! muito boa!...

—Gostaste... parece-te que as scenas herão de effeito?

—D'hum maravilhoso effeito.. eu gostei muito: assim mesmo desejarei ainda vê-la mais outra vez.

—Tantas, quantas quizeres, meu amigo... Oh! Bouchenot, a visinha tambem gostárão?

— Affianço-te que estão no mesmo caso.... gostárão tanto, como eu.

— Corro a dar-lhes hum abraço...

— Mas Bouchenot veio adoentado...

— Que importa?... ora.... os meus bons amigos.... amigos, que tanto concorrêrão para a minha gloria.... nada mais justo, doque testimunhar-lhes o meu agradecimento.„

E George vae bater á porta da visinha, do que resulta novo susto a Bouchenot; mas ja do patamar lhes grita, possuido do seu triumpho, e então, franqueada a entrada, entra como hum louco, lança-se ao pescoço de Celina e do seu amigo, agradece-lhes a grande parte, que tiverão nesta facção, pergunta lhes se gostárão, e como lhes pareceu a sua peça; mas sem dar-lhes tempo para responder, porque hum author, que acaba de ganhar similhante triumpho, tem necessidade de fal-

lar muito, dilatar o seu gosto, até de mexer-se e agitar-se, visto que tambem não lhe he possivel resistir ao movimento continuo, que o impede de estar hum minuto parado. He tambem por ésta rasão que logo, hum momento depois, elle parte d'aqui, torna a descer a escada, corre a hum caffé, e ávidamente percorre os periodicos da tarde, como illudindo-se de que ja possão trazer o juizo do redactor, feito á sua peça.

Depois de George ter partido, Bouchenot, mais socegado, podendo finalmente pensar em todos os accontecimentos desta noite, diz comsigo:

—"Sempre sou bem asno! por que rasão hei de ter mêdo daquelle homem?... elle he que o deve ter de mim... apesar de não ter faltado ao juramento, que lhe fiz.. Mas, conhecendo o no camarote, não pude ser senhor de mim... Não! elle tem huma cara bem caracterisada... e depois, com aquella altura!...

Entre mil vou reconhece-lo á primeira vista! Tambem reparei que, ao vêr me, ficou surprehendido.... porem isso não me admira; vio-me então vestido de mui diversa maneira: nessa occasião talvez julgasse que eu hera algum desgraçado... algum vagamundo! Emfim não posso contrafazer me... tenho mêdo do homem .. receio que se descubra conhecê lo eu, e, succedendo assim, necessariamente ficarei compromettido: no entanto devo ter conta em mim... absterme de todas essas tolas demonstrações, que bem poderão dar logar a suspeitas. Porque ha huma rasão, e rasão muito forte: eu guardei os cem escudos .... até mesmo ja os gastei em comes e bebes.. tenho de resto apenas huns vinte francos.... Quando gastar o ultimo, e isso não tarda!... então irei procurar o amigo Henrique para me accommodar no emprego promettido... que remedio!... a gente precisa tomar vida.„

Não tendo tido consequencias a indisposição, de que Bouchenot se queixára, e nada se oppondo á funeçanata, arranjada para no domingo seguinte irem ao campo, todos tractarão do arranjo preciso: até o dia raiou puro, radioso, e meigo, como huma creança, que, acompanhada da innocencia, vae dar os parabens á mamã no dia dos seus annos.

Hera no principio de Maio; e em tal estação os bellos dias parecem ainda muito mais bellos, o verdejante dos campos mais encanta, e o mesmo calor deleita: será talvez ésta ideia feita pelo ente humano; porque tudo está então no seu primor, e, como diz Bernardin de Saint-Pierre, os primores são sempre agradaveis.

Celina trajando, como de verão, hum vestido de riscadinho, côr de rosa, feito no ultimo gosto e moda, hum simples chalé de seda, e o chapeo de palha, só enfeitado com hum laço de fita, parece huma outra mulher: aquelles simplices atavios

tornão a grisette como senhora interessante para ir passeiar ao campo.

Mademoiselle Prudencia tambem se esmerou em trajar o melhor, que tinha: trazia hum vestido de chita de ramagem, com grandes ramalhetes de flores, estampadas com cores vivissimas: bem se vê ser apaixonada de cousas perceptiveis de longe; assim como gosta das toucas, agora traz huma tão pequena, que ainda maior lhe faz o rosto, parecendo mais bochexudo, ou inchado.

Comparando pois o bem feito, airoso, e engraçado de Celia com a gordolhuda Prudencia, o nosso Thimoteo não pode recusar-se a dar a palma aquella; porem, como ja não está no caso de poder ser preferido por ella, quer, ao menos, segurar a conquista da aprendiz fanqueira: por tanto lisonjea-se de que neste passeio campestre achará alguma occasião de a sós com ella poder aproveitar se, para lhe fazer huma confissão do seu amor em

forma, e com os termos proprios.

— "Vamos lá, digão d'ahi: que lhes pareço eu? que tal? (diz Prudencia, assim que chega a casa de Celina) he bonito o meu vestido? hera toda a gente ahi por essas ruas a olhar para mim...

— Creio, creio .. (responde Bouchenot) pareceis-me hum *ramalhetão* ambulante.

— Ao menos, vê-se bem de longe„ observa Celina.

— Gósto das cousas assim... oh! e ésta touca?... não está bem bonita?... não me fica tão bem?

— Oh! ás mil maravilhas! (responde Bouchenot) faz que pareceis de dobrada gordura: se eu algum dia estiver doente, mando fazer logo huma assim para trazer na convalescença.

— O tal senhor *Bouchetrot* tambem he de criticas?!... „ responde mademoiselle Prudencia, mirando-se ao espelho.

— Mademoiselle, antes quero outra cousa, doque errarem-me o nome:

chamo-me Bouchenot... aprendei com a vossa amiga a pronuncia-lo em termos.

— Valha-me Deos... não vos admireis, que isto em mim he costume trocar todos os nomes: a respeito d'isso, succedeu-me ultimamente huma cousa bem engraçada. Huma das freguezas, que lá vae á loja... e tem ella seus ares de senhora... chama-se madama Catafarreira, e eu disse á patrôa — aqui está madama Cá-da-trazeira — ella encolerisou-se, e sahio da loja muito zangada, dizendo que lh'o fazião de proposito, e por isso nunca mais alli viria comprar.... Como se isto d'appelidos tivesse a gente d'obrigação ficarem-lhe na memoria!

— Agora não se tracta d'essas cousas (observa Thimoteo) consultemos para onde he que nos destinamos: isto seja agora, antes de sahir, para não andarmos depois pelas ruas, sem saber para que lado vamos.

— Thimoteo fallou como doutor,

que ha de ser (responde Bouchenot) bem se vê que havia de envergonhar-se muito de andarmos pelas ruas, como hum navio sem rumo... Vamos, minhas meninas, onde pretendeis levar nos?

—Vamos almoçar a Puteaux (diz Celina) ahi ha sempre coelho ensopado, muito bem feito; depois iremos comer a caldeirada a Saint-Ouen, e de tardinha a Montmartre a beber leite.

—O prospecto não esta mal arranjado (diz Bouchenot) auguro que passaremos hum alegre dia, e por tanto appoio a indicação.

—Partamos (diz Thimoteo) entraremos no omnibus, e de correspondencia em correspondencia chegaremos a Puteaux...

Assim decidido, Bouchenot dá o braço a Celina, a qual, encantada d'amor, do gosto do passeio, parece apenas tocar os pés no terreno. Mademoiselle Prudencia, muito mais pesada, anda mais pausada, encosta se a derrear o braço de Thimoteo,

e dá mais attenção a livrar o vestido da lama, que aos discursos, que lhe dirige o braceiro.

Dentro em pouco chegão a huma praça de fiacres; Bouchenot exclama:

— Ora, meus irmãos, ir-mos n' hum omnibus he mesquinhez bem ridicula; vamos antes n'hum fiacre.

— Porem o fiacre só nos levará até á bagreira (observa Thimoteo) he verdade que, dobrando a carreira, levar nos hia a Courbevoie, mas bem vês quanto mais caro he que o omnibus...

— E que tens tu com isso?... já estás a tremer pela algibeira? descança, filhinho, descança, que eu sou quem pago.

— Mas aonde diabo vaes tu buscar dinheiro para assim arrotares, e fazeres de milord?, lhe diz Celina em vóz baixa.

— E eu não te disse já que hera hum dinheirito de certa contínha antiga, que nos devião? Porem não terás muitos mais dias para me fa-

zeres tal observação, pois os fundos estão acabados: hoje gasto até ao ultimo sou, e amanhã vou para casa d'Henrique occupar o logar, que me offereceu... Este dia porem seja dado ainda ao prazer, á loucura!.. empregue-mo-lo bem... Vamos, raparigas, vamos no fiacre: não somos menos, doque as outras gentes.,,

Todos pois sobem a hum fiacre; mademoiselle Prudencia não cabe em si de ir desta forma, e he ésta a segunda vez que tal lhe succede, sendo a primeira quando veio de Poissy a Pariz: vae todo o caminho com a cabeça de fora do postigo, o que zanga bastante o senhor Thimoteo, visto não poder assim dirigir-lhe os seus interessantes discursos.

Chegados á ponte de Neuilly, apeião-se; cada braceiro retomou a sua dama, e encaminhão se alegremente para Puteaux, local bem agradavel, quando não faz sol, mas onde não aconselharemos a qualquer christão ir passeiar no verão, pois

difficilmente encontrará hum boccado de sombra.

— O, que eu vejo, he a raridade de arvores n'esta terra ,, observa Thimoteo: " gósto dos campos, onde ha mattas, pinhaes, arvoredos bem copados... oh! isso he de encantar! não concordaes comigo, mademoiselle Prudencia?

— Campos... sombra... eu agora de que mais gostaria hera de almoçar (responde ella) olhem que he verdade... estou com fome!

— Approvo esse desejo (diz Bouchenot) tanto porque o passeio parece-me pouco assombrado, como ja observou Thimoteo. Safa! o sol está de crestar!... que mania foi ésta, minha Celina, em quereres vir aqui?

— Porque em Puteaux se faz mui bem feito o coelho.

— Ora, minha querida, por todos os arredores de Pariz he assim: coelho e vacca assada he sempre o guisado permanente. Emfim vamos verificar se acaso se fazem aqui mais

bem feitos, e então não teremos rasão para nos queixarmos da falta de arvores.

Os dous pares entrão n'huma casa de comer, e ordenão que lhes tragão o almoço: a este annuncio tudo entra em movimento. O domno da casa ja está na cosinha dando ordens, fazendo chegar o lume, mandando pôr e tirar cassarolas; e ésta celebridade de serviço mais se augmenta, ouvindo a Bouchenot pronunciar em alta vóz as palavras magicas:

— "Vamos... aviem-se; almoço depressa... de tudo, quanto houver melhor, e custe o que custar."

Todavia, apesar de toda a asafama, em que andárão d'huma a outra parte o domno da casa, os moços, creadas e o cosinheiro, para satisfazer a companhia, o almoço não satisfez a expectativa: as costelletas estão duras e o coelho encortiçado, como perdiz fresca.

Bouchenot blasfema; Thimoteo

faz de quando em quando huma careta, Celina não pouco zangada por ser causa de virem alli: só Prudencia nada dizia, e comia de tão boa vontade, como se os guisados fossem os mais exquisitos, ao mesmo tempo dizendo:

— "Ora vamos, debiquem... eu cá por mim não acho isto tão máo, *como ahi estão dizendo*... com vontade tudo se come.

— E, segundo parece, trazieis la afiada,, diz Thimoteo.

— Paguemos, e vamos passeiar,, diz Bucheport.

— Sim, sim; vamos apanhar papoulas *e florinhas azues*,, diz Celina.

— Pois vá lá... (diz Prudencia) mas depois quero que me mostrem a *folha do avesso*, pois as companheiras disserão me ser cousa muito digna de se ver: até muito me recommendárão não me esquecesse, huma vez que vinha passeiar ao campo."

Os dous mancebos desatárão a rir,

em quanto Celina, acotovellando-a, lhe diz a meia vóz:

— "Hera melhor que n'algumas occasiões cozesses a bocca, para não dizeres tanta asneirada.

— Então que asneirada foi a que eu disse?

— Ora, huma, e bem grande, que ninguem diz, ao menos deante de homens.

— Pois será asneira pedir que me mostrassem a folha do avesso?...

— He, e muito grande.

— Mas todas lá em casa me disserão isto.

— Ja conhecem que hes tola, e quizerão escarnecer-te.

— Porem eu não sei onde esteja aqui a asneira?.. ao menos explica-m'o.

— Não preciso dar-te essas explicações... não tardará em saberes o, que isso he.„

Sahírão d'aqui, pozerão se a caminho, mas o sol continúa a assalos: resolvem então deixar Puteaux,

e irem immediatamente para Saint-Ouen.

O passeio faz-se alegremente, ainda que Thimoteo vae descontente, por não encontrar pinhal, ou matta fechada, e mademoiselle Prudencia *da mesma forma*, *vendo que servio* para rir o seu desejo de ver a *folha do avesso*; mas passada huma hora ja os dous havião regressado ao seu bom humor, e a gorda Prudencia retomado novo appetite, quando chegárão a Saint-Ouen.

—"Aqui be que (eu me responsabiliso) hão de comer huma bella caldeirada (diz Bouchenot) e o que ha de melhor vem a ser podermos *nós mesmos*, se o quizermos fazer a pescaria: conheço o domno da casa, poderemos entrar no batel, e elle nos dará *linhas*, e quanto for necesrio para pescar.... Vamos.... querem?

— Sim, sim, queremos; isso muito nos divertirá,, respondem as duas; e Celina acrescenta: eu morro por pescar...

— Pois eu cá ainda não pesquei (diz Prudencia) mas estou certa de que logo aprendo.

— Depressa se aprende, madémoiselle (diz-lhe Thimoteo) se quizerdes pescar comvosco.

— De bôa vontade... meu senhor ,,

Bouchenot vae fallar com o pescador, encarregado do batel, e dentro em pouco este o conduz, assim como as linhas. As duas entrão logo no barquinho rindo, e fazendo hum alarido folgasão, já obrigando a fragil embarcação quasi a metter a borda.

— ,, Meninas, cuidado ! (lhes diz Thimoteo (lembrae-vos de que não cahís no chão.

— Não ha perigo (responde Bouchenot) e depois disso tu sabes nadar.

— Certamente, e tu?

— Eu tambem... mas estou prohibido pelos medicos: assim que entro n'agoa, dão-me cambras nas pernas, e corro o risco de affogar-me.

— Nesse caso se todos trez cahirem n'agua, preciso nadar e mergulhar muito. Meninas... torno a dizer-vos que tomeis cuidado.,,

No entanto, Celina deitára as linhas por vezes, e sempre as retirava carregadas de lodo, ou peixinhos muito meudos.

— Se a caldeirada consistir disso, melhor seria mandar que nos fizessem hum coelho,, observa Bouchenot.

— Agora eu... deixem me a mim (diz Prudencia) verão como eu atiro com o aparelho: sou mais forçosa doque Celina, e esperem por bons peixes.,,

E a gorda aprendiz,, sem querer ouvir os conselhos de Thimoteo, que lhe quer ensinar a maneira de atirar com o apparelho, e puxa-lo; julgando certa a pescaria, que vae fazer, atira as linhas com toda a sua força, mas o pezo das chumbadas; assim como o movimento feito, a levão juntamente pela borda fóra, e desapparece na agua.

Celina dá hum grito de terror, e Bouchenot hous poucos, chamando pelo barqueiro; porem no entanto ja Thimoteo léstamente tirára a casaca, atirando se logo ao rio. Depois de nadar hum pequeno espaço, poude agarra-la, achando a envolvida no apparelho; apparece com ella, mas o pezo da rapariga, agora ensopada, he tal, que muito lhe custa a suster fora d'agua, e correm mesmo o perigo de se affogar ambos, porque elle não pode nadar: felizmente não tardou o barqueiro d'alli, e mais outros a soccorre-los, trazendo-os a salvo para terra.

Quando a nossa gorda Prudencia tornou a si, as primeiras palavras pronunciadas forão declarando que nunca mais o encanto da pescaria havia de occupa-la. Apressão-se então a entrar para a casa de pasto, e alli emprestão fatos a Thimoteo e a Prudencia para que possão comer a caldeirada, em quanto o sol lhes enxuga os outros.

Este acontecimento perturbou al-

gum tanto o regosijo da sociedade: todavia, Prudencia não perdeu o appetite no fundo da agua, porem, como por trez vezes esteve em risco de suffocar-se com a caldeirada, Celina declara ser a ultima vez que comerá em sua companhia.

Emfim, estando o fato de ambos quasi enxuto, Prudencia, e o seu libertador tornárão a vesti-los, e logo deixárão Saint-Ouen, para se dirigirem a Montmartre, onde, tencionados como estão a beberem o leite, devem terminar a tarde, dançando na ermitagem.

A companhia faz o trajecto a pé, pois Bouchenot, que até alli tem pago tudo, ja não vê de resto na algibeira mais doque hum ultimo escudo, o que o obriga de quando em quando a exhalar profundos suspiros, pensando ser obrigado a abandonar aquella vida de prazeres, e priguiceria, pela qual tem a mais forte predilecção.

Chegão a Montmartre; Prudencia declara que muito gostará de beber leite, e até de molhar pão, e Bouchenot, que presume sempre de conhecedor de locaes, conduz a companhia para huma especie de taberninha, onde ha leite, burros, vinho, e hum jogo de *sião*. (*Jogo da malha com os 9 páos*).

Este jogo he muito vulgar nas tabernas do campo; tanto os, que jogão, bem como os espectadores, são sempre freguezes certos; Bouchenot julga-se bastante forte no jogo, e por isso desafia Thimoteo, e diz-lhe: — "Em quanto as duas meninas bebem o leite, vamos jogar huma ganga de partidas: quem perder, pagará hum frangão e a sallada para a merenda.,,

E'sta proposição he acceite; trazem leite para as duas, em tijellas de barro, e ao mesmo tempo situão os páos e as bolas para os dous jogarem.

Na frente da casa havia huma esplanada, onde mui á larga estava

estabelecido o jogo, de onde ao mesmo tempo se descobria na baixa, e, como em profundo vale, toda Pariz, alem d'huma immensa e bella paysagem até onde os olhos podião alcançar.

—" E que havemos nós de fazer, em quanto ides entreter-ves com o jogo? „ pergunta Celina a Bouchenot.

— Descancem... admirem o lindo ponto de vista... parece-me que vale bem a pena.

— Não tem duvida que he lindo divertimento.... vir passear ao campo com homens, que largão as senhoras, para se pegarem a jogar o sião!

— Minhas meninas.... não digaes mal d'hum jogo, que foi inventado na Grecia: he hum jogo nobre.

— Grande nobreza, que se joga em todas as tabernas!

— Bem vedes que tomaria grande espaço n'huma sala: bebei o lei-

te, e deixae-nos jogar, para ver qual de nós paga a merenda.„

As duas raparigas, que não achão divertimento em estar vendo jogar, bebem o leite, e depois vão dar hum passeio pelo povo. Bouchenot e Thimoteo engajão-se no jogo, e depois de muitas partidas, decidem jogar a dos *mestres*, quando varios homens, que pedem vinho, vem sentar-se a huma das mesas, que está *pouco distante dos dous*: hera na occasião, em que Bouchenot, com hum joelho em terra, fazia a pontaria para atirar com o disco, e mirava os páos com attenção, para que o seu amor proprio não soffresse derrota á vista de tantos homens, que estavão a ver; e ainda que os espectadores pareção ser pessoas communs, assim mesmo estimula-se para merecer os seus elogios, e portanto diz a Thimoteo:

—" Meu amigo, tens algumas disposições a fazer? olha que he boa occasião.... reza ás almas, que ahi vae ésta banda de páos a terra.

— Vamos, joga, e deixa-te de imposturas: vejão que tempo gasta, mirando, primeiro que atire com o disco!

— Preciso calcular, pois ésta partida, alem de valer a manducancia, he a dos mestres... vaes ver a tua desgraça.,,

E, ao tempo que ia jogar, suspende se, vendo hum corpolento cão, o qual, atravessando a correr pelo jogo, derruba huns poucos de páos.

—" O diabo leve quantos cães ha neste mundo! (exclama Bouchenot) vejão se ha cousa mais desesperante doque vir hum demonio destes ás galopadas pelo meio do jogo!

— De quem será este cão? (diz Thimoteo) certamente ha de ser cá da casa... he do alugador dos burricos.

— Enganaes-vos, senhor, o cão he meu (diz-lhe hum dos homens, que acabava de chegar) mas eu o chamo aqui para ao pé de mim, e não vá mais interromper-vos o jogo.

Aqui!.. aqui... vamos, venha deitar-se ja!„

Mas o cão tinha parado deante de Bouchenot, e este agora, affirmando se no animal, de repente se fez pállido, e entrou a tremer, pois conheceu que hera Bigode.

O cão não se apressava em obedecer ás ordens do presente domno, e continuava, passeiando por entre o jogo, quando Celina e a sua amiga, ja de volta, chegárão á explanada.

— Então, vamos, ja acabárão de jogar? (diz Celina) bem tempo tivestes para deitar páos abaixo.... depois disso, ja vem anoitecendo, e *nós queremos* dançar na ermitagem.

— E de certo (ácrescenta Prudencia) ja se ouve a rebeca. Mas ah! Deos meu! na verdade que assim he!... *he elle!*

— Que tens?... que pasmo te deu? fez-te mal o leite?

— O, que tenho, Celina?... pois não vês?... não vês que este he o

meu cão... o meu Bigode, que venho encontrar aqui!... Olha, ahi o tens .. he elle... não o reconheces?.. Bigode! venha aqui!... venha aqui fazer festa á sua domna.„

Porem o animal, que nunca fôra muito festeiro, ficou parado no meio dos páos, olhando humas vezes para Prudencia, outras para o seu novo domno, ou lambendo a ponta da cauda com hum modo muito indifferente.

Todavia, o homem, que primeiro o chamára, ergue-se da mesa, onde estava com os companheiros bebendo o vinho, e chega-se a Prudencia no momento, em que ésta ia fazer festa a Bigode, exclamando com hum gesto colérico:

— "Então como he isso? quem se atreve a chamar seu ao meu cão? Vamos, então quem diz que he seu?

— Digo-o eu; o cão he meu, e muito meu! (responde Prudencia) todos sabem que sempre o Bigode foi meu .. não lhes testimunha, Ce-

lina?... alli está o senhor Bouchenot, que o sabe melhor, doque ninguem.

— E onde está Bouchenot?,, diz então Celina, dando pela falta d'aquelle, e olhando para todos os lados a ver se o descobre: " que he feito delle, senhor Thimoteo? vistes para onde se sumio?

— Eu, mademoiselle... eu sei cá... (responde o mancebo). Bouchenot estava aqui ainda ha hum minuto... desappareceu de repente.... nem vi por onde.... está ahi para algum canto, e não poderá tardar.

— Emfim, estar, ou não, presente agora o senhor Bouchenot não faz ao caso (torna Prudencia) este cão he meu; perdeu-se de mim ha cousa de mez e meio.... agora encontro-o, e levo-o comigo.

— Que! levaes o meu cão? (replica o homem com huma vóz de trovão) ora eu sempre quero ver isso!... Que o animal fosse vosso, he possivel; mas presentemente he

meu, e muito meu, pois o comprei a hum homem por déz francos: e não foi, como lá dizem, compra, feita ás escondidas... veio huma noite com elle ao meu armazem, e me propoz lh'o comprasse. Eu sou bem conhecido, senhora gorda menina, estabelecido, com armazem de vinho em Pariz ha muitos annos.... tenho testimunhas de como o comprei, e paguei o, que pedio por elle. Se o perdestes, agora he chora-lo na cama, que he parte quente. Nem elle dá por Bigode: o seu nome he Dragão.... á fé de quem sou que não o levareis... Venha aqui!... Dragão, venha aqui... aqui ja, quando não, olha que te estoiro!

— Porem, senhor, foi meu padrinho quem me deu este cão...

— He muita verdade quanto diz ésta menina (acrescenta Thimoteo) este cão hera o favorito animal de seu padrinho, que, indo para a sua terra, o deixou á afilhada.

— E que tenho com os padrinhos,

tias, ou avós das tias! ja disse que o cão he meu!

— O' Celina... falla aqui a este senhor... tu bem sabes se he verdade o, que digo... Desde que me conheces, sempre viste Bigode andar comigo...

— Ora deixa-me cá, e mais lá o cão .. Eu queria os teus cuidados!.. Tomára saber o que foi feito de Bouchenot, que desappareceu... isto agora interessa-me muito mais, doque essa asneira.,,

Em quanto Prudencia se lastíma, o mercador de vinho, para acabar a questão, amarra hum lenço á colleira de Bigode, reune-se aos seus amigos, e com elles parte, levando o cão, e deixando a pobre rapariga inconsolavel em perder segunda vez o seu Bigode.

Da sua parte, Celina occupara-se no entanto em correr os arredores da aldeia, chamando Bouchenot, mas vãmente, pois não appareceu.

—"Está visto.... o homem par-

tio (diz ella exasperada). O diabo he de furta côres, tão depressa está com a gente como desapparece! Ora isto! este demonio tem fadario de *bruxidade!* Estava jogando... de repente sóme-se, e deixa-nos aqui!... Ora entendeis lá isto, senhor Thimoteo?

— Provavelmente, mademoiselle, foi talvez alguma cólica... ou as dores de barriga, como lhe derão no theatro.

— Ora, cólicas!... dores de barriga!.. eu sei cá!... este modo de Bouchenot em certas occasiões não me parece natural.

— Tambem eu faço o mesmo reparo, mademoiselle... desapparecer... largar a gente... deixar-nos sem mais nem mais...

— Nada .. o rapaz he sugeito a alguma *influencia particular.*

— Creio, creio (diz Prudencia) alli ha particular lá de dentro... cousa de segredo.... Mas o meu cão!... ora vejão, sempre sou bem desgraçada... todos m'o levão!...

—Aqui estarmos a discutir se se foi, ou não, asneira he (diz Celina). Elle desappareceu, e portanto vamos-nos, vamos-nos ja, pois bem pode ser que fosse incommodado... doente. Valha me Deos!... Vamos-nos: senhor Thimoteo, dae o braço a Prudencia, e aqui está o meu.

—Com muito gosto, mademoiselle.

— Acabar a gente assim hum dia, em que tanto contava divertir-se a dançar! Eis aqui hum passeio ao campo, que ha de ficar-me em lembrança!

— Ah! o meu pobre cão!.. (diz Prudencia) o homem sempre hera bem mal creado em não m'o ter dado!„

Fim do Tomo 3.º

INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS NESTE VOLUME.

Cap. I. — Hum almoço, e suas consequencias..... 5
II. — *O espectaculo de Seraphim*. 49
III. — Hero e Leandro..... 75
IV. — Amigos applaudindo huma primeira representação..... 124
V. — Puteaux, Saint-Ouen e Montmartre..... 165

FIM DO INDICE.

ROMANCES

DE

PAULO DE KOCK.

Traducção de Nery.

BIGODE.

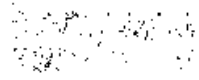
TOMO IV.

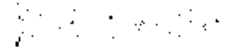
Lisboa.

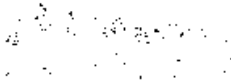
TYPOGRAPHIA NERYANA,

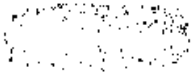
Rua da Prata N.º 17.

1843.













BIGODE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Bouchenet em boa companhia.

Como acabamos de ver no fim do 3.º volume, Thimoteo teve de ser o braceiro das duas, que chegárão a Pariz bastante tristes: huma porque o amante lhe desappareceu, e a outra por haver encontrado o cão, mas perdido para ella. Thimoteo faz quanto pode pelas consolar: a huma diz que encontrará o amante em casa, e á outra, que o seu cão bem pouco merece aquella pena; e tan-

tas vezes diz éstas mesmas palavras sem variações, que se engana, dizendo a Celina que Bouchenot não vale déz francos, e a Prudencia que Bigode, ainda que tenha cólica, ou dores de barriga, o encontrará em casa; felizmente vão as duas tão preocupadas do seu desgosto, que não reparão na troca e embrulhada, feita pelo bom de Thimoteo, no seu philantropismo consolador: d'este modo chegão á rua da Calandra, fazendo carregar o demonio com as culpas das desventuras, acontecidas neste dia á caravana.

Com effeito Bouchenot, segundo o seu costume, tinha entrado para casa de Celina, fôra deitar-se na cama, escondendo-se muito bem entre a roupa, tomado do habitual terror. A vista de Thimoteo inteiramente o desorientára; logo á primeira figurou-se lhe que o cão não o largaria; e que o homem, a quem vira no theatro, ia agora segui-lo: éstas rápidas mas assustadoras considerações de tal modo o possuirão,

que immediatamente partio de Montmartre, e chegára a Pariz, sem se atrever a olhar para traz, nem se lembrando mais da companhia, com que fôra.

—"Ora, meu senhor... explicar-me-heis por huma vez a rasão porque nos deixastes em Montmartre, como se fossemos humas trôxas, que para alli tivesseis levado? (exclama Celina!, tornando a ver Bouchenot) na verdade que similhante comportamento he cousa bem indigna!

— E he verdade!... he cousa feia!.. (acrescenta Thimoteo) isto não são modos de deixar as pessoas, com quem se vae de companhia. Nem ao menos acabaste a partida, que jogavamos... e, oh! que a tinhas perdida e bem perdida! não hera com o meu dinheiro, que tu havias de ceiar! Porem disso não me queixo... mas sim de desappareceres sem previnir... sem nada dizer... torno a repetir-t'o: he cousa bem feia, bem feia!

— De modo, que elle he o culpado de não dançarmos na hermitagem (diz Prudencia) e, alem disso, não tendo fugido da gente, e se estivesseis lá, talvez fizesseis com que me restituissem o meu cão... ou elle mesmo vos seguiria, como da outra vez. Nada ha mais desgraçado! ver eu o meu pobre Bigode... e ao mesmo tempo dizer-me aquelle villão ruim do homem que hera seu, e lhe tinha custado déz francos... ésta só a mim acontece!

— Então o senhor resolve-se a fallar?... resolve se a dizer-nos por que motivo nos deixou em Montmartre? „ lhe torna Celina agora, algum tanto ainda mais agastada.

— Ora... eu senti-me... senti-me de tal modo... indisposto... „ responde Bouchenot, revestindo se d'hum modo, e gesto, que o tornassem interessante.

— Pois temos a mesma cousa? isso então succede-vos muito a meudo! Mas ainda assim... Montmartre não he pequeno logar... havia

muitss cantos, onde fosseis... mas depois ir ter com a gente, e não abalar e vir para Pariz. Senhor Bouchenot... senhor Bouchenot... este modo de proceder não he natural!.. aqui ha mysterios... ha particulares!... ha não sei que... mas forçosamente ha alguma cousa.

— Ora mulher.... foi o mesmo, que ja tive d'outra vez...,, responde elle zangado.

— Pois he singular cousa! (observa Thimoteo) n'outro tempo não heras sujeito a essas molestias!

— Parece-me que nada ha de extraordinario em mudar o temperamento d'huma pessoa.

— O, que eu sei, he que tivemos o final d'hum dia de passeio ao campo bem choxo... (torna Celina) ja no theatro foi o mesmo..., isto he por toda a parte, sempre a mesma cousa. Tambem aborrece ser hum amante, que foje á gente, e no melhor da festa parte como hum foguete!.... he cousa bem célebre!...,,

Prudencia despede-se da sua amiga, e Thimoteo offerece-lhe, como de costume, o seu braço: agora Bouchenot, vendo se a sós com Celina, tenta renovar a conversação interrompida.

—Viestes logo de Montmartre... logo que derão pela minha falta?

—Pois que! pôr-nos-hiamos a dançar, não sabendo o, que hera feito do senhor?

—E... Prudencia tinha com effeito encontrado o seu cão?

—Sim... encontrou o seu cão.

—Mas se o encontrou... se hera elle... porque não o trouxerão?

—E então não ouvistes o, que ella ahi esteve dizendo?... O homem, que o trazia comsigo, não lh'o quiz dar; affirmou tê-lo comprado por déz francos.

—Ah! pois elle comprou-o?... mas que qualidade de homem hera?

—Assim hum homem grosseiro.... disse ser mercador de vinhos.

— Mercador de vinhos!... mas em que rua?... elle havia de dizer onde....

— Ai! Deos meu, não!

— Levou então comsigo o tal Bigode?

— Está bem visto. Porem, na verdade, he preciso que eu seja muito pateta para estar a responder a quanto este paxola tem que-*rido perguntar* e reperguntar! Que diabo achará elle de interessante n' huma cousa tal? Se ha de occupar-se de mim, mostrar a pena da toleima, que fez, deixando-me lá, tem o pensamento só occupado do cão! Visto que o senhor mostra tanto interesse pelo animal, ainda está a tempo de ir procurar o homem, e...,,

Bouchenot não responde: agora começa a reflexionar que mais huma vez se desorientou, deixando-se possuir do terror panico, e fazendo a loucura de fugir, só porque vio apparecer lhe o animal: elle não promette a si que para outra vez

mostrará melhor acordo, e mesmo corajem, mas adormece com a boa intenção de em circumstancias taes revestir se de animo, e não se aterrorar sem causa.

No dia seguinte de manhã, Bouchenot, ja então em harmonia com Celina, lhe diz, declamando n'hum tom tragi-comico:

— "Querida amiguinha.... estão acabados os nossos bellos e encantadores dias!... esgotamos a taça dos prazeres... e comido todo o nosso pão alvo... agora he preciso beber as fezes do calix da amargura!

— Que diabo queres dizer com essa misturada de grellos?„ diz ella, olhando o assombrada.

— Quero dizer que estou a tinir... e nem mesmo a tinir, pois não tenho hum *sou*... e por conseguinte ir para casa do meu amigo Henrique Jumiers... Ah! he preciso que eu me atire ao trabalho... que me escorra o suor por ésta testa abaixo... isto para ganhar huns misera-

veis escudos!... E o mais he que não terei hum dia de meu para estar ao pé de ti, nem levar-te a passeat.

— Se he somente isso o, que te penalisa (responde Celina) enganaste, pois fazes do bem hum mal. O trabalho, meu riquinho, não aborrece, antes pelo contrario diverte a imaginação. Tambem n'outro tempo eu pensava, como tu, quando nada queria fazer mais, doque divertir-me, correr, saltar e viver emfim, como hum gaiato; mas desde que me entreguei ao trabalho, achei a verdade do, que te digo. Depois que estás comigo, ja por muitas vezes tenho feito reparo em teres abrimentos de bocca, modo aborrecido, pendendo com sommo, e emfim não sabendo como empregares o tempo. Quando trabalhares, nenhuma destas molestias ha de perseguir te: verás o tempo volver-se depressa, e melhor sabor acharás a qualquer divertimento, quando o poderes gosar. Depois disso, o teu

amigo Henrique não pode ser hum desses patrões tyrannos; ha de permittir que todos os dias venhas aqui hum boccado, ou, quando não possa ser todos, ao menos em alguns. Olha, talvez que, não estando comigo tão frequentemente, o teu amor, que presinto ja somente como agua de verão, tome nova força e se reanime.

— Minha querida Celina, acabas de fallar, como Bossuet, e, apesar de que ainda não me senti enjoado ou aborrecido ao pé de ti... sim, não estou, como dizes, morno.... tepido... vou ensaiar se me regosijo alguma cousa mais com a menos frequencia. Hoje mesmo vou ter com Henrique, para lhe dar parte de que pode dispor de mim... Assim mesmo, se elle me dispensasse ainda alguns dias, de boa vontade os gosaria.. Cá a minha opinião he qúe nestas cousas de a gente se escravisar, seja o mais tarde possivel. Tu, Celina, discorres com acerto .. cantas bem, mas nem por isso me tôas:

huma fortuna ja feita sempre he melhor, doque outra por fazer, ou que haja de custar trabalho.

— Mas, quando huma pessoa se acha neste mundo, sem essa fortuna feita, he preciso dar-se ao trabalho para adquirir, se não igualmente grandes meios, ao menos os necessarios á sustentação.

— Então que queres que faça eu a este genio? metteu-se me em cabeça que a fortuna vem ter com a gente, quando está dormindo... e o caso he que de boa vontade a esperaria assim: mas finalmente reconheci que seria expor me a dormir toda a vida, ou, pelo menos, muito tempo; e por essa rasão vou ter com o meu amigo.„

Bouchenot foi, pois, ter com o seu amigo Henrique, ao qual encontrou em sua casa, occupado com o trabalho do seu estabelecimento: o moço commerciante, ao vê lo entrar, soltou huma exclamação de surpreza.

— " Ora até que appareceste, Bouchenot?

—Sim, meu caro amigo... aqui me tens.

—Com effeito, não tem duvida que ainda vieste a horas!

—He verdade que me demorei huns diasinhos... mas que queres tu?... recebi ahi huma continha atrasada... huma continha, que julgava perdida... e, antes de mudar de vida... antes de me entregar a huma profissão trabalhosa, julguei proprio ainda gosar dos taes bellos e poucos dias...

—Tu chamas-lhe poucos?.. olha, ha quasi dous mezes que estou á tua espera!

—Ui!... tanto?!... contaste bem?

—Não me engano. Agora dize-me, se eu, vendo que não apparecias, houvesse disposto do logar, que te offertei?

—Nesse caso... então... esperaria até outra occasião.

—Socega, que não aconteceu assim. Sempre me quiz parecer que não deixarias de vir, e por isso não

tomei caixeiao, apesar de que muito o preciso; mas deitei me ao trabalho, e consegui, perdendo algumas noites, e de dia não tomando descanço, não faltar ao expediente.

— Sim... dessa forma... trabalhando, sem descanço... mas eu creio que hum trabalho assim..... deve requeimar o sangue.

— Não te amedrontem essas ideias: em nós dous trabalhando, ja as exigencias se tornão muito mais suaves... ainda terás tempo para hum boccado, em cada dia, ires ver a tua bella.

— Essa noticia muito me apraz, visto que tenho o meu *chagaxé*, e confesso ser cioso, como hum tigre: gósto desse boccadinho de liberdade para a espionar.

— Pois eu não sou propenso ao ciume... talvez por não ter de que: de tal modo estou seguro do coração da minha Paulina... e ella he huma rapariga bem seductora!... Oh! dize-me cá, Bouchenot, não

a conheces!... ainda não a viste?...

— A tua namorada?... Não he aquella menina, que estava no logar adeante de ti no theatro, quando foi á scena a primeira vez a peça de George?

— Hera essa mesma... vamos, e que tal?

— Pareceu-me encantadora... mas de lonje... n'hum theatro... com as luzes não se pode julgar com exactidão...

— Oh! eu quero que a conheças; verás quanto he amavel.... e tão meiga quão bella: olha..... hoje mesmo posso apresentar-te a Paulina.

— Hoje.... hoje?

— Sim, hoje: não dispozeste de ti para ésta noite?

— Não, por certo, pois vinha entregar-me de corpo e pensamento para o, que determinasses.

— Para entrares no logar, que te destino... começares... nada, hoje he tarde: começarás amanhã.

— Gósto bem disso... mesmo por que sinto doer-me algum tanto a cabeça.

— Porem ésta noite, se tu quizeres, levar-te-hei a huma casa, onde Paulina e seu pae costumão ir. Em casa da senhora Merlier junta-se escolhida companhia... hè huma senhora muito capaz... he de quem mr. Giraumont confiou sua filha, para a acompanhar nessa noite ao espectaculo.

— Tudo isto he muito bom... porem eu não conheço a tal senhora Merlier.

— Ella tracta-me com bastante amisade, e, apresentado por mim, serás mui bem recebido: não preciso recommendar-te que vaes comparecer n'huma casa, onde he preciso conduzires-te com decentes maneiras...

— Por esse lado nunca te arrependerás de me apresentares: julgas talvez ser eu capaz de pedir, assim que chegar, a bacia de debaixo da cama?

— Oh! se lá dizes dessas palavras, ja com antecipação não estou socegado.

— Não, não; isto he tão somente para te fazer conhecer que sei bem como devo portar-me n'huma companhia tão escolhida: quem presenceasse esses teus receios, julgaria que só tenho andado por tabernas e espeluncas!

— Não foi essa a ideia com que te adverti: mas, aqui entre nós, meu amigo, deves convir que ha huns tempos só frequentas grisettes e outras que taes.

— Ora! ora! quando eu passava huma semana com seis sous na algibeira, não podia frequentar a galeria dos Italianos, ou da Opera; mas torno a repetir-te que serás contente de mim. Vamos lá a saber: e então como se passa a noitada em casa da senhora Merlier?

— Conversa se, toca-se piano, e joga-se a bouillotte e o ecartée.

— Muito bem... mas he preciso

que me avances algum dinheiro para jogar, e não fazer figura triste... até porque não tenho hum sou na algibeira.

— De boa vontade; mas previno-te de que lá joga se mui baratinho.

— E para a bocca tambem ha algum fornecimento?

— Sim; orxatas... agua assucarada...

— Diabo! os convidados não hão de sahir com as cabeças azaroadas: emfim he o mesmo; tomarei o, que me derem.

— Cuida sempre em esmerar-te no trajo..,

— Sim... sim... entendido que irei com este fato, pois não tenho outro; mas vestirei camisa, e outra gravata lavada; e ja d'aqui te affianço que não venho de casa da tua conhecida, madama Merlier, sem ter feito huma conquista de nome: he verdade, dize-me: apparecem por lá algumas pequenas, capazes de darem hum caldinho?

— Ah! Bouchenot, novamente te repito que vaes a huma casa capaz, e onde todas as pessoas, que se reunem, o são igualmente! se vaes ja com essas ideias..

— Parece-me que he justamente em companhias morigeradas, que o homem se deve mostrar galanteador... Vamos lá, os Richelieu, e os Grammont não herão pessoas tão elevadas, e por isso deixavão elles de ser o, que sabemos! Finalmente podes estar descançado de que ficarás contente de mim: has de admirar n'este, de quem estás em duvida, huma seriedade de puritano.

— Vem ter comigo ás seis horas; jantaremos, e depois irás comigo á casa, onde pretendo apresentar te.

— Muito bem, a essa hora aqui me tens, sem falta.„

Bouchenot volta para casa de Celina; escova-se, puxa se, muda de gravata, isto tudo sempre defronte do espelho, e refaz cinco, ou seis

vezes o laço da gravata; o, que de tal modo indispõe a illuminadora de estampas, que lhe diz: — "Diabo... tanta burriulella, tanto escovar, e tanto ver-se ao espelho!... De que diabo precisas mais para ires a huma companhia, onde eu não vou?,, Mas Bouchenot continúa, ataviando-se, e lustrando o cabello, até que, finalmente prompto, sahe, vae dar hum passeio até á hora marcada, em que deve ir ter com Henrique, dizendo comsigo: — "Ora gosemos ainda mais éstas horas da vida *airada*... tão cedo não se apanha o pretinho forro!,,

Henrique leva o seu amigo a huma casa de pasto, onde jantão, e Bouchenot, magoado, observa que bebêrão, quasi, como se estivessem adietados; depois dirigem se para o Marais, e na rua de Bretanha párão á porta da morada da senhora Merlier.

Hera huma casa de velha apparencia, com larguissima porta para entrada de equipagens: sobem hu-

ma escada comprida, cujos degráos de pedra são largos e baixos, e aos lados tem corrimões de ferro, sustentados em bojudos columnelos de madeira.

—"Se a sociedade, a que vens apresentar-me he tão antiga, como a casa (diz Bouchenot a Henrique) em breve tenho a honra de me ver cara á cara com a nobreza do rei Pepino.

— Bouchenot.... ora pois.... lembraste do, que me prometteste?

— Homem, socega... a antiguidade d'esta casa ja me inspira hum sentimento de respeito, como se tomára a benção á velha eternidade... até me parece que estou caduco desde os bicos dos pés á cabeça! Verás que só fallo de historia antiga... naseimento do pae Adão... sua sancta vida com a mãi Eva... Tobias, Jacob, Noé, Enoch, Ellias, &c. &c. &c.

—Homem, torno a recommendarte que tomes conta nessa lingua... Mas entremos.„

Hum creado abre-lhes a porta, e Bouchenot murmura ao atravessar a casa d'entrada:

—O' lé! temos creado macho?!.. c'os demonios! he partida de ostentação!.. assim mesmo antes queria encontrar-me com duas *sopeiras*.„

O creado ao franquear-lhes a porta da sala, annuncia, segundo o, que Henrique lhe disse, os senhores Jumiers e Bouchenot.

Henrique entra primeiro, e Bouchenot o segue em hum salão vastissimo, onde encontrão ja bastantes pessoas reunidas. A senhora Merlier, tocando ja nos cincoenta, porem usando de maneiras agradaveis e distinctas, vem recebe-los; e Henrique, travando da mão a Bouchenot, o apresenta á domna da casa, como hum de seus particulares amigos. A senhora recebe-os, com hum modo fagueiro, demonstrando a *Bouchenot que o vê em sua casa* com muita satisfação; porem este, de tal maneira fica desorientado,

que não atina a responder, retribuindo o obsequio: apenas se desfaz em cortezias respeitosas, mas feitas com o pescoço impertigado, e a barba mettida na gravata.

Henrique vio logo a sua Paulina, e deixando o amigo, apressa se em ir cumprimentar o objecto dos seus disvellos; a senhora Merlier vae receber outras pessoas, que entrão, e eis aqui o nosso Bouchenot abandonado no meio da sala, e como balisa no circulo de senhoras de todas as idades, onde pela banda de traz andão os homens conversando huns com os outros: nesta posição, sente-se Bouchenot acanhado sobremaneira: se houvesse lume no fogão, certos podemos ficar de que iria situar-se defronte, mesmo em risco de assar as barrigas das pernas, pois acharia assim huma attitude conviniente; mas huma especie de miombo substituíra o lume, e ir instalar se defronte, seria mostrar pouca practica de sociedades. De boa vontade se assentaria, e ja

por vezes lançára em de redor de si vistas furtivas e indagadoras d'huma cadeira, porem todas teem domna; e o peior de tudo he que, tendo chegado mais duas senhoras, sentarão-se, que nem de proposito, a completar o circulo: d'esta forma acha se Bouchenot bloqueiado no meio da sala, e situado, como alvo de toda a companhia.

—"C'os demonios dos demonios! devo estar fazendo a figura d'hum obelisco!„ diz elle para si, volteando nas mãos o chapeo, ou passando o de debaixo do esquerdo para o braço direito, como se estivesse fazendo habilidades. — " E ainda haverá por ahi alguem, que pense estar eu muito divertido no meio desta roda? E o tal Henrique mette me para dentro, e larga me!.. *ho bom sugeito!...* e *todas* ellas.... as femeas a olharem me!.. Ora vejão o, que he esquecer-se a gente dos modos de companhia... está hum homem acanhado... atoleimado... creio até que tenho o nariz verme-

lho e inchado, a parecer nariz e meio. Vamos lá, tomemos o tacto ás bolas... mostremos saber do jogo; nada de mostrar fraqueza, nem ar acanhado. „

E, para não mostrar hum tal modo, Bouchenot começa, pondo o chapeo na cabeça e cantarolando por entre os dentes huma cançoneta; porem logo repara que as senhoras olhão para elle admiradas, e os homens rindo-se despropositadamente, ao mesmo tempo que o examinão, como esperando maior espansão de loucura. O pobre Bouchenot faz se roxo; faz-se de cores, e mette ambas as mãos nos bolsos das calças, endireitando o corpo, e passando a perna direita á retaguarda da esquerda para assim estar em posição academica.

Felizmente que Henrique lançou os olhos para onde elle está; dá-se pressa em penetrar no circulo, e, indo a elle, diz lhe ao ouvido:

— "O' demonio!... que misera-

veis tolices tens estado a fazer?... vamos tira esse chapeo da cabeça... n'huma sala... em presença de senhoras... lembrou-te fazer similhante parvoice?!

— Ai!... Deos me valha... que tens rasão!... (responde Bouchenot, e descobrindo-se immediatamente) tens rasão: os diabos me carreguem, se eu em tal pensava... julguei estar n'huma taberna...

— Ao menos calla-te... não falles...

— He que eu... queria dizer... que suppunha estar n'hum caffé... E tambem... para que me deixaste aqui só... no meio da sala... sem conhecer huma só pessoa?... Todo esse mulherio entrou a olhar-me... perturbei-me... e, palavra de honra... estou de tal forma... que até não sei como hei de fazer o gesto de franzir a bocca...

— Pois deixa-te de franzi-la, que será muito melhor.

— Isso a ti he bem facil de dizer... preciso dar hum gesto agradavel á bocca... mesmo fazer andar hum surrisinho nos beiços.. ainda que a companhia se componha só de pessoas velhas.... he verdade... tambem algumas ha, que são moças.... está misturadinho.... e bem misturadinho.

— Calla-te.... não falles em vóz tão alta...

— E que tem que me oução? parece-me não estar dizendo tolices! Olha, deixa-te andar aqui por ao pé de mim para eu estar mais contente.

— Não tarda que te apresente á minha Paulina.

— Pois sim, pois sim.... e fazs favor de me tirar desse circulo.

— Olha, vês tu aquelle homem, ja idoso, que está naquelle canto, lá abaixo?...

— Aquelle *ratasana*, magro, e engilhado?

— Calla-te, homem .. he mr. Giraumont, o pae de Paulina.

— He mr. Giraumont!... c'os demonios! he feio até mais não poder ser! Na verdade, e vou jura-lo, para ter huma filha tão bonita, preciso hera que a mulher tivesse na ideia outra cousa mui differente...

— Bouchenot... faze-me o favor de te não atreveres a similhantes gracejos, relativamente a pessoas, que devo respeitar.

— Valha-me Deos! ora aturem lá hum destes! Tu não queres que eu graceje... não deixas que eu cantarole, ou assovie... até achas indecoroso que eu franza os beiços!... Desse modo, supponho que pretendes faça de estatua para obsequiar a boa da companhia!„

Henrique ia para responder ao seu amigo, quando huma senhora o chamou, pelo que, accudindo ao chamado, novamente ficou Bouchenot no meio do circulo; pois desde que ahi entrára ainda não atinou com o modo de andar para sahir: resolveo-se portanto a ir encostar-se ao fogão, traçando as abas da ca-

saca, receioso, ainda que nenhum receio devia ter, de se lhe queimarem; e para dissipar o aborrecimento, que o possuia, applicou o ouvido á conversação das senhoras, que estavão sentadas proximo delle.

—" Eu cá, minha senhora, de ha huns tempos a ésta parte ando de mal em peior ,, diz huma, ja idosa, baixinha, e mirrada, a outra, que está ao pé:" he pasmar do, que tenho perdido!

— E tambem hontem estivestes com a costumada infelicidade, madama Gimblanc?

— Ora isso pergunta-se?... Eu digo que, se assim continúo, deixo de jogar!

— He á buillote, que tendes perdido?

— A' buillote! o que dizeis? Deos me livre! não gósto de similhante jogo... admitte muita velhacada.... perde-se muito em pouco tempo. O boston he que tenho jogado: hontem, ora vêde lá, ainda perdi dezenove sous!.. trinta e oito fixas!

— Pois jogastes a dous *liards* (*) cada fixa! isso he carissimo!

— Então que quereis? presentemente joga-se hum jogo de tal preço, que he mesmo infernal!

— Deos me deffenda de que me obriguem a jogar com éstas duas,, diz comsigo Bouchenot.” Olhem que jogo tão recreativo!., aturar toda a noite as duas cáveiras para no fim de contas ganhar por ahi huns seis liards!.. Nada, isso he que não sería do tom: ouçamos o, que dizem as deste lado.

— Certamente que devereis achar minha filha muito crescida.... (diz huma senhora á outra) pois ha muito tempo que não a vêdes.

— Sim... he verdade que me parece algum tanto mais alta.

— Algum tanto, dizeis vós?! ha sette mezes para cá tem crescido oito linhas!.. Oito linhas, olhae que

(*) Liard, pequena moeda de cobre, do valor de dous réis.

(TRAD.)

sempre he hum crescer disconforme!... Pois cresceu oito linhas; e passo a affiança-lo: medi lhe a altura quando foi para o collegio, e hontem, quando veio de lá, tornei logo a medi-la.

— A pequena Durieux tambem está muito crescida: creio que andará pela estatura da vossa.

— Oh! nada! nada!... posso affiançar-vos que tem meia polegada de menos: medi huma pela outra. Minha filha hade ser muito alta.... eu cá pasmo de ver como todos os dias se desenvolve.... nos vestidos conhece se bem.

— A Durieux hade ser mui bem feita...

— Minha filha ainda tem a cintura mais delgada... antes de hontem foi a ultima vez que lh'a medi.

— No entanto, tudo isso nada decide; porque as creanças mudão muito depois com a idade: humas tardão mais em desenvolver-se.... portanto, em quanto pequenas, to-

da a ideia he errada, e não se pode affiançar o, que hão de vir a ser.

— Oh! isso he engano, minha rica!.. conhece-se a estatura alta até pelo comprido dos dedos..... Os dedos de minha filha são mais compridos, doque os de todas as outras pensionistas da sua idade: tive a curiosidade de os medir a todas.

— O demonio da mulher, que a tudo deita a medida! ,, diz comsigo Bouchenot, arredando a sua attenção das interessantes falladoras: se ella me tivesse medido, desde que estou em pé no meio d'esta sala, certamente que muita differença me encontraria para menos, doque antes hera, pois me sinto como derreiado de estar assim. Oh! mas lá vejo huma cadeira devoluta... pois não me importa, pareça bem, ou parèça mal, sento me. ,,

Bouchenot vae sentar-se no circulo, e repara ter ao seu lado esquerdo huma velhinha, arribicada no ultimo grão: tem as faces muito carregadas de côr, e grande esmero

no penteado e vestuario; e não obstante estar sempre a dizer que não com a cabeça, tem o pescoço, orelhas, e dedos carregados de diamantes: a, que lhe fica á direita, he huma senhora, entre duas idades, muito alta, e que, para melhor mostrar hum gesto imperioso, deita frequentemente a lingua de fóra para lamber os beiços.

Bouchenot dirige algumas palavras á velhinha, para assim entabolar conversação, porem ella não responde, mas surri, e continúa sempre com o movimento de cabeça.

—" Segundo me parece, ésta senhora he muda, ou surda (diz com sigo Bouchenot) não he cousa, que admire, mas façamos novo ensaio... ella parece perceber o, que lhe digo.,,

E, chegando com a bocca mais proximo ao ouvido da velha, diz-lhe em vóz forte:

—" A senhora... he natural que jogue?... na sua idade he hum divertimento mui proprio para entre-

ter... pois emfim n'huma companhia ja não pode tirar outro partido!... sim, digo isto, por me parecer que não dançará... „

A velhinha surri, e, sempre abanando a cabeça, responde com huma vóz de creança, mas trémula:

— "Ja hoje bebi duas vezes caffé..... amanhã tambem me darão outras duas..... se estiver quietinha! „

Bouchenot recúa a cadeira, muito espantado, procurando descobrir se a velhinha he com effeito surda, ou está cassoando com elle; mas hum sugeito, que está por de traz da sua cadeira, reparando no seu modo estupefacto, lhe diz rindo: — "He trabalho baldado quererdes ligar conversação com a senhora Cortivaud: está em completa demencia.

— Não tem duvida que representei n'huma linda entremezada! „ exclama Bouchenot, "e eu, que pretendia entabolar conversação!.. pois ia bem!.. no entanto não sei o que

huma pessoa em similhante estado venha fazer a companhias?!...

— Pois ainda mais vos deveis admirar... (replica o outro) succede muitas vezes situarem-a á mesa do boston; e ella, tão costumada está com este jogo, que, apesar de ter a cabeça perdida, ainda lhe bastão os olhos para poder jogar: todavia, tem *in*-lucidos, em que não se pode aturar.

— Deve ser mui divertido jogar com ella!...

— Pois desconfiae sempre de jogar o boston, quando vo-lo propozerem com pessoas, que não conhecerdes. Ainda ultimamente aqui mesmo comigo aconteceu isso: tive de parceiras trez senhoras; huma hera ésta senhora Curtivaud, que está patela, e dá ouros por copas; a segunda tão surda, que não sentiria o estampido d'huma peça d'artilheria, e a terceira dormitava, em quanto se davão as cartas: gastámos duas horas e meia para jogar quatro mãos.

— Segue-se que tivestes muita paciencia: se fôra eu em vosso logar, atirava com cartas, mesa, e castiçaes... e até não sei se com as parceiras...

Bouchenot voltou-se então para o sugeito, que lhe fallava, bem contente de continuar na conversação, porem aquelle ergueu se para ir fallar com humas senhoras, e Bouchenot vio-se reduzido a ouvir a sua companheira da direita, que, fallando com outra senhora, lhe diz: — "Eu só gósto do, que he bom em bom... não está mais na minha mão... cada pessoa tem suas sympatias!.. Verdade he que meu marido ganha bastante dinheiro... ora! tanto, quanto quer... entra em todos os negocios, e em todas as especulações!... Ora, então eu digo comigo: = para que beide privar-me das cousas, que dão gosto? = Quando compro alguma cousa, procuro sempre que seja do melhor! do melhor!... não gósto do, que he máo. Nós vivemos bem... oh! vi-

vemos muito bem!.. Meu marido sempre he homem, que nada comeria, se visse ao jantar só dous pratos... he preciso, para elle comer alguma cousa, ter, pelo menos, a sua meia duzia... seis... isto alem da sobremesa... sempre sobremesa... não jantava, sabendo que não tinha sobremesa. Ora aquillo!.... o que sería se alguma vez faltasse qualquer cousa!.., mas tambem acho-lhe rasão... para que se hade huma pessoa privar das cousas, quando se ganha muito.... quando se ganha muito dinheiro?

— Esta mulher, deitando assim vóz e fama das suas riquezas, he huma chamariz para que os ladrões lhe roubem a casa (diz Bouchenot). Temos outra vez a mesma graça? este Henrique anda bem arrédio de mim!.. tudo he deixar-me só,... mas bom.... o circulo está roto.... oh! desta vez vou dar hum pouco de exercicio ás pernas!„

Bouchenot ergue-se, e vae para o lado, onde vê o amigo, que está

sentado pela banda de traz de Paulina, á qual, de tempo a tempo, acha occasião de renovar os protestos do, que sente em sua alma.

— Ora, meu Henrique, isto he de mais!... metteste-me para aqui, como quem deita huma trôxa para hum carro.... deixas me só.... e.... parece te que posso assim divertir-me? „

Henrique apressa-se a interromper a verbosidade de Bouchenot, e apresenta-o a mademoiselle Giraumont, dizendo-lhe: — " Permittireis, mademoiselle, que vos apresentehum dos meus amigos, que vae ser meu companheiro de trabalho?... Desde amanhã, Bouchenot pertence á minha casa... e poderei ter então mais alguns instantes de meu.... para ir ver.... os meus conhecimentos. „

Paulina corresponde aos cumprimentos de Bouchenot, graciosamente dizendo-lhe: — " O senhor Henrique muitas vezes me ha fallado em vós, senhor... até o via penali-

sado em não saber o motivo porque vos demoraveis em ir para a sua casa.

— Ora este querido Henrique!... (responde Bouchenot) he hum amigo como se quer!... temos tal amide hum ao outro... he bom rapaz!.. quantas vezes elle me tem emprestado di.... quero dizer, temos dado a mão hum ao outro nas criticas occasiões... De modo, que mademoiselle... sim, quando for a funcção do casamento vereis o que he dar á perninha.... dançarei a mostrar que não padeço de gotta...

Paulina poem os olhos no chão, vergonhosa, e fazendo-se mui córada; e Henrique acotovella Bouchenot, dizendo lhe em váz baixa: —" Isso he cousa que se diga? olha que sempre estás hoje fallando de tal forma...

— Ora!.. eu pensava que a cousa estava convencionada entre vós e ella... Valha-me Deos!... tambem nesta casa não sabe a gente as palavras, que hade usar!

— Eu tenho bem fundadas esperanças... Paulina he fiel ao meu amor... estou bem certo dos sentimentos do seu coração... mas ainda...

— Ainda que?... huma vez que estão nesses termos, o mais he caminhinho direito.

— Mas seu pae exige que o genro seja homem, que disponha d'huma fortuna... ou que no seu estabelecimento commercial faça interesses florentes.

— Isso remedeia-se bem... dá-se-lhe até huma voltinha engraçada: convida-se o velho para hum almoço, mette-se-lhe nos coiros huma bebedeira de nome, e obriga-se então a assignar o, que se quizer.

— Não!... nunca será por meios indignos, que eu obterei o consentimento do senhor Giraumont.... Será á força de trabalhos, de ordem, economia, e bons procederes, que eu obterei a mão de sua filha.

— Desse modo nunca o velho me escolheria para seu genro!

— O senhor quer entreter-se, jogando á buillote? „ diz a senhora Merlier, fallando com Bouchenot.

— Sim, minha senhora... Oh! á buillote? quantas noites tenho eu perdido a esse joguinho!

— Então eis aqui hum logar, tomae carta, e podeis principiar. „

A senhora Merlier deixa Bouchenot, o qual se chega a Henrique, dizendo-lhe ao ouvido: —" Escorrega-me por entre as mãos algum dinheiro, mas sem que se veja.... a domna da casa veio convidar-me para jogar... isto he, segundo o, que ja tractámos.

— Tens rasão .. ahi te dou vinte francos.

— Vinte francos? he pouco!...

— He até de mais: eu ja te adverti que nesta casa se joga muito barato... trinta sous he o mais a que chega o bolo.

— Ai! he o mesmo; em se me acabando te farei signal. „

Bouchenot dirige-se então para a mesa da buillote, dizendo comsigo:

— Com tanto que não me obriguem a jogar com a senhora Cortivaud, nem com a outra, que adormece.... oh! e tambem com a surda... assim mesmo se a velhinha Courtivaud quizesse, parava-lhe contra os diamantes.

Bouchenot passa á mesa da buillote algum tempo, jogando lestamente o dinheiro do seu amigo; a fortuna favorece-o, e então principia a julgar que he possivel achar agradaveis as soirées da senhora Merlier: neste momento abre se a porta, e o creado annuncia o senhor Mortandal.

Hum homem de bella figura, e vestido com elegancia, entra na sala, e vae cumprimentar a domna da casa, que parece redobrar de attenções para o receber.

Bouchenot, que voltára a cabeça, e, como por acaso, lançára os olhos sobre a pessoa, que acaba de entrar, sente logo hum suor frio percorrer-lhe todo o corpo, reconhecendo a-

gora o mesmo homem, que vira no theatro dos Vaudevilles.

— "Que fazeis, senhor? (observa hum dos parceiros, que joga com Bouchenot) daes a cada hum quatro cartas?

— Ah! desculpae-me.... pensava estar jogando o billiar.

— Jogando o billiar!„ responde o outro, rindo.

— Ao billiar!... he que eu disse! ora! a outro... ao... nem eu sei de que jogo me lembrei...„

Bouchenot tão pouco sabe o, que diz, como o, que faz; a presença do sugeito, que acaba de entrar, interramente o desorienta; ja por duas vezes fez hum movimento, como para levantar se do jogo.... o seu desejo he sahir da sala: todavia faz todos os exforços para socegar, dizendo comsigo:

— "Ora vamos... que diabo he isto?... porque rasão ha de este homem causar-me sempre tal mêdo?.. elle não me ha de comer! Que sou hum tolo isso não padece duvida....

e sahir d'aqui, o que pareceria?... que diria Henrique? Ora pois, façamos por acalmar ésta agitação... he fazer que não o conheço... que nunca vi tal homem... estou certo que fará elle o mesmo... Continuarei a jogar, e a importar-me tão somente as cartas... ,,

Mas apesar destas bellas reflexões e tenção de socegar, Bouchenot nem se lembra de que está jogando, pois commette erros sobre erros, enganos sobre enganos: dava humas cartas por outras; passava, quando devia ficar, mesmo até com os matadores, ou atirava com as cartas, sem a menor reflexão. E'stas distracções procedião não somente do seu susto, mas de estar inteiramente applicado a ouvir huma conversação, que tinha logar alli proximo delle.

—"Quem he então este senhor Mortandal? (perguntava hum sugeito a outro) a senhora Merlier tracta-o com bastante consideração...

—E como deixaria de ser assim, meu caro? o sugeito he ricasso. No entanto, aqui ha huns déz annos, mal diria elle que faria hoje ésta figura! tinha vindo lá da sua terra, Marselha, com as mãos huma sobre a outra, e entrou para caixeiro, de fóra, d'huma casa de commercio, e presentemente tem casa commercial de nome, hum palacio, onde mora, em Pariz, casa de campo, cabriolet, estadão... e emfim roda com muito dinheiro!...

—Porem como poude elle, em tão pouco tempo, adquirir huma fortuna similhante?

—No commercio..... entrou em especulações grandes, das quaes teve o melhor resultado, segundo parece. Emfim hoje he homem de nomeada, ganhando muito dinheiro... O senhor Mortandal frequenta as melhores casas, e he a mim mais a mim quem lhe fará os maiores obsequios, e melhor o receberá.

—Agora, he o senhor quem dá...,, diz hum dos parceiros a Bouchenot

pela terceira vez; e este, que toda a sua attenção tinha empregada em ouvir o, que se dizia a respeito do senhor Mortandat, sahio emfim da sua lethargia, e procurou retomar conhecimento do jogo, sempre dizendo comsigo:

—" Elle ganha muito dinheiro!.. tem cabriolet... e he rico... mas ora a grande admiração! como deixaria elle de poder ostentar assim!.. Ah! se aqui soubessem porque meios o sugeito tem adquirido aquella fortuna.... quem sabe disso bem e está callado sou eu... não o digo!.. Que isto he ser tão velhaco como elle... mas... o mêdo... Tomára eu poder safar-me sem fazerem reparo. Ah! meu Deos! desta vez o homem vio-me... o homem reconheceu me pelo mesmo daquella noite... talvez que não se demore muito... ah! se elle se fôra... "

Mas, em logar de se ir, ou, ao menos, apartar-se da vista do ame-

drontado por aquella cabeça de Medusa, ur. Mortandal, que reparara attentamente em Bouchenot, curvando-se para a senhora Merlier, que tambem alli estava proxima, parece interroga-la sobre objecto, que o interessa; e logo chega se á mesa da boillote, ficando parado defronte daquelle, que reconheceu.

—"Que descaramento!... (diz comsigo Bouchenot:" e então não vem mesmo situar-se fronteiro a mim!?... mostrar-se-me por quem he.... isto he ineitar-me!... D'este modo disfarce eu como disfarçar... mas qual... o diabo parece que me fura a alma.... olhem á boa cara, que eu agora terei!...

E, como hum dos parceiros da boillote se levantasse, logo o senhor Mortandal tomou aquelle logar, o que transtorna inteiramente a cabeça do pobre Bouchenot, não obstante o Marselhez olhar para elle com gesto agradavel, e lhe fallar com extrema polidez.

—"Vou tudo!... vou tudo! vou

tudo! „ exclama Bouchenot com os olhos muito espantados, empurrando todo o dinheiro, que tem deante de si para o meio da mesa; e, tanto a lição, como o extraordinario da proposta, espanta os outros parceiros, que jogão com elle, mas emfim resolvem a casar o, que se lhes offerece: Bouchenot perdeu.

—" Que maneira de jogar!.. pois fizestes-vos com dous oitos e huma dama!.. „ lhe observa o Marselhez, olhando o d'hum modo singular.

— Fiz me, sim senhor... (responde aquelle, erguendo se, e deixando a mesa) cada qual tem o seu modo de jogar... este he o meu.

— Duvido muito que assim ganhe alguma vez.... „ diz hum dos parceiros, logo que o vê distante.

— Eu creio que elle estava indisposto, e procurou ésta maneira de deixar o jogo (diz outro) ha humas poucas de mãos que dava mostras de não saber o que fazia. „

O Marselhez nada diz, mas volta

vagarosamente a cabeça, olhando para a porta, que acabava de fechar-se, pela sahida de Bouchenot; pois o nosso homem, todo possuido de susto, havia partido, e tão atarantado estava, que pegou no primeiro chapeo, que lhe veio á mão.

CAPITULO II.

Huma fortuna inesperada.

Ó lá! „ diz Celina, vendo chegar Bouchenot, observando-lhe a pallidez do semblante, e o modo desorientado, de que todo elle vem possuido; ” ó lá, querido amiguinho! que vos succedeu ésta noite? vindes de tal forma, como se trouxesseis huma grande doença ás costas! Tambem tivestes alguma cólica, ou dores de barriga na funcçanata, para que tanto vos arribicastes?

— Sim... „ responde Bouchenot, atirando comsigo a huma cadeira, ” achei-me lá bem agoniado... deume assim como hum estontamento

pela cabeça... de modo, que sahi logo.

— Porem essas tão ameudadas repetições..... a cousa ja he de dar cuidado: quereis que vá chamar o cirurgião?

— Nada.... não he preciso.... e mesmo sinto-me agora muito melhor.

— Queres que te faça alguma cousa?

— Não, nada quero.

— Nada queres... não queres remedios... então como hade ser isto? tu estás doente.... ha dias que eu ja tenho observado não passares como de antes.

— Celina... muito gosto me dareis, deixando-me socegar ésta cabeça.

— Oh! como he isto?.... forro branco.... quando o do teu chapeo hera preto!.. este não he o mesmo?

— Assim será... tambem pelo caminho reparei que me estava mais largo.

— E, ao pegar-lhe, não viste que te enganavas?... hum forro branco faz bastante differença, e dá logo nos olhos.

— Quando a gente está com pressa, nem repara nas cores.

— E que diabo te dava essas pressas?

— Então eu não te disse ja que de repente me senti incommodado? „

Celina abanou a cabeça, como possuida d'hum espirito de duvidá. — " Tudo isso não he natural.... certamente ha àqui particular, que se pretende occultar-me... e isso he cousa bem injusta! Onde se hade ir depositar confiança, não a tendo eu nossa melhor amiga, naquella, qúe nos tem dado prova de sinceramente nos estimar e interessar se por nós... que nos amou no infortunio, e que bem quizera possuir grandes riquezas para no las offertar?!... „

Assim fallando, foi chegando-se para Bouchenot, passou-lhe huma das mãos por de traz do pescoço,

em quanto com a outra lhe acaricia meigamente a face, dizendo-lhe, com huma vóz supplicante:

—" Meu Bouchenotsinho... podes bem confiar em mim.... em mim, que tanto sou tua amiguinha.... dize... dize-me que penas são essas... ou que he isso: muitas vezes entristeces de repente... tu, que heras tão alegre.... mudo, quando heras tão fallador.... que motivo pois influe em ti para ésta mudança.... Oh! tu vaes dizer-me tudo, não he assim?

— Ora, Celina, faze favor... peço-te que me deixes socegado„ responde elle repellindo-a.

A illuminadora de estampas retira-se de ao pé de Bouchenot zangada, e este deita-se, procurando conciliar o somno para se livrar dos terrores da soirée.

Na manhã seguinte continuava Celina ainda amuada, e Bouchenot fazia huma trôxa do seu fato e mais objectos de uso, para, com elles, se transportar ao domicilio de Henri-

que, onde, d'ahi em deante, ia assistir. Segundo o seu costume, não se ajudava de muita pressa naquelle trabalho.... Bouchenot hera vagaroso quando se tractava de tomar qualquer resolução boa: fazia isto por mais não poder; achava-se com a algibeira vazia; e não sendo desmoralisado, ao ponto de querer comer pelo pequeno producto, que resultava a Celina do seu trabalho, quasi escasso para as suas precisões, resolvia-se finalmente a tomar o modo de vida, offerecido pelo seu amigo, afim de ganhar alguma cousa.

— " Ora eis as vicissitudes do mundo! „ diz Bouchenot, acabando de fazer a trôxinha: " chego á necessidade de ir entregar o pescoço á gargalheira da miseria. Que certamente não he o trabalho, que me causa mêdo.... porem o, que realmente me aflige, he deixar te, minha querida Celinasinha... dava-me tanto por feliz na tua companhia.... Vamos, então não me rerpondes?

ainda estás prendendo o burrinho?

— Faça me o senhor o obsequio de me deixar socegada... (responde ella) hontem á noite não quereis responder, hoje não quero eu fallar: cada hum de nós tenha o seu direito.

— Hontem?... hontem estava eu doente.

— Tanto, como eu agora estou dançando.

— Porem hoje, que me vou d'aqui, tens alma para que nos separemos indispostos hum com o outro?

— Vós não mereceis que eu vos ame.

— Mereço, mereço! Olha, tu verás... assim que tiver feito alguma fortuna em o novo genero de vida, que vou seguir, e que farei toda a deligencia para que seja hem breve... será a teus pés que virei apresentar o fructo do meu trabalho.

— Ora pois veremos isso... Mas agora, que vaes morar na companhia d'Henrique, irás com elle to-

das as noites a companhias e divertimentos... como hontem.

— Não vou, não vou, e desde ja t'o affianço! Não quero mais voltar a essas reuniões, onde sempre encontro.... digo, onde se encontra sempre toda a qualidade de figuras!.. Torno a repetir-t'o, será junto de ti que virei passar todos os instantes, que tiver livres, e farei deligencia para não serem poucos. Mas isto he tarde... ja deu meio dia, e são mais que horas de eu ja dever estar em casa d'Henrique. Adeos, minha Celinoha.... levo a trouka até á porta da rua, e chamarei hum moço, que vá com ella atraz de mim: quem assim me pescar julgará que vou tomar logar n'alguma diligencia.

— Queres que te acompanhe levando a trôxa?

— Não, querida amiguinha, não: he cousa muito impropria reduzir a bellesa ao estado dos moços, que fazem recados: ainda tenho quinze sous, e bem me chegão para isso.

—Olha cá, não vaes despedir-te... dizer adeos aos teus amigos, George e Thimoteo?

—Em que pensas! a ésta hora ainda estavão elles em casa á minha espera!?.. Depois, quero evitar alguma ralhação.... entravão ás razões porque não fui mais cedo para casa d'Henrique... e portanto poupemos o sermão. Lá irão ver-me á carteira... ou ao balcão.„

Bouchenot abraça Celina, e ja se dispunha a sahir para a escada, quando d'alli se ouve huma vóz, gritando:

—"O senhor Bouchenot!.. paga trez sous.

—Olha, procurão por ti? „ dizlhe Celina, olhando o fixamente.

—Por mim!„ responde Bouchenot, tornando-se mui trémulo e assustado: " dize que não estou cá... anda, responde que não estou cá!.. „

E logo, todo perturbado, parte a esconder-se no pequeno quarto, que alli serve de cosinha, agachando-se atraz do pote, onde Celina o vae

desencovar, dizendo: —" Que diabo de terrores são esses? de que te assustaste?... He o moço da posta, que te procura: não lhe ouviste o toque, ao mesmo tempo que pedia trez sous?

— O carteiro!.. e estás bem certa de que hera o carteiro?,, responde Bouchenot, com hum gesto ainda apavorado.

— De certo: he huma carta para ti, e vou buscar-t'a.

— Huma carta... para mim... de Pariz... Mas se fosse outra cousa?.. sería bom ver primeiro que... ,,

Porem Celina, sem lhe importar mais com as duvidas, que Bouchenot apresenta, corre á escada, e não tarda em vir para dentro com huma carta na mão.

— " Então, meu não sei que diga... enganei-me?... he huma carta para ti: eil-la aqui.

— Pois acho o caso bem singular! (diz Bouchenot, pegando-lhe) de ninguem espero novas... Quem será que me escreve?

— Pode ser que seja alguma *mu-therinha*... eu cá ja aposto!

— Não... pela letra do sobre escripto bem se vê não ser de mulher.

— Isso não he rasão: ha tantas, que escrevem como traslados. Hade ser d'alguma bellesa, que hontem na funcção conquistasses... hoje escreve, mandando dizer onde poderão encontrar se, fallar, e...

— De pessoa, que estivesse hontem na companhia, onde fui?.. nada, nada: eu nenhuma conquista lá fiz.

— Emfim, não tardará sabermos quem escreve... vamos, abre... despacha-te: que homem tão *molunguerão!* se a tivesse cá, ja tinha rasgado isso n'hum abrir e fechar d'olhos!„

Bouchenot vira e revira a carta entre as mãos, palpando a mesma: parecería a alguem, que o visse estar com este manejo, que elle temia fosse carta de *estalo*. A letra hera bonita, mas contrafeita, e Bou-

chegar nenhuma lembrança tinha de pessoa sua conhecida, que assim podesse escrever: finalmente resolve-se a quebrar o lacre, mas antes d'isso aparta-se de Celina, dizendo:

—"Agora, permissão, queridinha; pode aqui dentro vir alguma cousa, que não seja concernente a mulheres...

—Pois sim, sim, lê primeiro, mas depois eu... se não, bem podes tomar cuidado em ti: vou lê aos olhos.,,

Bouchenot arreda se para ao pé da janella, abre a carta, e á primeira cousa, em que repará, he n'hum bilhete de banco dobrado e mettido alli.

Por hum movimento tão prompto, como o pensar, Bouchenot tira o bilhete, occultando-o na mão, e virando-se hum pouco, para que Celina o não veja, consegue mettê-lo no bolso: feito isto, passa a ver o, que diz a carta, que não está assignada.

„ Suppunha que nunca mais tor-
„ naria a encontrar-vos, porque, se-
„ gundo o estado, em que vos vi a
„ primeira vez, não devia julgar
„ serdes hum homem, com o qual
„ podesse deparar nas convivencias;
„ mas emfim, visto que nos encon-
„ tramos, espero nada influir a
„ vossa situação... ou para melhor
„ dizer, mais rasão tenho para con-
„ fiar continuareis a guardar o ju-
„ ramento, que nos fizestes. Como
„ indaguei os vossos meios de for-
„ tuna, e soube que em vós não
„ abundão, peço-vos que acceiteis
„ os mil francos inclusos nesta car-
„ ta, e todos os mezes recebereis
„ pela posta quinhentos francos: a
„ ésta somma elevo o valor da vos-
„ sa discripção. „

Ja Bouchenot acabára de ler, e ainda tinha os olhos fixos na carta, absorto nas reflexões, que lhe motiva. A admiração, o jubilo e o receio partilhão-se lhe no pensamento; não sabe se deva acreditar o, que lhe acontece, e torna a ler o bilhete

anonymo, facilmente adivinhando quem he o author.

Celina, ja impacientada de que a leitura tanto se prolongue, chega-se a elle, e mettendo lhe meigamente a cabeça por debaixo do braço, diz-lhe:

— "Segundo parece, a tal carta he algum testamento!... vejamos tambem... deixa...,,

Mas Bouchenot, amarrotando a carta entre as mãos, logo a mette n'algibeira, dizendo:

— "Nada vale.... cousas de.... particulares de familia.... que.... não podem interessar-te.... só a mim dizem respeito.... não podes vê-la.

— O que!... não posso vê-la?!... (responde ella, fazendo-se pállida de ciume e chólera) ora isso havia de ser bonito!... pensarieis que ficava paga com essa resposta?

— Pois minha rica, he preciso que assim seja. Torno a repetir-

vos, Celina: ésta carta, só tracta de particularidades de familia..... todos nós temos os nossos *podres*.... e....

— Quaes podres, nem meios podres! e tanto isso he huma grande mentirola, que mais de cem vezes me haveis dicto não terdes familia... que todos os parentes vos tinhão morrido...

— Não me lembrava de que ainda tenho hum primo vivo... hum primo ja em grão arredado... ésta carta he delle.

— E como se chama o tal primo?... basta me saber o nome da pessoa, que escreve... então, vem d'ahi?... nada de resposta... olhem que tal!... nem elle sabe o nome de quem lhe escreveu!...

— Ora se o sei!... muito bem; mas agora não quero dize-lo.

— Senhor Bouchenot... mostrae-me essa carta... vamos, de repente... quero lê-la.

— Mademoiselle Celina, torno a repetir vos que não a lereis: só tra-

cia de cousas fóra da vossa competencia.

— Basta, meu senhor... basta! he inutil querer continuar a enganar-me. Eu não sou tão tola, como Prudencia... Bemdito Deos... muito bem conheço que essa carta he de mulher... he novo *farrancho*, que tendes... Ha muito que ando desconfiada disso... esses mysterios.... as fugidas para casa... essas colicas e dores de barriga.... tudo me fez suspeitar, sem mais poder duvidalo, que andaes com alguma entre mãos.... posso ja contar que estou abandonada... trahida!

— Celina... certifico te... juro-te... que nada disso existe... nesta carta nem huma palavra se tracta d'amores.

— Pois então he mostrar-m'a.... he deixar-m'a ler... O' meu Bouchenot... meu Bouchenotsinho... anda, vê que t'o peço.. deixa me ler essa carta... olha que toda eu estou a tremer, e dá-me algum faniquito.

— Minha rica, usa dos manejos proprios das mulheres, em taes occasiões... chora, range os dentes, treme, arranca os cabellos, e mesmo poderás desmaiar á tua vontade, que *não te mostro a carta*... Custa-me bem recusar-te huma cousa tal, porem não posso deixar de assim o fazer.

— Oh! oh! ja se me falla nesse tom!... ja o senhor me falla assim! (exclama Celina, apartando-se d'elle) *pois bem, meu senhorsinho*, podeis procurar vida, que tudo neste instante se acabou entre nós... não quero mais ouvir fallar em tal homem!

— Será como for da vossa vontade, mademoiselle.

— Aqui está tudo, quanto vos pertence: mettei tudo na trôxinha, o carrego não vos fará suar... he levar isso daqui para fóra.

— He mesmo o que eu vou fazer, mademoiselle.

— E nunca mais vos lembreis de vir aqui batter á porta... nunca me

achareis em casa.... nunca mais procurar-me!... tendes entendido?

—He bastante, mademoiselle... conformar-nos hemos com esse decreto: agora permitti-me a honra de me despedir de vós.... passar bem.„

Bouchenot pega na trôxinha, e desce *mui socegado* a escada; mas ao chegar ao lanço de baixo, Celina lhe atira com huma escovinha de dentes, e hum pente, gritando-lhe:

—"Ahi vae mais isso para acrescentar á bagagem... nada quero, que fosse vosso... dae lá isso á moça nova, para ella *fornecer o seu toucador!*„

Bouchenot pisa com despreso a escovinha e o pente, e sahe da escada, dizendo comsigo:—"Toucador terei eu agora.. casa e moveis elegantes.

—Quinhentos francos por mez!„ repete elle humas poucas de vezes, caminhando ao acaso, sempre com

a trôxa sobraçada, e com a outra mão segurando o bilhete de banco, que leva no bolso das calças; "quinhentos francos por mez... faz seis mil de rendimento por anno!.. isto representa hum capital de cento e vinte mil, e mesmo talvez mais, attendendo ao preço, que valem os titulos no mercado... He verdade que os possuidores d'hum capital assim cobrão o rendimento, e representão mais com aquelle... Linda fortuna!.. linda fortuna para hum rapaz solteiro... para hum rapaz, que nada tinha!.. e depois de mais a mais estes mil francos ja em dinheirinho, que levo aqui bem seguros na mão... ai que agradavel contacto!... ja posso dispende-los como quizer. Ora isto!... eu não caibo em mim de alegria! Isto he magnifico... vae situar-me n'huma posição soberba! Mas estarei eu realmente acordado?... Eu... que toda minha esperança hera hum logar ordinario... hum logar, em que me hera preciso trabalhar, como hum negro...

de repente vêr-me rico... ter hum rendimento destes, e ser senhor absoluto de passar o tempo como quizer. Então, sem ter obrigação de fazer cousa alguma, posso levar a divertir-me, passear e *bamboxetar* desde pela manhã até á noite.... Oh! isto he vidinha de encantar!.. sou de todos os mortaes o mais feliz!...,,

E Boschenot, que, indo assim falando só, ao mesmo tempo surri, como succede frequentemente ás pessoas mui preoccupadas, por pouco deixa de dar quatro pulos no largo, quando de repente, como nuvem negra, lhe encobre as feições, a alegria desapparece, e mostra no gesto que a sua ideia agora lhe apresenta reflexões menos prasenteiras, dizendo:

— Porem esta fortuna, que me cahe... não do Ceo, mas d'huma fonte bem criminosa... se viesse a descobrir se que eu a estou possuindo, não seria julgado complice d'esse homem, que paga o meu silen-

cio? Valha-me Deos!... ésta reflexão faz-me tremer... faz-me esfriar! Que devo fazer? que partido hei de tomar?...„

E Bouchenot caminha mais vagaroso, move tardios os passos, e não sente vontade de cantar e pular: todavia não tira a mão direita do bolso, onde leva mui bem agarrado o bilhete dos mil francos.

Depois de se demorar bastante, pensando naquella ideia aterradora, assim como indeciso sobre o partido, que deve tomar, torna novamente ao soliloquio:

— " Na verdade que sou hum grande pedaço d'asno, em estar consultando a minha cabeça tola sobre se devo recusar a fortuna, que tenho na mão! Ha todas as rasões, que me obrigão a acceita-la... e primeira de todas he vêr-me obrigado a isso, e por força — explicação. — A quem recambiaria eu este dinheiro?.. a carta he anonyma... verdade seja que eu conheço o author, ainda sem poder prova lo... em juizo tal-

vez que elle o negasse! Mandarei eu este bilhete de banco ao senhor Mortandal... a esse Marselhez, com o qual nem ao menos ainda fallei? bem poderá responder-me que não entende o, que eu quero dizer.... que *não me conhece*.... e *nunca me vio*. E que hei de eu replicar a isto? nada: ficar com huma cara de tolo! Ora á vista do espinhoso da *cousa*, eis-me no caso de ficar, por força, obrigado a resignar-me, e receber os seis mil francos por anno, e dispor dos outros mil, que tenho aqui n'algibeira. He ésta huma d' aquellas, que vem perdidas da baralha!.. que me digão se posso haver-me d'outro modo?„

E logo em seguida desta judiciosa reflexão, que harmonisa a consciencia com as circumstancias, Bouchenot *retoma* o seu ar risonho, pois, daquella forma pensando, conseguio calmar qualquer advertencia, que lhe fizesse o remorso. — Isto he exacto: desde o instante, em que o homem capitula com a sua consciên-

cia he porque está resolvido não dar attenção ás vozes, que ella lhe dirige; e em facto de probidade e delicadeza, aquelle, que hesita, he ja culpado: as almas honradas possuem hum sentimento de probidade tal, que não practicão a menor acção, da qual podessem envergonhar-se.

—"Agora pensemos no, que devo fazer (diz Bouchenot) estou *balburdiado* com Celina ... que tambem não deixo de estimar assim succedesse: a hum homem, que tem seis mil francos de rendimento, não lhe está bem viver de cama e mesa com huma *pinta-monos*... O que se diria por ahi de mim?... e de mais a mais assistir na rua da Calandra! Nada; todas as cousas devem condizer humas com as outras: agora preciso d'hum quarto no bairro de gente... na calçada d'Antin: passo a ser hum rapaz do tom, hum elegante do dia... até dormir com luvas. Vestirei com o maior esmero... quero huma luneta e oculo de dous batentes... em tudo a moda. Oh!

que bellos saltos vou fazer dar aos meus seis mil francos! Pois senhor Bouchenot, para começar ja com o pé direito no bom caminho, d'aqui não deve partir a pé... hum homem, como eu, com a trôxa debaixo do braço parece hum alfayate... capaz estou de atirar com a tal trôxa ao rio... porem não... ainda tem humas cousinhas, que bem poderão servir-me. Comecemos: chamo hum cabriolet, e vou em procura de casa propria, em que assista huma pessoa das minhas circumstancias. O' lá! ó boleeiro!... aqui!

—Vamos, podeis subir, meu patrão.

— Alugo ás horas: quero porem andar depressa, e tereis boa gorgeta.

— He quanto basta, patrão: vede lá que horas são?

— Hei de ver boas cousas!, diz comsigo Bouchenot, ao mesmo tempo palpando os bolsos, e fingindo surpreza: " ah! c'os demonios!... certamente perdi o relogio!...

—Perdestes o relogio!... olhae bem não vo-lo tirassem?

— Tambem isso he possivel.... certamente furtarão m'o.

— Então quereis ir fazer essa declaração ao juiso; patrão?

— Estava agora mesmo perdendo o meu tempo, em tractar de similhantes bagatellas! perdeu-se, perdeu-se; comprarei outro: vamos, he tocar o cavallo.

—Mas, para onde he que vamos?

— Em procura d'huma casa para assistir.

— Casas ha por toda a banda... o bairro? para que bairro?

—Ora que bairro! no bairro da gente: deita para a calçada d'Antin, e pararemos onde houver escriptos.,,

O boleeiro toca o cavallo, e conduz Bouchenot á rua du Mont-Blanc. Durante o caminho, o nosso homem não vae no cabriolet, como escondido, procura todas as posições, em que melhor seja visto; e

de tal modo vae fascinado, em ir assim, que não pensa em apear-se, quando o boleeiro lhe diz:

—"Patrão.... alli temos escriptos.

—Muito bem: ide ter com o porteiro, perguntae-lhe o quarto que he, quantas casas tem, e o preço, em que anda.„

O boleeiro apeia se, entra na casa, e volta, dizendo:

—"He hum quarto apparatoso; *tem diversas casas para accommodações*, tudo forrado de papeis pintados, e *novinhos*: dous mil e quinhentos francos.

—Nada; *não me serve*: *isso he* muito grande,... casa para muita familia: vamos em procura de outro.„

Andão huns déz passos, e á vista de outros escriptos, Bouchenot manda logo o boleeiro saber, como ja fizera, o qual volta, dizendo:

—"He hum quarto pequeno, só com duas casas.... proprio para

hum homem solteiro: duzentos francos.

— Isso tambem he pequeno de mais!„

Mas, apenas o boleeiro acaba de subir para o cabriolet, dão por huma casa, com escriptos, do outro lado da rua: o boleeiro torna a descer, para ir tomar informações, antes do que, lhe diz:

— "Parecia-me, patrão, que hera melhor não andar a subir e descer?... huma vez que tenho de andar ás perguntas a todos os porteiros...

— Na verdade que não he commodo andar em cabriolet procurando casas„ diz comsigo Bouchenot; e depois, fallando com o boleeiro, diz-lhe: — "Pois sim, continuae a ir a pé, que eu vos seguirei no cabriolet: quando se encontre casa de geito, então me apearei.„

O patrão e o boleeiro passão d' ésta forma duas boas horas na rua du Mont-Blanc: humas vezes he hum, outras o outro, que toma in-

informações, ou vae ver os quartos; até que finalmente Bouchenot se decide a alugar hum quarto na rua de S. Lazaro, por quinhentos francos, para o qual pode entrar immediatamente.

O porteiro da casa estende logo a mão para receber a esportula; Bouchenot vae com a mão á algibeira, mas suspende-se, considerando que, em dinheiro de prompto, só alli tem quinze sous: tira então o bilhete de banco, e apresentando-o ao porteiro, diz-lhe:

—"Eu dinheiro só tenho comigo *cheques*: podereis trocar-me este?

—Mui facilmente: aqui ao pé temos hum banqueiro.

—Então ide a isso: preciso de dinheiro trocado."

O porteiro recebe o bilhete de banco, curvando-se respeitosamente, porque hum homem, que só tem bilhetes de mil francos n'algibeira, he, aos olhos do vulgo, hum ente superior, e digno de ser tractado,

como principe: em quanto elle vae a ésta commissão, Bonchenot diz comsigo:

—"Ora pois, a respeito de casa e asseada vamos bem; porem nada de trastes... cadeiras, cama.. e eu não quero deitar éstas costellas no sobrado, Felizmente que, em Pariz, quem tem dinheiro, pode n'hum dia comprar tudo, quanto quizer... mesmo até mulher e filhos.,,

O porteiro volta com hum sacco, em que traz os mil francos em dinheiro, que apresenta humildemente a Bouchenot, o qual, depois de lhe remunerar generosamente o trabalho, diz-lhe:

—"Meu caro, agora quizera ter trastes necessarios, para mobilar a casa: dei toda a mobilia, que tinha, a huma pequena... sabeis onde haverá por aqui algum tapesseiro?... isto he pago á vista.

—Sei de cousa muito melhor, e que mais conta vos faz, meu senhor (responde o porteiro). Hum inglez, que assiste lá no quarto em cima,

quer voltar para Londres, e vende a mobilia: he cousa *capasoria!* tudo novo, polidinho; e visto que o homem está de partida, podereis comprar-lh'a mesmo por huma *tuta e meia.*

—Por esse preço quero, quero: e poderemos ir ver esse trem?

—Ja de repente... he subir.

—Pois vamos a isso... O' boleeiro... queres vir ver os trastes?

—Obrigado, patrão.... he preciso que eu tome conta no cabriolet.

—Tens rasão, toma conta em o nosso cabriolet.... dá de comer ao cavallo: olha lá, ração dobrada, e vae por minha conta.„

O porteiro conduz Bouchenot a casa do inglez, que pretende desfazer-se da mobilia, e n'hum momento se opera o negocio: por seis centos francos, acha se Bouchenot possuidor de bella mobilia e mais arranjos, que em algum armazem

lhe custaria pelo menos dous mil. O comprador está encantado com o negocio, pois de prompto se acha possuidor de lençóes, cobertores, toalhas, e até de lenços para amarrar na cabeça. Depois de pagar, lisonjeado com o, que tem, chega o seu enthusiasmo ao ponto quasi de querer abraçar o porteiro; encarrega-o de fazer a mudança, e este promette-lhe que, em duas horas, tudo estará nos seus logares.

Bouchenot torna a subir para o cabriolet, e manda seguir para a rua da Calandra, não que tenha intenção de tornar a casa de Celina, mas importa lhe bastante fazer constar a sua nova morada, para que o carteiro lhe leve as cartas: como he pela posta que deve receber os seus rendimentos, tem o maior interesse, em que as cartas não lhe fiquem retardadas. Vae, pois, em diversas lojas do bairro dar a saber a sua morada, assim como a diversos porteiros daquelle bairro, fa-

zendo de grã senhor com todos, e a todos distribuindo agradaveis cumprimentos tirados da algibeira; e isto faz com que todos lhe promettão ensinar ao carteiro a nova casa, em que mora.

Bouchenot deixa então o seu antigo bairro, murmurando: —"*Adeos Roma, que eu parto!...* de hoje por deante sou outro homem... sou hum dos felices moradores da calçada d' Antin... sou o homem, que vae almoçar em casa de Tortoni e jantar no Caffé de Pariz!.. Outros tempos, outras circumstancias, e por conseguinte outros costumes, fazendo desde pela manhã até á noite o, que unicamente me der na cabeça... Mas, oh! a proposito disso... valha-me Deos, que me ia esquecendo!.. E o meu amigo Henrique hoje em todo o dia á minha espera, para me instalar ao seu balcão!? Agora bem visto estás que renuncio o beneficio; ja não tenho precisão do logar, e pode lá dá lo a quem

lhe parecer. Porem he feia acção não lh'o participar, e faze-lo estar á minha espera: nada; não quero que elle diga que a riqueza me tornou impolido. No entanto, se vou lá dizer-lhe que ja não preciso do seu pão, elle necessariamente ha de perguntar-me que meios são esses... d' onde me vem o dinheiro, que dispendo, e emfim outras muitas perguntas destas. Nada; o melhor he lá não ir .. e não vou, está dicto; escrevo-lhe huma carta, e fica tudo arranjado: ora!.. o papel consente tudo, quanto se lhe quer escrever, e não responde a perguntas. O' boleeiro, pára naquelle caffé lá abaixo.„

Bouchenot entra no caffé, toma hum copo de Malaga, pede que lhe tragão papel, pennas e tinta, e escreve a Henrique a seguinte carta:

„ = Meu caro Henrique, não me
„ esperes hoje, como haviamos con-
„ vencionado... certos negocios im-
„ previstos me obstão a ir ahi; mas

„ dir-te-hei por ésta forma que po-
„ *des dispor do logar, que me ha-*
„ vias proposto: agora não preciso
„ d'elle, por que recebi humas
„ quantias, com que não conta-
„ va, e que me proporcionão hu-
„ ma existencia mais livre; e o,
„ que portanto, me faz mudar do
„ projecto, em que estava de me
„ applicar á vida commercial. No
„ entanto acredita que nem por
„ isso me reconheço menos obri-
„ gado ao teu offerecimento e es-
„ pero me continues a mesma an-
„ *tiga amisade, pois serei sempre*
„ teu amigo, &c. &c. &c. „

Depois de ter assignado ésta carta, Bouchenot diz então comsigo: — " Deveria dar mais huma pennada, fallando-lhe a respeito do dinheiro, que me tem emprestado... mas... Ora sempre sou bem asno!... ah! ah! ah!... elle agora não está em precisão... e lá para ao depois lh'o pagarei: vamos fazer-lhe entregar a carta. „

Bouchenot torna a subir para o cabriolet, e ensina ao boleeiro a casa de Henrique; e, parando ahi, por elle manda entregar a carta, que sabemos escreveu; depois regressa ao seu alojamento na rua de S. Lazaro, e então despede o cabriolet, pagando generosamente todo o serviço.

— "O seu quarto, meu senhor, está prompto, e todos os trastes cada hum no seu logar: espero que ficareis satisfeito do arranjo, em que dispuz a mobilia;" diz o porteiro, apresentando huma chave ao seu novo locatario, com o modo e respeitoso acatamento, como se fôra hum vencido, que apresentasse as d'huma cidade ao vencedor.

— "Bravo, meu porteiro!" diz-lhe Bouchenot, pegando na chave: "sois hum homem expedictivo, e gósto de gente assim. D'aqui em deante ficaes encarregado do arranjo do quarto; varrer, lim-

par o pó, fazer a cama, engraixar me o calçado, e saccudir e escovar me o fato: por todo este trabalho arbitrae vós mesmo o salario. Vamos... serve isto, ou não serve?

— Oh! pois não, meu senhor!... com todo o gosto!... sempre me achareis prompto de narizes no vosso serviço.

— A proposito... ainda não me lembrei de vos dizer onde morava, para que se quizerdes tomar informacões...

— Ora isso diz se-me a mim?!... ora meu senhor!... ora isso he... ora!... he injuriar-me! Ora, a gente logo vê pelas veronicas... ora logo se conhece as pessoas, com quem se tracta. Ora!... informações!.. de nenhumas preciso do senhor.

— Vamos...,, diz comsigo Bouchenot, " o homem foi tocado d' éstas minhas maneiras francas, e de fidalgo!... no entanto vejão o que he apresentar o dinheiro, co-

mo primeira pessoa do verbo quero!... „

CAPITULO III.

O amor foje... a amisade retira-se.

—"Encantador mesmo de encantar!... divino!.. delicioso!., exclama Bouchenot, transportado de gosto, atirando comsigo a hum sophá, situado defronte da cama. 'Tenho hum quarto, que até faz saude!... mobilia, á qual ja se pode chamar boa... moro no bairro o mais elegante, e tido por de maior tom da capital... e, alem de todas éstas cousas, tenho hum sacco cheio de dinheiro.., Ora eu digo hum sacco cheio de dinheiro, não he exacto; nisto ha excesso... estava cheio, e não lhe dei hoje máo corte!.. contemos o, que resta. Trezentos e ses-

senta e cinco francos... oh! ainda he boa continha; assim mesmo preciso moderar os meus gastos, para que me chegue, até receber o primeiro mez. A cousa vae bem, estou n'huma posição muito agradavel... nunca me vi assim! Ora pois, gosemos desta minha boa fortuna.... divertir, e passar bom tempo... ja se sabe, como o passa a gente fina, para não descahirmos da classe, em que Deos nos fez nascer. Ai! futuros, futuros... quem sabe!... talvez alguma senhora poderosa se agrade de mim, ou que herdeira rica, prendada e bella acceite os meus rendimentos! E porque não farei eu hum casamento rico, dobrando, ou triplicando os meus rendimentos? Ja d' aqui o digo: se a occasião se me apresentar, não vem ás mãos d'hum tolo: fiquem certos de que não a deixo fugir. ,,

E Bouchenot ergue se para passeiar no quarto, encantadissimo de ser o locatario de tal habitação: que não he palacio, mas só consta

de duas casas, alem da de entrada, porque na calçada d'Antin, sendo hum quarto pintado e decorado com aceio, por quinhentos francos, he preciso ser muito pequeno.

—"O local he o mais agradavel possivel (diz Bouchenot) assim mesmo, lá para ao deante mudar-me-hei para outra casa mais vasta: por agora he bastante para os moveis, que tenho. Se, como penso, e tudo me faz esperar, arranjo hum casamento rico... oh! então he que hei de comprar mobilia elegante, moderna... gotica .. e tudo que mais estiver em moda. E sege?.. sege... porque não? agora nada me parece ja impossivel!... mas, em quanto não temos toda essa *batóta*, vamos metter o, que trouxe, nas gavetas."

Bouchenot desata á trôxinha, com que sahio de casa de Celina, na qual só ha quatro camisas, seis lenços, huma duzia de collarinhos de impostura, huma calça, hum collete, e alguns pares de meias: abre então huma linda commoda, mui

polida, que tem no quarto da cama, estende n'huma das gavetas as quatro camisas, na outra os collarinhos, e na terceira os lenços, dizendo:

— " A respeito de roupa branca, estou muito em baixo, mas d'aqui a pouco hei de ter éstas gavetas cheias.... cercearei alguma cousa nas minhas despezas... Preciso.... preciso *ordem*.... *muita ordem*.... quero que me vejão outro. Emfim, tenho a mobilia correspondente a hum quarto destes, e mobilia elegante. Oh! e o espelho? esse não, que he da casa; mas tenho duas *poltronas aceadissimas*, seis cadeiras estofadas .. hum sophá... huma secretaria... commoda, mesa... Tenho a casa arranjada capazmente para receber visitas.... e visitas do tom! Oh! heide te-las... reuniões, chás, ponxes. Ah! viva Deos! que bella vida vou passar! „

E Bouchenot salta pelo quarto, depois atira comsigo a huma das poltronas, mas logo se ergue para estirar-se no sophá, indo fazer o

mesmo sobre a cama, para reconhecer se o colxão he fofo.

Depois de acabar todo este manejo, que dura não pouco tempo, começa a sentir se fatigado de sentar-se e deitar-se, e então vae para a janella, á qual se encosta para tomar conhecimento com as visinhas, no caso de as haver raparigas e bonitas.

Porem as janellas fronteiras estão fechadas, e só, no fim de muito tempo, vê abrir-se huma, á qual apparece sexanaria matrona, com hum turbante na cabeça, as faces carregadas de côr, e huma verruga sobre o nariz, tão prominente, e volumosa, que bem se lhe vê de longe. E'sta beldade faz reparo no visinho, e mais d'huma olhadella lhe dirige, porem elle fecha logo a janella, dizendo comsigo:

— "Se todas *as minhas visinhas* são iguaes áquelle typo, não farei muita frente na janella. A' vista d'aquelle *canhamaço*, he preciso convir que Celina hera huma divin-

dade... Hera boa moça... e ainda o he... porem huma grisette... huma illuminadora d'estampas... ja não, ja não está em harmonia comigo. Eu esqueço a logo... tudo se esquece neste mundo, principalmente achando-se hum homem nas circumstancias de poder procurar distracções... Mas agora por isso... vamos distrair-nos, e primeiro que tudo mandar fazer hum casaco para vestir por cima... cousa elegante, bordado, com alamares... assim como solana de judeu, que vende tamaras: he traste util, pois abafa, e, alem disso, dá certa imposição ao homem; e' tambem preciso variar no trajo: quem mora n'huma casa assim, não hade andar sempre com o mesmo fato „

Bouchenot vae a casa d'hum alfayate encommendar a tal *samarra*, querendo que esteja prompta para o outro dia, e que pagará o, que *for*... com ésta palavra magica desfazem-se todos os obstaculos; deixa dito onde mora, e ainda na escada

torna a repetir — O *senhor Bouche-*not, rua de S. Lazaro, calçada de Antin. —

Tal he a ideia, que labora n'aquella cabeça: parece-lhe que ninguem deve morar n'outro bairro!.. a seus olhos, quem não habita na calçada d'Antin, não vale a pena de ser conhecido; e os habitantes d'outros bairros são, para elle, *parias* e desgraçados, que não dão nomeada a quem os visita. A fortuna transtornou completamente a cabeça a Bouchenot, que na verdade ja não a possuia mui solida, relativo ao pensar. Que não sirva isto de grande admiração: a senhora fortuna tem, mais de huma vez, feito iguaes experiencias em cabeças, até de homens de juizo, e portanto menos maravilha deve causar se obra tão rápidamente naquellas, que nunca o tiverão. Para resistir ás negaças da fortuna, para não mudar quando ella nos commula de seus dons, he preciso ser dotado de estranha força de caracter.... de ainda maior,

que para supportar os baldões da sorte. A desgraça, ou infelicidade, recebem se como cousas naturaes, como velhas conhecidas, das quaes se espera a visita. A ventura he pelo contrario... aterra nos ou offusca nos com o seu brilho, ao mesmo tempo que nos espanta... he hum extranho, que nos procura, e que não estamos devidamente preparados para o receber.

Em quanto não são horas de jantar, o novo rico foi dar hum passeio ao boulevard dos Italianos; onde toma huma lição de estudo em imitar o gesto, modos, e até a maneira, com que movem os passos, estendem a perna, e endireitão o corpo os rapazes, a quem o mundo e a moda chama do tom, ou elegantes do dia. Boochenot todo elle he olhos para imprimir bem na sua ideia a lição, e a tanto leva a imitação, que se tornou huma copia ainda mais ridicula.

Depois d'hum longo passeio, em que Bouchenot não ousou surrir hu-

ma só vez, temendo que isso fosse notado como incompetente a hum elegante, dirige-se ao Caffé de Pariz para jantar. Entrando alli, novamente se occupa em examinar como jantão os *petits-maitres*; pede agua de *Seltz*, de que não gosta, mas sim para ir concorde com o, que vê; ao mesmo tempo que não pede alguma cousa de seu gosto, temendo ir contra a moda.

Nessa noite, para acabar de ensopar-se nas boas maneiras, Bouchenot vae aos Italianos, isto não entendendo a lingua, nem sabendo appreciar a musica; mas, ainda o espectaculo não está em meio, ja sente a mais decidida disposição para dormir, e só pode combate-la, deligenciando revestir-se d'hum enthusiasmo para gritar a todo o instante: — *Bravi! brava! bravo!* bravissimo! „

Ao sahir do espectaculo, quer Bouchenot entrar para o seu novo domicilio; mas, pouco habituado ao

bairro da calçada d'Antin, perde-se nas ruas, que vão dar á sua, e só, depois de trez vezes ter andado e desandado o mesmo caminho, chega emfim ao pé da sua nova morado, que ja receiava não tornar a ver.

A porta larga, que todo o dia fica aberta, agora está fechada; Bouchenot quer batter, procura a argola, ou campainha, porem nenhuma destas cousas encontra.

—"Ora viva!... como diabo hei de eu fazer isto para entrar em minha casa? (diz elle comsigo). He verdade que muito contente e ufane estou em morar na calçada de Antin... porem, se tenho de passar trabalhinhos para entrar, ou vêr me obrigado a passar toda a noite á porta, então estou aceiado!... fico privado de sahir!... O' lá!... ó!... porteiro!... vem d'ahi alguem?,,

Porem nenhuma vóz lhe responde; e, como he tarde, e a rua de S. Lazaro, que não he muito frequentada do lado de Clichy, apre-

senta hum aspecto de solidão, que não causa pequeno receio a Bouchenot, chega se á porta, dá-lhe bicoadas com os bottins, batte com as mãos, mas a porta não se abre, e ninguem respande.

—" C'os demonios do Inferno!.. pois eu hei de vêr-me obrigado a ficar na rua? irrorio! isto ja não me cheira bem! „ grita Bouchenot, que se esquece da escolha de expressões, proprias dos *fashionables*: " bem eu aluguei hum quarto de quinhentos francos para estar de sentinella á porta huma noite inteira. O' porteiro!... porteiro?... vamos, abri a porta!... porteiro.... diabo! caxorro! *seresma*, carcassa... O' velho maldito, ouves?... anda, abre, que estou aqui a regelar-me.

Bouchenot espera alguns momentos pelo resultado, porem nada de novo. —" Ah! elle he isso? pois espera, que hasde abrir-m'a, ainda que venhas como tua mãi te pario! „ e logo entra a gritar — O' da guar-

da! accudão! ó da guarda, que me matão!... ,,

Mas assim mesmo ningnem responde, não apparece huma luz, nem pessoa alguma ás janellas; somente dous individuos, que vinhão pela rua adeante, ouvindo aquelles gritos, voltão para traz, correndo a bom correr.

—" Irrorio, com o tal bairro!... aqui bem se pode matar e enterrar gente, sem que appareça alma viva! ,, diz Bouchenot, cançado de gritar inutilmente." E que tal! em? qual accudir nem méio accudir!... apenas obriguei a fugir quem vinha! Bonita rua.... bem boa para os ladrões atacarem quem passa.... aqui sim, aqui podem elles fazer o seu negocio descançados!.. pois declaro que nada estou contente! Ah! porteiro do diabo,... assim he que me agradeces ter-te eu dado alguns quinze francos!... Oh! lembre-me Deos em bem.... talvez com este ardil venha o *carocha* abrir... sim, desta forma, creio que estou arran-

;ado — Accudão, que ha fogo! fogo! fogo! „

E Bouchenot repete estes gritos, que por muito tempo nenhum effeito produzem; até que finalmente abre-se huma janella do terceiro andar, por cima de Bouchenot; a ella apparece hum homem velho, em fralda de camisa, e com hum lenço amarrado na cabeça, olha para a rua, e pergunta com huma vóz acre:

—" Onde ha fogo?.. onde he?

— He no quarto de sua mulher: pegou-lhe, estando ella a catar as pulgas... „ responde Bouchenot ao acaso.

— O' bregeirote... espera que eu te apago o, que tens na cabeça, causado pela vinhaça: isto he para não vires fora de horas acordar a gente! „ e então o bom do velho emborca-lhe mesmo em cima o conteudo d'huma bacia de cama, fechando ao mesmo tempo a janella.

— " Oh! ésta agora he de todos os diabos! ah! filho... „ grita Bou-

chenot exasperado, achando-se com todo o fato ensopado. " Se d'ésta forma são tractados todos os, que morão na calçada d'Antin, amanhã dou o bairro das grandezas ao diabo, e deixo-o cá haver-se.... mudo me. Porem deixemos-nos de lamentações.... aqui o caso ponderante he abrir-se me a porta, pois quero entrar... e hãode abrir-m'a... oh! ainda que deite abaixo a casa. „

E logo, agarrando em pedras, com ellas entra a atirar ás taboinhas, que resguardão os caixilhos, e deste combate não cessaria, antes cada vez estava mais animado, quando repentinamente sentio agarrar-se por hum braço vigoroso: volta-se mui assustado, e vê na sua retaguarda huma patrulha.

— " Então o senhor he o, que pretende deitar casas abaixo? (lhe diz o cabo de esquadra, sem largar-lhe o braço) que tal está a maluqueira!... ora pois ainda chegamos a tempo de evitar a demoli-

ção do predio... vamos, he acompanhar-nos: camaradas, olho n'elle!...

— Meu cabo d'esquadra (responde Bouchenot) muito estimo que apparecesseis e mais a honrada patrulha, porque eu sou morador nesta casa: ha mais d'huma hora que estou a batter, sem me abrirem a porta: ahi está a rasão porque tenho empregado todos os meios... todos os meios, de que me lembrei.... agora atirava com *pedrinhas*... olhae que herão pedrinhas *pequenas*... herão pequenas, para que ouvissem de dentro.

— He bonito modo de annunciar se para lhe abrirem a porta, atirando pedras ás janellas! Meu *tafulo*, essa déria para cá não pega... a creança suppoz que fallava a recrutas! Vamos, he acompanhar nos para a estação.

— O' senhor cabo de esquadra, pois eu heide ir prezo.... lá para a guarda!... e porque motivo, senhor cabo d'esquadra? não vos disse ja,

meu cabo d'esquadra, que moro aqui?... Ora o cabo d'esquadra bem hade pensar se tenho rasão.... portanto, senhor cabo d'esquadra, obrigae a que venhão abrir-me, e fica tudo arranjado: entende o cabo d'esquadra?

— Ja disse... não quero rasões... máo!... he acompanhar-nos.

— Porem, senhor cabo... eu sou inquilino d'hum quarto, de que pago quinhentos francos, aqui nesta casa.... na calçada d'Antin.... sou cidadão... goso dos meus direitos, e não he para ir dormir, nem passar a noite n'huma casa de guarda.

— Andar! andar!... andar depressa... apanhei-vos atirando pedras ás janellas.... esse não he o modo de entrar para huma casa.

— Mas quando huma porta assim do diabo não tem argola, nem campainha...

— Isso são desculpas de máo pagador: em todas as casas ha o que he preciso para serventia dos moradores.

— Pois asseguro-lhe, senhor cabo de esquadra... ora venha o senhor cabo de esquadra verificar se o que eu digo...

— Nem mais huma palavra!... lá, na guarda, dareis o resto da maçada.„

Bouchenot vê-se obrigado a ir no meio da patrulha, caminhar depressa, e calladinho, para que as coronhas das armas do sequito não façam conhecimento com as suas costas: cede á força publica, porem não sem maldizer o seu destino, e o systhema das portas na calçada d'Antin.

Chegados á estação, Bouchenot pede fallar ao commandante, porem o commandante acabava de adormecer, e o cabo não julgou acertado acorda-lo; portanto fez entrar Bouchenot para o callabouço, onde teve de passar a noite em companhia d' hum ratoneiro, e d'hum embriagado, o que bem podemos julgar seria bem desagradavel para quem tivesse allugado hum lindo quarto,

e feito os gastos de competente mobilia.

Finalmente, ao romper do dia, o commandante do posto veio reconhecer quem herão os prezos: Bouchenot faz-lhe a sua exposição, explica a sua aventura, e dá cem sous ao tambor para que vá á casa indicada chamar o porteiro, para este verificar a verdade.

O tambor parte, e não tarda acompanhado do porteiro, o qual não pode saber a rasão porque o seu novo locatario dormio no corpo da guarda, quando por meio d'hum lindo florão de metal bronzeado, que se acha na extremidade esquerda da porta larga, dá este o reclamo a huma campainha.

—"Hera preciso que m'o tivesseis mostrado... eu sabia cá do florão do diabo!„ exclama Bouchenot, sahindo d'alli: " se eu soubera de tal, não gritava aqui d'ElRei, não gritava que havia fogo, não atirava com pedras ás taboinhas.... e nem levaria em cheio com hum... Ai que trabalhinhos!„

Chegados á porta, Bouchenot pede ao porteiro que lhe mostre onde está situado o florão bronzeado, que estava artisticamente confundido com o moldurado, o puxa cinco ou seis vezes, exclamando:

— "Ora que diabo pensaria que, puxando-se ésta cousinha, badalava a campainha lá dentro?

— Meu *senhor*,, lhe adverte o porteiro:" presentemente usa-se isto em todas as casas de certa ordem... eu pensei que o soubesseis, quando não, tervo lo hia indicado.

— He huma verdade... tendes rasão... (diz Bouchenot) eu bem o sabia, mas de noite sou hum desmemoriado: agora, d'aqui em deante, já posso affiançar que nunca mais terei de dormir n'hum corpo de guarda. Oh! a proposito... quem assiste no terceiro andar, por cima do *meu*?

— Hum militar velho... solteiro.

— Bem, bem: agora sei o motivo porque elle julgou que o chasqueava hontem á noite.

— Acaso vos provocou?... isso não me admira, pois he homem bulhento.

— Nada, nada... o homem nada fez... assim mesmo escusado he dizerdes-lhes que fui eu quem deu o alarme de fogo: isto serviria para dar gargalhada á minha custa: não ha precisão.

— Ficae descançado, que serei mudo.

— Ora pois então, porteiro, eu vou-me deitar, porque n'hum corpo de guarda a tarima escangalha o costellame, e nada lá poude dormir.„

Bouchenot entra para sua casa, deita-se, e dorme toda a manhã; acorda para sahir a jantar, e entra cedo, ainda receioso de não atinar com o florão; porem desta vez acha franca a porta, e por conseguinte não tem de chamar com seus gritos a patrulha.

Decorrem assim quinze dias depois que Bouchenot mora na rua de S. Lazaro, e que se ensaia em to-

mar as maneiras d'hum homem do *tom*: levanta se muito tarde, passa horas inteiras, gastas no artigo adorno, que nem huma belleza ja estafada a reparar os estragos mundanos... vae passear, lê os jornaes, janta, vae aos espectaculos, aos concertos, e depois volta para sua casa, onde fuma charutos aromaticos.

Assim mesmo este novo modo de vida não o diverte, nem distrahe completamente, mas lisonjea-lhe o seu amor proprio, e persuade-se de que a elle ha de afazer-se. O, que muito porem o maravilha, he não ter ainda feito alguma conquista... não ter ainda recebido algum escriptinho: da sua parte não he a falta, pois nos espectaculos, ou passeios, logo que vê huma senhora bonita e vestida com elegancia, faz todo o seu possivel para ser reparado; chegando mesmo a ter feito mais d'huma declaração, porem nenhuma boa fortuna o *destino* lhe manda. Rasão tem elle pois de se admirar: por-

que motivo hera mais feliz com as mulheres, quando só partilhava a terça parte d'huma casaca, e sem os esmeros da elegancia e da moda? Bouchenot faz muitas vezes á ideia ésta pergunta, sem obter exclarecimento. Não comprehende que he mais facil agradar ainda expondo francamente os defeitos, que a natureza nos deu, deque obrigando o natural a sensivel mudança. Bouchenot, frequentando as grisettes, pondo chapeo á banda, e não andando, como agora, impertigado, tinha hum modo lesto e alegre, que algumas vezes poderia agradar; mas actualmente, macaqueando os *petit-maitres*, usando de maneiras emproadas, tornou-se ridiculo, e se alguem n' elle repara he para o escarnecer. Sempre que obrigarmos o natural para fazer qualquer cousa será distituida de graça.

Todavia, recolhendo-se huma noite para casa, o porteiro o interrompeu na subida, dizendo-lhe com hum maligno surriso:

—" Veio aqui huma senhora procura-lo.

— Huma senhora! huma senhora!„ responde Bouchenot, todo inchando em desvanecimento.

— Sim, meu senhor... que eu disse huma senhora... mas assim mesmo estou duvidoso... não me lembra bem... talvez fosse huma rapariga.

— E vinha vestida com asseio, grandeza, elegancia?

— Oh! não, não: o vestuario não hera de espantar! vestido simples... touca...

— Isso então he cousa de creada grave.

— Bem poderá ser .. até mesmo estou persuadido de que he creada grave.

— E vamos, que perguntou... o que disse?

— Se o senhor morava aqui, e a que hora o encontraria.

— He cousa de senhora, que mandou a creada colher informações: disse porem de onde hera mandada?

— Não, meu senhor.

— Tambem sou tolo!... a creada está visto que não havia de dizer a hum porteiro o nome d'alguma senhora, que talvez seja grande fidalga... Nada máis, então podemos ajuisar?... nada disse, não deixou recado...

— Recado deixou, e he que amanhã de manhã antes das onze horas o virá procurar.

— Agora isso entendo eu: Ja ficaes portanto sabendo que, em ella vindo, dizei-lhe que suba ao meu quarto: he cousa de bilhete amoroso, de que vem encarregada para m'o entregar em mão propria.„

Bouchenot sobe mui desvanecido e cheio de contentamento; está persuadido de ter feito a conquista d' huma grande beldade; considera-se o heroe d'huma aventura brilhante; recebe os presentes; vê-se acariciado, considerado por todos; e até ja passeando em carruagem magnifica, pertencente á sua bella, que lhe empresta a equipagem e cavallos,

em quanto lhe não dá posse da sua mão e riquezas: cheio destes lisonjeiros pensamentos, deita-se, e a ideia lhe engendra sonhos magnificos e concordes com elles. Na manhã seguinte logo que acorda, corre ao seu toucador, lava se, escasquea-se, e prepara-se com esmero, para que a encarregada possa fazer a sua ama hum detalhe favoravel da sua elegancia; manda, pelo porteiro, comprar hum chambre adamascado, pois julga que o mancebo do tom, quando está em casa, deve usar de chambre, mas hum chambre elegante e de têla custosa. Esta despeza torna-se-lhe algum tanto pesada, pois deve governar o seu dinheiro até ao fim do mez; porem irá menos vezes ao espectaculo, e jantará n'hum casa de pasto, onde gaste menos.

O porteiro dá bella conta da incumbencia, trazendo-lhe hum chambre, que muito o satisfaz. Bouche-

not veste-o, depois de frisar o cabello, perfumar-se, e julgar que nada lhe falta, mesmo para encantar de lonje; mette a chave pela banda de fóra, para não ser obrigado a ir abrir a porta, e depois recosta-se no sophá, procurando tomar huma attitude, em que melhor possão realçar as graças, que julga ter, e espera, cheio de impaciencia, aquella, que suppõe ser creada grave, e vir encarregada de preencher a sua mensagem.

Assim espera até ás déz horas e meia, em que ouve batter na porta duas pancadinhas, e Bouchenot grita logo, sem desarranjar-se: — "Podeis entrar!„

A porta abre-se, e por ella entra Celina no quarto.

Sería difficil pintar a cara, que fez Bouchenot, ao reconhecer Celina; todas as illusões, que o possuião, n'hum instante o desamparão: depois de soltar hum exclamação de surpreza, deixa se cabir no sophá, murmurando:

— "Ora ahi está como as cousas são!... Valha me Deos! e para isto fiz eu a despeza d'hum chambre destes?!!

— Sou eu... ,, diz a illuminadora de estampas, chegando-se ao, que fôra seu amante." E então! fizestes huma cara tão piedosa... dir-se-hia que a minha visita não vos causa gosto!

— A vossa visita.... ,, responde Bouchenot, mostrando visivel embaraço;" he verdade... he verdade que nesta occasião hera o, que eu menos poderia esperar!

— Admiro-me de que não me esperasseis.... deveis saber ter eu vindo aqui hontem á tardinha... até disse ao porteiro que...

— Porteiro!... hum gráo acima! n'esta casa não ha porteiro: he guarda portão.

— Porteiro, guarda portão, ou suisso cá para mim he tudo a mesma cousa: a elle disse que voltaria hoje de manhã.

— Porem não lhe dissestes o nome...

— Julguei não ser necessario: segundo os signaes da pessoa, que vos procurava, logo reconhecerieis ser eu.

— Confesso que serieis a ultima pessoa, de quem poderia lembrar-me.

— Na verdade que me fazeis hum lindo e muito agradavel cumprimento!

— Oh! desculpae-me... queria dizer... não julgava que pensarieis em mim... em me visitar.

— Isso he verdade... não devêra ter vindo... se tivesse assim mais hum boccado de capricho... mas emfim entrei a reflectir que, sendo eu a, que dei motivo á altercação, que houve entre nós, por motivo d'aquella carta, entendi que não irieis procurar me... não obstante terdes muita vontade de fazer as pazes; e o, que principalmente assim mo fez pensar, foi o cuidado, que tivestes, de andar dando parte

aos visinhos onde hera a vossa nova morada... á mulher da fructa... ao tendeiro... desses he que eu o soube. Então disse comigo: huma vez que elle deseja dar-me a saber onde mora, he porque provavelmente espera receber-me em sua casa... Isto disse eu muitas vezes.... Agora pergunto, enganei-me neste modo de pensar? não foi com a esperança de eu vir procurar-vos que andastes dizendo aos visinhos a vossa morada?„

Celina fez hum rosto tão macaqueiro, ao dizer éstas palavras, que bem poucos homens deixarião de responder lhe com enternecidos abraços; porem a fortuna subjuga muitas vezes éstas amorosas demonstrações do coração, ás quaes huma alma franca e simples não receia entregar-se: teem pois rasão aquelles, que dizem não se deve sempre olhar para a fortuna como pedra fundamental da felicidade.

Bouchenot, não sabendo o, que hade responder, disfarça, tomando

o partido de apresentar huma cadeira a Celina, dizendo-lhe:

—"Sentae-vos, mademoiselle.

— Mademoiselle!... sentae-vos! Oh! Deos meu, com que ceremonial me fallaes! (replica a grisette, chegando-se para o sophá). Porem huma vez que ahi estaes sentado... parece-me que tambem posso caber ao pé de vós... Que dizeis? não vos agrada a proposição?

— Eu não digo isso.... mas este sophá he tão estreito.... de modo, que duas pessoas ficão assim tão chegadas huma á outra.... isso afronta!

— Mais chegados ja nós estivemos por muitas vezes, e então nunca vos queixastes d'esses afrontamentos.„

Bouchenot, cada vez menos em circumstancias de saber o, que lhe responda, não vê outra alternativa mais, do que fazer logar para Celina sentar-se, a qual o faz, meia triste e risonha.

—"Na verdade que tendes hum

quarto lindissimo!„ diz ella, passado hum instante de silencio: " he realmente de encantar.... até a escada he polida como hum espelho!.. Que differença para as casas da rua da Calandra!... E estes moveis!... são da moda! Pelo que vejo, a fortuna tem andado com vosco pela mão?

— Não, mademoiselle... não fiz fortuna... quero dizer... fiz... entrei na posse ahi d'huma herança... que me deixou hum parente, de gráo remoto... assim como se me annunciava naquella carta, que recebi em vossa casa... porem vós não quizestes acreditar-me.... agora ja vêdes que eu fallava a verdade.

— Porem nessa occasião nem huma palavra me dissestes a respeito de fortuna..... só me dissestes ser hum primo, que vos escrevia.... E depois tambem não sei a rasão por que, recebendo huma nova tal, não a deixastes ler.... a quem tanto se interessava... tantas mostras vos dera de fiel amisade.

— Pelo que vejo, ides recomeçar a mesma cantiga, mademoiselle? Se foi para isso que viestes cá, bem escusado hera.

— Não, meu senhor, não... Vim resolvida a nada vos perguntar... a nada vos lançar em rosto... lá guardareis esses segredos, que eu nunca mais por elles vos perguntarei; mas com huma condicção, e he repetirdes-me que tendes sido sempre, e continuareis a ser o mesmo para mim... que não foi mulher quem vos deu todo este luxo... e enfim que não tendes outra amante. Dizei-me isto, e ahi ficão as pazes feitas... nunca mais vos farei perguntas... nunca mais altercarei... nem serei ciosa, e continuaremos a viver juntos, como de antes; pois, ainda que vos apartastes de mim tão disparatadamente, a corda quebra sempre pelo mais fraco: eu quebrei por mim, pois vos tenho o mesmo amor. Ah! desde a nossa separação, ainda hum só dia não deixei de chorar, e sempre pensan-

do — talvez venha hoje — corria á porta hum poder de vezes, assim que sentia subir a escada... tremia, já pensava serdes vós... fiquei tão contente quando soube onde moraveis... e logo disse comigo — veio dizer onde he, pois então deseja vêr-me... Vamos, tenho errado nos meus pensamentos?... he o, que digo, verdade? „

Bouchenot esfrega as mãos, vae com ellas coçar as orelhas, puxa as abas do chambre, e como regosijando-se de que lhe está bem, responde:

— Que tal vos parece este chambre? que dizeis? não he bonito? não me está bem? nenhum taful o terá melhor!

— Ora Deos meu! com o que elle vem! o vosso chambre he bom... porem não me respondeis ao, que vos disse?

— He de damasco da Persia... em! he do tom!... na rua da Calandra certamente nenhum tereis visto!

— Não, não; lá tem succedido muitas vezes, e a pessoas do meu conhecimento, não terem mesmo fato, com que poderem sahir á rua.... porem, se a esses faltava a casaca, os bottins, a cama, e emfim tudo, ao menos, não desprezavão fallar ás pessoas, que... não tomavão com ellas hum tom desdenhoso... e até fazião juramentos de que as adoravão! Muito melhor me parecieis então, doque hoje com o tal chambre tão gabado.

— Mademoiselle... tambem não sei porque rasão me estaes a soccar com tudo isso; parece-me que estou no meu direito, e sou senhor de mim para trajar á minha vontade!.. e depois, quando hum homem, assim como eu, vem morar para a calçada d'Antin, forçosamente hade seguir as modas.

— Mademoiselle?... sempre mademoiselle!... Ah! vejo bem que tudo está acabado, e que vós ja nada sentís por mim!„

Bouchenot nem huma palavra res-

pende; Celina volta a cabeça, não tardando as lagrimas em escorrer-lhe pelas faces; e, ainda que as queira reprimir, aquelle, que tão proximo está a ella, em breve lhas appercebe: então sente-se tocado, trava-lhe por huma das mãos, e diz-lhe:

—"Porque motivo choraes?

—Oh! vós mui bem o sabeis!

—Pois eu não quero ser o motivo dos vossos pesares!... Vamos, Celina, juizo, nada de choradeiras... ouvi o, que tenho a dizer-vos.

—Dizei lá, que vos ouço.

—Eu não devo negar a verdade, vós sois muito galante.... mesmo galantissima... e eu amo-vos ainda muito, muito, porque sois muito galante.

—Passemos desse artigo a outro!

—Oh! caxorrinha!... sempre viva e azougada: he logo... toma fogo como a polvora!... Pois sim, querida amiguinha, bem podemos estar hum com o outro algumas vezes... Isso quero eu muito... e então

mandarei dizer-vos quando aqui devereis vir. Tendes juizo para julgar que não podemos estar juntos, como em outro tempo... a minha nova posição não o permitte... nem mo consentiria o gosto de levar-vos a passeiar: estes, são daquelles sacrificios, que os homens da minha classe se achão na precisão de fazer para á roda, com que se convive. Porem torno a repetir vos, isto não faz com que deixemos de querer muito hum ao outro... de ser muito amiguinhos nessas occasiões em que nos juntarmos... Ora, quando for occasião... como disse, mandarei advertir-vos.„

Celina nenhuma resposta lhe deu, mas enxugou os olhos, guardou o lenço na algibeira do avental, e levantou-se vivamente, retirando ao mesmo tempo a mão, que Bouchenot lhe segurava.

— "Então que he isso? que fazeis?

— Retiro-me.... Adeos, senhor Bouchenot.

— Pois que! sahis assim dessa maneira, e sem responder ao, que vos propuz? não sei o, que deva pensar d'huma resolução tão improvisa!

— Isto vem a dizer, meu senhor, que eu não quero o amor d'hum homem, que se envergonhe de eu lhe pertencer... que se peja de saberem a sua ligação comigo... que se julga ja hum grande senhor, e como tal incapaz de eu acompanhar com elle. Ora, tambem a minha retirada, tão prompta, igualmente quer dizer que muita lástima tenho de assim vos ver pensar; e que, apesar de grisette, como talvez me chamareis, não sou de caracter para ter hum amante, que me fizesse esconder, ou mandasse embora, quando lhe chegasse alguma pessoa da sua amisade.

— Porem, Celina... eu...

— Oh! vós não pensaveis assim, quando, *musinho*, vos deitastes debaixo da torneira do meu pote, para representar comigo o papel do bello

Leandro.... para me enternecer.... para me seduzir!...

— Mademoiselle... então... hera... eu...

— Então bereis vós muito menos tolo, doque hoje, meu senhor, pois sabieis usar de palavras, com que vos fizestes amado; e presentemente não sabeis mesmo confessar com franqueza que ja por mim nada sentís. Mas ficae socegado, porque as minhas visitas nenhum incommodo mais vos darão: não sou dessas grandes madamas para vir á calçada d'Antin, e prometto de aqui não vir mais. Quanto a vós, meu senhor, conheço que seria comprometter-vos, indo á rua da Calandra... todavia, se mudardes de circumstancias, e essa nova fortuna vos fugir tão depressa como veio... então lá me encontrareis sempre... sempre disposta a servir vos no que estiver ao meu alcance: ficae certo de que alli sereis melhor acolhido, doque eu o fui hoje aqui. Adeos, senhor Bouchenot.„

Acabando de assim fallar, lestamente sahe do quarto, e ainda da casa, antes que o seu antigo amante tivesse tempo de tornar em si da surpreza.

— Ora, foi se? pois deixa-la ir!.. que se vá com a *breca!..*„ exclama Bouchenot, passados alguns instantes. Mal sabe ella o, que perde!... ainda poderiamos ter algumas relações... assim como de passagem... para rir; porem, huma vez que tornou o caso em trambolho, adeos!.. viva! Mesmo até muito favor me faz... Ai! que vergonhaça eu passaria, sabendo-se ahi pela visinhança que vinha aqui huma grisette... Emfim, menina, arripiaste te? pois olha que me livras de grande compromettimento. Assim mesmo, pena he não ser ella huma dessas senhoras cá da *minha roda*, porque he bem bonita.... mas outra como ella encontro eu ahi a cada canto, e que pelas circumstancias do mundo melhor me convenha. Tractemos de arranjar huma: quero ver se a

pesco da janella, mostrando-me com o meu chambre rico.„

Na manhã, que se seguio ao dia desta visita, quando ia a despir o chambre para sahir, Bouchenot sentio bater na porta: logo carregou as sobrancelhas, dizendo:

—"Querem ver que temos por ahi segunda vez a tal mademoiselle Celina? Ora ésta grisette de não sei que diga não me deixará socegado?... não, isto assim torna se insupportavel!... Se continúa, vêr-me-hei na precisão de a fazer despedir pelo meu porteiro... Vamos, quem quer que he entre... a chave está de fóra!„

Logo a porta se abre, e, em lugar da illuminadora d'estampas, he George, que entra, acompanhado de Thimoteo.

—"Ui! que vejo eu! (exclama Bouchenot) são os meus queridos amigos.... os meus bons amigos.... Ora eis ahi huma surpreza encantadora!

—He verdade! somos nós!... foi

preciso que viessemos procurar-te, huma vez que não te deixas ver... que não dás novas de ti.... ,, diz George, apertando a mão a Bouchenot.

— Diabo! que quarto! que luxo! (exclama Thimoteo). Quando Celina foi contar-nos que tinhas feito fortuna, não o quisemos crer; porem agora vejo que não mentio.

— E como elle está com o tal chambre!

— Parece-me hum Pachá!

— E então, meus senhores, não o visto com as maneiras de gente? Ora Deos meu! não he difficil afazer-se a gente aos modos *fashionables*... cá eu entrei nisso de prompto... he como a respeito de bairros: desde que moro aqui, não sei como se possa morar em outro!

— Ah! ah! como elle está ratão! este diabo de Bouchenot! ei-lo tão farcista como de antes!

— Farcista! que dizeis? ora essa! Hoje, se eu fôra tal, hera decahir

das maneiras e polidez, que usamos cá os homens de *certa roda*... se eu nem rio! Porem sentae-vos sobre o meu sophá, que ahi melhor estareis.„

George e Thimoteo sentão se no sophá, e Bouchenot em huma cadeira, defronte delles, ao mesmo tempo chegando as abas do chambre com hum modo desvanecido.

—"Ora pois, muito bem, meu caro Bouchenot (diz George) agora vaes contar nos porque extraordinario concurso de eventos chegaste a huma posição tão feliz. Nós pensavamos, Thimoteo e eu, que estavas em casa de Henrique; mas encontramo-lo aqui ha huns dias, e, perguntado-lhe por ti, mostrou-nos a carta, que lhe mandaste, avisando o de poder dispor do logar, que te destinava: elle estava igualmente curioso de saber que mudança se operou na tua fortuna; fez-nos varias perguntas a similhante respeito, porem estavamos na mesma ignorancia, doque elle.

Hontem foi Thimoteo á casa da nossa visinha perguntar por ti, á qual, suspirando, lhe disse onde tu moravas, ao mesmo tempo dando-lhe a saber que a nova fortuna mudára em teu coração os sentimentos, que tiveras por ella: não quizemos acreditar isso; e eis a rasão porque viemos ver te.

— Fizestes muito bem, meus caros amigos: aqui me tendes sempre amigo, e sempre disposto a ser vos util para tudo, que julgardes proprio... Quanto a essa rapariga... a visinha... ora, mui bem devereis comprehender que ligações d'esse genero não podem durar eternamente... mademoiselle Celina tem certas maneiras... certas expressões... huma soltura de lingua... ora; em fim propriamente o que tem sido... huma grisette... mulher assim não me convinha.

— Dize antes que já não gostas della, e acharei isso mais natural (responde George) mas desprezar as grisettes... tu!... e de mais, es-

queceste-te de tudo, e tanto que lhe somos obrigados?... Ah! meu Bouchenot, dessa acção e procedimento não serei eu quem te louve: se a fortuna te fez ingrato, he prova de que não a merecias.

— Não, não... eu não sou ingrato... mas emfim, meus senhores, he preciso sustentar a classe, a que se pertence na sociedade.... Eu não havia apresentar-me no boulevard dos Italianos dando o braço a huma grisette!

— Pois, meu amigo, lá se apresentão muitas, mais capazes de fazer envergonhar! mas com tudo isso ainda não respondeste á nossa primeira pergunta: vamos, dize-nos como, e de onde te veio ésta nova fortuna? qual he o grande emprego que mudou repentinamente as tuas maneiras, tornando-te tão emproado?

— Emprego... oh! louvado Deos, nenhum... vivo dos meus rendimentos.

— Tu! com rendimentos?.. ,, diz

Thimoteo, excessivamente admirado; "e desde quando?... tu não os tinhas quando a casaca servia para accommodar trez!„

Bouchenot fica enleiado; puxa e afasta por vezes as abas do chambre, e olha para os pés, até que finalmente responde:

—" Outros tempos, outras circumstancias... o destino chega a cançar-se de nos ser contrario.... nem o diabo está sempre atraz da porta: tantas vezes vae a cantara á fonte, e o cão ao moinho...

—Sim, até que lá lhe fica o focinho! Ora, Bouchenot, quererás tu arremedar *Sancho Pança?* (diz-lhe George rindo) deixa-te de proverbios, e responde-nos: que fortuna he pois a, que tens, e de onde te veio?

—Ora, meus amigos (responde elle) huma vez que assim estaes curiosos, confessar vos-hei que aganhei na loteria...

—Na loteria! „ torna George,

olhando-o fixamente: " mas ha hum anno que não ha loteria.

— Quiz dizer-vos isso: não foi á loteria... foi jogando á roulette.

— A' roulette tambem não pode ser (replica Thimoteo) pois ha seis mezes que estão fechadas todas as casas de jogo.

— E quem teimaria que foi á roulette..... „ accode Bouchenot, amantilhando se no seu chambre," quiz *derricar* comvosco.. pois quem ignora estarem fechadas as casas de jogo? E grande medida foi essa! graças ao Ceo que se acabou tal escandalo e immoralidade!.. Quantos paes de familia, alem de immensissimos rapazes, se teem perdido, dando cabo de grandes fortunas!.. que o diga eu, que sei disso alguma cousa por experiente..... nessas espeluncas malditas lá me ficárão boas *sommas*!... N'huma noite, e ainda foi bom ter só quarenta sous na algibeira..... chovia agua se Deos a dava...

— Agora não tractamos dessas

cousas„ diz George, interrompendo o narrador;" nenhuma precisão temos de ouvir essa historia dos quarenta sous, com a massada da chuva: da nova fortuna, que possues, he que desejamos saber a origem.

— Pois então ainda não vo lo disse?... olhem que tal tenho eu a cabeça!... Sim, meus amigos, entrei n'huma loteria extrangeira, lá do Norte..... Comprei hum bilhete.... destes bilhetes„ que vem aqui a agentes„ ou se envião a quem os encommenda em cartas com o porte franco... apesar de que tambem succede ter a gente, algumas vezes, de pagar o porte„ que não he pequeno!... Como ia dizendo, hera a tal loteria do castello de Tranf..... Transf.... Trakenstemberg.... hum nome assim arrevezado... quintas, casas„ abegoarias„ e mais dependencias..... Pois isso tudo sahio cá ao pobre... Lembrou-me que bem poderia fazer hum figurão, indo habitar o dito meu castello, mas farme-heis a justiça de julgar que te-

nho muito amor á minha patria, e portanto quiz antes ficar onde vivem os meus amigos. Appareceu logo hum especulador para mo comprar... vendi-lho... cento e vinte mil francos me contou na palma: puz o dinheiro a render, e eis-me com seis mil francos certos por anno.„

Em quanto Bouchenot improvisava ésta historia, George carregára o gesto de expressão fria e sevéra; pela sua parte, Thimoteo olhava para elle com hum modo, como quem dizia = e tu acreditas em similhante conto? =

Bouchenot cessou de fallar, e os seus dous amigos continuárão guardando o silencio: todavia, passado hum pequeno espaço, diz Thimoteo:

—" Porem tu, a Celina, não lhe contaste essa historia de loteria.... disseste lhe que fôra huma herança d'hum parente apartado.

— Ah! sim... disse; he verdade, lembra me bem ter-lh'o dito.. mas bem vêdes que eu não tenho obri-

gação de andar dizendo a todo o *bicho careta* porque maneira conseguí ser rico.

—Sempre que a nascente d'huma fortuna, ou meio de que se deriva, nada tenha de immoral (diz George) nenhuma duvida pode haver de altamente o confessar; mas succede que algumas vezes dimane a riqueza d'huma posição... baseada em concessões vergonhosas, e então inventão-se mil historietas, mais absurdas humas, doque as outras, afim de dissimular o, que não pode confessar-se por aviltante e indigno.

— Este meu chambre ficou-me algum tanto largo nas mangas... „ diz Bouchenot, ” mas assim mesmo hade ir servindo... he d'huma téla muito estimada na Persia... A propósito, meus amigos, huma vez que tive ésta feliz occasião de estarmos juntos, da mesma forma almoçaremos... em? Vamos ao Caffé Inglez... hoje pertence-me o gosto de vos offerecer o almoço.

—Pela minha parte, obrigado „

diz George: " não posso acceitar... tenho ésta manhã que fazer.

— Diabo!... isso he de zanguinha!... porem ao menos Thimoteo...

— Eu igualmente tenho que fazer (diz Thimoteo, erguendo-se) e acompanho George.

— Então como he isto, meus senhores, com que logo ambos não quereis aproveitar-vos do meu convite?... entre amigos velhos, como somos, parece me isso bem feio! Vamos, n'outra occasião tractareis do, que destinaveis fazer ésta manhã. Vamos rir e bamboxetar.... está dito que ides comigo.

— Adeos, Bouchenot... Tu vens d'ahi, Thimoteo? „ diz George com hum modo severo.

—Vou comtigo, vou „ responde Thimoteo, pegando no chapeo.

— Então que he isto!... pois sempre vos ides, e assim, tão de improviso?... que diabo de pressa tendes? „ exclama Bouchenot, seguindo os seus dois amigos; porem

elles ja tinhão ganho a porta do patamar, e descião a escada, sem responder, nem se dignarem de apertar a mão, que lhe estendia o novo ricasso. Bouchenot voltou para dentro, com o seu capricho abatido, e atirou comsigo ao sophá, exclamando:

— E que tal! não me deixárão assim como quem não quer a cousa?!! Dar-se-ha o caso que *marfassem*, não acreditando na historia, que lhes contei, da tal loteria extrangeira?.. Mas emfim tambem he *embirrancia demais!... ora não* será permittido á cada hum ter os seus segredos.... os seus particulares! .. que são curiosos os taes meus amigos não padece duvida. Os homens certamente suppoem ser intendentes das vidas alheias, e deitão por ahi alguma lei para que todos declarem a pregão de porteiro quanto tem e não tem, o modo como fizerão fortuna, &c... Pois meus amigos, aconselho-vos que vades fazer essas perguntas a tanta gente,

que por ahi anda figurando e brilhando nas sociedades do tom, que haveis de receber boas respostas! „

CAPITULO IV.

Bouchenot intenta casar.

CHEGANDO o ultimo dia do mez, Bouchenot recebe pelo correio huma carta ja dirigida á sua nova morada na rua de S. Lazaro, o que prova terem ido buscar novos exclarecimentos á rua da Calandra.

Bouchenot apressa se em abri-la, perem dentro nada vê escripto: em desforra encontra dobrado hum bilhete de quinhentos francos, que elle contempla gostoso, exclamando:

— " Optimamente!... maravilhosamente! ésta pontualidade muito me agrada: assim mesmo apesar de que seja o meu rendimento, que me

envião, devo louvar a exactidão! fico inteiramente acreditando que o meu dinheiro está bem situado, e a tal respeito posso dormir a somno solto. Sou rico... a vidinha não pode ser melhor... nada tenho que fazer... talvez que nunca o senhor destino accertasse tão bem como encartando me n'huma profissão, que tanto me convinha!„

E Bouchenot continúa o mesmo genero de vida, que se inpozera, quando se mudou para a calçada d'Antin: levanta-se tarde, passa huma grande parte do dia em apuros de aceios corporeos, e embellesamentos de perfeições, huns que são ridiculos por excessivos, e outros que, não assentando nas bases proprias, tornão se portanto desnecessarios; vae aos caffés, lê os jornaes, as revistas, assiste ás discussões politicas, vae passeiar, janta, porem não se excede em bebida, pois seria máo genero; frequenta os espectaculos, ou vae mostrar se n'hum jardim, onde haja musica, e de-

pois regressa a casa e deita se, dizendo:

— "Passei o dia, como o deve passar hum homem da minha classe: não tenho rasão para deixar de estar contente com a minha pessoa."

Muitos mezes se passão d'ésta forma, sem que a existencia de Bouchenoi apresente mudança. No fim de cada mez, recebe regularmente pela posta hum bilhete de banco de quinhentos francos; porem elle já de tal modo está costumado a éstas remessas, que nenhuma emmoção experimenta, e olha ja por fim para o valioso cheque, sem surrir, situando-o com bastante frieza n' huma linda secretária, que comprou. Desde algum tempo, a physiognomia do mancebo perdêra esse ar de satisfação, que primeiro lhe déra a fortuna; suas feições ja não se animão; a expressão do rosto se lhe tornára fria e séria, procurando-se em vão alli ver transluzir a alegria do, que n'outro tempo tanto

abundava. O Bouchenot da calçada d'Antin em nada se parece com o da rua da Calandra : se no pessoal ganhou melhor maneira, no rosto perdeu o sainete, que o carcterisava, e lhe dava graça.

Finalmente no meio das suas grandezas, habitando o seu lindo quarto no central da calçada d'Antin, e embrulhado no seu chambre de tela da Persia, Bouchenot experimenta frequentemente abrimentos de boca: em vão se exforça para combater ésta desplicencia, que o agrilhôa, em vão se recosta no sophá, ou se mira ao espelho, dizendo:

—"Sempre sou hum homem bem feliz!... pertenço á classe distincta pela sua elegancia e bom gosto.... ninguem, ninguem he mais feliz, doque eu!„

O aborrecimento, que penetra facilmente por entre o bello chambre e hum lindo quarto, com a mesma facilidade se apossou de Bouchenot, e parece querer domiciliar se em sua alma: os trajos mais da moda, os

perfumes, passeios, as soirées passadas nos Italianos, não são forças capazes de o banir, antes pelo contrario faz progressos rapidos, e continúa, acompanhando fielmente o homem, que a fortuna tão extraordinariamente enriquecêra.

A nossa conhecida Celina nunca mais se apresentou em casa do mancebo, que foi seu amante, e aquelle não teve mais o trabalho de a consignar ao porteiro. George e Thimoteo tambem nunca mais vierão visitar o, que fôra seu companheiro de quarto; algumas vezes, Bouchenot os encontrava, porem, quando ia para fallar-lhes, aquelles voltavão rapidamente para o outro lado da rua, ou seguião pela mais proxima, fingindo não o ter visto: Henrique practicava o mesmo; e Bouchenot ficava perdendo os passos, que avançára, o surriso, e ainda com a mão no ar, que ja estendia para os seus antigos amigos.

— " Provavelmente (diz elle com-

sigo) teem inveja, e estão ciosos da minha fortuna... da minha bella posição; e eis ahi o motivo, porque não me fallão, e fingem não me ter visto, quando me encontrão. Pois he isso, não devo ter a menor duvida; confundem-se de me ver n' huma situação, tão feliz... Ah! como são os homens! mordem-se de inveja! todavia, tal procedimento da parte delles não deixa de admirar-me... não querem nem olhar para mim, porque ando bem vestido, á moda, e me apresento com as maneiras finas da minha classe... Coitadinhos.... forte miseria em terem ciumes do, que eu góso!...

Todavia, essa ventura, essa felicidade, de que Bouchenot gosava, não hera na verdade o, que parecia: a continuação do goso embotára lhe as faculdades, e de tal forma ja os prazeres lhe não causavão sensação gostosa, que frequentemente abria a bocca, e sentia como hum aborrecimento de tudo, em modo que, não podendo a si proprio dissimu-

har este estado, huma bella manhã, ao levantar se, exclamou:

—Irrorio! que aparvalhação!... tenho tudo... tudo, quanto desejo, porem não estou satisfeito!... que diabo... sinto huma falta, sem a saber expressar... pois eu, graças a Deos, tenho dinheiro, com que poder gosar todo, e qualquer divertimento... e não me divirto! Desejava achar algum demonio feiticeiro, que me adivinhasse isto! Nada tenho que fazer... e tambem nada sei que fazer de mim... he cousa bem extraordinaria. Pensemos, he preciso encontrar algum meio de remedear isto: quero achar gosto ás cousas, sem as olhar com indifferença, não sentir abrimentos de bocca, nem vontade de dormir. Não, que isto he perigoso, e posso muito bem vir a ser tocado do *spleen* (*), fazer,

(*) Pronuncia-se splin. Termo emprestado inglez, que designa hum estado de definhamento, tisica, &c.

(TRAD.).

como os inglezes, pegar n'huma pistola e matar-me, para me *desabhorrecer*. Quero rir, folgar, e estar alegre, qual n'outro tempo, em que andava com a algibeira esticada. Ora vejão, então, as mulheres e o amor embellecião a minha existencia... hera o senhor Bouchenot a quem o havia de ter por amante; e ás vezes via me obrigado a fazer serviço em trez e quatro estações... e agora? nada! He cousa notavel! as grizettes cassoão-me; essas minhas senhoras, ás quaes qualquer homem pode dirigir-se, parece que nem me vêem... Oh! c'os demonios! ahi tive agora huma lembrança capazoria: se eu me casasse... mas, ir casar-me, para não ter huma vida enjoada, parece epigramma: no entanto, grande esperança tenho de que a mudança de estado produzirá, como hum choque electrico. Ao menos, tendo mulher minha, terei ao pé de mim sempre huma figura humana, com quem possa conversar... tractarei da vida

de casado, e isso me distrahirá; darei a entender a minha mulher que sou apaixonado de doces, e terei bollinholos caseiros a fartar. Oh! quanto mais nisto penso, mais reconheço que ha de ser hum estado mui divertido! Depois terei filhos: sim, quero ter filhos, e muitos: com as raparigas farei de *senhoras visinhas*, e os rapazes traze los-hei ás cabritas, e jogarei á *canastra*, e á *cabra-cega*. Certamente que o tempo, assim patriarchalmente passado, ha de ser delicioso, e não terei logar para aborrecer-me: que pena não ter pensado nisto ha mais tempo! Casar, casar depressa!... mas cuidado, procuremo-la que seja rica: se eu solteiro gasto os meus seis mil francos, logo não tenho bastante, só com elles, para sustentar mulher e o rebanho dos filhos.„

Ja o leitor vê que o nosso heroe sim estava decidido a casar, mas a condição de ser com mulher rica lhe parecia indispensavel. No caffé,

que Bouchenot frequentava, tinha tomado conhecimento com hum velho solteiro, muito practico do mundo, que entrava por assim dizer, em todas as casas, e que ja por vezes se lhe offerecêra para o apresentar em companhias. Mr. Feuillard (assim se chamava o tal velho solteiro) hera hum desses homens, que tem passado toda a sua vida no ceio dos prazeres, e que se pode estar certo de encontrar em qualquer festa, noivado, baptisado, representação, &c., conservando, apesar da idade, os mesmos gostos, improvisando de que ainda sente as mesmas paixões que os rapazes, trajando, como hum peralvilho, muito amante da companhia destes: eis o principal motivo que o levou a ligar amisade com Bouchenot.

Hum dia, em que Bouchenot tomava o seu chocolate, ao lado deste novo amigo, lhe diz:

— "Ora, senhor Feuillard, aposto eu que não acreditareis n'huma cousa...

— E qual he ella, meu carinho?

— Vem a ser que eu... tendo seis mil francos de rendimento, e nada tendo que fazer... que assisto na calçada d'Antin, e almoço e janto nas melhores casas de pasto... pois eu, ha hum tempo a esta parte, sinto-me aborrecido, com hum desprazer... hum fastio de espirito, que he por demais.

— E eu nisso nada vejo de extraordinario, meu caro amigo; pois eu, que vos estou fallando, é que tenho passado toda a minha vida no seio dos prazeres, em festas, e reuniões brilhantissimas; eu, que nunca fallei a hum grande concerto, á huma corrida de cavallos, á hum passeio a Longchamp, nem á huma primeira representação; eu, pois, bem posso affiançar-vos de que ja por vezes tenho sentido disso. Porem que ha de ser?... os mesmos prazeres trazem em resultado a monotonia: depois disto, mui bem sabeis que hum homem do *bom ton*

não deve *escancarar-se* a rir; nem ter *folgasanias*, como qualquer official de officios mechanicos, ou como qualquer pobre estudante, para quem tudo he folguedo, quando acha materia, a entreter-se e gosar por similhante guisa. Nós cá precisamos de entretenimentos finos, delicados, e proprios da nossa classe, o que não se encontra mui commumente: eis ahi o motivo, porque nas boas companhias muitas vezes dormimos, ou temos frequentes abrimentos de boca. Porem, meu caro, ao menos consolae-vos, porque esse fastio de espirito não he julgado ridiculo, antes pelo contrario he qualidade, que acompanha todos os irmãos da nobre confraria do *bom tom*, contanto que essas demonstrações de enjoo e aborrecimento do prazer venhão a tempo e logar: a isso podereis chamar vapores, ou ataques de nervos; todos vos lastimarão, e terão por vós dobrada sollicitude.

— Mr. Feuillard, em theoria tudo isso he muito harmonioso, porem

na practica eu antes prefiro não ter esse achaque; e para ver se dou remedio á molestia, estou resolvido a casar me.

— Ah! ah! ah! singular ideia!.. dessas nunca eu tive... Mas quem sabe se nisso está a cura?.. visto que actualmente o tractamento he por homœpathia, casar-vos-hemos, meu caro: a cousa he facilima!

— Na verdade, meu estimadissimo senhor Feuillard! tereis a propor-me algum bom arranjo no genero, que preciso?

— Ora, que chusma dellas!.. solteiras, viuvas, donzellas... ai Deos meu, podeis escolher n'hum surtimento rigoroso: saibamos, quereis mulher com dote?

— Está bem visto: eu tenho seis mil francos de rendimento, e por tanto he preciso que a minha mulher traga, pelo menos, outro tanto.

— Sois rasoavel: mesmo deve trazer alguma cousa mais.

— Pois bem, não desgostarei de

que seja assim: por esse motivo não a recusarei.

— Ora he preciso fazer vos huma observação: as raparigas com dote dão muito apreço aos homens, que teem prendas, pelas quaes agradão nas sociedades: sabeis, que tal he o contingente, com que podeis concorrer?

— O meu contingente?

— Quero dizer, a prenda, que tendes: sois curioso de pintura?

— Não: nunca me deu para ahi.

— E a respeito de Poezia, nunca sacrificastes ás musas.

— Não conheço essas senhoras, que ouço dizer serem nove irmãs e honradissimas.

— E de musica? tocaes algum instrumento?

— Aos de mãos nunca pude applicar-me, por falta de desenvolvimen nos dedos, e aos de sopro menos, visto ser fraco de embocadura: não tinha vento de mais.

— Oh! homem, pois nem ao me-

nos daes alguma rajada de musica?!... nem cantarollaes huma aria.... algum pequenino estribilho?

— Só sei cantar as coplas de Beranger.

— Diabo!... he de necessidade que vos apresenteis com huma cousa.... ao menos capaz de poderdes brilhar.

— Danço, walso, e pulo vigorosamente.

— No tempo presente não se usa pular; agora dança se, como os soldados, que marchão em continencia.

— Oh! tambem bebo o meu copito de Champanha hum sobre o outro, ou mesmo sobre dous, d'hum trago.

— Está feito, esse modo de *engurgitar* não deixa de ser prenda, mas he só para figurar á mesa; quizera que possuisseis cousa de agradar ás raparigas: por exemplo, se vos apresentarem hum *album* serieis ca-

paz de addicionar-lhe alguma galanteria?

—Sei fazer soberbissimos gatos com trez lançados da penna.

—Em verdade?.. oh! isso ja tem que se lhe diga! Vejamos até onde chega essa habilidade, e ja de prompto: rapaz, traze-nos papel, pennas e hum tinteiro.„

O rapaz do caffé traz immediatamente o, que lhe pedem, e Bouchenot logo com a mão no ar entra ligeiramente a *lançar* gatos: o senhor Feuillard está de bocca aberta, e, no seu enthusiasmo admirativo, exclama:

—"Perfeitissimamente! rarissima e originalissima habilidade!... Com similhante prenda facilmente encontrareis huma rapariga com os seus doze a quinze mil francos de rendimento; e ja ésta noite quero apresentar-vos n'huma reunião, onde costuma ir huma menina.... oh! temos a cousa arranjada: mademoiselle Mirevalle não pode deixar de gostar que lhe façaes hum gatinho!

Está no caso de se encantar com essa prenda: he rica e apaixonadissima dessa macaquisse dos *albuns*. Terei cuidado de a instruir desse talento extraordinario em fazer n' hum abrir e fechar d'olhos meia duzia de gatos; ella, assim que tal souber, logo vos manda o seu *album*, e ireis pessoalmente levar lh'o cheio de gatos: será este o meio de introduzir-vos, e o resto fica por vossa conta, entrado na lice do namôro, &c. &c. &c.

Bouchenot fica mui contente, e vae logo para casa fazer applicado estudo, gastando todo o dia, exercendo a mão a fazer gatos, no qual dá cabo de dous mólhos de pennas, e rabiscando meia duzia de mãos de papel: mas tambem ganha extrema valentia e firmeza de mão, capaz de fazer admirar huma prenda similhante pela possuidora do *album*. Nessa noite vae encontrar se com o senhor Feuillard, que o apresenta na casa d'hum procurador de causas na rua da Provença, onde ha

grande reunião: mademoiselle Mirevalle não tarda em apparecer, acompanhada de seu pae.

Desde que Bouchenot se considera possuidor do rendimento de seis mil francos, tem tomado hum certo modo, que no mundo passa muitas vezes por saber viver, não se mostrando já acanhado, e sustentando, sem perturbar se, as vistas examinadoras da sociedade; e por isso vae logo entremeter-se com a menina Mirevalle, que he rapariga e bonita, demonstrando ja grande practica do mundo, em modo que muitas pessoaes a julgaráõ senhora casada.

O velho Feuillard soubera arteiramente rebocar a conversação sobre o assumpto dos *albuns*, e fallar da grande habilidade de Bouchenot; habilidade, que estava sempre prompto a mostrar, sem fazer-se rogado; e ainda a soirée não tinha findado, já mademoiselle Mirevale tinha pedido ao mancebo a permissão de lhe mandar o seu album, promet-

tendo Bouchenot fazer-lhe hum lindissimo gato, lançado com a penna.

Na manhã seguinte, o album foi mandado, e Bouchenot, depois de desenvolver todo o seu talento na prova de exame determinada, vae elle proprio leva-lo; porque o velho Feuillard lhe aconselhou que banisse toda a timidez, e fizesse a sua declaração em *fórma*.

O mancebo foi mui bem recebido, e o seu gato visto como obra portentosa; e Bouchenot promette fazer outros que taes ás amigas de mademoiselle Mirevalle: he desta maneira que se introduzio ao pé da menina, a quem pretende fazer côrte.

Mademoiselle Mirevalle tinha hum caracter original, presumindo em nada se parecer com as pessoas do seu sexo; e portanto logo do primeiro instante reconheceu que o mancebo procurava agradar lhe. Todavia, achou que tinha mais affectação, do que naturalidade nas maneiras, com

que se apresentava, mais pretenção, doque juiso, e por vezes mostrando por acções sua impropriedade para o grande mundo; e tudo isto, bem podendo ser causa de desagradar, muito pelo contrario no sentir da menina fez resultar o bom acolhimento, com que ouvio a declaração de Bouchenot: alem de que, a raridade do facto de casar-se pela intervenção d'hum gato, lhe parecia mui original.

Passados poucos dias, ja certo do consentimento da menina, que pretendia desposar, Bouchenot tractou de obter o do senhor Mirevalle; mas o papá, ainda que não dava mostras de se deixar tão facilmente seduzir pelos rasgos da penna, amava muito sua filha, e hera de esperar que a final chegaria a approvar a escolha, que ella fizera.

Bouchenet foi pois ter com o pae da sua bella, e mr. Mirevalle, como homem prudente, começou indagando daquelle, que se lhe apresentava, pedindo a qualidade de seu gen-

ro, a familia, de que procedia, e quaes herão os seus meios. Bouchenot satisfez estes dous interessantes quisitos, respondendo ser filho d' hum commerciante abastado, que lhe deixára seis mil francos de rendimento.

—"Minha filha virá a ter dobrado (responde o pae) todavia, se lhe convierdes, não servirá isso de obstaculo; no entanto ainda preciso saber como tendes situado o vosso capital: he em terras, propriedades, ou nos fundos publicos?,,

Bouchenot estava bem longe de esperar que se lhe fizesse similhante pergunta; portanto perturbou-se, enleiou-se, tergiversou, e finalmente balbuciou, respondendo:

—"Os meus fundos... o meu capital... oh! não tem duvida!.. está situado em modo que nenhum receio me causa: até recebo com a maior regularidade o rendimento todos os fins dos mezes.

— Recebeis mensalmente o ren-

dimento! logo não está nos fundos publicos.

— Nada... tenho o capital na mão d'hum amigo.

— Porem esse amigo he pessoa de fé?... tabellião, agente de commercio, ou banqueiro?... será casa d'huma insolvibilidade roconhecida?„

Bouchenot tirava o lenço, tornava a metle-lo na algibeira, e depois tornava a puxa lo, procurando que resposta daria; porem a sua hesitação não escapou ao senhor Merivalle, que para logo concebeu duvidas sobre a estabilidade de fortuna do mancebo, e portanto respondeu-lhe com hum modo secco:

— "Segundo observo, meu senhor, parece-me que vós mesmo vos esqueceis, ou não sabeis onde estão situados os vossos fundos.

— Oh! essa, meu senhor!.. (responde Bouchenot, procurando retomar a expressão socegada) tanto sei que posso francamente declarar on-

de tenho o capital: está... está em casa d'hum droguista.

— Em casa d'hum droguista!... (lhe torna o senhor Mirevalle, deixando escapar hum surriso de escarneo) na verdade que he singular lembrança! Nesse caso aconselho-vos a que immediatamente tireis d'ahi o vosso dinheiro, situando o nos fundos publicos, e logo que me apresenteis os titulos poderemos então tractar do objecto, que vieste propor-me: até então he desnecessario que continueis a fazer corte a minha filha, ou continueis a vir a ésta casa.

Dizendo isto, o senhor Mirevalle voltou as costas a Bouchenot, que se retirou cabisbaixo, e, como he de suppor, nada satisfeito com a esperteza do pae da menina, e dizendo comsigo: — "Ora então não foi bem empregado o trabalho, que tive, em estar gastando pennas, tintas e papel para fazer gatos! O tal senhor pae he casmurro e cabeçudo! digo-lhe ter seis mil francos de rendi-

mento, e tem a desfachatez de não acreditar me!?... O diabo he não poder eu dar-lhe outras provas... mas aquillo foi hum pretexto para me despedir; não julgou os meus *teres* bastantes para emparelhar com os da filha. Pois sabem o, que eu faço? vou mangar com todas as dotadas, e deixar de beiço cahido esse pae toleirão e ambicioso... vou casar com huma rapariga pobre... governar-me-hei economicamente com o meu rendimento, e será bastante. Na companhia, aonde me levou o amigo Feuillard, deitei o *luzio* a huma, que he bom peixe!... mademoiselle Desbruyer he papa ainda mais fina, doque a filha deste cão desconfiado. E'sta, que eu digo, he pobre, e tanto, que logo soube ser essa a rasão de não ter casado ainda. Pois está dicto... estou resolvido, quero mostrar a todos estes *pingas* o, que he huma alma grande e generosa, o, que he o homem differente de todos os outros egoistas e interesseiros: casarei com a menina Desbruyer.„

Bouchenot vae procurar o seu velho introductor, ao qual diz ter mudado de projecto; que mademoiselle Mirevale não lhe faz arranjo, e que se lembrou de fazer o casamento com a menina Desbruyer.

— "A respeito dessa, meu amigo (responde o velho Feuillard) concordo ser huma rapariga bonita.... mas, quanto a dote, nada tem.

— Para mim he o mesmo: o, que tenho, ainda ha de contenta-la, e chagará para ambos.

— No entanto ligaes-vos a huma familia, a que a malidicencia não tem que morder: he honradissima.

— Isso me basta: tendes conhecimento com o pae?

— Bastante, e entrada de ha muito em sua casa.

— Pois então apresentae-me, como hum homem, que pretende casar, e terminemos este negocio o mais breve que for possivel: agora estou com o ferro de mudar de es-

tado, para ver se assim passo a vida mais satisfeito. Oh! será preciso levar lhe á amostra os meus gatos, lançados á penna?

— Não: ésta não se occupa com similhantes frioleiras: não usa d' *album*.

— Tambem isso muito me contenta. Com huma mulher, que anda a capatear por casa de todos os artistas, e outros habilidosos, pedindo-lhes que a mimosêem com alguma galanteria, confesso que não viviria muito socegado. A mulher, que vae casar com hum homem, encantada delle pela habilidade de lhe saber fazer hum gato, he muito provavel que o engane com outro, que saiba fazer hum cavallo, ou qualquer animal: essa mania dos *albums* pode levar as mulheres algum tanto longe contra os seus deveres.„

O senhor Feuillard appresentou Bouchenot em casa dos paes da menina, que encantára o mancebo, como aquelle, que fôra repentina-

mente subjugado pelos encantos de sua filha, e que portanto desejava offerecer lhe a sua fortuna juntamente com a sua mão.

Bouchenot foi perfeitamente acolhido: introduzio-se no seio d'huma familia muito capaz, e poude fazer a corte a huma donzella, não só bonita, mas adornada de qualidades appreciaveis, a qual recebia os seus requebros com timidez, mas demonstrando o maior reconhecimento por ver que o mancebo a procurava para esposa, guiado somente pelo amor. O nosso homem ia em progresso com o namôro de perto; ja não sabia quando havia de chamar se o feliz marido d'huma menina, que, alem de bella e bem educada, tinha tantos predicados para encantar.

Tambem, da sua parte, os paes estavão contentissimos de que a sorte lhes deparasse tão bom partido para sua filha, e portanto nenhum obstaculo parecia dever apresentar se n'hum projecto, a que

todos acquiescião. Ja se havia fixado o dia para o casamento; o enxoval e mais preparativos estavão concluidos; somente faltava mandar os bilhetes de convite, quando o pae dá noiva, achando-se hum dia só com o seu futuro genro, lhe diz:

—"Ora na verdade, meu senhor, não sei como demonstrar-vos o meu reconhecimento: possuís huma fortuna, e ides fazer hum casamenro, que não vos apresenta vantajens!.. bem poucos homens serião assim desinteressados!...,,

Bouchenot agradeceu ao futuro sogro, com huma respeitosa inclinação de corpo e cabeça: aquelle continuou:

—"Todavia, não levareis a mal que vos faça algumas perguntas, relativas mesmo a esses meios de fortuna, que possuís. Hum pae deve, primeiro que tudo, indagar escrupulosamente em que mãos entrega sua filha, e portanto as minhas indagações não podem escandalisar-vos: aleu de que, em taes

circumstancias he do costume fazer patente á familia, em que se entra, os meios e titulos de que se vive... *emfim a sua situação. Hum* só relance de olhos me será bastante... pois deveis acreditar, meu senhor, que neste procedimento não me dirijo por algum motivo de desconfiança... he tão somente o meu dever de pae.

— Os diabos do Inferno carreguem com o teu dever!... „ diz comsigo Bouchenot: "este vem pelo mesmo caminho do outro, e ahi *temos as mesmas perguntas!* Se lhe digo que tenho rendimento certo, ha-le querer saber em que inscripções. Nada, aqui he mostrar desafogo... nada de *tatarinhar*: vá outro meio.„

O senhor Desbruyer deu mostras de maravilhar se, vendo que Bouchenot ficára callado... este silencio do seu futuro genro a huma pergunta tão simples, não lhe pareceu de bom agouro: finalmente o mancebo, reabilitando-se no pensamen-

to, em que estava, respondeu com hum modo, em que parecia haver a maior franqueza:

—"Senhor Desbruyer, pelo que vejo, disserão-vos que eu hera rico, e talvez bem exagerada ideia vos dérão dos meus meios... talvez julgueis que tenho rendimentos... pois meu amigo, em tudo isso vos enganárão.

—O que! senhor! pois então...

—Oh! nada de sustos! socegae: não he pela falta de tudo isso que heide deixar de viver, pois tenho meios certos de sustentação: todos os mezes recebo com a maior regularidade quinhentos francos... parece me que he hum ordenado ja brilhante!

—He então proveniente de emprego, senhor?

—De emprego... sim, he isso; he como dizeis: tenho hum emprego.

—Mas a qualidade do emprego? onde?..

—Ora onde?... onde? isso tam-

bem, meu caro senhor, he curiosidade de mais!

— Chamaes curiosidade excessiva á, que testimunha hum pae, quando vae nisso nada menos, que o destino de sua filha!?... pelo contrario, as minhas indagações a esse respeito deveis acha-las bem naturaes: fazeis pois a mercê de me dizer a qualidade do emprego?

— E se eu não vo-lo quizer dizer?... sim.... se eu teimar.... porque.... emfim essa imbirração he teima... e eu tambem sou teimoso...

— Nesse caso, meu senhor, está o casamento desmanchado.

— Isso tambem he de mais!... pois recusarieis dar me vossa filha, que nada tem, huma vez promettendo eu sustenta-la e traze-la aceiada, mesmo até com grandeza?... tenho, como vos disse, todos os mezes quinhentos francos.

— Ainda que tivesseis esses quinhentos, multiplicados por déz, não vos daria minha filha em casamen-

to, huma vez que ignorasse a maneira de como adquirís esse dinheiro.

— Ora senhor Desbruyer, isso he levar a ridicularia a hum pouto excessivo!

— Pois meu senhor, isto he mostrar que sou hum homem cordato, e cheio de honra, querendo tão somente na minha familia individuos igualmente honrados. Se não quereis, ou não podeis responder ás minhas perguntas, he inutil pensar mais no casamento com minha filha.

— Mas se ésta minha renitencia em não satisfazer-vos for por impossibilidade, por...

— Meu senhor, nem mais palavra: tenho a honra de vos saudar.„

Bouchenot foi por este polido modo despedido de casa do senhor Desbruyer, e entra para sua casa, dizendo:

— "Todos estes diabos estão tocados de igual mania! Que ridiculos paes!... vão assim, que hão de

fazer bom negocio! Nada, o forte destes *pingões* he quererem saber de onde me vem o dinheiro!.. Ai! deixa-os.... teimão? tambem eu.... Ja não quero casar: ao menos livro-me assim de que me fação perguntas, ás quaes não posso responder.„

CAPITULO V.

Trez mancebos em differente carreira.

Deixemos por em quanto Bouchenot no seu quarto elegante da calçada d'Antin, onde faz quanto seus conhecimentos lhe suggerem, para bannir o fastio de espirito, que o possue, e voltemos a tractar dos trez amigos, que hão trilhado differente carreira, em busca da fortuna e ventura.

Thimoteo, agora dispondo unicamente da mesada, estabelecida por seu pae, a qual bem lhe chega, pois no mancebo o gosto do estudo affgenta quaesquer ideias de dissipação; podendo agora apresentar-

se, trajando convenientemente, continuára progredindo em modo que poude concluir os seus exames, e ser recebido na lista dos advogados. Orgulhoso do grão de bacharel, ainda mais applicadamente se deu ao trabalho; e seus paes, satisfeitos do seu bom comportamento, dobrarão lhe a mesada, para que podesse apresentar-se condignamente no mundo, onde nem sempre o mérito he sufficiente recommendação para ser considerado: todavia he bem raro acontecer que hum trabalho assiduo e comportamento probo não seja recompensado.

George seguíra a carreira das letras, trilho ingrato, onde os triumphos grangeião inimigos, onde os laureis são espinhos, e onde finalmente ninguem chega se não atravéz de mil obstaculos, porque ha maior numero de invejosos do merecimento que ao trabalho e morigeração. Releva-se a qualquer homem ter juntado huma grande fortuna, trabalhando, porem não se lhe perdôa

se na empreza conseguio alguma parcella de gloria, ou renome; e ésta riqueza perduravel continuamente lh'a disputão. O que porem consola o homem de talento, e que o faz continuar de passso firme no caminho da sua escolha, sem receio do zunido, que os bisouros fazem continuamente a seus ouvidos, he que por entre essa chusma de invejosos, zoilos e criticos, de tolos, pedantes e malevolos, ergue-se hum mundo extranho a todos os lados; hum mundo, que julga suas obras, sem paixões, sem parcialidade, que se prende ao, que lhe agrada, e repelle o, que o enoja, ou fatiga. Este mundo, de que fallamos, he o verdadeiro publico: he elle que compra os livros, e vae com o seu dinheiro ao espectaculo; he elle que concede os triumphos a despeito dos periodicos e da intriga; e que, diga-se, ou faça-se o, que se fizer, he elle, e só elle quem concede huma reputação perduravel.

As primeiras peças de George

forão mui bem recebidas, e vistas com applauso; porem o joven author tinha necessidade de escrever mais largamente o, que pensava, e observava; sentia hum vivo desejo de deixar correr a sua penna ás ordens do seu pensamento, copiar os caracteres e reproduzi-los até no seu interior mais intimo; apresentar com a maior veracidade, e em minuciosos detalhes os quadros de costumes, as scenas populares, retractos bem similhantes aos originaes, as reuniões plebeas, as da impostura, que se peja de pertencer áquella, querendo erguer-se em classe mais elevada, até macaqueando a *nobreza*; *os ridiculos* de todas as classes, e mui principalmente as *scenas da vida privada*, sem lhe escapar os sentimentos da juventude, e os da idade provecta; o modo de amar da grisette e da mulher do grande tom; e finalmente não lhe escapar os rostos, maneiras e acções dos contem-

alem do, que elle poderia esperar: o maior merecimento de seus quadros hera a verdade, e ésta he a, que se deve tomar por lenda nas emprezas.

Mas então foi George desapiedadamente criticado e *mordido* nos periodicos e nas *revistas*; então recebeu muitas cartas anonymas e mesmo pseudonymas, em que lhe perguntavão com que direito se atrevia a querer o renome de litterato, e ganhar maior aura, doque os outros escriptores, sendo elle hum *rabiscador* obscuro, sem stylo, falto de animação e de colorido, sem ligação, usando somente de phrases chãs, e improprio para a missão, de que se encarregára!

Não foi somente por ésta maneira que o combatêrão: espalhárão que elle hera somente o romanceiro das cosinheiras e mulheres ordinarias, o que o fez pensar na existencia de maior numero, doque antes supposera.

Como elle punha na bocca do ho-

meu trabalhador, ou artista, a linguagem, de que usão os trabalhadores e os artistas; fazia fallar huma aldeana e huma grisette como fallão aldeanas e as grisettes, disserão-lhe que não sabia escrever.

Como seus escriptos herão alegres e muitas vezes desafiavão a hilariedade, espalhárão que hera huma leitura indecente.

E como em suas obras não se encontrava parricidio, infanticidio, envenenamento, incesto, ou outros horrores similhantes, alcunhárão-as de immoraes; chegando até alguns na sua desdenhosa critica a dizerem: — "as suas obras são lidas, mas não julgadas. — „ A isto poderia elle tambem responder: — " e vós sois julgados, porem não lidos. „

Nos primeiros tempos, George experimentou algum pesar em fazer nascer tanto ciume e despeito; mas bem depressa deu áquellas criticas o verdadeiro valor: comprehendeu que ataques similhantes só se diri-

gem contra quem alcança renome, e que a inveja somente se eleva contra a gloria: então, pelo numero de injurias dos seus adversarios, poude calcular o grão de triumpho, alcançado pelas suas obras; e foi então que elle agradeceu aos authores de escriptos anonymos o quererem darse ao trabalho de o convencerem de que a sua reputação se estendia cada vez mais, e continuava, avançando a passo de gigante pelo caminho, que escolhêra, apesar das fortissimas diligencias feitas para d' elle o arredarem.

Henrique Jumiers, preso sempre aos encantos de mademoiselle Paulina Giraumont, trabalhava com afinco, para se apresentar nas circumstancias de obter a sua mão. Henrique via o mais bello resultado coroar seus exforços; a sua pequena fortuna augmentava se diariamente; o seu credito e reputação baseavão-se perfeitamente; e, se não podia ainda dispor d'huma sorte brilhante para offerecer a Paulina, ao menos

ia tinha a certeza de assegurar-lhe huma posição decente. Tudo lhe fazia esperar ver emfim acquiescer o velho Giraumont ao projecto do casamento: Henrique contava no fim d'algumas semanas apresentar-lhe novas instancias para realisar a sua ventura.

Mas huma noite, achando-se na reunião, onde costumava encontrar a sua amada, Henrique fica por extremo assustado, vendo a pallidez e tristeza de Paulina, bem como o modo frio e constrangido, com que lhe falla o senhor Giraumont.

—"Que ha succedido?.. que fiz eu para desagradar a vosso pae!„ diz Henrique, assim que poude chegar-se para o logar, onde está Paulina: "e vós mesma, acompanhada de similhante tristeza e desanimação!... Ah! por quem sois... não me occulteis por mais tempo o, que succedeu!

— Amanhã... (lhe responde Paulina) logo de manhã ide lá a casa, e então, em quanto meu pae está

fora, tudo vos contarei. Ah! meu amigo.... ja bastantes lagrimas tenho chorado.... somos bem desgraçados!„

Bem se poderá pensar com que impaciencia o mancebo esperaria o momento de se achar a sós com aquella, que ama: a noite lhe pareceu d'huma extensão interminavel; muito mais porque Giraumont quasi nunca se apartou do lado da filha, com o que bem demonstrava querer evitar que ella fallasse com Henrique.

A noite não apasiguou a anciedade do amante, pois até o somno fugio inbenefieente de seus olhos, deixando o entregue ás inquietações do amor para lh'as augmentar, dando aos pensamentos cores sinistras. Enfim o dia renasce, e Henrique está ja de pé, contando as horas e os minutos, para esperar a occasião de ir ter com Paulina: essa hora sôa, e o mancebo alli corre, porem acha o objecto do seu amor vertendo amargo pranto, lagrimas ar-

dentes, que ella não tem força para enxugar.

—"Fallae!.. ah! por quem sois! que succede? de que desgraça somos ameaçados?... ,, diz Henrique, pegando-lhe enternecidamente na mão.

—A maior de todas!.. meu pae bannio toda a ideia de approvação ao nosso casamento; e tanto que pretende dispor da minha mão em favor de outro... de outro, que não sois vós!

—Vosso pae quer casar-vos com outro!?... Oh! isso he impossivel! elle bem sabe todo o amor, que me tendes, e quanto eu vos adoro! Não sabe elle que, para vos obter, renunciei a carreira, que seguia... e que, para conseguir a vossa mão, formalisei hum estabelecimento commercial... no qual trabalho com afinco, enlevado naquelle premio?... Ignora elle que hei tido o melhor resultado em tal especulação, e que a minha pequena fortuna vae n'hum augmento progressivo e esperanço-

so?... Acaso terá a lançar-me em rosto algum defeito?... achará que sou dissipado, ou extravagante? Se huma ideia similhante ha feito, ou tem dado ouvidos a infames suggestões, certamente eu não l'ho mereço: sou assiduo nas obrigações, que me impuz, e dellas não me retiro mais, doque esses momentos, em que dou pasto á minha alma, procurando vêr-vos! Oh! eu confundirei meus inimigos, os meus calumniadores.... e vosso pae ver-se-ha obrigado a fazer-me completa justiça... elle reconhecerá... sim, reconhecerá que ainda não me tornei indigno de sua filha!

— Meu pae nada tem que lançar-vos em rosto,, lhe torna Paulina, a custo retendo as lagrimas, que lhe affogão os olhos: " faz-vos inteira justiça, e confessa que tendes hum comportamento só digno de elogios...

— Mas pensando elle assim, qual a rasão porque...

— He mesmo por effeito do seu

modo de pensar que assim procede: julga ser obrigação augmentar os meios do bem estar de sua filha, e que alem disso nada vos prometêra de positivo. Emfim pretende casar-me com outro, que sabe ter pelo menos trinta mil francos de rendimento, fortuna que estaes mui longe de possuir. Lancei-me a seus pés, repeti-lhe cem vezes que o vosso amor me faria muito mais venturosa, doque todas as riquezas; porem elle.... ah! foi inflexivel!... respondeu-me que o meu arrasoado não o moveria, e que seria elle mostrar-se destituido do senso commum, se recusasse tão bom partido; e que a respeito desse amor, que tinhamos hum pelo outro, o tempo chegaria a desvanece-lo... Porem não! não! eu tal não acredito!... o tempo nenhuma influencia terá em nossos sentimentos... nos meus eu juro!... ah! e nos vossos? ter me-heis sempre o mesmo amor?„

Henrique ficára extatico, ouvindo Paulina, com a alma, como abaffada

em profundo pesar, até que finalmente exclamou:—" Vós, Paulina, vós!... desposardes outro, que não seja eu! e quem he elle? quem he o homem, que pretende roubar-me tudo, quanto eu tenho de mais caro... quem he esse que se atreve a querer destruir o venturoso quadro, que eu imaginava gosar no futuro?.. Onde vos vio?... desde que tempo nutre essa intenção, ou vos ama?.. Responder-me-heis?

— Recordaes-vos, meu amigo, d' hum Marselhez... hum certo senhor Mortandal, que se introduzio nas reuniões da senhora Merlier?... foi ahi apresentado por hum negociante, e ella o recebeu com a maior consideração, pois na sociedade, vós mui bem o sabeis, accolhem-se ja cegamente, tributando estima ás pessoas, que se annuncião possuidoras de grandes meios de fortuna.

— Mr. Mortandal!... sim, agora me recordo de lá o ter visto... hum homem alto, cuja excessiva polidez

repelle a estima, em logar de faze-la nascer, pois tem hum olhar assim como hum habitual surriso, que descobre a sua affectação e pensamento refalsado: pelo menos ésta he a ideia, que logo formei, ao vê-lo. Todavia admiro-me de que elle se lembrasse de querer casar comvosco... he homem de alguns quarenta annos, e bem podia ser vosso pae!... He então com elle que o senhor Giraumont intenta casar-vos!...

— Dessas vezes, que me vio em companhias, se originou a desgraça de lhe agradar..... procurou meu pae... fez soar bem alto a seus ouvidos hum rendimento de trinta mil francos... Meu pae não se demorou em vinficar a verdade da existencia daquelles haveres, e soube que entrava em especulações fortes e lucrativas, possuindo armazens de fazendas, e correspondentes nas provincias..... e tudo isto de tal modo seduzio meu pae, que ficou por assim dizer fascinado com a riqueza

do senhor Mortandal... Ai de mim! assim que lhe pedio a minha mão, sem demora lh'a concedeu.... para elle a riqueza he tudo, pois desgraçadamente nunca acreditou que o amor fosse necessario á ventura!

—He bastante „ diz Henrique, dizpondo-se a sahir: " agora está da minha parte fazer o, que resta....

—Onde he que ides?„ exclama Paulina, travando d'hum braço a Henrique: " que ideia... que pensamento vos occupa!... o que pretendeis fazer?

—Pretendo ir procurar esse senhor Mortandal... e, se immediatamente não renunciar as suas pretenções amorosas a vosso respeito, a minha ou a sua vida... pois a existencia de que me serviria! não he hum grande sacrificio que vos faço: perdendo-vos, Paulina, a vida será para mim hum supplicio!

—Não, Henrique.... não ireis provocar esse homem.... se me a-

maes, não ireis procurá-lo, nem expor a vossa vida... seria fazer-me ainda mais infeliz, sem que resultasse mudança na situação de qualquer de nós. Conheço assás quaes são os principios de meu pae, relativamente aos duellos... hum homem, que fosse desafiar outro, nunca mais lhe entraria em casa... portanto, repito vos, bem vêdes quanto hum tal passo vos deitaria a perder no seu conceito: vencedor, elle não mais quereria vêr-vos; e, se acaso succumbisseis, tinha eu o convencimento de ser a causadora da vossa morte!... ah! meu amigo, não, certamente não quereis condemnar-me a remorsos eternos!

— Mas desse modo quereis que eu tenha soffrimento para vêr-vos esposa d'outro homem, sem que faça o menor exforço para arrancar-vos de seus braços?

— Ah! esperemos... esperemos ainda... talvez que as minhas lagrimas consigão dobrar meu pae...

Quanto a vós, procurae-o, fallae-lhe... dizei-lhe que possuis o meu coração.... que só a vós eu amo.... talvez não insista em fazer-nos desgraçados.„

Henrique apartou-se de Paulina com o coração exasperado; e nesse mesmo dia foi procurar o senhor Giraumont, porem o velho pae recebeu o com essa polidez fria, ja bem demonstradora de repellir-lhe toda a esperança.

— Então! será verdade, senhor... (diz-lhe Henrique) posso crer que pretendaes casar mademoiselle vossa filha com o senhor Mortandal?

— He essa a minha intenção „ responde o velho commerciante:" he hum negocio inteiramente concluido.

— Mas, senhor, mui bem sabieis quanto eu a amava... tanto que até vos pedi a sua mão; e a carreira, que hoje sigo no mundo, foi o resultado de então m'a recusardes .. entrei pois no commercio para ga-

nhar as vossas affeições. Hoje tenho hum estabelecimento, que prospéra; tenho o meu credito respeitado... e em tal caso que motivo vos dirije para me recusardes mademoiselle vossa filha?

— Faço justiça, senhor, ás vossas qualidades e portamento... não duvido de que, assim continuando, da maneira que ides na carreira commercial, dentro em déz ou quinze annos chegareis a possuir huma fortuna volumosa... porem a do senhor Mortandal ja está feita, e he consideravel.... He hum homem de bem... e portanto não devo recusar a sua alliança. Todavia, penalisa-me não estardes nas mesmas circumstancias... porem, quando se tracta de negocios taes, devem-se fazer callar todas as considerações do amor, o qual nada mais he, do que huma paixão passageira: por tanto, meu caro, novamente o repito, lastimo-vos, mas nem por isso

deixará minha filha de ser madama Mortandal.„

Henrique ainda tentou replicar, porem o senhor Giraumont o despedio seccamente, voltando lhe as costas. No dia seguinte ainda o mancebo se apresentou em casa do pae de Paulina, mas a porta lhe foi vedada, e vio-se na precisão de sahir d'alli, sem ter fallado á donzella, que amava.

Com a alma esmagada de exaspero, Henrique procurou dissimular o seu soffrimento, continuando a comparecer nas reuniões, onde hera costume ir Paulina; porem nellas nunca mais a encontrou: o senhor Giraumont queria evitar que sua filha tornasse a ver o homem, que amava.

Deste modo, e tendo perdido toda a esperança, de que até alli se nutríra, não lhe sendo permittido, ao menos, contemplar aquella, que lhe hera tão cara, o pobre Henrique abandonou-se a toda a sua dor, e protestou morrer no fatal dia, em

que Paulina désse a mão de esposa ao senhor Mortandal.

CAPITULO VI.

Huma desforra.

TINHA findado hum bello dia do Outono; o tempo estava ameno, o ar quente, e o Ceo estrellado, e Bouchenot, depois de ter por muito tempo andado a passeiar no boulevard *dos Italianos* a sua desplacencia e o seu esmerado trajo, tinha insensivelmente ido caminhando para outro bairro; como sem o perceber achara-se á porta de S. Diniz, logo sobre o boulevard do Templo, no centro de suas mil e huma *paradas*, e machinalmente contivéra o passo deante das figuras de cera, e do theatro, em que domina Debureau. Não será preci-

se precedeo explicação para saber-se que Bouchenot se sentia outro; não experimentava abrimentos de bocca, ja no rosto se lhe devisava o poder da antiga hilaridade, e em todo elle esse modo e maneiras, que abnegára, ao ir habitar na calçada d'Antin: de repente parou como quem acaba de tomar huma resolução definitiva, e disse comsigo:

— "Ora o diabo leve o diabo, com mais seis milhões delles ás costas! sempre sou grande asneirão em levar huma vida tão insipida, e sem saber o, que faça para a gosar folgada!... Para usar das maneiras do, que se chama bom genero tenho deitado pêas ao meu natural!.. está visto e provado que huma tal vida não he para mim; a natureza creou-me com outros gostos, e eu tomei costumes inteiramente differentes.... impondo a mim proprio sensivel violencia! Se assim continúo, acabarei dando em pateta: nada, nada, ja basta. Passo traba-

lhinhos para, na calçada d'Antin, amostrar-me sempre como hum *fashionable*; aqui, pelo contrario, estou á minha vontade... respiro melhor... até me sinto com disposição de dar quatro pulos! Vamos por ahi adeante... onde me levarem as pernas e a vontade... vamos á procura dos meus antigos prazeres, das minhas *bamboxas*.... vamos á caça das grisettes... finalmente tornemos a ser o Bouchenot d'outro tempo. Isto faz-se bem.... até ja ponho o chapeo á banda... se tivéra aqui hum espelho, ja vira que tenho outro ar. Depois que pertenço á sucia dos elegantes ainda não encontrei mulher, que em mim fizesse reparo: vou pois retomar as minhas antigas maneiras, o modo desembaraçado e libertino, que tanta conquista me metteu nas mãos... quero ir onde ia algum tempo. Ora pensemos... hoje he quinta feira... ha dança nas Montanhas de Belleville... e oh! que se dança lá que he de alegrar a alma! Vamos, e he

preciso que seja bem desgraçado, e só estando em peccado *mofento* he que não encontrarei huma grisette disposta a acceitar os meus rendimentos por hum copo de limonada! Vamos pular, walsar, rir.... vamos cassoar: bem certa he aquella cantiga:

» *Os gosos primeiros*
» São sempre lembrados... »

E Bouchenot, que ja não caminha com o corpo intiriçado, lestamente corre para hum canto da rua do Templo, entra n'hum omnibus, que sobe para o arrabalde, não faz contorsão de desprezo por ir entre dous *homens de jaqueta*, dá urbanamente os seis sous ao conductor, e dirige-se assim para a *Courtille*, onde ha sempre quem ria, beba, cante, e dance, desde o primeiro dia do anno, até ao de S. Silvestre.

Passando alem da barreira, voltando para a direita, e seguindo o boulevard exterior, encontra-se logo

o jardim, em que estão formalisadas as Montanhas de Belleville. Unicamente, éstas Montanhas são as, que teem resistido ao tempo, á moda, e á natural volubilidade e inconstancia dos Parisienses. Talvez da sua modestia provenha sua estabilidade; pois, em quanto suas soberbas rivaes, as Montanhas Russas, Beaujon, o Delta, o Niagara e Tivoli vão, ora humas, ora outras, desapparecendo do quadro, ou theatro dos nossos prazeres, as Montanhas de Belleville continuão a prestar *escorregante* descida ao artista e á grisette, em cujo exercicio achão sempre hum gosto infindo.

O local, pois, em que se achão estabelecidas éstas Montanhas, he bastante vasto, e permitte o goso de longos passeios, com o encanto de labyrinto, onde á vontade qualquer pode perder se. Encontrão se bellas ruas de arvoredos bem copados, bosquesinhos e caramanchões, onde a claridade cede o seu imperio á escuridão. Finalmente dança se ahi,

sendo como hum ponto de reunião das grisettes; pois he alli igualmente que se formão e desfazem intrigas amorosas: nesta *bolsa* de Cupido tracta-se o negocio do coração mui alegremente; cada qual faz a sua declaração no instante da *chaine anglaise*, e muitas vezes se entrega o coração n'huma galopada.

Bouchenot sacia-se com hum encanto delicioso desse ar do jardim, apesar de não embalsamado; mas lembra se neste momento dos seus dias de prazeres e de loucura; sente como se renascêra, tornando a encontrar as doces sensações, que experimentava outr'ora. Começa por correr ás Montanhas, lança-se n' hum *traineau*, e deixa-se *escorregar* seis vezes afio, para costumar se áquelle exercicio; depois dirige-se para o local, onde se está dançando, espreita as grisettes, que alli estão sempre em maioria; e finalmente resolve se a ir tirar huma rapariga morena, que em qualquer *avan deux* faz hum tal requebrado

de cintura, que parece querer em mimica figurar a *catchucha*.

A orchesta dá signal para os pares tomarem os seus logares; Bouchenot foi buscar o seu, mas, faltando hum *vis-à-vis*, chama-o, e logo hum sugeito, acompanhado d' outro ente em trajos femininos, se lhe apresenta fronteiro. A orchesta principia, a quadrilha começa; porem Bouchenot fica estupefacto, e com huma perna no ar, ao reconhecer no seu *vis-à-vis* a sua antiga visinha Celina.

Com effeito, he a sua antiga amante, que tem presente, a qual dança com hum mancebo. Bouchenot fica petrificado.., são daquellas cousas, que fazem sempre penosa sensação, ainda que sejamos dotados de grande phylosophia. Deixamos huma mulher, encontra-mo-la depois com outro homem, e experimentamos repentinamente hum sentimento de despeito, de pesar, e mesmo de ciume, isto, não sentindo ja por ella a menor parcella

d'amor; e ainda muito peior he, se as lembranças dessa mulher de quando em quando nos occupão a ideia: bera isto o, que acontecia a Bouchenot, o qual nunca se esquecêra inteiramente de Celina, apesar de todos os exforços, que fizera, e vida dissipada, que levára.

—" Então! o senhor meche-se, ou fica ahi?.. agora somos nós „ diz o par de Bouchenot.

—" Desculpae, mademoiselle... tendes rasão... que figura he!

—*Queue du chat*... vamos, que ja faltamos ao compasso.

—Temos que fazer a *queue du chat*... somos nós, mademoiselle?

—Ai que perguntas! não sabereis dançar, meu senhor?

—Se não sei dançar!.. ora quem diz tal!

—Se eu vejo que vos não bulís!... „

E, para provar que sabe dançar, Bouchenot entra a dar grandes saltos, a passar *quartas*, e fazer piruetas, isto para occultar a Celina a

emmoção, que experimenta, pois aquella parece nenhum reparo fazer em que está alli o seu antigo amante, e dança lestamente com o seu par, como se nunca vira Bouchenot: mas o nosso heroe, apesar de fingir igual indifferença, incessantemente olha para Celina, sem prestar a menor attenção aos requebros, e lindos movimentos de catchucha, que na dança despende o seu par.

Na figura, que dava occasião para travarem das mãos aos pares differentes, Bouchenot apertou meigamente entre a sua a mão de Celina, porem ella a retirou apressada, e sem responder com igual movimento. Bouchenot sentio apertar-se-lhe o coração, mordeu os beiços encolerisado; e de tal modo se desorienta, que não sabe o, que faz, embrulhando as figuras: o seu par diz lhe:—"O senhor está bem pouco costumado a dançar!,,

Finalmente acaba se a contradança, e Bouchenot reconduz o seu par, a quem não se lembra mais

de fazer côrte, pois somente tem a bolsa cheia de Celina. He a illuminadora d'estampas que elle agora novamente deseja possuir, e vae procurar, para o que anda em roda da dança, e não tarda em descobri-la sentada ao pé de Prudencia, e d'hum rapazote, bastante alto, de cabello louro, com dous immensos collarinhos, cujas pontas lhe entrão na bocca, e dous argolões nas orelhas, capazes de servirem para anneis de cortinas. O tal sugeito continuamente revira os olhos em pasmaceira, como se tivera vindo do paiz da Lua, ao mesmo tempo que incessante puxa sobre os tornozellos a extremidade das calças, que se obstinão a querer parecer calções.

Bouchenot passa e repassa humas poucas de vezes por deante das duas amigas, dizendo comsigo:

— "Onde diabo irião ellas agarrar aquelle perú *entufado*? não foi com elle que Celina acabou de dançar... será este o novo amante da minha infiel?„

Ainda que Celina mui bem tenha visto Bouchenot, finge o contrario, e toca com o joelho na sua companheira Prudencia, fallando-lhe ao ouvido: então ésta abaixa os olhos sempre que Bouchenot olha para onde ellas estão.

—" E até nem mesmo querem olhar para mim (diz Bouchenot para si) não se dignão, ao menos, de cortejar-me... isto he por extremo insultante!.. será por causa do meliante, que as acompanha!.. Ah! ingrata Celina, que inteiramente te esqueceste de mim! Pois estou com hum *ferro!*... e o peior he que a rapariga parece-me agora ainda mais bonita, doque nesse tempo, em que a via todos os dias!... Isto he de mais... não olhar para mim nem hum *boccadichito!*„

Bouchenot não cede do seu plano, e continúa a passar e repassar por deante das duas, mas a final, vendo que he em vão, diz comsigo:

—" Ora c'os demonios! para que heide estar gastando tempo?... vou

tira-la para dançar.... desta forma ver-se ha obrigada a olhar para mim e responder-me...„

E então, avançando para ella, com hum modo resoluto lhe diz, ao mesmo tempo que a corteja:

—" Mademoiselle, quereis dar-me o gosto de dançar comigo?

—Ja prometti dançar com outro, meu senhor„ responde Celina com hum modo secco.

—Se promettestes para ésta, então para a outra?

—Tambem para a outra ja prometti.

—Mas para a terceira?...

—Tenho par fixo para as contradanças que houverem. „

Bouchenot retira-se furioso, e tão desorientado, que vae dar hum formidavel encontrão n'huns casados velhos, que estavão bebendo cerveja, morde os beiços, aperta os punhos, e corre a espalhar o máo humor nas ruas desertas do jardim, dizendo para si:

—" He até onde pode chegar!...

não querer dançar comigo.... he o mais refinado insolentismo que tenho visto!... Eu bem sei que a isso não posso obriga la... mas, se não contivesse o meu genio, não sei o que succederia... hera huma scena horrivel!.. Emfim, vamos ver quem he o tal par fixo .. que o tal sugeitinho bem pode tomar conta em si... C'os diabos, estou como huma polvora! „

Bouchenot ouve tocar a orchesta, e volta immediatamente para o local, onde se dança, ahi procura Celina, e a vê figurar com o tal rapazote louro, que antes estivéra sentado ao pé della, e que, dançando, anda aos trambolhões, empurrado por huns e outros, como se fôra huma pélla.

—" Não tem duvida que escolheu hum habil dançarino (diz comsigo Bouchenot) merece que se lhe dê os parabens. A cousa está conhecida... este *passarão*, tão escanzelado, he o seu amante... Com effeito ser supplantado por hum homem

destes... porem eu sou o culpado... a culpa he minha, pela ter desdenhado: disse-lhe que não podia acompanha-la aos passeios... asneira foi dizer lhe tal cousa... Porem ella... ella devia andar em companhia de outro homem, e apresentar-se-me nas barbas? Cheguemos-nos, e vejamos se posso ouvir o, que dizem.,,

Bouchenot vae situar-se pela banda de traz de Celina e do rapaz, com quem dançou. A illuminadora de estampas finge não reparar na proximidade do seu antigo amante, e, passado hum pequeno espaço, conversa desafogadamente com o seu cavalheiro; e Bouchenot poude ouvir o seguinte dialogo:

—"Que tal vos parece este jardim, senhor Merladino?

—Muito bom, mademoiselle, he boa peça de fazenda... e sobre tudo bem aproveitado.

—Tendes gostado das nossas danças?

— Muito, muitissimo, e tanto mais gósto dellas porque tenho bom ouvido.

— E a walsa... sabeis walsar?

— Sim, mademoiselle, e até walso muito bem; mas *estonta-me* a cabeça, e entro a lançar: eis o motivo porque me abstenho.

— E fazeis muito bem.

— O tal Merladino he bom caco para sabão! „ diz Bouchenot comsigo, apartando se de ao pé delles: "onde diabo, Celina, que he huma rapariga de gosto e de juizo, onde diabo iria ella agarrar este sabujo? está visto, o homem quer casar..., tem-me cara disso: mesmo toda a expressão de tolo! „

Na seguinte contradança Celina não dançou, e ficou sentada ao pé da sua amiga e do senhor Merladino.

— "Como diabo he isto! pois ella asseverou-me que estava engajada com par fixo!.. „ diz comsigo Bouchenot, passeiando em frente do local, consagrado á dança: "a minha

vontade hera fazer aqui huma fallada... e chegar ás canellas ao senhor Merladino... porem nada, nada de doudices, pois seria compromettter-me. Esqueçamos nos da perfida.... não mais pensemos nella... até mesmo devo fugir de vê la, ou encontra-la, quando o acaso m'a deparar. „

E, para começar a fugir lhe, Bouchenot vae sentar-se pouco distante de onde está Celina; e segue-a, quando novamente a vê tomar logar para a dança com o senhor Merladino. Finalmente, sem nunca a perder de vista, a segue tambem, quando ella e a sua amiga, pelo braço do rapazote louro, sahem do jardim das Montanhas de Belleville.

Bouchenot desce o arrabalde do Templo, sempre arredado a distancia d'huns trinta passos de Celina e da companheira com quem vae, e sempre dizendo comsigo:

—" Nada.... *não estou para* segui-la... estava eu mesmo agora ia-

do ao *sucairo* da senhora Celina, e do figurão, com quem vae pelo braço!?.. Nada, isso hera ser até muito *aperriado*... só daaçou com elle... bem visto está que he o *afarranchador*... levão então a tola da Prudencia, da qual vão fazendo páo de cabelleira!.. Ora pois, Celina, eu não vos darei os parabens pela boa escolha do vosso novo amante.„

Chegado ao canto do boulevard, Bouchenot, em logar de seguir os trez, que sobem pela rua do Templo, toma para a direita, e a passo apressado caminha para o seu bairro.

—" Vamos para minha casa... vamos para o meu bello bairro de gente... Sei muito bem onde mora a senhora Celina, e não tenho precisão de ir atascar-me em lama por aquellas ruas... Oh! está acabado... por alli não mais hão de vêr me.„

Bouchenot mette-se na cama bastantemente agitado; em toda a noite não poude conciliar o somno, e, com a ideia possuida do quadro,

que presenceára, passa mui atribulado, não cessando de repettir:

— "Não quero, não quero mais pensar em mademoiselle Celina!... eu não lhe tenho amor.... depois disso até nem me parece ja tentadora, ou bonita! Nada, d'alli estou desmamado: mulheres como ella..., oh! e até melhores déz mil vezes acho eu ahi a cada canto: he o que por ahi falta, e sem serem acompanhadas de Merladinos!..,

Na manhã seguinte levantou se bastante cedo; veste se com esmero, e depois sahe de casa, sem ainda ter dito a si onde he que se dirige; porem parte da calçada d'Antin, atravessa o Palais-Royal, a Ponte-Nova, e chega finalmente á rua da Calandra, pára defronte da casa, que o leitor bem conhece, e ahi se demora hum momento indeciso, até que emfim sobe a escada, dizendo comsigo:

— He absolutamente preciso que eu lhe falle.... que tenha com ella huma explicação... depois disso es-

quece-la hei muito mais facilmente.„

E Bouchenot ultíma a subida, mais rapidamente, d'huma escada, cujos degráos lhe são bastante familiares, e chega á porta da sua antiga visinha; a chave está da banda de fóra: o mancebo sente pulsar-lhe o coração violentamente... hesita ainda... mas finalmente bate.

—" Entrae!„ diz Celina.

Bouchenot levanta o trinqho, e entra em casa daquella, que foi sua amante, porem quasi tão perturbado, e cheio de acanhamento, como se fosse a hum primeiro encontro amoroso.

Ao reconhecer Bouchenot, Celina fáz-se mui vermelha, e empallidece ao mesmo tempo; porem logo, affugentando aquella perturbação, lhe diz com hum modo bastante frio:

—Que motivo vos traz a minha casa?

— Mademoiselle....„ responde Bouchenot, procurando soccorrer-se d'hum modo altivo: "vim... vim

tão somente para ter o gosto de vos fazer os meus cumprimentos.

— Eu julgava, senhor, que todas as relações, mesmo até aquellas de simples conhecimento, estavão entre nós acabadas; portanto não podia julgar que mais aqui viesseis.

— Tambem vim para ver George e Thimoteo.

— Nenhum delles já assiste nesta propriedade.

— Ora... justamente, mademoiselle, lembrei-me de aqui vir para perguntar-vos qual a rasão, porque recusastes dançar comigo hontem.

— Ora, senhor... eu julgo ser senhora de mim para dançar com quem eu muito bem quizer: nenhuma das minhas acções vos deve importar.

— Isso he verdade...., nem eu ignoro faltar-me o direito de impedir-vos qualquer dellas.... Emfim, agora muito menos direito ainda tenho, depois do, que vi... estaveis com o amante presente... Mas, a fallar a verdade, o tal namorado...

o meu substituto sempre he hum figurão... Ora, quando digo o meu substituto.... bem pode ser, e até mui provavel he que me engane.... porque depois dos nossos arrufos.... ora, deveis ter tido bom par delles!

— Tenho feito tudo quanto mui bem tenho querido, e me deu na vontade, meu senhor: não he da vossa conta, e nem tenho satisfações a dar vos. Todavia, sempre quero que saibaes que o senhor Merladino não he, como julgaes, meu amante: he o pretendente de Prudencia, que veio da terra della (Poissy) para a desposar; e, se comigo dançou, e não com ella, foi porque a minha amiga, alem de ter os çapatos mui apertados, doião lhe excessivamente os calos. Ahi estão pois baralhados e desfeitos os vossos pensamentos relativos ao senhor Merladino; mas deveis entender que isto não he dar-vos satisfação, mas sim por não querer que julguem que tenho por namorado hum

trastalhão d'aquelles: quando eu quizer amantes, estou certa de que não me faltaráõ, sem serem Merladinos... daquelles estafermos combinão bem com Prudencia: he *cré com cré, e lé com lé.*

— Mademoiselle... eu não tinha precisão de *assim vos explicardes* para saber que... sim... Ora, Celina, deixemos-nos destes modos.... eu não posso mais... depois de havermos sido tão amiguinhos.. lembraste?... para que havemos estar fallando assim hum ao outro? Olha, minha.... peço te que me tractes como em outro tempo!„

Dizendo isto, Bouchenot foi chegando a cadeira para ao pé da sua antiga amante, e quiz appoderar-se-lhe de huma das mãos, porem Celina promptamente a retirou, respondendo com hum modo secco:

— " Eu, senhor!.... pois quero mais relações comvosco!?.. se fostes meu amante, agora ja não o sois: não mais devemos vêr-nos, e nada mais haja de commum entre nós.

— O' Celina!... podeis conservar ainda reserva?... Ora bem, convenho ser culpado... muito culpado... que fostes a minha casa, e não vos recebi como devia.... confesso ter dicto então humas poucas de tolices..... Mas que quereis? estava *atontado* com aquelle chambre rico... a riqueza voltou-me a cabeça: isto tem succedido a muita gente boa; mas, huma vez que eu confesso todos estes peccados... que vos peço perdão... Celina... então... não queres ter o amor antigo ao teu Bouchenot?

— Ter vos amor!.... oh! nada! nada, meu senhor: presentemente he impossivel.

— Impossivel!... Ah! Celina.... minha *pequerruxinitita*.... isso he da bocca para fora... Vamos, olha, eu corrigi-me: ja não tenho orgulho, ja não sou soberbo; sahirei comtigo.... ja se sabe, pelo braço hum do outro... levar-te-hei onde quizeres.... oh! fica certa de que não tenho ja aquella tolissima ideia

de poder comprometter me, levando te em minha companhia.*

— Pois eu, meu senhor,, diz Celina, erguendo-se, e affastando-se delle," agora sou eu, que não quero sahir comvosco a publico.

— E então porque?

— Porque... porque tenho mêdo... não quero comprometter-me.

— Como he isso!... que quereis dizer? eu não vos comprehendo, mademoiselle!

— Ora pensae bem, meu senhor... pensae bem, e logo achareis o motivo.

— De certo que não, Celina.... não posso atinar...

— Pois então, meu senhor, visto que me obrigaes a fallar... devo dizer-vos que, se temeis comprometter-vos, acompanhando com huma grisette, eu tambem não quero apparecer em publico, acompanhada d'hum espião.

— D'hum espião!...,, exclama Bouchenot, ficando por alguns momentos atterrado, ouvindo similhan-

te palavra; " eu hum espião?.. hum espião!.. Ah! que horror!.. Quem foi que veio capacitar-vos d'huma cousa tão abominavel?... quem se atreveu a calumniar-me de maneira tão infame?

— Os vossos antigos amigos, que se envergonhão presentemente, assim como eu, de vos ter conhecido.. precisamente não me disserão elles que exercieis tão infame emprego, mas bem adivinhei o, que pensavão, pelas suas meias palavras, conjecturas, e até pelo silencio, com que tão somente respondêrão ás perguntas, que lhes fiz.

— Porem, Celina, juro-vos por tudo quanto ha de mais sagrado que tal cousa não existe..... todos vos enganaes... todos me fazem sensivel injuria!

— Ora meu senhor, deixemos-nos de palavrões, e desse phraseado.... tracta-se de fallar com franqueza: repentinamente fizestes fortuna, apparecestes rico, dispondo de dinheie... ao mesmo tempo não quereis

confiar ás pessoas d'amisade d'onde essa fortuna vos proveio... Não sabemos que tenhaes emprego, nada mais fazeis doque passear e divertir-vos de pela manhã á noite... viveis n'hum luxo... n'huma oppulencia... Ora, ja de ha muito o vosso comportamento se tornava digno de reparo pelo mysterioso: no entanto se podeis combater éstas supposições .. se isto he na verdade huma calumnia, provae immediatamente de onde vos provem esses meios.... dizei como os adquiris. . E então ainda vos callaes... não podeis responder?... Ah! bem se vê que não o podeis fazer, sem ter de que envergonhar-vos!.. Portanto, meu senhor, isto não he calumniar-vos; e tanto os vossos amigos, como eu, não nos enganamos, pensando que effectivamente exerceis o logar de espião. Ora quem tal diria!.. quem lhe supposera sentimentos tão baixos, indignos, e infames!.. Eu de boamente vos perdoára todas as vossas infidelidades, extravagancias,

imposturas, e toleimas... mas obrigar-me a despresar-vos, a envergonhar-me de vos ter conhecido.... isso he o, que nunca vos perdoarei. Sahi, senhor, sahi desta casa.... a ella não mais torneis... são inuteis, e nem preciso das vossas visitas; não necessito mais de tornar a vêr-vos..., e até nem abrirei a minha porta, quando eu julgar que sois vós. „

Bouchenot fica por alguns instantes, como esmagado, pelo que acaba de ouvir; depois mostra-se indeciso... incerto sobre o, que deve fazer: dir se-hia que tomava a resolução de fallar; mas de repente, pergando no chapeo, sahe bruscamente, sem dar palavra, nem levantar os olhos para Celina, a qual corre á porta, e a fecha com violencia sobre Bouchenot.

Ao sahir de casa de Celina, o mancebo caminhou muito tempo, como ao acaso: o nome de espião, que acabão de dar-lhe, retine ainda a seus ouvidos. O pobre mancebo

soffre... está, como suffocado, róe as unhas; e agora, reparando nas pessoas, que olhão para elle, julga todos mostrarem lhe hum gesto de desdem, mesmo de despreso, e que todos formão d'elle a mesma opinião, que a illumminadora d'estampas.

Chega a hora do jantar, porem Bouchenot nenhuma vontade tem de comer: entra para sua casa, deita-se na cama, sente-se adoentado, conhece que a febre se appodera delle, e a cada instante diz comsigo:

— " Julgar-me espião!... sempre he preciso ser muito desgraçado!... e os meus antigos companheiros terem de mim a mesma opinião!?... Ah! agora ja não me admiro de, quando me encontravão, fazerem que não me vião..., fugirem para não me fallarem. Porem Celina despresar-me.... temer comprometter-se por andar comigo... Ah! que humilhação.... he o mais, a que se pode chegar!... Bem podia eu jus-

tificar-me... confessar a verdade... mas porque não o fiz?... eu sei.... receio e muito.... o resultado hera perder a minha pensão.... os quinhentos francos mensaes..... Mas bem pensado, não hera eu cem vezes mais feliz, quando não tinha hum sou?... Valha-me Deos! e eu que julgava ser bastante ter dinheiro, para viver satisfeito!,,

Passão-se assim alguns dias; Bouchenot anda triste e aborrecido; não se atreve a ir a casa de Celina, apesar de que tenha os maiores desejos de assim o practicar: algumas vezes, combatendo aquelle desejo, chega a ir á rua da Calandra, mas á porta da casa, onde em outro tempo morou, pára, não se atreve a subir, e volta vagarosamente pelo mesmo caminho. Agora ja não tracta de esmerar-se no trajar, nem tão pouco lhe importa como põe o chapeo, e emfim não parece o Bouchenot, habitante da calçada d'Antin.

Hum dia de manhã, seguindo os boulevards, sem saber onde ha de

dirigir os passos, Bouchenot vê hum mancebo, que vem para elle, mas com hum rosto pállido, e dando todas as mostras de grande soffrimento: apesar da mudança, que se operára nas feições, logo o roconhece por Henrique, e para elle corre, exclamando:

— "Não me engano!.. he o meu amigo Henrique!... Ai Deos meu, como estás mudado!... tens estado doente?... „

Henrique (pois hera elle) ergue os olhos, e, reconhecendo Bouchenot, parece querer fugir-lhe, porem não he ja facil operar a retirada; Bouchenot está ao pé delle, e portanto vê-se precisado de responder-lhe, o que faz com hum modo constrangido:

— Agradeço-vos... não tenho estado doente.... porem outros motivos... Oh! desculpae-me... até outra... estou com pressa, e não posso parar.

— Pois que!... deixas-me assim

d'esse modo... sem me dizeres o motivo, por que estás tão abatido?...

— O, que he, não pode interessar-vos... tende a bondade de permittir...

— Os teus pesares não podem interessar-me?... como julgas mal do teu amigo!. crês que não o sou, que não me interesso no teu bem estar, e que te não tenho em muita estima?.. pois não quero que continues com tão errada ideia. Que fiz, que fiz eu, para que tu, e outros, assim me tractarem? Vamos, Henrique, venha de lá esse aperto de mão, e torna-me á tua confiança.,,

Henrique foge com a mão, de que Bouchenot queria travar-lhe, e responde-lhe com inflexão e modo o mais glacial:

— "Ora senhor... ha cousas, que não podem ser confiadas.... disso melhor do, que outra qualquer pessoa, vós o sabeis.... Aquelles, que forão vossos amigos n'outro tempo, hoje não o podem ser.... Adeos....

não me obrigueis a fallar-vos mais claramente.

— Oh! não, não, c'os demonios! pois tu havias de deixar-me assim?! (exclama Bouchenot, agarrando em Henrique per hum braço). Oh! eu sei muito bem o, que todos vocês pensão de mim... Celina m'o disse... ai! que testimunhos tão horriveis, e que eu tão pouco mereço! Julgarem ser eu hum.... nem me atrevo a proferir similhante palavra. E podeste fazer de mim similhante pensamento?... bem mal, bem injustamente fui julgado! Ora vamos, dá-me essa mão; sou, e sempre tenho sido digno de aperta la... Henrique... ah! acredita... acredita que eu não sou *espião!*... espião eu?!.. hi!.. hi!.. hi!.. posso mostrar que... que... verão... a indignidade, com que me tractárão... eu não o merecia... hi! hi!„

E Bouchenot chorava, como se fôra huma creança. Henrique sentio-se commovido daquelle espectaculo, e deu-lhe a mão, dizendo:

—"Ora bem... se com effeito mal vos julgamos... se fostes calumniado... facilmente podereis justificar-vos, e novamente ganhareis a nossa estima. Ah! se assim he consolae-vos, Bouchenot, essa magoa vae ter hum termo... porem a minha... a minha, oh! nunca... nunca! estou condemnado a soffrer, sem esperança.

—Mas como he isso?... que te succedeu? conta-me...

—Nem quasi tenho forças para publicar as minhas penas!... Essa, que eu adorava... que devia no porvir fazer a ventura da minha existencia... pelo menos tinha eu as rasões mais hem fundadas para assim o julgar... finalmente a minha Paulina... em oito dias será a esposa d'hum outro.... mais feliz do que eu!

—Isso he possivel?!! mas seu pae....

—Seu pae tinha me feito entrever que poderia vir a ser seu genro... e tanto mais disso devia lison-

lear-me que o meu estabelecimento caminhava prosperamente..... mas apresentou-se-lhe hum partido brilhante.... appareceu hum homem, possuidor de grandes riquezas..... Paulina em vão supplicou a seu pae que não a sacrificasse, porem aquelle foi inflexivel... nunca mais me permittio que a visse.

— Ora... ora... o meu pobre Henrique! agora ja não me admiro d' essa pallidez e abatimento. Porem, meu amigo, perdeste toda a esperança?... não haverá hum meio de dobrar esse pae avaro.... e ao mesmo tempo de supplantar o teu rival?

— Nenhum... nenhum descubro! E que posso eu fazer? Mr. Mortandal he homem bastante considerado... he estimado geralmente .. em fim o peior de tudo he ter pelo menos trinta mil francos de rendimento....

— Mr. Mortandal! (repete Bouchenot, mudando de côr) que homem he esse, do qual acabas de pronunciar o nome?

— He aquelle, que vae casar com Paulina... o homem, que roubá toda a esperança, toda a ventura á minha existencia.

— Oh! Deos nos accuda!... será possivel!... que acaso tão singular!

— Pois que!... tu conheces esse Mortandal?

— Sim... talvez... creio ser o Marselhez, que vi aquella noite em casa da senhora Merlier?

— Precisamente.... foi ahi que por minha desgraça elle vio Paulina.... e que por ella se apaixonou.

— Henrique... meu pobre Henrique... dá me attenção... tu ainda podes ser muito feliz... casar com a tua querida.

— Que dizes?... como poderia eu conseguir isso?... de que maneira?

— Oh! e está na minha mão poder fazer hum milagre similhante... tenho hum meio infallivel para destruir todos os projectos do senhor

Mortandal.... a respeito desse homem posso communicar-te cousas... cousas terriveis... capazes de fazer arripiar as carnes.

— O' meu caro Bouchenot!.. hé crivel que tenhas huma esperança tão segura?

— Sim.... sim.... Olha!... emfim está decidido... quero que sejas feliz... que despozes a tua Paulina... que me devas a tua ventura, para todos então saberem se eu hera hum espião!... Tudo te direi... confiar-te-hei esse segredo, que tão cuidadoso occultava... hé verdade que vou perder os meus rendimentos... porem hé o mesmo... n'outro tempo passei sem elles... e tambem nenhuma pessoa se atreverá mais a dizer que sou espião.

— Ah! meu amigo, se acaso pela intervenção d'esse meio, com que tanto contas, falha este casamento, que tanto me desespera.... tudo.... tudo, quanto possuo, será teu!

— Escusas de tentar-me com di-

nheiro... não quero riqueza: ja até cançado e aborrecido estou de viver na abundancia; o, que unicamente quero, he que sejas feliz com o objecto da tua adoração; que me apertes a mão... sejas amigo... e tractes por tu, como em outro tempo... Oh! e tambem quero que Celina mais não receie comprometter-se, andando pelo meu braço em publico. Finalmente quero não ser despresado... não o mereço... o sentimento da ideia, que de mim formavão, chega-me ao centro d'alma, em modo, que não ha riquezas.... bem estar, ou fatos elegantes... nenhuma, nenhuma conveniencia he capaz de indamnisar hum homem de bem da perda da estima dos seus amigos.

— Basta, meu Bouchenot... ah! basta! dá-me a tua mão... deixa-me aperta-la.. agora, agora reconheço que muito nos enganamos a respeito da nascente, que tinha a tua fortuna.

— Tu vaes saber tudo.... tudo....

nesta confissão, que vou fazer-te, bem pode ser eu arrisque a vida.... porque os velhacos obrigarão-me a jurar nunca descobrir o seu segredo, ameaçando me com hum castigo terrivel, se não o mantivesse... porem não importa; resolvo-me a tudo arrostar... até ja não tenho mêdo!... Dous grandes motivos imperão em mim: hum concorrer para a tua felicidade, salvando-te do exaspero, o outro reconquistar a estima geral; portanto bem vale a pena de arriscar alguma cousa.

— Mas falla, Bouchenot... peço-te que te expliques...

— Vamos para tua casa: não he no meio da rua, que se fazem confidencias taes... não se tracta de cousa de pouca entidade... todas as precauções são poucas.

— Pois bem.... anda para minha casa, e então.... mas vamos depressa.... estou impaciente por ouvir-te.

— Queres que eu te dê o braço?

—Se quero!... ah! podes ainda ter a menor duvida sobre a minha estima?„

Bouchenot, cheio de ufania, appodera se do braço de Henrique, e ambos dobrão o passo, ambos sentem o mais vivo desejo de se acharem em liberdade, e poderem fallar, sem testimunhas.

CAPITULO VII E ULTIMO.

Bigode torna a entrar em scena.

Assim que os dous amigos chegárão a casa, Henrique conduzio Bouchenot para o seu quarto; este fechou a porta, foi examinar se as janellas estavão bem fechadas, syndicar não houvesse alguem, que podesse ouvi-lo, e, depois de tomar todas éstas precauções, decidio-se a fallar, o que fez pela seguinte maneira:

"Não será preciso recordar te, meu caro Henrique, de que bastante tempo estiveste ausente de Pariz: então morava eu de companhia com George e Thimoteo; então heramos nós bem desgraçados... quero

dizer, bem pobres, faltos de recursos, e de tudo, emfim!... Todavia, a nossa pobreza, e estirados jejuns não obstavão que rissemos e bamboxeassemos algumas vezes: fazíamos boa cara á má fortuna.... que hera bem má, pois chegámos a ter huma casaca para os trez!... Hum dia, creio que foi na vespera da tua chegada... nesse dia sahi eu; hera o meu dia, e pertencia-me levar a casaca; tinhamos vendido a hum ferro velho certas cousinhas superfluas, e eu fiquei com cinco francos n'algibeira, promettendo aos meus dous amigos trazer-lhes, quando voltasse, hum empadão *para elles* ceiarem. Eis me pois nas ruas de Pariz, *pézinho* aqui, *pézinho* acolá, escolhendo as pedrinhas, e pavaneando-me orgulhoso, como se levasse as algibeiras atacadas de ouro. Compro *huma canna da india* á força, isto he, vejo me obrigado a paga la pela ter quebrado, na experieneia de se hera *dobradeira*.... compro huma caixinha de pastilhas,

em logar do empadão, que promettêra; e não tendo de resto mais do que huns miseraveis sous, vejo-me na precisão de almoçar de levante. Entrára n'huma loja de salxicheiro. onde gastei os taes sous, porem ao mesmo tempo vejo passar huma rapariga, d'éstas de dar no *góto*: tu sabes que sempre fui apaixonado do genero... que a minha dominante foi sempre gostar das filhas de Eva... por conseguinte metto o presunto n' algibeira, e logo caminhando atraz da rapariga...

— Mas, Bouchenot, em toda essa historia nada vejo que possa ser relativo ao objecto das minhas esperanças?...

— Homem, espera hum pouquito, que lá chegaremos: deixa-me contar os factos pela sua ordem, quando não baralho-me. A rapariga levava comsigo hum cão... d'estes cães *canzarrões*.... Maldicto cão.... foi elle o causador de tudo! A rapariga hera huma gordalhuda apavalhada, que não dava pela cord^r-

a,

nem me respondia; mas o cão pelo contrario situou-se atraz de mim, sem me largar... conheci então que este extremo de Bigode (assim se chamava o cão) hera devido ao presunto, que levava n'algibeira: fiz, quanto poude para o quadrupede me deixar, mas em vão.... até não me largou, quando a domna desappareceu. Suprimirei quantas aventuras tive neste dia, todas causadas pelo maldicto cão; basta-te saber que, depois de andar á bulha com huns saltimbancos, me achei ja mui de noite no boulevard Saint-Antoine, mas em que estado! A minha casaca... a casaca dos trez despedaçada... e finalmente tão vergonhoso da minha posição, que não me atrevia a entrar para casa, e apresentar naquelle estado a casaca aos meus amigos para poderem sahir a tractar das suas cousas. Então, para evitar que os passantes fizessem reparo em mim, procurei enfiar pelas ruas menos cursadas; andei muito tempo, atravessei o canal, até que

finalmente parei n'huma especie de becco, e sentei-me sobre huma pedra. O cão tinha-se arredado de mim por alguns minutos, porem novamente veio correndo, e parecia convidar-me a segui-lo: pensando que talvez a casa da sua domna fosse naquellas immediações, resolvi-me a acompanhar Bigode, algum tanto satisfeito de tornar a ver a rapariga, e poder entregar-lhe o seu cão.

" Bigode levou-me até deante d' huma casinhola de apparencia destruida, onde não descobri signal de luz, ou de ser habitada, mas o cão esfregava-se por huma porta, que parecia dar entrada para hum corredor. Cheguei-me para batter, porem só encontrei o zarelho d'hum trinquo, o qual, levantado, me pôz franca a entrada; mas por alli adeante não se enxergava palmo de terra: não obstante Pigode correu lestamente, e eu decidi-me a segui-lo, crendo sempre que iria encontrar a tal rapariga. Avanço pois ás

palpadellas, chego a hum pequeno pateo, e logo á bocca d'huma escada, que descia para hum subterraneo; ouço como hum rumor surdo, e uniforme, assim parecido a continuas martelladas.... Não sei que demonio me instigou, pois, em vez de fugir d'alli, e voltar para fora, desci a escada, e cheguei a hum corredor... d'alli ja deviso a claridade, que vem d'outra casa subterranea, cuja porta está meia aberta, e d'onde verifiquei sahia a bulha: ao mesmo tempo ouço muitas vozes de homens... escuto... fallão de perseguições de policia.. temem talvez ser surprehendidos, agarrados.... esperão por hum dos seus companheiros, que sahíra. Então reconheço ter entrado n'hum covil de facinorosos, e logo penso em fugir; mas, dando hum encontrão n'huma taboa, ésta me faz cahir, e logo trez homens cahem sobre mim, fazendo horriveis imprecações!

"Hum delles, que, segundo pa-

recia, hera de mais authoridade, disse-me com huma vóz de trovão... ai! que vóz, ao mesmo tempo tão medonha...

— "Que fazeis aqui?... de que maneira entrastes?

— Vim aqui por acaso, sem a menor intenção de vos prejudicar, nem espreitar o, que fazeis, meus senhores... ,, respondi, tremendo, pois confesso que não estava pouco assustado.

—" E sabes (me replica o mesmo homem) qual he o mister, em que nos occupamos?...

— Logo me pareceu que fazeis dinheiro falso... mas deixae-me ir... que eu prometto não denunciar vos... Depois disso, podeis estar seguros de mim... não sei qual he o bairro nem a rua, em que estou .. O acaso, como ja disse, me fez dar com a vossa fabrica de moeda falsa.... deixae-me pois sahir, e nunca mais em mim ouvireis fallar.

" Em quanto fallava, vi aquelles homens olharem huns para os outros, e até mesmo rirem se, o que me pareceu bom signal; depois aquelle, que hera o chefe, esteve com os companheiros practicando em vóz baixa, e logo, vindo ter comigo, diz-me:

—" Vamos dar te a liberdade, mas debaixo da condicção que nunca em tua vida dirás huma palavra do, que viste aqui ésta noite: se faltas a este juramento, podes contar que te expões ao castigo mais terrivel! —

" Eu prometti, jurei, e fiz quantas promessas elles quizerão; e em taes circumstancias, meu Henrique, o que poderia eu fazer se não isto? Taparão-me então os olhos, levarão-me pela mão fora do subterraneo, fazendo-me sahir da casa, e ainda na rua me obrigárão a andar assim bom espaço. Finalmente quando tirei a venda achei-me n'outra rua, perto do canal: parti de corrida, e cheguei, tremendo, e doente,

á casa, em que morava com os meus amigos, aos quaes não me atrevia a contar o, que me succedêra...

— Eis na verdade huma aventura bem singular; porem não attinjo como...

— Espera ainda mais outro pouquito... No dia seguinte vieste vêr-nos, emprestaste-nos dinheiro; mas em quanto os meus dous amigos tinhão ido adeante ter comtigo á casa de pasto, onde todos almoçámos, julga como eu ficaria admirado, achando hum cartuxinho de trezentos francos em ouro, e bom ouro, na algibeira da casaca esfarrapada!... os miseraveis tinhão-me gratificado com aquella quantia. Que podia eu fazer? hera-me difficil, e até nem sei de que modo poderia tornar a dar-lhes aquelle dinheiro... gastei-o... e agora ja perceberás a rasão, porque eu não tinha pressa de ir, em tua casa, occupar o logar, que me destinavas. Todavia, aquelle dinheiro acabou-se, e eu ia, como viste, resolvido a acceitar o emp-e-

go no teu estabelecimento, quando me levaste nessa noite á reunião da senhora Merlier..... Ora bem, meu amigo, estamos chegados ao *labor est*..... nessa reunião sabes quem eu encontrei?... dei ahi cara á cara com o chefe da casa de moeda falsa!

— Isso he possivel? oh! nada... nada, he engano manifesto... viste alguma cara parecida, e portanto enganaste-te.

— Tão pouco me enganei, que na manhã seguinte áquella noite recebi huma carta, e incluso nella hum billhete de mil francos, dando-se-me ao mesmo tempo agradecimentos pela minha discripção, e juntamente a promessa de me enviarem quinhentos francos mensalmente, em quanto me callasse..... Eis aqui a causa mysteriosa da repentina mudança, que virão operar-se na minha situação... e desde esse tempo nunca me faltárão áquella promessa: mez acabado, dinheiro

na mão; recebia pela posta hum bilhete de quinhentos francos.

— Porem esse homem, que te manda o dinheiro, esse miseravel, que dizes teres encontrado em casa da senhora Merlier.... quem he elle?

— Pois ainda não déste no vinte!... he o teu rival..., o homem, que pretende casar com a tua amada Paulina.

— Mr. Mortandal!...

— Esse mesmo em pessoa. „

Henrique fica por alguns instantes mudo de surpreza; depois salta ao pescoço de Bouchenot, e o abraça com a maior effusão de gosto, exclamando:

— "Ah! meu bom amigo, que ventura!... he crivel! Oh! certamente que, sendo assim, o chefe d'huma companhia, que faz dinheiro falso, não casará com Paulina... ella *não* será a *esposa d'hum miseravel*. Se o senhor Giraumont tivéra sabido de tal! Mas quem julgaria? Mr. Mortandal.... hum nego-

ciante nadando em riquezas, considerado, com o seu credito tão bem estabelecido!

— Ora a grande admiração de nadar em dinheiro, tendo fabrica em casa! assim quem quer brinca.

— Mas ainda me parece isto hum sonho: mr. Mortandal dirigir huma empreza de dinheiro falso... ó Bouchenot, vê lá se estás certo do, que avançaste: sabes que he hum crime de morte? sabes que para o accusar são precisas provas?

— Provas! provas! a grande difficuldade de as apresentarmos!... Emfim, meu amigo, podes estar certo de que te contei com a maior verdade tudo quanto me succedeu, sem nada acrescentar de minha lavra. Agora o peior não he isso: cá por mim conto ja de ser assassinado qualquer destas noites, ao entrar para casa, em premio da minha indiscripção. Mas estou preparado para tudo: o meu fim he que sejas feliz, e tambem que não me desprezem: conseguindo ambas éstas

cousas, não chorarei os meios, de que vou ficar privado; não terei saudades d'huma riqueza, que vinha de tão má fonte.

— Fica descançado, meu caro Bouchenot, que eu velarei na tua existencia.... De hoje por deante ficarás de todo em minha companhia.

— *Pois quero isso muito*: quero, quero, que ja *estou farto* da calçada d'Antin.

— Mas primeiro pensemos no modo de surprehender, ou confundir esse *Mortandal*: tu vaes guiar-nos á casa, onde o encontraste.

— Eu, homem! isso para mim será grande trabalho! Como posso atinar onde hera situada, se foi de noite que *alli* fui dar!... e de mais he hum bairro desconhecido; ia *andando* ao acaso, e cheguei lá sem saber como: quando sahi, taparão-me os olhos, e perdi portanto quaesquer lembranças, que na sahida poderia rectificar.

— *Porem o cão.... sim*, disse-lo

que o tal cão fôra quem te conduzira.

— Bigode? oh! isso herão *natas* se soubessemos o que he feito delle; mas onde havemos ir procural-o? a rapariga, que hera a domna, he amiga de Celina, chama-se Prudencia, e depois muitas vezes lá a encontrei em casa.

— Pois bem, por essa rapariga sería facil.

— Qual historia! se ella não soube o caminho que levou o cão: ella morava n'hum bairro muito distante daquelle, em que me succedeu a aventura; e o Bigode fôra lhe dado pelo padrinho, hum jardineiro florista, que foi para a terra: deste lado nada podemos esperar. O mais que ainda posso dizer, a respeito do animalejo, he que o vimos huma vez depois em Montemartre: estava com huns homens, que não conheci, e os quaes não quizerão entrega lo á sua antiga domna.

— Então como ha de ser isso? como faremos para adquirir as provas necessarias, que desmascarem esse Mertandal, e o obriguem a renunciar a este casamento?... Oh! as cartas, que elle te escrevia...

— Apenas foi huma, e hera sem assignatura: alem de que, devemos suppor que não sería da sua letra.

— Emfim, para no entanto ganhar tempo, vou escrever ao senhor Giraumont, e pedir lhe que diffira o casamento de sua filha, promettendo lhe importantes revelações a respeito do homem, que destinava para seu genro: depois iremos dar huma volta pelo bairro, onde foste parar de noite, e he natural que deparemos com a casa.

— Eu heide lembrar-me... signal para aqui, signal para acolá, darei com ella, salvo se a tiverem deitado abaixo, o que não he impossivel, pois assim mesmo isto ja foi ha perto d'hum anno, e...

— Ah! Bouchenot, não me tires a esperança, com que ha pouco me fortaleceste!

— Meu amigo, lonje de mim tal

pensamento; porem não posso deixar de dizer-te que muito receio seja o deslindamento algum tanto difficil: emfim, tentaremos o váo. No entanto, sempre quero ja previnir-te de que, se eu reconhecer e deparar com a tal casa, onde se faz moeda falsa, olha que não entro lá senão com força armada, pois quero livrar as costellas em quanto me for possivel. Escreve pois ao papá Giraumont; eu, no entanto, vou alugar hum cabriolet ás horas, para ir a casa de Celina, de Thimoteo, e George: quero contar a todos de onde me proveio essa riqueza, que tanta bulha tem feito; huma vez que principiei a fallar, contarei a todos. Ah! não hera mais que julgarem me espião.... Ah! diabo do diabo! vae todo o mundo saber que tal cousa não hera; e, se ainda assim não grassar a verdade, mando participa lo por essas ruas a toque de caixa.

— Deixa-te de loucuras, Bouchenot, pois dessa forma hera advertir

mr. Mortandal; então o homem tomava cuidado em si, e não poderiamos surprehende-lo: pelo contrario, até he preciso recommendar todo o silencio aos nossos amigos.

— Silencio!.. vá pelo tal silencio; mas he o mesmo, eu fallarei, eu direi tudo: não quero ter mais arcas encouradas, nem occultar a cousa mais pequenina a qualquer pessoa, dar hum passo, ir a ésta, ou áquella parte, sem que se saiba: quero o meu procedimento tão claro, como agua da fonte, para que ninguem diga que sou hum espião.

Bouchenot deixa Henrique escrever a carta; sahe, aluga o cabriolet, vae a casa de George e Thimoteo, que Henrique lhe ensinára, e sem desconcertar se com o accolhimento glacial, que os dous amigos lhe fazem, não lhes dando tempo a perguntarem por que motivo os procura, lhes diz:

— "Ora, meus senhores, muito má ideia fizestes de mim! Venho contar-vos de onde me provinha a

riqueza, que tenho disfructado; venho contar-vos todas as minhas aventuras, pois não quero que andeis receiosos de comprometter-vos quando me encontraes. „

E Bouchenot conta aos seus dois amigos tudo quanto narrára a Henrique, de que resulta ser abraçado por elles, felicitando o de ter assim abnegado huma riqueza, mal adquirida, ou que, pelo menos, lhe dava máo nome para felicitar o amigo, a quem todos trez herão devedores de amisade tão extremosa.

Bouchenot, congraçado com os seus antigos companheiros, e amigos, despede-se delles, e dirige-se á rua da Calandra; sobe lestamente a escada, fallando alto, e como se ja estivera deante de Celina; mas, assim que batte na porta, aquella, tendo-lhe ouvido a vóz, recusa abrir, e diz-lhe pelo boraco da fechadura:

—" Meu senhor, queira tornar a descer, e deixe-me socegada, que nesta casa não entra: bem deveis

saber o motivo, e portanto não tomeis outra vez similhante trabalho.

— *Mademoiselle*,, *responde Bouchenot*, collando a bocca pela outra extremidade do boraco,"eu venho justificar me... venho provar-vos que nunca fui nem sou espião. Os meus trez amigos ja me tornárão á sua antiga amisade... e portanto venho para que façaes o mesmo. Ora vamos, Celina... abre-me a porta pelo amor de Deos..... por alma dos teus defuntos!,,

Celina finalmente cede á lamuria; *Bouchenot entra*, senta-se, reclama toda a attenção da sua antiga amante, e lhe repette quanto dissera aos seus trez amigos. Celina ouvíra Bouchenot com o maior interesse; e em seu rosto demonstra o prazer, que experimenta, ouvindo *tão gostosa justificação; até que* a final, não o deixando concluir, lança-se em seus braços, acaricia-o, e beija o, exclamando jubilosa:

—" Ai meu pobre Bouchenotsinho, que satisfação me introduzes

n'alma! posso tornar a amar-te!... amar-te sempre!.. Ahi está a rasão porque elle tinha aquellas cólicas... aquellas dores de barriga!.. hera o mêdo, que te mettia o diabo do homem, cada vez que o encontravas... tinhas susto de ser compromettido!

— He verdade... convenho: tudo quanto me recordava aquella aventura perturbava-me, desorientava-me. Presentemente deixo todos os sustos, todos os mêdos para traz das costas... será o, que for, e a tudo estou resignado.

— Como entendes tu essa palavra de resignado a tudo?

— Ora, he porque, huma vez que eu dei com a lingua nos dentes, que divulguei d'onde provinhão as riquezas ao senhor Mortandal, devo esperar que ahi qualquer noite me arrumem huma facada.

— Isso tinha que ver!... não me deixes... não saibas d'aqui; esconde-te na minha cama, e deixa-te estar.

— Minha querida, o, que me propões, não deixa de ter seu encanto, mas prometti ao amigo Henrique ajuda lo a descobrir os homens, que fazem dinheiro falso, e por tanto devo cumprir a minha promessa.

— Porem não hera melhor denunciar esse Mortandal e seus companheiros á justiça?

— *E as provas?...* as provas, que são precisas primeiro doque tudo... informações d'onde he situada a casa, e testimunhas de quem os visse trabalhar n'aquelle mister criuinoso! Minha querida, hum homem rico, olha, não he facil de ser accusado, assim como qualquer pobretão... se fôra hum pobre diabo, então bastava dizer *meia palavra*; mas hum homem, que possúe trinta mil francos de rendimento, tem para accender trinta mil lampadas na casa de Méca.„

Bouchenot despede-se de Celina, depois de lhe prometter vê-la mui brevemente; volta a casa d'Henri-

que, o qual ja tinha mandado a carta, que ficára escrevendo, e esperava ancioso por Bouchenot para com elle dar começo ás pesquisas, das quaes esperava em resultado a descoberta da verdade.

Os dous amigos sahem, e dirigem-se para o sitio, onde Bouchenot fôra dar naquella noite aventurosa com os saltimbancos; caminhão vagarosos, e tomão de preferencia pelas ruas desertas: Henrique pára frequentemente, dizendo ao seu companheiro:

—"Olha bem.... repara.... vê se reconheces ser nésta casa?„

Bouchenot perscruta, e abana a cabeça, respondendo:

—"Nada.... aqui não.... tenho minhas lembranças de que havia hum muro extenso... muito comprido.... parece-me que hera isto.. sim, sim, he verdade.... perfeitamente me recordo de que não havia casas proximas da tal: por conseguinte não póde ser ésta.„

De novo caminhão, de novo pá-

rão; algumas vezes mesmo voltão para traz, tornando a verificar observações já feitas, e examinar huma casa, que tem alguma apparencia do, que procurão, porem Bouchenot repete sempre:

—"Aqui não póde ser: agora muito bem me lembra; hera no fim eu sei?... parece-me que d'hum becco, onde não havia mais casas... ficava inteiramente deserta, e aqui não vêmos isso.,,

Em pesquisas inuteis passão até á noite, e logo na manhã seguinte continuão, explorando, sem resultado, todo o bairro, onde julgão estar situada a casa mysteriosa.

—"A quem se contará huma d' éstas! (diz Bouchenot) para não termos dado com a casa he preciso que a demolissem!,,

Henrique exasperava-se, vendo aproximar o termo fixado para o casamento de Paulina com o senhor Mortandal; e, como nenhuma prova encontrára, para corroborar o,

que escrevêra ao senhor Giraumont, o velho negociante tinha despresado aquelle aviso, que suppunha dictado pelo ciume, e não queria espassar o termo fixado para o casamento de sua filha.

Renunciando a continuação de mais indagações, que, julgava elle, terião o mesmo resultado, Henrique nem queria sahir de casa, e passava o seu tempo acabrunhado pelo maior exaspero: ja faltão só dous dias para chegar o fatal; Paulina deve dar a mão de esposa, e sujeitar seu alvedrio a outro homem.... o infeliz Henrique não encontrou maneira de obstar similhante casamento. George e Thimoteo estão junto do amigo; e procurão incutir-lhe n'alma alguma consolação, alguma esperança, que elles mesmos não teem: Bouchenot não está com elles, fôra ver Celina, ainda esperançado em combinar com ella algum expediente, que podesse obstar á desgraça do seu amigo.

De repente ouve-se retinir com

força a campainha; os trez amigos sentem hum sobresalto, e Henrique lembra-se logo se acaso, sem saber porque destino bom, receberá alguma boa nova: com effeito não tarda Bouchenot em entrar (pois hera elle que battêra) acompanhado d'hum cão grande, que trazia preso por hum lenço atado á colleira.

—" Victoria, meus amigos!.. victoria!... Aqui trago Bigode... encontrei-o... agarrei-o... não me importou rouba-lo ao domno... o caso he que somos agora senhores d' elle.

— Bigode!... pois esse he o cão?.. ,, exclama Henrique, em cujos olhos vislumbra o jubilo e a esperança.

— Que cão vem pois a ser esse?... ,, pergunta George a Thimoteo.

— Ora essa pergunta!.. he o cão causador de todas as minhas aventuras... o guia, que me conduzio de noite á tal casinha, que de dia ainda não podémos encontrar. Porem

Bigode dará com ella! Oh! os cães teem muito mais tino, doque os homens... muito mais faro.

— Mas qual foi o acaso feliz, que te fez encontrar o cão?,, diz Henrique.

— Pois então lá vae!, saibão que foi o acaso... a Providencia, ou se quizerem antes, pois quanto a mim hum boccado de presunto tambem haverá occasiões, em que seja boa providencia: sim, senhores, foi hum boccado de presunto a que somos devedores de ter aqui o senhor Bigode: oução me. Tinha ido, como sabeis, a casa de Celina, com a cabeça *basilando* a respeito desse maldito casamento, que desola o nosso amigo, e sempre vendo se a ideia me deparava com algum meio para o estorvar. Como eu sei que Celina he dotada de bastante imaginação, tinha lhe promettido ir almoçar com ella, e, em quanto davamos ao dente, tractariamos do caso. Como porem eu devia levar lhe algum *acipipe*, e estava ao pé da casa de *Vero*

Dodat, entrei, e pedi hum soberbo buccado de presunto de Bayonna, pois sei que Celina *chia lhe* nos queixos o tal presuntinho de Bayonna; metto-o n'algibeira da casaca, e continuo o meu caminho. Ao atravessar a rua Saint Honoré, o encontro d'humas seges e d'huma carroça me obriga a entrar para hum armazem de vinhos, e assim que vejo franca a rua, torno a andar; mas ainda não teria dado hons déz passos, que senti como encontrões nas canellas; volto-me, e vejo ser hum cão, o qual de perto me seguia; vou para enxota-lo... mas fazei ideia da minha surpreza, reconhecendo Bigode, que, fiel sempre ao seu instincto pelo presunto, adivinhára provavelmente o petisco, de que tanto gostára, farejando me a algibeira, quando entrei no armazem de vinhos; e logo se resolvêra a seguir me, para, de quando em quando, segundo o seu costume, escrutinar mais de perto com o focinho. Bem podereis julgar que não

o enxotei, antes lhe fiz festas, e temeroso de que me fugisse, ainda que talvez agora elle o não fizesse, lancei-lhe hum lenço á colleira, e dobrando o passo, para que o domno não me perseguisse, voltei aqui, ancioso de mostrar vos o meu feliz achado.

—Visto que houve a fortuna de se encontrar o cão (diz Henrique) vamos com elle ao sitio por onde ja andámos, e espero que as nossas pesquisas não serão agora vãs.

— Nada, esperemos (diz Bouchenot) a minha opinião he esperarmos que seja noite, pois como de noite elle me levou lá, he preciso apresenta-lo nas mesmas circumstancias.

— Bouchenot tem rasão (diz George); deve-se esperar pela noite: iremos todos, pois não hera justo irdes sós em procura d'huma sucia d'essas.

— Sim.... venhão: quantos mais forem tanto melhor (diz Bouchenot).

— Porem será bom (observa Thi-

moteo) levar cada hum de nós seu par de pistolas.

— He muito bem pensado (replica Bouchenot) no entanto jantemos-lhe bem, e bebamos-lhe melhor para irmos fortalecidos de estomago e cabeça á expedição d'esta noite...

— E *tome-se bem cuidado em* Bigode, para que não fuja d'aqui,, lembra Henrique.

— Oh! podes estar descançado: em quanto eu tiver o presunto na algibeira não he elle que me larga!,,

Os quatro mancebos jantão de companhia, e esperão *impacientes* que chegue a noite. Thimoteo foi buscar as suas pistolas, e as de George; Henrique tem ja prevenidas as, que ha de levar; Bouchenot porem diz não ter precisão de mais doque do seu canivete. Finalmente chegada a noite, sahem todos quatro, acompanhados de Bigode, que levão prezo pela colleira.

Chegando ao districto, que fica

da banda d'alem do canal, nos arredores da barreira de Menilmontant, soltão o cão, e tomão todo o cuidado em não o perder de vista, tendo Bouchenot primeiro a previdencia de despejar a algibeira, para que Bigode não se obstinasse em ficar ao pé delle. Durante algum tempo, o cão segue os nossos quatro mancebos, e não mostra a menor intenção de se apartar da sua companhia; mas repentinamente, ao voltar para huma rua pouco frequentada, Bigode parte n'huma carreira, sem mais olhar para traz.

—"Ja deu com a pista! (exclama Henrique) vae conduzir-nos: agora he não o perder de vista.„

Os quatro são obrigados a correr, para seguir o cão, que ligeiramente corre, enfiando por trez, ou quatro travessas, parando finalmente ao pé d'huma casa, que está na extremidade d'hum muro.

—"*He alli mesmo* (diz Bouchenot) sim, não ha a menor duvida de que he aqui: lembro-me per-

feitamente agora de que he a mesma casa.

— E passámos por ella humas poucas de vezes (diz Henrique) sem que a reconhecesses?

— He porque sempre ha o, que quer que he, que eu não comprehendo. Naquella noite, que vim aqui parar, a casa hera a unica desta travessa... agora vejo mais duas ao pé.... huma lá em baixo.... outra defronte....

— Ora! ja as edificárão depois (observa George) e tanto que he bem facil reconhecer que são novas.

— Ah! pois he isso o, que m'a fez desconhecida ... porem não ha duvida, he a mesma; alem de que, Bigode está ao pé da porta do corredor da entrada.... bem se conhece que deseja lá ir dentro.... Vejamos se pode levantar se o trinquo.,,

Henrique vae á porta, porem não pode levantar-lhe o trinquo: désta vez está a porta bem fechada.

— "E agora?... que havemos de fazer? (diz Bouchenot) empregar a violencia para entrar, seria fóra de proposito; depois disso não estamos certos de encontrar dentro mr. Mortandal e os seus complices: o bom d'ésta cousa seria apanha-los, como se lá diz, com a bocca na botija. "

Em quanto os quatro consultão entre si, para resolverem-se ao, que devem fazer, hum cabriolet pára á entrada da travessa, e d'elle desce hum homem, que se dirige vagarosamente para a casa, á porta da qual está o cão; á sua aproximação, logo os mancebos se cozem com hum recanto da parede, para não serem vistos por aquelle homem, porem esquecera-lhes chamar para si Bigode, que continúa ás cabeçadas, e roçando-se pela porta.

O individuo, que vimos apeiar-se do cabriolet, chegando á porta, tirou da algibeira huma chave, e dispõe-se a abrir com ella a porta, quando Bigode lhe avança, ladrando.

—"Os diabos te levem, maldicto cão!„ clama huma vóz bem conhecida d'Henrique, pois evidencía ser do senhor Mortandal; "e eu sem o vêr.... d'onde viria este estupor?... Vamos... sahe d'aqui.... anda.... qual! parece que está agarrado!... não importa.... entremos depressa.„

Mr. Mortandal entra, mas logo fecha a porta igualmente sobre Bigode, que se introduzira de companhia com elle para dentro.

—"Agora bem certos podemos ficar de que está lá dentro o Marselhez (diz Henrique) porem, meus amigos, he preciso que hum de vós parta ja, suba ao primeiro cabriolet, ou fiacre, que encontrar, e vá a casa do senhor Giraumont, e participando-lhe qual he a maneira porque o seu futuro genro ha enriquecido, o resolva a vir com seus olhos verificar, que não he aleive, que se levantou contra o Marselhez.

— A essa commissão parto eu de caminho (diz Bouchenot, mui con-

tente de se alongar da casa) eu corro... em pouco tempo estarei aqui com o velho... Agora vós, em quanto eu vou, usae de toda a prudencia; mas em todo o caso não deixeis escapar o ratinho.„

Bouchenot corre ligeiro, encontra hum cabriolet, sobe a elle, e faz-se conduzir á casa do senhor Giraumont, ao qual manda recado que tem huma cousa importantissima a communicar-lhe: em seguida introduzem-o sem demora no gabinete do velho, ao qual diz, sem preambulo:

—"Meu senhor, tenho a honra de vir prevenir-vos de que estaes a ponto de casar mademoiselle vossa filha com hum homem famoso, pois he chefe d'huma quadrilha, que faz moeda falsa; e como eu julgo, e julgo bem, e o contrario seria mesmo offender vos, que não quereis para genro hum homem, dado a industria tão vil, por isso venho propor-vos que neste momento podeis com os vossos olhos verificar a verdade d'

este aviso; e á vista do, que observardes, obrareis conforme julgardes he o vosso dever.„

O senhor Giraumont deu hum pulo na cadeira, exclamando:

—" Hum homem, que dirige huma fabrica de dinheiro falso!... mr. Mortandal!... ora senhor, isso não he crivel! he mais huma calumnia inventada para estorvar o casamento com minha filha.

— Mas, senhor, huma vez que se vos propõe serdes testimunha... poderdes com os vossos olhos verificar... alem de que, o destino futuro de mademoiselle vossa filha he merecedor de que deis hum passo para saber se vos dizem a verdade.

— Partamos, pois, senhor, estou prompto a seguir-vos.„

— O velho sóbe ao cabriolet com Bouchenot, que manda andar para a rua, onde deixára os seus trez amigos, os quaes no mesmo logar o esperavão.

Henrique, chegando-se ao senhor Giraumont lhe diz:

—" Senhor, não julgueis que seja o ciume, que me faz obrar, mas affiançarão-me que o senhor Mortandal não he mais, doque hum miseravel fautor de dinheiro falso, e que ésta casa exulada he onde elle, e seus companheiros practicão tão criminosa industria. Suppuz que hera do meu dever informar-vos, e ao mesmo tempo offerecer me para vos ajudar a conhecer quem he o homem, que pretendieis para genro. Agora mesmo, o senhor Mortandal está dentro désta casa, pois o vimos entrar, e ainda não sahio. Que intentaes fazer, senhor? todos acquiesceremos á vossa decisão; quereis que se vá requisitar força armada, para penetrarmos na casa, ou que meio se deve empregar? fallae, pois aqui nos tendes promptos a obedecer-vos.

— E estaes bem certo de que mr. Mortandal esteja nesta casa? „ responde o velho.

— Tão certo, que eu mesmo o vi apeiar-se do cabriolet, e lhe ouvi

a vóz, antes que entrasse para a casa.

— Pois bem, n'hum caso tal deve-se cuidadosamente evitar o estrondo: procuremos igualmente penetrar nessa morada, e ver se podemos saber o, que elle ahi vae fazer.

— Sim, sim; esse he o melhor meio (acrescenta Bouchenot) he preciso ver de que forma havemos de entrar... ainda que seja algum tanto perigoso: porem como se conseguirá abrir a porta?,,

N'este mesmo instante sente-se huma corrida pelo corredor, e logo hum grande sacão á porta: he Bigode, o qual da banda de dentro faz todos os exforços para sahir; e á força de cabeçadas e de raspar com as mãos consegue levantar o fexo. Bouchenot attento ao, que julga estar fazendo o cão, aproveita aquelle momento para empurrar a porta, antes que o fexo novamente descaia, e a porta da casa dá franca entrada aos incursores.

—" Não devemos duvidar de que Bigode he a nossa Providencia!... (diz Bouchenot) agora todos podemos entrar; porem haja o maior cuidado em não fazer bulha; tenhão as armas promptas, avancem, que eu os sigo.

—Tu deves ir adeante de nós, para guiar nos: „ lhe observa George.

— Nada.... nenhuma precisão ha de que eu vá adeante... cá pela retaguarda poderei melhor fazer-vos as minhas advertencias: he andar, meus amigos, e calladinhos „

Assim penetrão na casa, chegão ao pequeno pateo, e logo proximos á porta do subterraneo, d'ahi ouvem como a bulha de martelladas.

—" Em? ouvem-os? estão com o officio ás voltas (diz Bouchenot) olhem como brincão bonito!

— Desçamos devagar.... „ diz Henrique: " enxérgo alguma claridade. „

Os quatro mancebos, acompanha-

dos do velho, descem a escada, chegão ao subterraneo, e ouvem vozes n'outro immediato, cuja porta está entre aberta. George, Henrique, e Thimoteo engatilhão as pistolas, e precipitão-se bruscamente onde está a companhia, exclamando:

—"Rendei-vos, miseraveis!...,,

E logo deparárão com o senhor Mortandal, que estava rodeiado de bom numero de homens, huns occupados a encher barris com aguardente, e com azeite, em quanto outros aparavão em canécos e vasilhas de barro os dous liquidos, que alli vinhão ter por aqueductos subterraneos, os quaes nascião em depositos fora da barreira, e d'esta forma introduzião aquelles dous generos subtrahidos aos direitos.

—"Então não fazem elles dinheiro falso!.., exclama Bouchenot, que estendêra o pescoço á entrada do subterraneo, em quanto Henrique e os mais companheiros ficão extaticos no meio dos contrabandistas, os

quaes tambem não parecem menos surprezos desta visita inesperada.

— "O que he isto, senhores, acaso sereis malsins?... „ diz o senhor Mortandal, olhando para os quatro mancebos, muito admirado.

— "Não, senhor (responde Henrique) porem tinhão-nos affiançado que fazieis dinheiro falso...

— Ah! bem comprehendo como tivestes similhante ideia! (lhe torna o Marselhez, appercebendo Bouchenot). Deixei crer isso a este senhor, por que pensei que teria maior mêdo d'hum fabricador de dinheiro falso, doque disto, que fazemos. — Porem, senhor Bouchenot, isto he nada menos que trahir-nos!.... ésta acção não he em vós louvavel!

— Pois então limpae a mão á parede, que a culpa he vossa... devião dizer-me que estavão *mungindo* azeite e aguardente ás vaquinhas lá de fóra „ responde Bouchenot, e acrescenta: "até eu escusava de ter

rapado sustos continuos, cada vez que vos via!...,,

O senhor Giraumont, que não tinha ainda entrado no segundo subterraneo, e se demorára, reconhecendo as figuras, e o mister, em que estavão occupadas, appareceu agora ao senhor Mortandal, que nada gostou de ver o velho entre o numero das testimunhas, mas procurou logo revestir-se d'hum gesto socegado; e, affectando rir-se, lhe diz;

—" Pois tambem por aqui o meu estimado sogro!.. viestes ver o nosso deposito secreto?

—Senhor ,, lhe replica o velho Giraumont;" estou muito satisfeito que não sejaes fabricador de dinheiro falso, porem não quero para genro hum homem, que tem feito fortuna pelo mister de contrabandista. Respeito todas as profissões, que se exercem ás claras, sem temor das indagações policiaes: isto he bastante para ficardes entendendo que nada tem logar do, que tinhamos tractado.

—Pois que, senhor Giraumont... chamaes contrabando a huma cousa, que he apenas subtil engano, e...

—Só vejo nesse engano, nessa fraude a subtracção aos direitos estabelecidos, e portanto contrnúo na mesma ideia; mas podeis ficar descançado que nenhum de nós dará huma só palavra, relativo ao, que vio. Agora, senhores, huma vez que nada temos que fazer aqui, devemos partir. Senhor Henrique, dae me o vosso braço. „

Henrique promptamente lhe dá o braço, conduzindo-o para fora d' aquella espelunca: George e Thimoteo os seguem; e Bouchenot fecha a marcha, repettindo:

—"Se eu soubera que a tal historia constava apenas de azeite, e aguardente.... toleirões!... mas he bem feito; he para lhes ensinar a mangarem comigo. „

Quinze dias depois desta aventura, achava-se Henrique esposo de Paulina, e os seus trez amigos he-

rão testimunhas da ventura, que tanto anhelára.

Bouchenot acceitou o logar, que Henrique lhe tinha offerecido: nos primeiros tempos trabalhava como quem entrava n'huma cousa extranha, e de mais a faz com pouca vontade, mas Henrique não hera exigente, e, alem disso, respeitava no amigo a qualidade do ente, que abnegára riquezas para lhe proporcionar a posse da mulher, que fazia a sua ventura. Emfim, pouco a pouco foi Bouchenot costumando-se ao trabalho, e por ultimo reconheceu que não he possivel ter fastio de espirito quando a imaginação está assim occupada; e que a occupação periodica prepara ao ente humano poder gosar a vida com hum appreço mais digno.

Celina tornou-se boa domna de casa, trabalhadora, e economica; e Bouchenot findou por lhe ser inteiramente fiel: no amor, como em todas as cousas, bom he não desesperar do resultado.

Bigode, ao qual Henrique e sua esposa Paulina devião a felicidade de estarem unidos, ficou entre aquelles, que lhe devião a sua ventura, cuidadosos sempre em que levasse huma existencia satisfeita.

Muitas vezes dizia Bouchenot:

—"O, que ainda não poude saber, he qual o motivo porque o cão tinha aquella *pancada* de ir fazer visitas á casa dos contrabandistas?„

Finalmente, mademoiselle Prudencia casou com o senhor Merladiño, o qual convidou para assistir á boda Bouchenot e Celina; e, antes de tornar a partir com sua mulher para Poissy, lhes disse:

—"A proposito... o padrinho de minha noiva encarregou me de lhe dar novas d'huma cão, chamado Bigode, assim como de levar o tal cão algumas vezes á casa da pessoa, que lh'o deu: hera tambem hum jardineiro florista, que morava proximo á barreira de Menilmontant; mas Prudencia ja me disse que perdêra aquelle cão; e, quanto ao jar-

dineiro, informarão me que morrêra ha tempos.

—Ora ahi está a causa da tendencia, que tinha Bigode para a casa exulada!... „ exclama Bouchenot, depois de ter ouvido o senhor Merladino: "agora nenhuma admiração tenho em que o cão conhecesse tão bem as localidades da casa! Foi onde nasceu, onde passou os seus primeiros tempos, e por isso ia alli em procura, quem sabe se da sua familia? Ora ponhâmos as cousas na rasão, se Bigode he doido por prezunto, nem por isso perde a lembrança dos seus primeiros amigos, nem da espelunca, onde se creou: quantos homens haverá por ahi, mais desmemoriados, doque Bigode! „

Fim do 4.º e ultimo Tomo.

INDICE

DOS CAPITULOS CONTIDOS NESTE VOLUME.

Cap. I. — Bouchenot em boa companhia..... 5
II. — Huma fortuna inesperada... 53
III — O amor foje... a amisade retira-se..... 89
IV. — Bouchenot intenta casar ... 141
V. — Trez mancebos em differente carreira..... 174
VII. e ultimo — Bigode torna a entrar em scena..... 236

FIM DO INDICE.